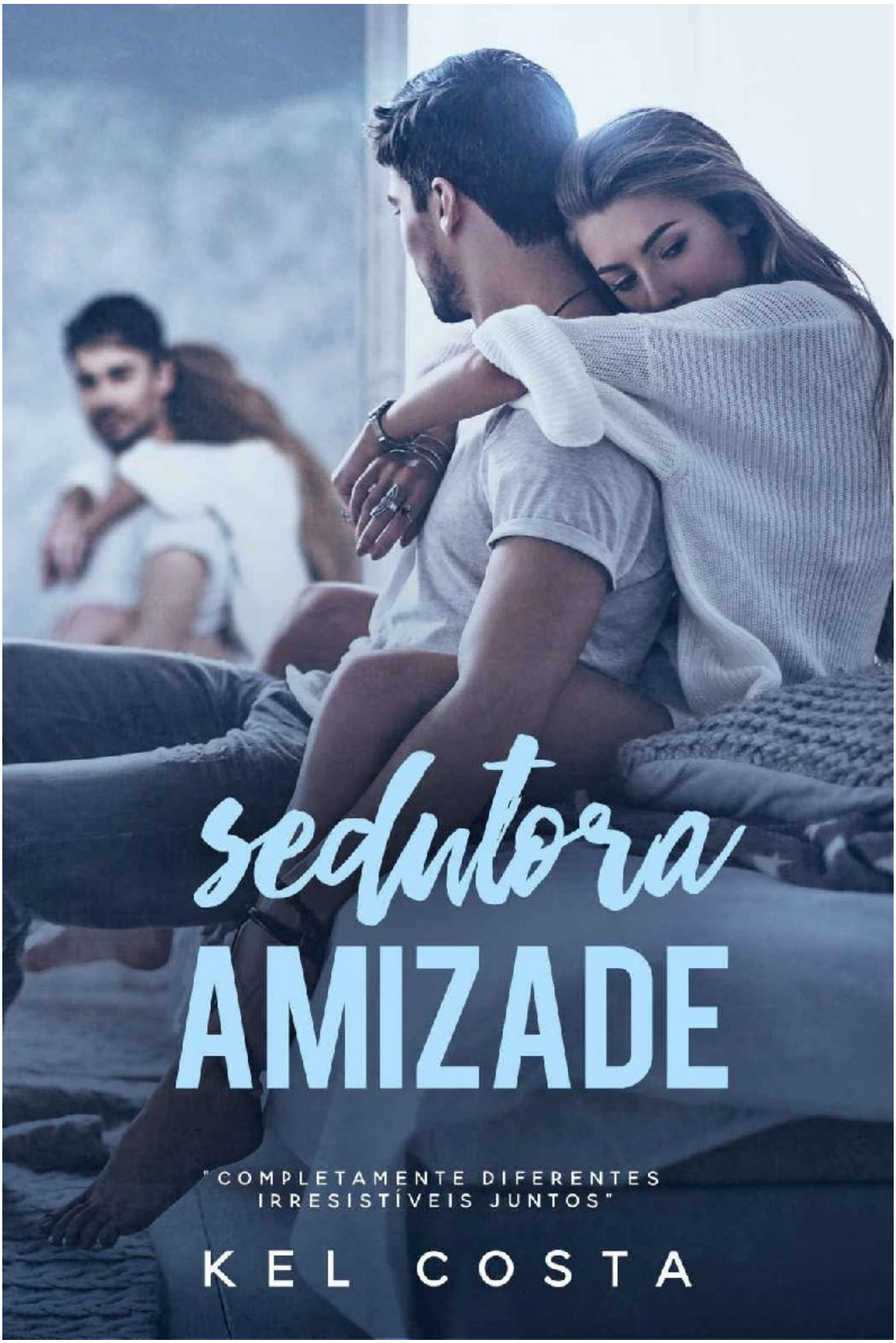
sedutora
AMIZADE
"COMPLETAMENTE DIFERENTES
IRRESISTÍVEIS JUNTOS"
KEL COSTA



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2018 Kel Costa

Capa: Jéssica Gomes

Revisão: Flávia Braga

Diagramação: Kel Costa

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio ou visual, sem a expressa autorização da autora sob penas criminais e ações civis.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Meus pés descalços tocaram o chão e eu suspirei com a cabeça encostada na porta. Aquela era, sem dúvida, a melhor parte dos meus dias, quando chegava em casa e podia me livrar dos malditos sapatos.

A segunda coisa que eu sempre fazia era acender a luz do *hall* do apartamento. O corredor aconchegante, com o cabideiro para pendurar nossos casacos, o cantinho onde ficavam alguns sapatos, um grande quadro com várias fotos nossas PERIGOSAS ACHERON

e o lindo piso laminado que a gente tinha acabado de trocar. Ou melhor, que o Mike tinha trocado. Ele entrou com o dinheiro e eu, com o apoio moral.

Com o cheiro de café contaminando cada metro quadrado do apartamento, deixei minha bolsa sobre a mesa da sala e me dirigi à cozinha. Ela não era muito ampla, mas nos atendia bem. Os armários brancos embutidos já estavam ali quando alugamos o imóvel e a parede ao lado da pia nós pintamos com uma tinta especial que a transformou num quadro-negro. Mike e eu brincávamos de escrever receitas ou frases motivacionais com giz colorido e todos os nossos — poucos — amigos que frequentavam o apartamento sempre deixavam algum recado. A frase do dia tinha sido escrita por Mike, obviamente, e eu ri enquanto pegava duas xícaras no armário.

“Não abra a geladeira apenas para procrastinar.”

Servi o café que tinha sido feito há pouco tempo, considerando a quantidade que ainda havia na cafeteira; significava que o maníaco da cafeína ainda não tinha atacado. Coloquei as minhas duas PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colheres de açúcar e nenhuma para ele. Eu nunca conseguiria entender como aquele homem podia engolir café sem açúcar. Era simplesmente repugnante, mas ele amava.

— Querida, cheguei! — anunciei, empurrando a porta do escritório com o quadril.

Mike estava de costas para mim, sentado em sua cadeira estofada cheia de frescura para poupar a coluna e o único som que eu ouvi não foi o de sua resposta, mas sim dos seus dedos correndo pelo teclado do *notebook*.

Suspirei, revirando os olhos para ninguém em especial e me aproximei dele por trás. O escritório era minúsculo, cabendo apenas a sua mesa de frente para a janela, a cadeira avantajada e as prateleiras feitas sob medida que tomavam conta das duas paredes laterais. Na prateleira mais próxima da porta, estavam expostos os cinco livros escritos por Michael Jones e publicados nos últimos anos.

Eu sempre tomava um minuto ou dois para admirar cada um deles toda vez que entrava no cubículo. Tinha lido todos, claro. Meu favorito era Degraus, o seu lançamento mais recente e que tinha se tornado um *best-seller* consagrado pela lista do *New York Times*. Era nítido o amadurecimento da PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escrita de Michael e isso ficou claro em seu último trabalho, tão aclamado pela crítica e que tinha rendido contratos com editoras estrangeiras.

Eu me curvei para colocar a caneca dele sobre a mesa e depois passei meu braço livre pelo seu pescoço. Foi só então que Mike afastou os dedos do teclado e pousou as mãos sobre as próprias coxas.

— Oi, Peach. — Eu beijei o rosto dele e o vi sorrir. — Como está o mundo lá fora?

— Funcionando — respondi e o soltei quando ele girou a cadeira para ficar de frente para mim. —

Ao que tudo indica, a sua ausência não está sendo sentida. Você, pelo menos, abriu a cortina para ver a luz do dia hoje?

Ele deu um sorriso culpado e encolheu os ombros. Mike era um nerdzinho filho da mãe que, se pudesse, passaria a vida toda enfurnado dentro de casa. Café à disposição, um computador, energia elétrica e água encanada, era o bastante para deixá-lo feliz.

Passei os olhos pelo corpo dele e vi que vestia uma camisa cinza que eu tinha manchado de rosa quando lavei junto com uma calcinha nova, e uma calça de moletom preta e velha. Tão velha que sempre que ele a usava, quase ficava pelado, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porque o elástico já estava mais do que frouxo.

Tentei jogar aquela calça no lixo umas cinco vezes, mas Mike me ameaçava de morte a cada nova tentativa.

— Não me olhe desse jeito. Você sabe como eu fico quando começo um novo livro. — Ele passou a mão pelo cabelo negro desgrenhado que, provavelmente, não era penteado há dias. — Tenho que aproveitar enquanto as ideias estão frenéticas para poder preparar todo o planejamento da história.

— Bem, queridinho, eu acho bom você dar uma pausa no seu esqueminha intelectual e preparar algo para jantarmos, porque esta bundinha aqui vai tomar um banho quente e deitar no sofá — avisei, me virando para sair do escritório e balançando meus dedos para trás. — Aturei uns clientes idiotas hoje e quero ser mimada.

Eu já estava no corredor, andando até meu quarto, quando meu amigo gritou uma resposta e me arrancou uma risada.

— É para isso que servem os namorados, Sarah!

Você, por acaso, tem algum?

Não, eu não tinha. E não, Michael e eu não éramos um casal. Eu o conheci quando tinha PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quatorze anos e era um bichinho que mal conseguia olhar uma pessoa do sexo masculino sem ficar vermelha como pimentão; eu me sentia horrorosa.

Meu rosto vivia cheio de espinhas, não tinha peitos e nenhuma bunda, usava aparelho dentário e uma franja terrivelmente cafona. Para piorar, eu tinha certeza que nunca beijaria na boca, visto que costumava ter crises de riso de tão nervosa que ficava quando um garoto me olhava por mais de cinco segundos.

Conheci Michael num dia como outro qualquer.

Ele era um calouro quando entrou pela primeira vez na lanchonete dos meus pais, no mesmo quarteirão da grandiosa *Columbia University*, a mais antiga universidade de Nova York e uma das oito instituições que compõem a renomada *Ivy League*.

Michael era um *nerd* de dezenove anos, usava óculos grossos, precisava urgente de um corte de cabelo e se vestia como um homem de setenta anos.

Ele não era nenhuma referência em sensualidade, mas com meus hormônios à flor da pele, eu não podia ver um garoto mais velho que logo me derretia e planejava meu casamento com ele. Não foi diferente quando vi Michael pela primeira vez.

Só que, obviamente, ele não me notou e continuou PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem me notar sempre que ia até a lanchonete, pelos meses que se seguiram.

Demorou dois anos para que eu começasse a trocar mais do que cumprimentos com Mike. No auge dos meus dezesseis, eu ansiava pelas sextas-feiras, quando ele sempre aparecia para comer hambúrguer depois das aulas e sentava numa mesa de canto, onde passava algumas horas escrevendo.

Eu ocupava minhas tardes suspirando por aquele universitário de cabelo liso e escuro que caía sobre os olhos verdes escondidos atrás dos óculos de lentes ridiculamente grossas. Mesmo que ele estivesse mais interessado no *wi-fi* da lanchonete do que em mim, eu não ligava. Dava sempre um jeito de saber o que ele andava lendo, passava a semana pesquisando sobre o assunto só para ter o que conversar quando ele aparecesse. Logo descobri que Michael era muito inteligente e podia se alongar pelos mais diversos temas por horas a fio, independente de quem fosse sua companhia.

Mesmo eu sendo uma pirralha perto do universitário experiente de vinte e um anos, ele conversava comigo da mesma forma que conversava com meus pais ou seus amigos, quando os levava até a lanchonete.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Joguei minhas roupas no cesto ao lado da pia do banheiro e entrei no box para relaxar um pouco sob o jato de água quente. Passei as mãos pelo meu rosto erguido na direção do chuveiro, de olhos fechados,

sendo

consumida

pela

sensação

maravilhosa de limpeza.

Eu odiava trabalhar com meus pais. Doze anos se passaram desde que eu conhecera Michael e eles ainda tinham a mesma lanchonete, no mesmo lugar, com as mesmas comidas e os mesmos funcionários.

Papai e mamãe eram daquelas pessoas que gostavam de manter as tradições e só demitiam um funcionário se ele cometesse um erro irreparável. O

que nunca acontecia, porque qualquer pessoa em sã consciência amaria ter meus pais como patrões.

Eles

eram

incríveis,

sim.

Eram

pessoas

maravilhosas e por isso eu não conseguia virar as costas e largar a lanchonete. Amava os dois, mas não gostava do trabalho em si. Odiava servir pessoas que mal olhavam para minha cara, me tratavam como se eu não fosse ninguém e tivesse obrigação de ser simpática, mesmo quando estava recebendo olhares nojentos de algum babaca. Eu tinha um diploma da *NYU* e estava presa naquele trabalho dos infernos por causa da minha família. A PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

única coisa boa que me acontecera em todos aqueles anos foi ter conhecido Michael.

Meu Mike. Meu, sim, porque eu era extremamente, incrivelmente,

inacreditavelmente ciumenta e possessiva. Para minha sorte, Mike não era mulherengo. Ele se envolvia com alguém de vez em quando e eu ficava em cólicas sempre que precisava testemunhar beijos e amassos — a desvantagem de dividir apartamento com seu melhor amigo — ou sons sensuais que vinham do quarto dele. Eu tinha um fone de ouvido que servia justamente para me impedir de ouvir os sons que atravessavam as paredes finas daquele apartamento.

Mas tudo bem, porque, como eu disse, Michael não era mulherengo. Eu podia sobreviver com a presença de uma mulher esporadicamente pelo apartamento. Não me importava que ele se divertisse de vez em quando, até porque eu também não era nenhuma santa e tinha meus momentos de levar companhia para dormir em casa.

Depois da formatura, Michael se mudou para um prédio ali perto e manteve o ritual de toda sexta.

Até que eu também fui crescendo e amadurecendo e, então, as sextas viraram vários outros dias porque a gente gostava muito de conversar. Ele era
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito tranquilo, caseiro e educado, combinando comigo que não tinha muitos amigos e ainda não havia namorado. Nós dois nos dávamos bem.

A proximidade com Michael me ajudou a descobrir que eu gostava de escrever, mesmo que não de forma profissional. Ele me dava dicas e ensinava algumas de suas técnicas, indicava livros ótimos e compartilhava suas ideias comigo.

Quando lançou seu primeiro livro por uma editora pequena, eu fui a primeira da fila de dez pessoas na noite de autógrafos. Michael Jones escrevia suspense policial e ele era o primeiro autor que eu lia do gênero. Eu já tinha lido alguns trechos que ele me dera para degustação, mas com o livro em mãos, devorei tudo em uma noite, ansiosa para poder compartilhar com ele todas as minhas considerações.

Àquela altura, nós já tínhamos construído uma amizade tão sólida que nem o furacão Irma desmancharia. A fase da paixão platônica tinha ficado para trás e eu o considerava meu melhor amigo.

Foi para Michael que eu contei sobre minha primeira vez e foi nos ombros dele que eu chorei também sobre minha primeira vez. Não tinha PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecido como eu esperava e, em vez de ir para casa, fui ao apartamento dele. Eu soube que tinha tomado o caminho certo quando o *nerd* atendeu à porta com uma camisa do Darth Vader, mandou que eu esperasse no sofá e reapareceu depois de três minutos com um pote de sorvete e uma colher.

Veja bem, *apenas* uma colher. Porque ele já sabia que eu tinha um apetite voraz por doces e precisava do sorvete só para mim.

Naquela noite, nós não conversamos muito. Isso era o que tornava nossa relação tão especial.

Podíamos passar a noite toda num sofá, cada um pensando na sua própria vida, sem encher o saco um do outro. Mas também sabíamos ouvir, emprestar o ombro, aconselhar e brigar, quando a situação pedia.

Voltei à realidade quando ouvi duas batidas na porta do banheiro. Antes mesmo que eu respondesse, Mike falou.

— Preciso mijar!

Num piscar de olhos, eu puxei a minha toalha rosa que estava pendurava na porta do box e me enrolei nela, amaldiçoando o mijão. Nem tinha terminado de enxaguar meu cabelo.

— Eu ainda não terminei meu banho —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resmunguei, tarde demais, pois Mike já estava dentro do banheiro, levantando a tábua do vaso.

— Acredite, estou esperando você sair há quinze minutos. Não tenho culpa se

hoje a senhorita resolveu pensar na vida enquanto toma banho.

Admito que estava demorando um pouco mais do que o normal, mas só porque a água quente estava muito gostosa. E, tudo bem, me perdi um pouco no tempo enquanto pensava no passado.

Franzi os lábios e percebi que Mike estava me encarando. Ele tinha uma sobrancelha arqueada e as mãos nos quadris, enquanto me olhava como se eu tivesse esquecido algo muito importante.

— Vou baixar a calça em cinco segundos, portanto, se não deseja ver meu pau, é melhor se virar.

— Michael Jones! — gritei e me virei de costas quando ele fez menção de puxar a calça para baixo.

— Da próxima vez, peça com mais educação.

Intimidade era uma merda. Permaneci olhando para a parede enquanto era obrigada a escutar o barulho do xixi dele. Essa era uma das desvantagens de morar com seu melhor amigo.

Homens conseguiam ser irritantes na maior parte do tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquele banheiro era o que eu mais odiava no apartamento, por só haver um para nós dois. Perdi a conta das vezes em que precisei escovar os dentes enquanto ignorava Michael sentado no vaso ou um ter que interromper o banho do outro para alguma coisa mais urgente.

Quando ele deu a descarga, eu o xinguei pelo jato de água fria que saiu do chuveiro e bateu em meus pés.

PERIGOSAS ACHERON

2

Sarah

PERIGOSAS NACIONAIS

Cheguei na cozinha vestindo minha calça rosa de pijama e uma regata preta, atraída pelo cheiro de cebola e alho sendo refogados. Enrolei meu cabelo úmido num coque alto e parei ao lado do cozinheiro, observando sua desenvoltura com a panela.

— Vai demorar muito? Estou com um buraco no estômago.

— Você está sempre assim... — ele murmurou, entortando a boca num sorriso.

— Digamos que hoje ele está o dobro do tamanho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passei por Mike e peguei pratos e talheres para arrumar a mesa. Depois me sentei na banqueta de frente para a divisão da cozinha americana, apoiando os cotovelos na bancada e tomando conta do que ele fazia.

— O livro novo já tem título? — perguntei, sabendo que Mike considerava essa uma das etapas mais difíceis no processo de um livro novo. Ele podia demorar um dia ou semanas até achar o nome ideal.

— Ainda não.

— Quando vou poder ler? Você está trabalhando nele há umas duas semanas e ainda não me mostrou um capítulo sequer.

Eu fiz biquinho, mesmo sabendo que ele estava de costas e não podia ver. Michael Jones me acostumou mal, isso sim. Era normal que ele imprimisse os

capítulos conforme ia escrevendo e deixava que eu lesse para dar minha opinião. Era apenas um *feedback*, mas ele nunca mudava um detalhe ou incluía alguma coisa só pelo meu ponto de vista. Era um bicho de cabeça muito dura. Mas, sempre fazia sucesso.

— Estou saindo um pouco do meu estilo nesse livro, então, por enquanto, não quero que você leia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez quando eu já tiver escrito mais da metade...

— O quê? — aumentei o tom de voz para chamar a atenção dele, que se virou para me olhar.

— Você vai me fazer esperar esse tempo todo? Isso é sacanagem, Mike!

— Não é não. É bem compreensível.

Vi quando ele despejou o macarrão cozido dentro da panela com outros temperos e começou a mexer. O cheiro estava impregnado por todo o apartamento e me fez salivar. Por um instante, eu esqueci o assunto do livro e me concentrei em mirar na direção do fogão e fazer com que minha força do pensamento preparasse a comida mais rápido. Talvez tenha funcionado, pois dez segundos depois, Mike apagou a chama e despejou o macarrão aos quatro queijos dentro de uma travessa.

Ele trouxe para a mesa e nos servimos em silêncio. Minha fome era muita para que eu perdesse tempo usando a boca para qualquer outra coisa que não fosse comer. O filho da mãe era um bom cozinheiro. Não gostava de ir para a cozinha e nem se aventurava em nada muito trabalhoso, mas sempre que cozinhava, a comida ficava com um sabor maravilhoso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava terminando de raspar o prato e olhei para ele, que comia e olhava o

celular ao mesmo tempo.

— Então, vai me contar pelo menos do que se trata o livro? — Eu era insistente.

— Talvez.

Estreitei meus olhos na direção dele e vi abrir um sorriso naquele rosto presunçoso. Escritores costumavam se achar a última bolacha do pacote, não é mesmo? Só porque suas mãos ditavam a vida e a morte de muitas pessoas queridas. Fictícias, mas queridas.

— Eu vou precisar tacar algum sapato na sua cabeça para que você desembuche? — perguntei, irritada. — Por que está fazendo tanto suspense com esse livro? Você sempre me conta tudo!

Mike soltou os talheres e se recostou à cadeira.

Ele cruzou os braços atrás da cabeça e o sorriso aumentou, elevando também a minha irritação, pois parecia óbvio que o idiota estava se divertindo às minhas custas. Se pelo menos ele tivesse dentes feios... Mas nem isso. Ele tinha aquele tipo de grande sorriso Colgate com dentes perfeitos. E

covinhas. Malditas covinhas. O tempo era mesmo o melhor amigo de uma pessoa, porque só o tempo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para

transformar

aquele

patinho

feio

e

desengonçado nesse homem lindo.

— Do que você está rindo? — Revirei os olhos e soltei meu garfo. Meu prato já estava limpo e pensei em me servir mais um pouco. — Por acaso está escrevendo uma comédia?

— Não vou te contar, por enquanto, pois sei que você vai me encher o saco.

Funguei, ressentida por ele pensar isso de mim.

Quando eu havia feito algo parecido? Eu sempre levava muito a sério todos os livros dele. Coloquei meu bico de volta nos lábios e me curvei para repetir o macarrão. Servi duas colheres cheias e voltei a comer, tentando ignorar o último comentário de Michael.

Eu não iria implorar. Isso era o que todo mundo fazia. Michael Jones tinha se tornado um escritor famoso depois de publicar o quarto *thriller* literário, o primeiro através de uma grande editora.

As vendas foram muito boas, muito mesmo. A publicação saiu em 2014 e o livro vendeu alguns milhares de exemplares. Michael ganhou mais do que ele conseguira com os outros três primeiros livros e foi nessa época que a gente decidiu morar junto. Ele queria sair da espelunca que alugava PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desde que se formou e eu queria muito sair da casa dos meus pais. Nós dois já éramos como unha e carne, a ideia era perfeita.

A vida pública dele mudou bastante, mas foi no final de 2015, com o lançamento de Degraus, que tudo se transformou. O livro era um fenômeno de vendas. Uma febre. Saiu da marca dos milhares e entrou na casa dos milhões de exemplares vendidos. Em poucos meses, Mike assinou contratos para publicação em outros idiomas. Tinha se tornado um culto ao escritor, milhões de leitores que compravam seus livros em diversos países e invadiam as redes sociais de Mike. Os direitos de Degraus estavam sendo negociados, inclusive, para que a história fosse adaptada para o cinema.

Cinema! Eu nem conseguia imaginar onde isso ia parar.

Terminei de comer e levei meu prato para a cozinha, mas não sem antes deixar

de lançar um olhar de desagrado para ele.

— Deixe tudo lá que eu lavo a louça mais tarde

— avisei e fui me esparramar no sofá.

Liguei a televisão e procurei por algum programa interessante, mas parei quando vi que estava reprisando *Friends* pela centésima vez. Eu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca me cansava de Rachel, Monica, Phoebe, Ross, Joey e Chandler.

De costas para a mesa e a cozinha, eu não prestei mais atenção em Michael e caí na gargalhada com as histórias malucas dos seis amigos mais incríveis do mundo. Em algum momento quando eu bocejava entre os comerciais, vi pelo canto do olho a sombra do corpo de Mike na outra ponta do sofá.

Ele imitou minha pose e também esticou as pernas, encostando os pés nos meus.

— Porra! Que pés gelados! — reclamou, mexendo os dedos. Eu não me dei ao trabalho de responder, pois estava encarando as folhas de papel que ele tinha nas mãos. — Digamos que eu te deixe ler o prólogo. Apenas o prólogo.

Revirei meus olhos, cansada daquele suspense todo. Ajoelhei no sofá e parti pra cima dele para tentar arrancar os papeis de sua mão. Ele reclamou e me bloqueou, segurando meus pulsos com uma mão e levantando o outro braço bem alto.

— Calma, calma! — o idiota riu. — Primeiro você tem que prometer que, quando terminar, não vai ficar cobrando por mais. Vai esperar o momento certo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tá escrevendo a nova Bíblia, por acaso?

Pra que tanto suspense? — Estreitei meus olhos e consegui soltar uma mão,

apoiando na barriga dele para dar impulso.

Mike emitiu uma mistura de grito e risada, mas jogou o braço para trás da cabeça e eu fiquei sem condições de pegar. Era injusto, porque Mike tinha quase o dobro do meu tamanho e um braço muito mais longo que o meu. Quando saí de cima dele e sentei sobre meus calcanhares, abri um sorriso que acreditava ser doce e delicado.

— Prometo que vou esperar até que você me deixe ler mais.

Vi os ombros largos relaxarem quando Mike sorriu e trouxe o braço de volta. Os papeis descansaram sobre seu abdômen e eu pensei se valia à pena puxar e sair correndo. Como ele me conhecia muito bem, compreendeu o que meu olhar dizia e estalou a língua em desaprovação.

— Você está ansiosa demais.

— Mas é claro! Há um ano você não lança nada, Mike — reclamei porque apesar de não querer dar o braço a torcer para ele, Michael Jones era meu autor preferido. E tudo bem, ele sabia disso.

Quando, por fim, esticou a mão para mim, eu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peguei as folhas e as trouxe para junto do peito como se fossem uma joia rara. Voltei para o meu canto no sofá e me ajeitei com calma, procurando uma posição confortável para a leitura. Eram apenas três folhas. Alguns parágrafos. Porém, eu sabia que ali começaria uma história incrível que me deixaria enlouquecida até poder ler o final.

Michael se esticou ainda mais no sofá e colocou uma almofada debaixo da cabeça. Os olhos miravam em mim porque, às vezes, ele gostava de me observar enquanto eu lia algo escrito por ele.

Dizia que era interessante analisar meu semblante conforme as emoções me tomavam.

Voltei minha atenção para o papel e respirei fundo.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

O som dos saltos finos contra o piso brilhante da boate era abafado pela música alta, pelas conversas paralelas, pelos gemidos e barulhos no bar.

Melanie se dirigia à cabine de número três, onde um cliente aguardava sua chegada. Até que pudesse estar cara a cara com ele, eram poucas coisas que ela sabia. Ele tinha dinheiro, pois era o primeiro requisito para ter acesso ao ambiente reservado.

Exigia discrição, do contrário, não teria gasto uma PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fortuna para alugar a cabine. A maioria dos frequentadores da boate pagava por danças no meio do salão, sob os olhos dos outros clientes.

Quando ela entrou no salão restrito somente às cabines, uma lufada de ar agitou seu cabelo castanho. A mulher olhou sobre o ombro na direção da porta de emergência no instante em que ela bateu, se fechando para alguém que tinha acabado de sair. Não era incomum que algumas das garotas saíssem para fumar depois de se libertarem de clientes intragáveis.

A puta abriu a cortina vermelha e pesada, revelando o homem de quarenta e poucos anos que esperava pelos seus serviços. Era calvo, muito acima do peso e possuía um cavanhaque ultrapassado. Nada disso importava para Melanie.

Era apenas um cliente. A preocupação dela — e de todas as outras garotas — era saber se ele sairia dali satisfeito ou não. Queria que ele voltasse e se tornasse um

cliente assíduo, pois era a melhor forma de garantir uma renda equilibrada.

Foi pensando nisso que Melanie sorriu de forma sensual e fechou a cortina lentamente. Ela não fazia o tipo mulherão, mas era muito bonita. Cento e sessenta centímetros distribuídos por um corpo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

magro, seios pequenos para uma mão masculina e pouca bunda. O vestido que usava deixava as pernas finas expostas, mas ela logo jogou uma mão para as costas e puxou o zíper da roupa. A renda preta caiu aos seus pés e Melanie permaneceu apenas de fio-dental diante do homem.

Ele molhou os lábios, quase deixando que um fio de baba escorresse. Afastou as pernas e deslizou um pouco no sofá, aguardando pela aproximação dela.

— Gosta do que vê? — Melanie perguntou com uma voz sedutora, enquanto segurava ambos os seios com as mãos. Seus lábios grossos chamavam atenção no rosto delicado de olhos escuros e cílios volumosos.

O cliente apenas balançou a cabeça, extasiado com a visão do corpo à sua frente. Ela era pequena, mas tinha curvas, por mais compacta que fosse.

Aproximou-se um pouco do homem e deslizou uma mão pelo abdômen, bem devagar.

— Vou dar a você a melhor dança de todas... —

ronronou Melanie, virando de costas para ele.

A morena rebolou, quase esfregando a bunda pequena e arredondada na cara do cliente, que tinha sido alertado a não tocar em nenhuma garota. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fio-dental tornava tudo uma grande tortura, por não guardar praticamente nada para a fantasia.

Melanie jogou a cabeça para trás, olhando para ele sobre o ombro, depois deu um tapa forte na própria bunda. Ela mordeu o lábio, excitada, devorando o cliente com os olhos.

A respiração do homem se tornou ofegante assim que a gostosa sentou em seu colo. Era impossível que ela não notasse a ereção, mas ele não se importava. Tinha desembolsado uma nota preta por aqueles míseros quinze minutos e queria tudo que tinha direito.

A puta se ajoelhou sobre o colo dele e se esfregou no volume entre as pernas do cliente. O

pau duro fez com que ela soltasse um suspiro forte e jogasse a cabeça para trás. Ele cheirava a cigarro e álcool e ela torcia para que não tentasse beijá-la.

Odiava ter que se esquivar o tempo todo dos mais afoitos.

— Gostou do meu rabo? — perguntou ela, dançando sobre ele enquanto os pequenos seios balançavam para cima e para baixo. — Quer me comer?

O cliente fechou os olhos e gemeu. Era uma tortura não poder agarrar aqueles peitos e nem PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enfiar os dedos em sua buceta pequena. Sabia que se tentasse, o segurança quebraria seus dentes antes de expulsá-lo da boate. Mas ele pagaria o que fosse para tê-la fora daquele ambiente.

— Quanto? — perguntou, abrindo os olhos para encará-la. — Basta dizer onde devo encontrá-la.

Melanie curvou-se até que os mamilos tocassem o peito do homem. Ele cerrou os punhos e ela aproximou os lábios de seu ouvido. O pau estava prestes a explodir dentro daquela calça.

— Deixarei meu cartão com você e poderá me ligar quando quiser — ela sussurrou, pois era proibido aliciar clientela ali dentro.

Ele parecia muito satisfeito e ela, querendo ganhar o cliente, foi mais além da

tradicional dancinha e abriu a calça dele com maestria. Seus dedos finos já estavam puxando o elástico da cueca e liberando um membro duro e úmido quando um grito ecoou pelo salão e Melanie se assustou.

Ela pulou do colo do homem e abriu a cortina, olhando em volta. Tiffany, uma das novatas, estava olhando para algo dentro da cabine de número cinco e não parava de gritar. Melanie correu até lá para pedir que ela se calasse ou iria assustar os clientes, mas estacou ao olhar para dentro da cabine PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em questão.

Cindy e Megan, duas garotas antigas na casa, estavam nuas deitadas no chão em posições muito incomuns, banhadas em seu próprio sangue.

Melanie duvidava que alguém com todos os ossos no lugar conseguisse se entortar daquele jeito. Ela tapou a boca, querendo vomitar. As duas tinham cortes profundos nas gargantas e em suas barrigas havia números que foram escritos por uma faca muito afiada. Cindy ganhara o número 1 e Megan, o 2.

Melanie estremeceu, pensando se haveria um número 3 para outra mulher.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Sarah era aquele tipo de leitora que deixava todas as suas emoções transparecem em seu semblante. Por isso eu gostava de observá-la enquanto lia meus primeiros rascunhos; a usava como um termômetro para ter noção de como o grande público reagiria.

Grande público. Isso ainda soava muito estranho em meus ouvidos. Lancei meu primeiro livro de forma tímida e humilde, numa livraria de um bairro decadente, com um punhado de leitores que eu podia contar em duas mãos. A tiragem de 100

exemplares tinha sido excessiva para o tamanho do meu público. Eu não me importei, no entanto.

Escrevia por uma questão de realização pessoal e, o que viesse depois disso, era lucro. Naquela época, estava dando aula de escrita criativa de forma que pudesse sustentar minha vida sem luxos.

Foi uma surpresa quando o manuscrito do meu quarto livro, Na Mira da Morte, chamou a atenção PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da *Perkins Books*, uma das dez maiores editoras do país. Entrei de cabeça numa nova realidade enquanto via os exemplares serem vendidos que nem água no deserto e os críticos elogiando o meu trabalho como escritor. Eu ficara extasiado com a hipótese de que, um dia, realmente poderia viver de escrever livros. Existia gente no mundo que comprava minhas histórias porque elas eram boas, não porque queriam me agradar.

O fenômeno aconteceu com Degraus, meu último livro. Ainda não tinha aprendido a administrar a fama que veio junto com o título de

“um dos melhores romancistas contemporâneos” .

Eu não era a pessoa mais extrovertida do mundo e ficava sem graça toda vez que alguém me reconhecia na rua e pedia autógrafo. Abrir minhas redes sociais então, tinha se tornado um caso à parte. Não conseguia dar conta dos comentários, mensagens, fotos de livros, tudo que chegava a cada minuto para mim. Fora os presentes. Eu *recebia* presentes. Muitas, muitas cartas e as mais diversas lembrancinhas fofas — além das esquisitas. Já recebi calcinhas, sutiãs,

pedidos de casamento, nudes.

Essa era a parte que mais me assustava, porque PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu não conseguia entender. Eu não era tão bonito.

Toda vez que eu dava alguma entrevista e aparecia na televisão ou em vídeos na internet, sentia vontade de enterrar minha cabeça num buraco e nunca mais sair de casa. Eu podia aceitar que se apaixonassem por algum personagem meu, mas não pelo cara que os criava.

Lancei um olhar para Sarah, que estreitava os olhos enquanto lia os primeiros parágrafos do prólogo. Ela dizia que eu era “gato” e que precisava me acostumar com a ideia de ter fãs. Na visão de Sarah, estava na moda ser *nerd*.

Fácil falar, sendo ela uma pessoa completamente diferente de mim. Eu tinha mais de 1,80m e era magro, sem esses músculos de frequentador de academia. Meu cabelo escuro parecia sem graça alguma. Meus olhos verdes não eram daqueles que tinham mil e uma colorações como os personagens literários e minha íris não possuía nada de espetacular. Não usava roupas da moda e também não era fotogênico. Eu gostava de silêncio, de casa, conforto e poucos amigos. Sempre me sentia um peixe fora d’água nos eventos literários ou em qualquer outro tipo de evento. Podia parecer arrogância, mas era apenas timidez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sarah era pequena, do tipo que cabe em qualquer lugar. A cabeça dela batia em meu peito e, normalmente, meu abraço cobria ela por completo.

Era fácil gostar de Sarah. O cabelo comprido e castanho contrastava com a pele muito branca. Seu rosto me lembrava o de um pássaro que necessitava cuidados. Grandes e redondas bolas pretas cobertas por cílios longos e espessos como se fossem postiços. O nariz fino e muito delicado e um sorriso largo formado por lábios grossos. Ela tinha esse rosto de lolita que enfeitiça e azucrina a vida de qualquer homem. Quem não a conhecesse direito, pensaria logo que era meiga, fofa e delicada.

Encantadora.

Ela arrotou na minha frente e se ajeitou no sofá.

Imaginei que estivesse na parte em que Melanie se encontra com o cliente dentro do reservado. As bochechas ganharam uma coloração rosada e seus dentes prenderam o lábio inferior. Ela se remexeu, parecendo desconfortável naquela posição e dobrou as pernas sob o corpo.

Prendi a risada quando vi seus olhos se arregalarem e um pigarro ecoar em sua garganta.

Como estava sem sutiã, foi fácil notar que não eram apenas os pelos dos seus braços que estavam PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arrepiados. Era isso que eu estava esperando acontecer, pois minha intenção era atingir o público feminino. Exatamente do jeito que elas gostavam.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Fiz a leitura com calma, tentando deixar meu rosto o mais neutro possível. Foi difícil, pois fui pega desprevenida. Era possível encontrar ali, naquele texto, o estilo de Michael. Só que havia algo mais em suas palavras. Agressividade.

Sexualidade extrema.

Pigarreei umas cinco vezes durante a leitura e quis me socar em todas elas, porque sabia que o autorzinho infeliz estava se divertindo às minhas custas.

Podia sentia o olhar dele em mim, tomando conta de cada movimento meu. Michael adorava isso.

Eu não sabia o que mais me chocava. Se era a personagem e eu logo entraria nesta questão, se era a cena com muita carga erótica ou as mortes chocantes. Esse último ingrediente já era comum a todos os seus livros, mas não costumava ter cheiro PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de sexo. Se é que me entendem. Eu também não tinha o costume de ler livros eróticos, então o vocabulário e as descrições me atingiram em cheio.

— Então...? — ele sabia que eu já tinha terminado a leitura e esperava pelos meus comentários.

Eu pigarreei uma última vez e coloquei os papeis sobre o sofá, me virando devagar para Mike.

Cruzei meus braços porque meus mamilos estavam duros que nem pedra. Inferno!

— É bem interessante — falei. — E erótico, pelo visto.

— Percebe-se que você curtiu — o filho da mãe zombou de mim, olhando para meus peitos. — E

olha que foi só o prólogo!

Estiquei minha perna para chutar o rosto daquele filho da mãe, mas Michael segurou meu pé num reflexo muito rápido. Tentei puxar de volta e gritei quando ele mordeu meu dedão, causando arrepios que não eram bem-vindos naquele momento.

Quando me soltou, recolhi minha perna e voltei a me concentrar no assunto do livro. Havia uma questão importante a ser tratada e Mike não podia fugir disso.

— Por acaso, só por acaso, essa Melanie foi PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inspirada em mim? — *Diz que não, diz que não, diz que não*... Pressionei meus lábios enquanto Mike me observava atentamente.

— Talvez? — ele sorriu sem confiança e esfregou o cabelo. — Por que acha isso?

— Sério? — Eu me ajoelhei no sofá e agitei minhas mãos na frente do meu corpo. — Você ainda pergunta?

Quando o filho da mãe gargalhou, eu trinquei o maxilar e pulei em cima dele. Michael esticou os braços e fez uma careta quando meus joelhos pousaram em suas pernas. Antes tivessem pousado sobre suas bolas e causado um belo de um machucado.

— Pare com isso!

— Eu não acredito que você criou uma prostituta baseada em mim! — Eu o ataquei com mãos e muitos dedos, dando tapas naquele rosto irônico enquanto ele tentava se esquivar. — Filho de uma mãe!

Mike não teve dificuldades em me conter, visto que tinha o dobro do meu tamanho. Seus braços envolveram meu corpo e prenderam minhas mãos num abraço apertado. Ele me girou e grudou minhas costas em seu peito e eu parei de lutar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Indomável! — ele provocou. — E sim, talvez eu tenha me inspirado um pouco em você. Mas só porque você é muito importante e eu quis eternizá-la num livro.

— Como uma prostituta — frisei.

— Melanie é uma protagonista forte e que amadurece muito na história. Ela não é *apenas* uma prostituta.

— O que meus pais vão pensar quando notarem que a prostituta no livro é a filha deles?

— Seus pais nunca leram nenhum livro meu! —

ele argumentou. — E inspirado não significa *idêntico*. Foi a aparência que me veio à mente na hora de moldá-la.

Bufei de raiva porque não conseguia acreditar em tamanha cara de pau do sujeito. Tentei me soltar de suas garras, mas Michael passou as pernas compridas ao redor do meu corpo e me fechou em seu casulo pessoal. O filho da mãe sabia que eu ficaria quieta em algum momento porque eu nunca resistia ao abraço de urso dele.

— A aparência que chegou à sua mente? O que isso significa? Que você fica tendo sonhos eróticos comigo, seu tarado? — reclamei, remexendo-me dentro do abraço dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem disse que eu pensei na personagem enquanto dormia? Quando criei a ideia para o livro, foi assim que a Mel surgiu para mim.

— Mel — resmunguei.

Michael apertou os braços ao meu redor e eu me dei por vencida, aquele era meu lugar preferido de todos. Onde eu chorei e fui consolada diversas vezes, mas também ri inúmeras outras. Deixei minha cabeça cair para trás sobre o peito dele e suspirei.

— Posso deixá-la loira, se você preferir. Não vai ficar tão parecida contigo. Mas, não quero mudar nada além disso.

— Eu sou sua melhor amiga, talvez a única que aguente sua dupla personalidade, e você faz de mim uma prostituta com um cliente desprezível.

— Você já pegou caras piores do que ele, Peach...

Dei um tapa numa das mãos que me seguravam e forcei passagem para me levantar. Michael não ofereceu resistência e deixou que eu me afastasse.

Quando me virei para xingá-lo, ele estava com aquele sorrisinho arrogante no rosto, porque, convenhamos, ele tinha razão. Eu não tinha muito bom gosto na hora de escolher pretendentes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero mais falar com você hoje. —

Marchei rumo à cozinha, pois eu sempre sentia fome quando me irritava.

— Ah, mas você vai falar sim, senhora! —

Ignorei que ele estivesse vindo atrás de mim e abri a porta da geladeira quase em sua cara. — Pode começar a falar. Quero saber o que achou do prólogo.

— Vai à merda.

— Eu te faço panquecas com calda de chocolate e morangos.

Fechei a porta da geladeira e cruzei meus braços ao olhar para Mike. Ele me conhecia bem demais para saber que eu nunca resistiria àquela chantagem estomacal. Panquecas!

Coloquei o rabo entre as pernas só porque queria comida e deixei que ele passasse por mim. Meu amigo começou a abrir e fechar armários enquanto pegava os ingredientes para me preparar uma de suas maravilhas. Eu era louca pelas panquecas do Mike!

— Deixando de lado o seu surto por causa de Melanie, me diga o que achou de tudo — ele pediu e eu apoiei minhas mãos sobre a bancada que dividia a cozinha e a sala. Num impulso, me sentei PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre o granito preto. — Ou eu farei as panquecas e darei para dona Susan. Nossa vizinha vai apreciar o presente.

— Eu gostei.

Michael virou para me olhar, os olhos estreitos como se estivesse planejando envolver meu pescoço com as mãos enormes e me sufocar.

Pressionei meus lábios e ele arqueou uma sobrancelha, antes de se virar para o fogão e acender uma das bocas.

— E...?

— Hum. — Entrei com um pouco de cautela no assunto, observando-o manejar a frigideira. — Não sei se vai seguir esse estilo, mas é bem diferente dos seus outros livros, certo?

— Sim.

Vamos lá, camarada, me dê mais informações e me ajude a te ajudar. Bufei, fazendo com que uma mecha da minha franja balançasse diante do meu rosto.

— Gostei da objetividade da cena e da forma como você deixou a romantização de lado para dar um aspecto mais cru ao trabalho de Melanie. O

texto me surpreendeu, não imaginava que você teria coragem pra escrever algo que envolva sexo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meus dedos brincaram com o meu chaveiro sobre o balcão enquanto eu relembrava a cena que me deixou afogueada. — Vai ser um livro erótico?

— Não exatamente. Trata-se de um romance policial, com altas doses de erotismo e algumas cenas de sexo. — Ele preparava as panquecas com maestria, agitando a frigideira e fazendo a massa deslizar como se tivesse nascido para cozinhar. —

Será um desafio escrever tais cenas, pois a personagem pede uma coisa mais explícita.

— Já escreveu alguma dessas cenas?

— Já. — Ele manteve os olhos grudados em seu trabalho ali no fogão, mas vi um sorrisinho surgir em seus lábios.

Ele não disse quando deixaria que eu continuasse a leitura e eu também não insisti. Não costumava ler romances eróticos. Não gostava. Ou melhor, não me sentia bem porque não tinha com quem praticar. Os meus dois últimos encontros não resultaram em uma noite de sexo selvagem e maravilhoso. Eu já estava há alguns meses sem transar e era uma merda ficar com tesão incubado.

Eu sabia que o novo livro de Michael não seria a nova versão do Kama sutra, mas apenas com a leitura do prólogo já dava para perceber que a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

história seria quente. Tudo que meu amigo escrevia se tornava viciante e impossível largar. Então, eu queria me preparar antes de afundar na leitura e sentir vontade de agarrar o primeiro que passasse na minha frente.

Por sorte, o assunto foi esquecido porque as panquecas ficaram prontas. Mike colocou diante de mim um prato com cinco delas, a calda quente de chocolate escorrendo para todos os lados e pedacinhos de morango salpicados pelo prato.

Mesmo se ele não fosse um puta escritor fabuloso, eu amaria esse homem só por me alimentar.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

A mulher parou de costas para mim, usando nada além de uma minúscula

calcinha preta.

Segurando o chicote de couro, ela deslizou a ponta pela lateral de sua coxa até subir para a bunda deliciosa. Seus olhos azuis profundos me encararam quando sorriu. O chicote caiu no chão e seus dedos delicados envolveram as tiras laterais da PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

calcinha.

Minha calça se tornou apertada demais para meu pau enrijecido que pedia para ser libertado. Ela ficou nua e se inclinou para frente até tocar as mãos no chão. A cena à minha frente me descontrolou e eu dei um impulso, agarrando-a pelos quadris e trazendo seu corpo escultural para meu colo.

Estremeci quando suas unhas arranharam minha barba e senti que meu corpo todo latejava. Ela sussurrou algo carinhoso quando, na verdade, eu esperava que me falasse alguma sacanagem bem suja.

Acorde, ela pediu, batendo os cílios espessos para mim.

De boca aberta, eu quase babava por aquela mulher. Seus dedos puxaram meu cabelo e bateram de leve em meu rosto.

— Vamos, acorde! — ela gritou.

De repente, um tapa mais forte do que o anterior fez meu rosto esquentar. Olhos negros me encaravam de forma irritada.

— Porra! — Afastei a mão de Sarah, que já estava pronta para me dar outro tapa. — Que merda, Peach! Sai pra lá!

— Minha segunda opção seria jogar água em PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você — reclamou, ajoelhada na minha cama e sentada sobre os calcanhares.

Rápido demais, eu me dei conta de que estava pelado, com o lençol que só me

cobria até a cintura e com algo bem duro entre as pernas. Puta que pariu, Sarah era uma empata-foda-fictícia!

— Ereção matinal. Sai fora. — Eu me virei de lado, de costas para ela, puxando o lençol mais para cima na tentativa de me proteger.

Eu mal terminei de falar e percebi que isso era munição para a atiradora de elite ao meu lado. A criatura nunca perdia uma oportunidade de me sacanear. E foi o que fez, quando riu e jogou o corpo sobre meu ombro, se pendurando em cima de mim.

— Ai, que bonitinho. Ereção matinal é a desculpa de todo homem que fica tendo sonhozinho pornô. — Fechei os olhos e respirei fundo quando ela esfregou meu cabelo e me deu um tapa na bunda. — Foi bom pra você, Mike?

Trinquei meus dentes, tentando me controlar para evitar cometer um homicídio. Porque, Deus que me perdoe, minha vontade era puxá-la pelo cabelo que lembrava chocolate quente, abrir a janela e jogá-la do quinto andar do prédio. Era PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irritante Sarah ter toda aquela disposição matinal que eu não tinha.

— Se manda do meu quarto — resmunguei, com o rosto abafado contra o travesseiro.

— Ora, você acha que eu gosto de vir te acordar? — Estremeci quando ela enfiou o dedo no meu ouvido. — Você é um pouquinho mal-humorado de manhã. Mas vim porque quero falar com você, portanto, acorde de uma vez! Ou vou puxar esse lençol!

Eu sabia que ela era capaz disso.

— Estou pelado. — Apertei meus dedos em volta do algodão.

— Melhor ainda! Quanto será que eu consigo por um nude seu?

Quando tudo o que você mais deseja é bater uma rapidinha antes de acordar totalmente, ter uma pessoa chata te cutucando com vara curta faz com que perca

a cabeça.

Doido para afugentá-la de uma vez por todas, eu me virei para Sarah e empurrei o corpo pequeno contra o colchão, montando sobre ela, que estava de bruços. Claro que tive o cuidado de não pressionar meus quadris contra os dela, pois por mais puto que eu estivesse, sempre a respeitava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer mesmo puxar meu lençol, Peach? —

sussurrei com a boca próxima ao pescoço dela, quando a senti tencionar os músculos abaixo de mim.

Com a mente ainda nebulosa pelo sono, eu demorei a compreender a situação. Pisquei algumas vezes e esfreguei os olhos. Então vi Sarah quieta, a cabeça virada de lado no colchão e os olhos fechados com um vinco no meio de sua testa. Os lábios estavam pressionados e formavam uma linha fina e rígida e... Caralho!

Pulei da cama e me afastei dela assim que a ficha caiu. Aquela posição...

— Peach... — engoli em seco e catei uma calça jogada no chão do quarto. — Por favor, fale comigo.

Larguei o lençol e me vesti com pressa, sabendo que os olhos redondos ainda estavam fechados. Eu me joguei de bruços na cama, ao lado dela, deitando minha cabeça voltada para a sua.

— Não pensei no que estava fazendo. — Passei um dedo pela sobrancelha escura e senti quando Sarah estremeceu. — Me perdoe.

Fechei os olhos, sentindo uma dor no peito.

Lembrei da bagagem desagradável que Sarah PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carregava desde nova. Já morávamos juntos há um ano quando ela decidiu se abrir comigo e me contar o que passou na adolescência. A história foi relatada entre lágrimas e soluços. Enquanto ouvia, um nó se formava em minha garganta e não sabia o que fazer.

O caso aconteceu quando Sarah tinha quinze anos. Ela gostava de ir ao cinema sozinha por não ter muitos amigos. Procurava sempre as sessões durante a semana e de dia, pois dizia que nos finais de semana os cinemas lotavam com casais e ela não gostava de segurar vela.

Numa tarde, Sarah foi assistir um romance. Eu já a conhecia nessa época e lembro da timidez, da falta de jeito e dos olhares apaixonados que lançava na minha direção. Ela nem tinha corpo de mulher ainda, mas parecia animada pelos seios começarem a despontar e lembro que estava sempre com blusinhas mais decotadas. De qualquer forma, ela era uma criança, pelo menos, era assim que eu a enxergava. Infelizmente, nem todos os homens pensavam como eu.

Na maldita tarde, a sessão que ela escolheu estava praticamente vazia. Sarah se sentou numa poltrona no meio da sala e um homem escolheu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma mais para o fundo. Ela só percebeu a intenção dele, quando o rosto do infeliz entrou em seu campo de visão e uma mão tapou a sua boca.

Não quero entrar em detalhes porque fico enjoado sempre que lembro do relato. Para simplificar, Sarah foi estuprada naquela sala. Ele a jogou de bruços no chão entre as fileiras de poltronas e ninguém ouvia os seus gritos por causa do filme. Um funcionário do cinema a encontrou somente quinze minutos depois que o filme terminou. Ela ainda estava de bruços, desacordada com uma ferida na cabeça e as calças na altura dos joelhos.

O maldito fez sexo anal com ela e nunca foi encontrado. Sarah era virgem na época e, felizmente, continuou assim. Ou não. Eu não sabia o que podia ter sido pior. A questão é que, por causa disso, ela tinha pavor de qualquer situação que a colocasse de bruços com alguém sobre seu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

7

Sarah

PERIGOSAS NACIONAIS

Michael estava de olhos fechados e as mãos esticadas ao lado do corpo. Pisquei uma vez, sentindo meus batimentos cardíacos desacelerarem.

Perdi o controle. Odiava me sentir assim. Odiava sentir meus olhos úmidos por causa disso.

O pior dia da minha vida acontecera há muitos anos e eu já tinha superado. Não ficava lamentando ou chorando pelos cantos. Graças a Deus, já não sentia tanto medo toda vez que algum homem cruzava meu caminho numa rua escura. Não, eu não era assim. Eu levava uma vida normal.

Eu gostava de sexo, de carinho, de contato físico. Gostava do sexo masculino e muito. Era PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

extrovertida, sorridente, feliz. Ser colocada de bruços era a única coisa que me tirava o chão. E eu nunca, em hipótese alguma, fazia sexo anal.

Respirei fundo mais uma vez e toquei o rosto de Mike. As pálpebras tremeram e os olhos verdes fitaram os meus.

— Desculpe — pediu pela enésima vez.

Eu recolhi minha mão trêmula e encarei a cabeceira da cama. Tinha duas opções: continuar deitada ali, entristecendo nosso dia ou voltar aos meus planos daquela manhã. Abri um sorriso receoso e me sentei na cama, recuperando meu orgulho. Mike me olhou desconfiado, como se temesse que a qualquer momento eu me desfizesse em cacos.

— Já estou bem. — Revirei meus olhos e prendi meu cabelo num rabo de cavalo frouxo. — Só acho válido avisar que, da próxima vez que você fizer isso, cortarei seu amiguinho com o facão da cozinha.

Ele segurou minha mão e a beijou. Argh! Estava parecendo um dramalhão mexicano e eu tratei de dar um tapa em seu braço.

— Pare! Seja homem! Não quero que comece a chorar. Também não quero tocar no assunto, engula PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as suas palavras e vamos fingir que nada aconteceu.

Mike esfregou o rosto ainda inchado do sono e puxou um travesseiro para colocar debaixo da cabeça.

— Fiquei escrevendo até quase cinco da manhã, então fale logo o que queria falar para que eu possa voltar a dormir.

E essa era a vida dele atualmente, sendo um escritor de sucesso. Podia dormir e acordar a hora que quisesse sem que ninguém ousasse reclamar.

Suspirei, ansiando por uma vida boa que nem aquela. Mas a lanchonete me esperava.

Levantei da cama e peguei uma camisa amarrotada que estava no chão, jogando-a sobre a cabeça do seu dono.

— Folgado! Espero que descanse bastante, pois eu vou levá-lo para sair hoje à noite.

Michael afastou a camisa e me encarou com um sorriso preguiçoso.

— Não vou a lugar algum — declarou.

— Vai sim, senhor! Você vai vestir uma roupa que não esteja furada e vai sair comigo. Nem que eu precise arrastá-lo.

Saí do quarto dele e bati a porta com força, para deixar claro que a última

palavra era a minha.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

O borrifador que mamãe espirrou sobre o balcão alcançou meu nariz e senti pinicar. Espirrei três vezes seguidas porque odiava aquele cheiro forte de produto de limpeza e olhei feio para ela.

— Outras coisas cheiram pior que isso — disse a minha coroa, torcendo a boca.

— Como o quê? Naftalina?

Ela abriu um de seus encantadores sorrisos que fazia todos os clientes se tornarem frequentadores assíduos e afagou meu cabelo. Virei o rosto e inspirei profundamente, procurando um pouco de oxigênio que não estivesse contaminado.

— Bom dia! — o homem na minha frente nos cumprimentou e pegou a carteira. — Vou querer um expresso duplo e um *croissant* de queijo.

— Exatamente o que você pediu nos últimos três dias — respondi, entediada, digitando o pedido no computador. — Quanta originalidade.

— Sarah Collins! — mamãe me chamou pelo nome todo com uma voz inconfundível de quem queria me puxar pela orelha e dar um tapa forte na minha bunda. Ela olhou para o cliente e uniu as PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos. — Peço desculpas por minha filha e sua língua grande demais para caber na boca. O seu pedido hoje é por conta da casa.

Isso significava que sairia do meu salário. Bufei e puxei a nota fiscal. Forcei um sorriso para o cliente, que ainda me encarava e sorria de volta.

Minha mãe não tinha entendido que ele só apareceu na lanchonete nos últimos

dias por minha causa, não pelo expresso, muito menos pelo *croissant*.

Eu já tinha percebido que ele sempre pegava o pedido e se sentava na mesa mais próxima, intercalando olhares entre mim e o celular. Mas não estava interessada. Mesmo com aqueles fartos cabelos negros, um maxilar marcante e ombros largos.

Quando minha mãe se afastou para preparar o café dele, o homem apoiou os braços sobre o balcão e ofereceu o celular a mim.

— Se me der seu telefone, prometo que amanhã faço um pedido diferente.

— Que tal você amanhã fazer um pedido diferente e eu não jogar o celular na sua cabeça? —

perguntei, rodando o aparelho fino nas minhas mãos.

O homem do *croissant* enfiou as mãos nos PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

bolsos da calça e abriu outro sorriso. Ele estava atrapalhando a fila, que tinha aumentado desde que começamos o papo de maluco.

— Posso ficar aqui esperando — avisou, ciente de que havia outras pessoas para serem atendidas.

Bufei, mas digitei meu número naquela droga de aparelho porque não queria que minha mãe oferecesse café grátis para toda a clientela. Ele ligaria e eu não atenderia. Simples assim.

Usei a hora do almoço para colocar meu plano em prática. Uma das vantagens de ter sido criada naquela região e ainda trabalhar ali, era que todos me conheciam. Por isso não tive problema algum ao adentrar o sobrado que servia de boca de fumo do bairro e procurar pelo X-Dog.

Não era esse o nome dele, claro. O latino de quase dois metros de altura e um corpo coberto de tatuagens — muitas adquiridas em algumas prisões

— abriu um sorriso quando subi até o segundo andar e acenei para ele.

— Sarah! — O homem olhou em volta, como se verificasse que eu não flagraria nada suspeito. — O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que manda?

Veja bem, eu não era louca. Estava ali porque X-Dog era um cliente assíduo da lanchonete. Meus pais sabiam muito bem qual a profissão dele e o tratavam com cordialidade porque cliente é cliente.

Por isso, X-Dog sempre foi gente boa com minha família e eu tinha certeza que, justamente por causa dele, nós nunca fomos assaltados.

Além disso, ele era uma pessoa a quem devíamos um enorme respeito. Quando eu fui violentada no cinema, o grandalhão colocou toda a gangue dele para revirar o bairro à procura do infeliz. Infelizmente, ele nunca foi encontrado.

— Oi X! — sorri, cumprimentando-o com meu punho fechado de encontro ao dele. — Tem um minutinho pra mim?

Ele me olhou da cabeça aos pés, estreitando os olhos, a cabeça inclinada para o lado.

— Não vou te vender drogas, Sarah.

— A única droga que consumo se chama refrigerante — esclareci, cruzando meus braços e olhando firme para o alto, onde ficavam os olhos dele. Precisava parecer uma montanha? — Quero tirar uma dúvida, só isso.

Ele coçou o queixo e me avaliou por alguns PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segundos. Revirei meus olhos e estalei os dedos para chamar sua atenção.

X-Dog suspirou e abriu a porta de um quarto, onde dois caras esparramados num

sofá nos encararam. Quando se deram conta de que o chefe estava ali, deram um pulo e saíram para o corredor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Michael desanimava qualquer pessoa com a melhor das intenções. Ele me encarava, vestido como um senhor de idade.

— Quando eu falei que íamos sair, você achou que eu fosse levá-lo para jogar bingo? — perguntei, mirando com fúria a camisa xadrez fechada até o último botão no pescoço e a calça cáqui que devia ser dois tamanhos maiores que o dele. — E posso saber para que você precisa dos óculos? Não vamos a um concurso de escrita, Mike!

Ele inspirou profundamente e deixou os ombros caírem, olhando para mim sem a menor vontade de sair daquele apartamento. Eu sabia. Era um velho no corpo de um cara de trinta e um anos. Gato, mas velho.

— Como, exatamente, você deseja que eu me vista? — perguntou com uma voz preguiçosa.

— Como um cara que ainda faz sexo nessa vida.

Que tal?

Ele lançou os olhos para o teto, pensativo. Eu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

espalmei minhas mãos na barriga dele e fui empurrando-o de costas na direção do seu quarto.

— Não transo com ninguém há mais de dois meses — resmungou.

— Nossa, que surpresa! Por que será? —

desdenhei e ignorei o olhar assassino que direcionou a mim.

Dentro do quarto, eu abri o armário de Michael e comecei a mexer nos cabides. Puxei uma camisa preta de gola em v que ele raramente usava porque não percebia o quanto ficava bonito com aquele caimento. Eu tinha dado aquela camisa a ele porque eu tentava, inutilmente, deixá-lo mais apresentável.

Pelo menos, tinha que ficar bonitinho nos eventos literários.

— Vista essa. — Joguei a camisa na direção dele, que estava sentado na cama.
— Sem reclamar.

Voltei minha atenção ao armário e peguei um *jeans* escuro, de corte reto, que ficava perfeito no corpo dele. Quando me virei, o resmungão ainda estava desabotoando um dos trinta e oito botões que aquela porcaria de camisa parecia ter.

— É inacreditável que suas únicas roupas bonitas tenham sido compradas por mim. —

Balancei a cabeça, desiludida, sabendo que ele PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca ia aprender. Meus dedos correram até um botão, depois outro e outro, já estava no último quando percebi que os braços de Mike pendiam relaxados ao lado do corpo.

Levantei a cabeça para olhá-lo e vi seu sorrisinho presunçoso, que eu quase desfiz na base do tapa. Era estranho, eu sabia, mas me sentia à vontade para fazer coisas toscas como despi-lo de sua camisa.

— Não fique pensando idiotices — avisei. — Eu vivia fazendo o mesmo em minhas bonecas.

— Estou apenas pensando que, se eu fizesse isso com você, seria chamado de tarado.

— Você nunca precisaria fazer isso comigo porque eu sei me vestir bem.

— Você quer dizer que eu não sei me vestir de acordo com o *seu* gosto. — O sorrisinho estava lá novamente e eu suspirei, sem resposta.

Michael livrou os braços da camisa e pegou a preta. Ele era magro. Nem esquelético nem saradinho, mas aquele magro normal, que não possuía um tanque no lugar do abdômen. Essa era uma das coisas que eu mais gostava naquele filho da mãe. Saber que ele era um cara comum, assim como eu. Sua barriga era lisa com alguma PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

musculatura aparente, fruto apenas de sua genética, pois ele não passava nem na porta de uma academia. O peitoral era reto, com pouquíssimos pelinhos loiros e mamilos pequenos. O que chamava mais atenção era aquele caminho masculino em v marcado, que começava abaixo da cintura e se perdia dentro da calça.

Eu pisquei quando a camisa preta cobriu a pele branca, mas não tão branca quanto a minha. Por que diabos eu estava analisando a quantidade de músculos — ou a falta deles — do meu amigo? Os antebraços com algumas veias estufadas se agitaram diante do meu rosto.

— Vai tirar minha calça também?

— Vai se ferrar, Mike! — Joguei o *jeans* em cima dele e saí do quarto, marchando e praguejando pela minha distração. — Você tem dez minutos para ficar pronto. Vou me arrumar.

— Você ainda não me disse aonde vamos — ele reclamou pela segunda vez desde que saímos de casa.

Não disse e não diria. Decidi que deixaria PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Michael descobrir o nosso destino só quando já estivéssemos do lado de dentro. Caso contrário, eu tinha certeza que ele daria a volta para ir embora.

A visitinha que eu fiz mais cedo ao querido X-Dog foi para perguntar se ele conhecia alguma boate ou casa noturna que trabalhasse com *strippers* ou coisa parecida. Ele me olhou um pouco horrorizado, mas eu tratei de contar que gostaria de fazer uma surpresa para um amigo meu que tinha terminado um longo namoro e precisava de distração.

O lugar que X me indicou era quase um puteiro pelo que ele descrevera. Com a diferença que ali, o público que frequentava era um pouco mais chique do que aquele que buscava mulheres na rua.

Dei sorte por Mike ser desligado a ponto de não reparar na aparência de espelunca da fachada da casa noturna. O segurança carrancudo na entrada também não levantou nenhuma suspeita. Nem mesmo o letreiro em neon, com o desenho de pernas femininas em sapatos altos. *Meu Deus, Mike, eu esperava que você desse mais trabalho!*

— Então nós estamos tirando a noite para beber? — ele perguntou logo que entramos, depois que fui parada e obrigada a mostrar minha PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

identidade. Ser pequena tinha muitas desvantagens.

— Peach, não pretendo voltar para casa bêbado, eu estou no meio de...

Ele parou de reclamar quando olhou para frente e viu um enorme palco no meio do salão, cercado por mesas e algumas poltronas, onde vários homens babavam vidrados nas dançarinas.

Ou talvez, não tenha sido o salão propriamente que lhe chamou a atenção. Pode ter sido a loira escultural vestida de bombeira que rebolava a bunda para seus admiradores.

Lentamente, Mike girou o corpo até ficar de frente para mim. Ele arqueou uma sobrancelha e eu sorri.

— Encare como um laboratório para o livro novo — falei, abanando a mão como se uma mulher seminua na nossa frente não fosse nada demais. — De nada!

— O que você estava pensando quando nós entramos aqui? — Ele não estava sorrindo, mas passei meu braço por dentro do dele e o puxei na direção do bar.

— Pensei exatamente o que acabei de dizer.

— Quando escrevo sobre psicopatas, não faço laboratórios presenciais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixa de ser chato. Eu acho que pode ser interessante para o seu trabalho. — Sentei minha bundinha num banco alto de frente para o bar e ignorei os olhares feios que Michael me dirigia.

O barman se aproximou e ele era lindo, divino, nossa senhora! Se sorrisse daquele jeito a noite toda, eu sairia dali com a calcinha molhada.

— O que vão beber? — perguntou e o que eu pensei em responder me fez gargalhar.

— Água — o chato ao meu lado respondeu, lançando um olhar avaliador para mim.

— Um gim tônica pra mim — pedi — e uma água para o velho ao meu lado.

Quando o homem se afastou, depois de olhar para Michael como se ele fosse um alienígena, meu amigo se sentou. Ele apoiou os braços no balcão e curvou o corpo, aproximando o rosto do meu.

— Sério? — cochichou. — Pode tentar não comer o cara com os olhos?

— Não são meus olhos que eu gostaria de usar.

— Virei meu rosto para ele e bati os cílios de forma exagerada.

Mike encostou a testa no balcão e bateu com ela na madeira. Quanto drama!

O gostoso voltou com meu *drink* e a água do PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escritor. Eu agradeci com um sorriso do tamanho do mundo e ele retribuiu antes de se afastar para atender outras pessoas.

— Desde quando você bebe gim tônica? —

Mike perguntou, ainda de cabeça baixa.

— Desde hoje. Sempre tive vontade de experimentar.

Eu girei meu banco até ficar de frente para o palco. Balancei o gelo dentro do copo e provei a bebida enquanto observava o *show* da bombeira.

Ela tinha tanta carne nos lugares certos, que devia ter o dobro do meu peso.

Tudo bem, a quem eu queria enganar? O barman nunca se interessaria pela magricela aqui quando trabalhava com mulheres daquele nível. Até eu precisei me controlar para não ir até lá e colocar uma notinha de um dólar na calcinha dela. A moça dançava muito bem.

— Michael! — Dei um tapa em meu amigo e ele levantou a cabeça. — Absorva os detalhes, faça sua mágica. Nós já estamos aqui e eu não vou a lugar nenhum, então... Pare de fingir que não gosta de ver mulheres nuas. Você está perdendo um *show* e tanto.

Ouvi quando ele suspirou e, mentalmente, eu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

revirei meus olhos. O banco ao meu lado girou e Michael cruzou os braços ao encarar o palco.

— Eu já estive em lugares assim — confessou, me deixando surpresa. — Pode não parecer pra você, mas não sou um adolescente virgem.

Eu me virei para encará-lo, mas Mike estava com os olhos fixos na loira.

— Se não é nenhuma novidade, porque tanto mau humor? — Senti um bico se formar em meus lábios. — Você nem está bebendo.

Ele me olhou de relance, muito rápido, antes de voltar a atenção para a loira que, uau! Ela acabava de tirar o sutiã. Choveu notas verdinhas sobre o palco.

— Um: não vou beber porque tenho que escrever quando chegar em casa. Dois: não gosto de estar num lugar como esse com você. Seus pais me matariam se soubessem que te deixei entrar aqui. — Ele se virou para me olhar, as esferas verdes brilhantes me encarando. — Aliás... Como você descobriu a existência desse lugar?

— É uma longa história... — Que eu não sabia se o deixaria feliz, então resolvi não contar.

A loira foi esquecida pelos olhos de Michael quando fomos abordados por uma negra de *dread* PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

platinado. Fechei a boca quando a mulher, vestida apenas com uma tanga branca — e uma gravatinha borboleta, claro — se enfiou no pequeno espaço entre meu banco e o de Mike. Ela debruçou sobre o balcão do bar e chamou pelo barman, enquanto balançava os quadris gigantes. Se eu pudesse fazer um pedido ao gênio da lâmpada, pediria uma bunda igual a dela.

— Estão juntos?

Quê? Pisquei, me dando conta de que a mulher falava com a gente.

— Sim — Mike respondeu enquanto eu ainda raciocinava.

— Procuram por algo mais reservado?

— Não!

— Sim! — respondi ao mesmo tempo que ele, o que resultou num olhar verde fulminante em minha direção. Eu o ignorei e sorri para a mulher, que agora me

encarava. — Quanto... hum... custaria?

O barman entregou uma garrafinha d’água para ela e se afastou. A mulher me analisou com cuidado, parecendo ponderar se eu estava mesmo falando sério. A intervenção de Michael não ajudava em nada o meu esforço.

— Não queremos nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Queremos sim — rebati. — Ignore meu amigo, ele é muito tímido.

Ela me deu as costas para ficar de frente para ele, os peitos empinados diante do seu rosto.

Michael merecia um troféu, porque estava olhando apenas para os olhos da mulher. Ele era mesmo um *gentleman* ordinário.

— Cobro cem dólares por quinze minutos —

declarou, jogando o *dread* por cima dos ombros e quase acertando minha cara.

Porra!

Que

preço

exorbitante!

Aquela

brincadeira me custaria um par de botas lindas que eu estava namorando há duas semanas. Elas eram de couro bege claro e ficariam lindas com o vestido de camurça marrom que eu comprei mês passado.

Mas eu já estava ali, sabe? E, se tinha algo que concordava com Mike, era quando ele dizia que eu era teimosa como uma mula. Quando cismava com algo, ia até o fim. Minha intenção era sincera, eu pensei mesmo em fazer uma

surpresa. Achei que pudesse ser algo diferente na vida dele e que fosse mesmo ajudar com o livro. Ele estava escrevendo sobre uma personagem que fazia a mesma coisa que aquela linda mulher querendo nos arrancar cem dólares.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E, tudo bem se ele já tinha frequentado um lugar parecido. Eu não tinha mesmo como saber sobre tudo que aconteceu na vida dele. Cá entre nós, eu estava curiosa. Queria ver como acontecia.

— Eu pago.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Eu andava por um corredor espelhado enquanto seguia Sarah, que seguia a *stripper*. A baixinha na minha frente tentava rebolar para imitar a mulher e eu evitava cair na gargalhada. Estava puto. De verdade. Tudo que eu não queria era ir para um cubículo com minha melhor amiga e uma *stripper*.

Mas Sarah era uma criatura capaz de infernizar a vida de qualquer pessoa quando colocava uma ideia na cabeça.

Conferi meu reflexo na parede espelhada, notando como estava tenso. Respirei fundo e passei uma mão pelo meu cabelo antes de voltar a olhar para frente.

A Peach — eu a chamava assim porque sua pele e seu cheiro me faziam lembrar de pêssegos —

caminhava a passos curtinhos sobre saltos finos, tentando acompanhar o ritmo da outra. Ela estava PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vestida com um *jeans* claro muito justo, quase embalado à vácuo, e uma blusa mais larguinha, que terminava na altura da cintura. Sempre fazia questão de mostrar a bunda.

Parei ao lado dela quando chegamos a um outro corredor com diversas portas. Por uma delas, saiu um homem de terno ajeitando a camisa, sendo logo seguido por uma garota de aparência muito jovem e cabelo de corte *chanel*. Evitei pensar se ela era ou não maior de idade. Não devia ser problema meu.

— Entrem — nossa *stripper* pediu ao abrir uma das portas e chegar para o lado.

Adentrei o inferninho com paredes pretas e um grande sofá de veludo vinho. Mais clichê, impossível.

— Parece tudo muito confortável — Sarah estava extasiada, eu podia ver. Ela era absurda, tão absurda que nem se dava conta da quantidade de esperma que aquele sofá já deve ter visto.

Tocava Marvin Gaye no alto-falante quando eu me sentei ao lado dela, evitando pensar nos últimos clientes que passaram por ali.

— Eu me chamo Tina. Vocês já conhecem as regras?

— Não — Peach respondeu e àquela altura, eu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

já nem me dava mais ao trabalho de ir contra sua loucura.

Tina sorriu e eu podia jurar que achava Sarah interessante. Imaginei que fosse mesmo muito mais fácil lidar com uma garota pequenina e com rostinho angelical, do que com um marmanjo do meu tamanho e com cara de banana.

— É proibido tocar em mim, em qualquer circunstância, e isso inclui beijos. Eu posso tocar em vocês onde eu quiser, a não ser que façam alguma objeção antes

de começarmos. Nosso tempo é de quinze minutos, nem um segundo a mais. Se quiserem aumentar o tempo, paguem antes.

Como nós dois permanecemos em silêncio, Tina entendeu que tínhamos compreendido as regras e apertou o botão de um relógio digital na parede, que iniciava o cronômetro.

Não me surpreendeu ela ter se dirigido primeiro à Sarah. Vi as bochechas corarem quando a *stripper* se curvou na direção dela e balançou os peitos enormes. Peach lançou um sorriso sem graça e, em seguida, me olhou como se pedisse por socorro. Eu não estava nem um pouco interessado em ajudá-la.

Tina levou o indicador à boca e o mordeu com PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tanta sensualidade que eu me contorci. Não pretendia me excitar, precisava me controlar o máximo possível, mas tudo ficava difícil demais quando uma mulher gostosa como aquela agarrava os próprios seios e dançava para uma Sarah mortificada.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Não estava em meus planos ter peitos quase tocando meu nariz. Quando Tina enfiou um joelho entre minhas pernas e as afastou, posicionando-se no meio delas, fechei os olhos. Tudo bem que eu via os meus seios várias vezes ao dia e já tinha visto o de outras mulheres. Mas os de Tina eram quase um atentado ao pudor, de tão grandes e firmes. Senti inveja, porque eu sabia que nem mesmo o mais entediado dos homens resistiria a eles.

Constatei esse fato ao abrir os olhos e ver que Mike estava prestes a emitir um raio a laser diretamente de seus olhos, na direção de Tina.

Quando percebeu que eu o olhava, levantou uma sobrancelha. Eu podia jurar que ele estava se divertindo em me ver naquela saia justa.

— Do que você gosta, querida? — Tina segurou PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu queixo, trazendo minha atenção de volta.

De homem! Quase gritei. Ela virou de costas e rebolou com sua bunda de cento e vinte centímetros, enquanto eu quase entrava pelo estofado do sofá. Quando tornou a ficar de frente para mim, sua mão deslizou pela barriga e invadiu a calcinha.

— Hm, querida... — murmurei, olhando-a nos olhos. — Você é muito bonita, mas eu realmente não curto mulheres.

Tina franziu a testa e, com um olhar de compreensão, ela virou a cabeça para Michael. Pela reação dele, não esperava que fosse receber atenção naquele momento. O escritor pigarreou e ela voltou a me olhar.

— Você está aqui apenas para assistir? —

perguntou.

— Sim! Eu prefiro assistir! — Graças a Deus ela ia me deixar em paz.

A mulher colocou um enorme sorriso no rosto e se afastou de mim, mas não sem antes tocar em meu queixo e piscar. Até para piscar a maldita era *sexy*. Quando eu piscava, dava a impressão de estar com espasmos oculares.

— Por que não disse antes? Eu também *adoro* PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assistir!

Imaginei que estivéssemos falando de coisas diferentes, mas assenti para ela e

cruzei os braços.

A bonitona abriu as pernas e se sentou sobre as coxas de Mike enquanto passava a língua pelos lábios.

Ele

parecia

sereno,

respirando

tranquilamente ao mesmo tempo que analisava a *stripper*.

As unhas longas e vermelhas deslizaram pela barba de Mike e desceram até os ombros, continuando o caminho até que suas mãos agarraram os bíceps dele. Ela sorriu e enfiou os dedos por dentro das mangas da camisa, aproveitando para rebolar em seu colo.

— Alguém está ficando animadinho — ela usou uma voz muito enjoativa que me fez querer vomitar. — Hm... Só de olhar eu já sabia o tamanho disso tudo... Os altos sempre são enormes!

Ela não estava falando...? Ah, senhor! Estava, não é? Discretamente, lancei um olhar para a região em que o corpo dela encontrava com o dele, mas não deu para ver muita coisa. Tina se esfregava no *jeans* do meu amigo como se ele fosse o gênio da lâmpada.

Olhei para o cronômetro, ainda tínhamos oito PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minutos para serem gastos. Parecia uma eternidade.

Observei Mike, pois ficaria atenta caso ele precisasse que eu a arrancasse de cima dele. A mulher tinha aparência de alguém insaciável e eu temia pela integridade física do meu escritor predileto.

Michael encostou a cabeça no sofá e deixou a boca abrir levemente, hipnotizado.

Tina parecia gostar do que via porque, para meu espanto, ela pegou uma das mãos enormes do meu amigo e a colocou sobre seu seio esquerdo. Não havia uma cláusula sobre não poder tocar nela? Ia comentar aquela questão, mas recolhi meu queixo do chão quando Mike gemeu e se remexeu embaixo da mulher.

Aquilo era excitante para ele? Porque eu não estava achando nada interessante. Zero de tesão. Na verdade, eu queria era dar uns sopapos em Tina para aprender a não brincar dessa forma com os clientes.

— Gosto de homens bonzinhos e bonitos — ela falou, sorrindo e se inclinando para... O quê?

Mike segurou firme na borda do sofá quando ela lambeu o pescoço dele. Eu também segurei firme para evitar levantar e agarrar aquela mulher pelo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelo. Quem ela pensava que era para encostar a língua imunda naquela pele que usava os meus hidratantes?

— Você tem um gosto bom... — a mulher depositou um beijo no maxilar de Mike e lançou um olhar picante na minha direção. — Acho que sua amiga está gostando também.

— Não estou não! — falei, emitindo algo parecido com um rosnado.

Michael virou o rosto de lado e os olhos grudaram nos meus, mas ele não estava em condições sequer de falar. Notei sua respiração ofegante e um brilho pavoroso em seus olhos verdes. Era aquela cara que homem fazia quando precisava urgentemente gozar.

Ai. Meu. Deus.

Que idiotice eu tinha na cabeça para levá-lo naquela espelunca?

Para o bem do meu coração enfraquecido, um apito alto indicou que o cronômetro estava zerado.

Finalmente!

Eu já me preparava para levantar, assim como Tina, mas Mike quebrou uma das regras e segurou o pulso dela.

— Quanto quer para... ficar mais tempo? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Impressão minha ou a voz dele estava muito rouca?

— Duzentos e te faço gozar.

Peraí. Quê? Tina devia achar que éramos idiotas para cair naquele papo.

Peguei minha bolsa sobre o sofá e me levantei, mas Michael, para meu espanto, puxou a carteira.

Meus olhos por pouco não saltaram das órbitas quando ele colocou algumas notas sobre o sofá.

— Está na nossa hora, Mike — avisei, rindo de nervoso. — Vamos?

— Espere lá fora, Peach. — O filho da mãe nem sequer teve a coragem de olhar para mim.

Antes que eu me mexesse, Tina enfiou as mãos por dentro da camisa dele e pude ver seu umbigo chapado. Ela desceu os dedos até o cós da calça e começou a desabotoar e...

— Ah, não! Se você encostar suas garras nele, eu vou cortá-las fora! — gritei.

Nem parecia a minha voz, para ser sincera. E eu merecia uma estrelinha dourada porque não me amedrontei por ela ser bem maior que eu quando grudei neles dois com as mãos na cintura e uma expressão que eu esperava estar parecida com a de um *pitbull* raivoso.

Michael, coitado, arregalou os olhos enquanto a PERIGOSAS ACHERON

mocinha *stripper* levantava as duas sobrancelhas.

— Ele está pagando.

Ela voltou a atenção ao cliente e baixou o zíper do *jeans*. Meti minhas mãos sobre as dela e puxei a sirigaita para trás sem me importar se acabasse arrancando alguma unha postiça.

— Eu vou dar na sua cara!

Tina ficou de pé, cambaleando sobre os saltos enormes e levantou as mãos, com as palmas viradas para mim.

— Você é louca! — Ela lançou um olhar para o sofá. — Estou fora, ok? Nem duzentinhos vale aguentar essa maluca.

— É isso mesmo! Acho melhor correr! —

Mostrei meu dedo do meio para ela quando abriu a porta e foi embora com pressa. — Eu conheço um traficante!

Respirei fundo, contei até dez e então me virei para encarar o homem. Achei que ele estivesse a ponto de cuspir fogo em cima de mim, mas tudo que eu via era um Michael com um braço dobrado sobre o rosto.

Ao longo dos intermináveis quinze minutos, ele tinha deslizado o corpo pelo sofá e, agora, estava quase deitado. E, meu Deus! O volume na calça era

bem notório. E eu caí na gargalhada porque era isso que fazia quando ficava nervosa.

Minha boca não conseguia parar de se alargar em sorrisos idiotas enquanto meu rosto esquentava e Mike levantava a cabeça para me olhar. Seus olhos se estreitaram na minha direção e isso só me fazia rir ainda mais.

— Você tem sérios problemas psicológicos —

ele resmungou.

Eu sei! Abri um sorriso imbecil e me encostei na parede, enxugando as lágrimas. Mike soltou um gemido de dor ao subir o zíper da calça e abotoá-la de novo. Ele se levantou, sem evitar tocar aquele volume todo. Por que meus olhos não conseguiam parar de encarar? Eu queria que eles queimassem por isso!

— Você não pode sair assim — avisei.

Peguei minha bolsa e coloquei na frente da calça dele. Não adiantava muita coisa porque era uma bolsinha pequena. Levantei os olhos e vi Mike me observar com raiva. Sorri para amolecer seu coração.

— Você acha *mesmo* que sua maldita bolsa vai disfarçar minha ereção? — resmungou.

— Não totalmente, mas você não pode andar PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim por aí.

— Observe. — E passou por mim, trotando com raiva até a porta, depois direto para o corredor espelhado.

Eu corri atrás dele com o máximo de pressa que os saltos me permitiam e segurei o braço do nervosinho, fazendo-o parar.

—

Mike!

Podemos

esperar

um

pouco

enquanto...

— Sarah — ele rosnou, inclinando-se para frente até seu rosto ficar nivelado com o meu — você acha que quero esperar? Estou mais duro que a porra dessa parede e a culpa é sua. Você me obriga a vir aqui, paga a porra de uma dança pra mim, deixa a mulher se esfregar e simplesmente a expulsa de repente?

— Ei! Eu não obriguei você a ficar animadinho assim...

Mike aproximou as mãos do meu pescoço e fez uma careta. Eu sabia que ele queria me xingar, mas fingi costume e estalei a língua.

— Tudo bem, podemos falar sobre isso em casa.

— Eu toquei os ombros dele para acalmar a fera em seu interior. — Mas é que agora, digamos que você está chamando um pouquinho de atenção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele endireitou a postura e, pelo amor de Deus, parecia que o negócio tinha aumentado de tamanho.

Desviei o olhar para a gola da camisa dele, pois era um ponto mais inofensivo.

— Ótimo! — Ele me deu as costas e voltou a caminhar. — Assim toda a cidade saberá que tenho um pau enorme. Isso te incomoda? Espero que fique tão roxa quanto minhas bolas devem estar.

Coloquei minha bundinha magra para correr atrás dele, que andava a passos largos numa postura de quem estava pronto para exibir sua orgulhosa ereção a toda Nova York.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

11

Sarah

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda esfregava os olhos e bocejava quando abri a porta do meu quarto naquela manhã, então não vi o que havia no chão, bem no meio da minha passagem. As folhas impressas se espalharam pelo corredor do apartamento quando eu chutei sem querer a pilha que estava na minha porta.

Olhei para os dois lados do corredor, sem entender muito bem. Na noite passada, quando chegamos em casa, Michael estava tão puto que se trancou no quarto e ficou lá dentro o resto da noite.

Achei melhor deixá-lo quieto, pois ele costumava ser o mais tranquilo de nós dois, mas quando se irritava, parecia um vulcão jorrando lava para todos os lados. Como eu sabia que eu era a fonte de sua irritação, resolvi tomar meu banho e ir dormir.

Eu me agachei para catar os papeis. Talvez ele tenha ido para o escritório depois que peguei no sono e, por algum milagre divino, resolvera me PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

perdoar e me dar mais material para leitura. Lancei um olhar para a porta do quarto dele, ainda fechada.

Deixaria que dormisse sossegado, pois eu não estava com a menor vontade de olhar para sua carranca já de manhã.

Sorri enquanto colocava as dez folhas em ordem e decidi que podia me atrasar

um pouquinho para o trabalho. Voltei para o quarto, fechei a porta e me deitei na cama, ansiosa para desvendar mais sobre Melanie e o assassino de *strippers*.

Cheguei na lanchonete irradiando felicidade e até meus pais perceberam. A culpa era de Michael, ou melhor, de Melanie. Tinha lido todo o primeiro capítulo do livro e já me sentia muito envolvida com a história.

A *stripper* que se parecia comigo era a protagonista e tudo indicava que ela se transformaria na peça-chave da polícia para ajudar nas investigações sobre o assassino dos números. O

capítulo que eu li era basicamente introdutório, mas algo me dizia que Melanie não seria apenas uma das testemunhas que encontraram os corpos das
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

strippers. Achei que o primeiro encontro dela com o detetive Smith foi bastante intenso, mesmo que só tenha envolvido uma carona até a delegacia e o seu depoimento.

Suspirei ao ver que o carinha do *croissant* acabara de entrar na lanchonete. Eu estava terminando de atender um casal de adolescentes quando ele entrou na fila, sorrindo para mim. Na vez dele, antes de fazer o pedido, o homem estalou a língua e me lançou um olhar de cachorro carente.

— Eu te liguei três vezes ontem — murmurou, cabisbaixo.

— Eu sei. Qual seu pedido?

Ele levantou as duas sobrancelhas e arregalou os olhos. Aos poucos, um sorriso voltou a se formar em seu rosto.

— Então não atendeu de propósito, não é?

— Você pediu que eu anotasse meu número. —

Dei de ombros, sem encará-lo. — Não falou nada sobre eu ter que atender a ligação.

O estranho riu e sacudiu a cabeça, apoiando as mãos sobre o balcão. Eu voltei meu olhar para ele, esperando que fizesse o pedido e me deixasse trabalhar em paz.

— Um expresso e... — Eu estava pronta para PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bater na cabeça dele com um saco de moedas, caso dissesse a palavra *croissant*.
— Hum, vou querer um muffin de *blueberry*.

Sem conseguir desviar meus olhos dos dele, registrei o pedido e guardei o pagamento no caixa.

Ele sorriu e se inclinou para sussurrar, atrapalhando a fila atrás.

— Eu me chamo David.

— Próximo! — gritei.

Ele foi obrigado a se afastar e esperar até que seu pedido fosse entregue. O ruim de trabalhar com a família era ter que passar por momentos como aquele e aturar intromissão dos parentes. No caso, minha mãe.

Logo que David se sentou numa mesa mais distante, pois a lanchonete estava cheia naquela manhã, mamãe se aproximou de mim e passou um braço pelos meus ombros. Era bem típico dela ser toda meiga e carinhosa enquanto dá algum sermão que você nem sente. Como eu já a conhecia, não me deixava comprar por aquele lindo sorriso.

— Você sabe que esse rapaz vem quase todo dia aqui só para vê-la, não sabe? — Dona Samantha, ou “mamãe” para mim, prendeu uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Ele fica te PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhando como se você fosse uma sobremesa na vitrine.

— Não sei de quem a senhora está falando —

respondi, muito ocupada em separar as notas mais altas para que papai levasse para dentro.

— Vou fingir que acredito. Mas, querida, você está solteira há muito tempo, não acha?

Por solteira ela se referia a estar sem namorado.

Então sim, dois anos era bastante tempo. Mas eu não entrava em detalhes da minha vida sexual com minha mãe. Ela não sabia — nem ficaria sabendo

— que eu estive enrolada com cinco rapazes nesses últimos dois anos. Não ao mesmo tempo, óbvio. Eu ainda era uma moça direita. Ou tentava ser.

— Eu o acho um moço bonito. — Pisquei, percebendo que minha mãe ainda insistia no assunto. — E ele nunca faltou ao respeito com você.

Ela já estava apelando. Como ele faltaria ao respeito se eu nem dava chances para isso acontecer? Revirei os olhos para mamãe e ela balançou a cabeça, levantando as mãos no alto.

— Eu só quero vê-la feliz — defendeu-se e apoiou uma mão em minha bochecha antes de me lançar um olhar cálido. — Meu bebê, gostaria tanto PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que você encontrasse um bom homem. Será que é pecado sonhar com seu casamento?

— Mãe — falei, trincando os dentes e olhando discretamente para os lados. — Eu só tenho vinte e seis anos. Não é como se estivesse me tornando uma idosa encalhada.

— Isso mesmo, vinte e seis. Na sua idade eu...

— Já era casada e me carregava na barriga —

completei, por ouvir aquele discurso centenas de vezes. — Sim, eu sei.

Ela me olhou como se eu tivesse ateado fogo na bandeira americana. Inspirei, expirei e deixei meus ombros caírem. Odiava quando o assunto focava em minha vida amorosa ou a ausência dela. Por sorte, papai saiu da cozinha e se aproximou, limpando as mãos num pano de prato colorido.

Paul Collins era um coroa de cinquenta e dois anos com uma barriga de cerveja que precisava ser contida, alguns fios brancos espalhados pelo cabelo e olhos carinhosos que sempre estavam prontos para quem precisasse de atenção. Ah sim, também era o melhor pai do mundo e dono de mãos que faziam os melhores doces e salgados do bairro.

— Pai, me salva — pedi, fazendo bico enquanto mamãe cruzava os braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com o que você está enchendo a menina agora, Sam?

— Ela quer me empurrar para cima de um cliente — acusei, dando meu melhor sorriso angelical para papai, que olhou minha mãe com a testa franzida.

— Não empurre nossa filha para ninguém, Samantha! — ele sussurrou num tom zangado, mas nós três sabíamos que era impossível aquele casal iniciar uma briga. — Ela não precisa de homem nenhum. É perfeita como é.

Bati meus cílios quando papai passou um braço pela minha cintura e me trouxe para perto, tascando um beijo no meu cabelo. Eu o abracei, sentindo seu cheiro característico de temperos.

— Vocês dois, me poupem! Eu só quero que Sarah encontre alguém que a ame. — Dona Samantha coçou a ponta do nariz e ergueu o queixo. — Se, pelo menos, ela e Michael se entendessem nesse sentido...

E lá vamos nós mais uma vez.

— Mãe, Michael e eu somos amigos. Grandes amigos. Apenas.

— Vocês seriam um casal tão bonito. — Ela levou as mãos ao peito e seu semblante dizia que os PERIGOSAS ACHERON

pensamentos estavam entupidos de imagens minhas e de Mike num altar.

Olhei para meu pai em busca de salvação, mas o coroa não foi muito útil dessa vez. Ele deu um sorriso divertido para mim e passou uma mão pelo meu cabelo, bagunçando um pouco meus fios antes que eu conseguisse me defender.

— Desculpe, princesa, mas quando o assunto é Michael, eu concordo com sua mãe.

A culpa pelas minhocas nas cabeças dos meus pais era de Michael. Tudo porque uma vez nós combinamos de fazer uma viagem de carro inesquecível. Pegaríamos um avião até a Califórnia, alugaríamos um carro e visitaríamos o Colorado, Arizona, Novo México até chegarmos ao Texas. De lá, voaríamos de volta para casa. Era a viagem dos nossos sonhos, passar dias e mais dias em estradas, fazendo

paradas

em

locais

bizarros

para

caminhoneiros

e

dormindo

naqueles

hotéis

fedorentos de beira de estrada. Nós dois tínhamos gostos peculiares.

Eu já era maior de idade na época. Tinha acabado de completar vinte e um anos,

mas mesmo assim, meus pais achavam radical demais a garotinha deles sair de carro pelo país com um PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

homem solteiro. Então, meu amigo teve a grandiosa ideia de convencer meus pais que nós dois estávamos namorando. Era uma viagem de namoradinhos apaixonados. Protagonizamos um beijo cinematográfico — sem língua, por favor —

no meio da sala da casa dos meus pais e, depois de muitos suspiros da parte da minha mãe, eu obtive a bênção para a viagem.

Claro que tivemos que protagonizar também um rompimento depois que voltamos de viagem, antes que minha mãe começasse a organizar nosso casamento. E foi daí que surgiu a eterna esperança de que, um dia, nós voltaríamos a ser um casal.

Eu terminava de fechar o caixa quando Jessica, minha melhor amiga depois de Mike, entrou na lanchonete e se debruçou no balcão. Ela puxou um guardanapo do suporte metálico e tirou o chiclete da boca, enrolando-o no papel.

— Vai demorar muito? — perguntou.

— Oi Sarah! Tudo bem? Quanto tempo! Não nos falamos há três dias, então gostaria de saber como vai sua vida — completei meu monólogo, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto ela me olhava entediada. — Por onde você andou, Jess?

Jessica era uma grande amiga, mas era estranha e eu não tinha problemas em dizer isso na cara dela.

A garota de quase um metro e oitenta com pernas estonteantes, cabelo loiro platinado e rosto de modelo era um espírito livre. Ela sumia por vários dias e reaparecia sem se importar se o mundo estava acabando. Fumava demais, bebia

demais, falava demais, transava demais.

Nós nos conhecíamos desde o *high school* e eu era uma das poucas pessoas que ainda mantinha amizade com ela. Nem todo mundo tinha paciência para lidar com sua personalidade que exalava um alto e sonoro *"não tô nem aí pra sua opinião de merda"* .

— Estive em *off* da vida, aproveitando a casa do Isaac — disse ela, como se não fosse nada demais ter sumido por uns dias, sem dar sinal de vida nem pelo celular, para ficar fornicando como coelho com um cara que eu odiava. — Amor, *baby*, amor.

— Não acho que seja amor... — franzi meus lábios.

Jessica tirou os óculos de sol gigante que tapava metade do seu rosto, deu um sorrisinho safado e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arqueou uma sobrancelha perfeita.

— Amor pelo corpo dele — esclareceu.

Isaac era um pintor que usava a desculpa da arte para ser um vagabundo com medo de trabalho. Ele passava a vida tentando vender suas telas horrorosas pelas calçadas do *Brooklyn* e, vez ou outra, doava esperma para descolar uma graninha.

Ele também era um bêbado, maconheiro e já tinha sido preso tentando traficar para caras como X-Dog.

Foram inúmeras as minhas tentativas de afastar Jessica daquele idiota, mas ela sempre corria para ele. Tudo pela beleza, pois ele era bonito demais.

Daquele tipo que faz você tropeçar quando o encara. Cabelo negro, olhos marcantes como os de um felino, braços musculosos, um tanquinho de dar inveja em qualquer máquina de lavar e, de acordo com Jessica, um deus na cama. Mas ei, aparência não é tudo na vida!

— Então, qual é a novidade? — ela perguntou, me arrancando de meus

pensamentos.

— Não tenho nenhuma.

— Eu sei que não. — Ela me olhou como se eu fosse lerda. — Estou falando do Michael. Quando ele me ligou disse que tinha uma novidade para nos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contar.

Quando foi que ela falou com Michael?

— O Mike te ligou?

Aquela sim era a novidade do dia. Jessica era muito mais minha amiga que de Michael. Ele meio que só aturava ela por minha causa. Lá no início da minha amizade com ele, antes de decidirmos morar juntos, ele e Jessica deram uns beijos numa festa.

Não tinha rolado nada demais, mas parece que foi o suficiente

para

Michael

atestar

que

ela,

definitivamente, não fazia o tipo dele.

— Sim, ele ligou. — Jess franziu a testa. —

Qual o problema? Se ele chamou a Maggie e o Nicolas, nada mais justo que me chamar também.

Buguei totalmente. Maggie e Nicolas eram os outros dois que completavam esse

quinteto estranho. Conheci Maggie através de Mike, pois eles tinham feito algumas matérias juntos na faculdade. Nicolas nós dois conhecemos ao mesmo tempo, durante nossa viagem de carro. Era um mochileiro para quem demos carona no trajeto de Santa Fé até a fronteira com o México. Dali em diante, continuamos mantendo contato com ele que, por coincidência, morava em *Manhattan*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Era a quinta vez que eu olhava para o relógio desde que Nicolas e Maggie chegaram. Onde estava a Sarah? Justo no dia em que preciso comemorar, ela resolve fazer hora extra na lanchonete?

Os dois estavam esparramados no sofá, com PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas cervejas pela metade e um questionário sem fim para tentar descobrir do que se tratava aquela reunião. Eu dei mais um gole na minha cerveja e sorri para eles.

— Vamos esperar só mais um pouco. As meninas devem estar chegando.

E realmente, eu ouvi o barulho da chave na fechadura da porta. Sarah foi a primeira a surgir na entrada, seus olhos escuros cravaram sobre os meus numa pergunta silenciosa. O corpo dela cambaleou para frente quando Jessica a

empurrou para poder entrar.

Jessica era... Jessica. Cansativa. Ela era muito bonita e sabia disso. Pior, sabia utilizar dessa artimanha e achava que todos os caras precisavam lamber seus pés. Tentava ser sempre o centro das atenções numa roda de amigos ou mesmo que estivesse entre desconhecidos. Suas roupas espalhafatosas num estilo *boho chic* já falavam por si só.

— Mike! — Ela passou os braços pelo meu pescoço sem dificuldade, pois era alta e vivia de saltos, e beijou bem perto da minha boca. —

Quanto tempo!

— Nunca será tempo suficiente — sorri e ela PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

retribuiu, mas duvido que se importasse com a ironia.

Jessica me soltou e foi agarrar a próxima vítima.

Se jogou sobre Nicolas no sofá e apoiou as pernas no colo da pobre Maggie. Respirei fundo, tentando entender como Sarah e Jessica podiam ser tão amigas, visto que uma não tinha absolutamente nada a ver com a outra.

Voltei minha atenção para a figura pequena ao meu lado, que me encarava com os olhos estreitos e as mãos na cintura. Eu sabia que esperava por alguma explicação. Sempre que ela fazia aquela cara de desconfiada eu sentia vontade de esmagar suas bochechas e beijar sua boca.

TESTA. Eu quis dizer testa.

Balancei a cabeça para espantar a imagem terrível que tinha se formado diante dos meus olhos.

— Bonito, hein. Eu lá na lanchonete, trabalhando que nem uma condenada e você aqui, bebendo e comemorando alguma coisa que esqueceu de me contar.

— Alguém precisa manter essa casa — respondi e ela me lançou um olhar ameaçador pela brincadeira. Sarah não ganhava tão mal, mas desde

que comecei a ganhar dinheiro de verdade com meus livros, passei a bancar tudo em nosso apartamento. E me sentia muito bem fazendo isso.

— E eu não esqueci de contar nada, pois só recebi a notícia hoje à tarde. — Passei um braço pelos ombros dela e ofereci minha cerveja, que ela agarrou prontamente e levou à boca. — Queria que todos estivessem juntos porque é mesmo um motivo para comemoração.

— Desembucha, criatura! Quer me matar de curiosidade?

Me esquivei do soquinho inofensivo que ela tentou dar em minhas costelas e a puxei até nossos amigos. A conversa estava um pouco confusa, um falando junto com o outro, três assuntos diferentes e ninguém se entendia. Eu limpei a garganta.

— Gostaria de avisar que Degraus vai mesmo virar filme. — Talvez eu tenha falado baixo demais para que Maggie, Nicolas e Jessica escutassem, visto que o papo entre eles estava animado. Sarah, no entanto, virou a cabeça tão rápido na minha direção que as pontas do cabelo negro estalaram em seu braço.

— Repete. — Ela olhou para os três sentados no sofá e gritou. — Calem todos a porra da boca!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Essa era a minha garota. Grossa na medida certa.

As três cabeças se viraram para nos encarar e eu sorri.

— A *Paramount Pictures* comprou os direitos para produzir Degraus. Se tudo correr como esperam, o filme sairá no final do ano que vem.

O silêncio devido ao choque durou cerca de quatro ou cinco segundos. Logo em seguida, o som produzido por várias vozes gritando e urrando impossibilitou

que

qualquer

palavra

fosse

compreendida.

Sarah foi a primeira a se pendurar em mim, ou tentar, pelo menos. Ela deu aqueles pulinhos minúsculos enquanto agitava as mãos até que a peguei no colo e passou os braços pelo meu pescoço. Seus olhos estavam arregalados quando agarrou meu cabelo.

— PUTA MERDA! — gritou, sacudindo minha cabeça como se eu fosse algum bonequinho de pilha. — Debby Paxton no cinema! Porra! Porra!

Debby Paxton era a protagonista de Degraus e eu sabia que Peach já estava tentando imaginar quem seria a atriz que viveria o papel. Não consegui evitar o sorriso largo que se formou em meus lábios e que era capaz de rasgar meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava feliz pra caralho!

— Vamos conhecer Hollywood — lembrei a ela.

— Vamos para o Oscar! — gritou.

Encolhi os ombros ciente de que ela estava exagerando. Eu não tinha pretensões que a adaptação de meu livro concorresse a um Oscar.

Sabia que, por mais fiel que fosse à obra original, todo mundo sempre acabava preferindo o livro.

— Ok, não precisamos sonhar tão longe assim.

Sarah revirou os olhos e enterrou o rosto no vão do meu pescoço. Respirei

fundo, apertando o pequeno corpo em meus braços. E lembrei que nossos

amigos

ainda

esperavam

para

me

cumprimentar, em fila indiana e com caretas nos rostos.

— Nem a lua é tão distante pra você — Peach sussurrou em meu ouvido antes de me soltar. —

Lembre-se disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Com Maggie, Nicolas e Jessica em volta de Michael, entre abraços e beijos, ele só não foi engolido porque era o mais alto dos quatro. Eu deixei que ficassem comemorando, fui até a cozinha pegar uma cerveja e depois entrei em meu quarto para trocar de roupa.

Estava só de sutiã quando Jessica invadiu o quarto e se jogou de costas na cama. Ela se apoiou nos cotovelos e olhou em volta sem muito o que fazer.

— Eu te invejo loucamente por comer tanta porcaria e conseguir manter esse corpo magro —

falou, mastigando um chiclete que eu esperava ser novo, não o antigo enrolado em guardanapo.

— Você sabe que não faço nada pra ficar assim

— respondi com sinceridade porque odiava qualquer tipo de atividade física.

— Por isso mesmo eu te odeio! — Jessica jogou um travesseiro na minha direção e eu o peguei no ar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pare de brincar com minha roupa de cama. —

Joguei de volta.

Eu me virei para o armário e puxei uma camisa que usava para ficar em casa e que deixaria Mike orgulhoso de tão velha que era. A gola já estava tão larga que poderia servir de capa para as cadeiras da sala.

— Michael está ficando muito importante... —

ouvi Jessica comentar como se não estivesse tão interessada em falar sobre ele. Aham.

Tirei meu *jeans* de trabalho e vesti uma cueca samba canção com estampa do Frajola que eu mesma tinha comprado quando Mike brigou comigo ao me ver usando uma peça da coleção dele.

— Ele está cada vez mais gato... Esse jeito *nerd* descolado acaba sendo meio atraente.

Eu me virei para Jessica, que continuava divagando sobre Michael. Quase pulei

no pescoço dela quando vi os sapatos em contato com meu edredom, mas respirei fundo e contei até dez antes de puxá-la pelo braço.

— Vamos voltar lá pra sala.

Ela enganchou um braço no meu e nos juntamos ao pessoal, que conversavam num tom mais ameno PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e como seres humanos comportados. Michael estava sentado no braço do sofá, com uma nova cerveja na mão. Eu não sabia quanto já tinha bebido e algo me levava a crer que eu terminaria a noite o colocando para dormir, tirando os sapatos e apagando a luz. Mike não era muito resistente ao álcool e era aquele tipo de bêbado que apagava em qualquer canto.

Parei diante deles no sofá e puxei meu elástico do pulso, prendendo o cabelo num rabo de cavalo alto.

— Será que alguém pensou em qualquer coisa para comermos? — perguntei e Mike me encarou, os olhos passeando entre meu rosto e minha blusa.

— Estou com fome.

— Podemos pedir uma *pizza* — Nicolas sugeriu, sorrindo e piscando para mim.

— Certo. Vocês fazem o pedido e eu procuro algo pra beliscar enquanto isso.

Dei meia volta e fui até a cozinha. Sabia que nosso escritor não devia estar com espírito de cozinheiro, então peguei alguns pacotes de Doritos e Ruffles nos armários. Tive que esticar meu corpo para tentar alcançar as vasilhas no alto, mas uma sombra se agigantou atrás de mim e sua mão fez o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu não consegui.

Recuei e me sentei sobre a bancada da cozinha, enquanto observava Mike abrir os pacotes e dividir seus conteúdos em duas vasilhas. Quando ele se virou,

segurando uma em cada mão, eu estiquei a minha e peguei um Doritos.

— Escuta. — Segurei o braço dele. — Eu li o primeiro capítulo hoje de manhã e amei. Ainda estou com um pouquinho de raiva pelo lance da Melanie, mas, ela é uma boa personagem.

Coloquei outro Doritos na boca e mastiguei, enquanto Mike me encarava com um sorrisinho vitorioso.

— Talvez seja melhor trocar apenas a cor do cabelo. — Dei de ombros. — Vai que esse livro também vira filme e meus pais acabem vendo minha versão piriguete no cinema?

— Peach. — Levantei meus olhos para ele. — É

melhor trocar de blusa ou colocar um sutiã. Está um pouco transparente.

Eu falo tudo aquilo sobre o maldito livro dele e a resposta é sobre minha roupa? Francamente, homens são muito insensíveis!

Funguei, olhando para meus peitos e percebendo que meus faróis de neblina estavam acesos. Não PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

que fosse alguma novidade para mim ou para Michael.

— Pare de ficar olhando pra eles. — Cruzei meus braços, momentaneamente envergonhada. —

Você me vê sem sutiã todos os dias.

Ele estreitou os olhos.

— Eu já estou acostumado, mas o Nicolas não.

Pulei da bancada e enchi a mão de batata antes de olhar mais uma vez para a frente da minha camisa. Não era nada demais. Eu não estava com meus peitos de fora nem nada.

— Não acho que Nicolas esteja interessado no que eu tenho aqui. Acho que ele prefere os da Jessica. Até eu, se fosse homem, ia preferir os peitos dela.

Tudo na vida tem um limite, mas nem sempre eu o enxergava até que fosse tarde demais. Minha barriga estava inchada e dura como uma pedra. O

último pedaço de *pizza* que eu devorei caiu pesado demais, como se ali não fosse o lugar dele.

Michael tinha sentado no chão e apoiado as costas na parede, de frente para o sofá onde nossos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amigos estavam. Eu me deitei com a cabeça no colo dele e olhava fixamente para o teto entre um arroto e outro.

— Quem mandou disputar a última fatia com Nicolas? — ele me alfinetou quando eu gemi pela indigestão. — Não bastou ter enchido o estômago de Doritos?

— Não fale em comida — pedi.

Virei o rosto para tentar prestar atenção na conversa dos outros, mas só conseguia mesmo me concentrar nos barulhos que meu estômago fazia e nas fisgadas que pareciam rasgar minhas entranhas.

Decidi levantar e me despedi de todo mundo, avisando que ia deitar mais cedo. Estava com medo de vomitar na sala. Pelo menos, meu quarto era mais próximo do banheiro.

Assim que larguei meu corpo de qualquer jeito na minha cama macia, fechei os olhos e torci para que o enjoo passasse. Senti meu colchão se mexer e, abrindo apenas um olho, vi Mike ajoelhado ao meu lado.

— Quer que eu desça pra comprar algum remédio?

Gemi e enrolei minha camisa para cima, exibindo para ele um pedaço da minha barriga PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gigante.

— Um laxante talvez resolva — falei.

Meu amigo sorriu e espalmou a mão enorme e gelada em minha pele, fazendo-me estremecer.

— Podemos dizer que você está grávida.

— Uhum. Você vai criar?

Ele deitou ao meu lado, de barriga para cima, calcanhares cruzados e mãos debaixo da cabeça.

Virei de lado para observá-lo e vi quando um sorrisinho torto se desenhou em seu rosto emoldurado por uma barba que ele esqueceu de fazer. Se ele soubesse que ficava um puta homão com a barba mais crescida, passaria mais tempo sem apará-la.

— Para que servem os amigos se não assumirem *alien* s de suas amigas? — ele começou a filosofar suas loucuras. — Não poderia deixá-lo só por sua conta ou o monstrinho comeria tudo que se movesse.

— Não estou grávida de um *alien*, Michael.

Ele virou o rosto e estreitou os olhos para mim.

— A senhorita está grávida de algum outro ser vivo? Porque há várias semanas não a vejo sair com ninguém. A não ser que o trabalho na lanchonete tenha se tornado outra coisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dei um tapa no peito dele para deixar de ser besta e seu sorriso se alargou.

— Está prestando muita atenção na minha vida sexual, mas que eu saiba, você também está encalhado há alguns meses — alfinetei, dando uma cotovelada no

braço dele.

— Sim, estou — Mike sorriu. — Mas no meu caso, é por falta de opção mesmo.

— E no meu, não é? — Franzi a testa, confusa.

Eu me virei de bruços e apoiei os cotovelos na cama para olhar Mike. — Onde está a fila de pretendentes para mim?

Ele revirou os olhos.

— Poupe-me, Sarah. Você tem uma facilidade enorme em arranjar encontros.

— Isso não é verdade — retruquei, tentando me defender e nem sabia por qual motivo insistia naquilo. — Mas você também não facilita, Mike.

Nunca sai de casa.

O escritor abriu um sorriso grande e suspirou, com o olhar perdido no teto acima de nossas cabeças.

— Tudo que preciso para viver, está aqui dentro de casa — declarou, sonhador. — Não faço questão de sair. Agora vamos voltar à sua gravidez.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, seu eremita desagradável —

estalei a língua, dando um tapa na barriga dele. —

Se estou grávida, então só pode ser do vento que entra todo dia pela minha janela. A não ser que você tenha me dopado um dia e invadido meu quarto sem que eu notasse.

Mike gargalhou alto quando deu um beijo em minha testa e se levantou da cama. Ele já estava caminhando até a porta quando ouvi sua gracinha.

— Peach... se *eu* tivesse feito isso, você nunca se esqueceria, dopada ou não.

Levantei o dedo do meio para ele, que não viu por já ter saído do quarto.

Não tinha nada que eu odiasse mais do que acordar no meio da madrugada com vontade de fazer xixi. Interromper um sono em sua melhor parte para se arrastar até o banheiro era uma merda.

Já cheguei a cogitar usar fraldas para dormir, apenas para não ter que lidar com necessidades fisiológicas no meio da noite.

A primeira coisa que reparei ao pisar no corredor foram as garrafas espalhadas pelo chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os idiotas dos meus amigos nem arrumaram a bagunça. Impressionante.

Comecei a catar as garrafas, pois Mike podia acordar bêbado e, se pisasse em alguma, o acidente seria feio. Coloquei as que estavam no chão sobre a mesa da sala e quando me virei para voltar ao corredor, vi a cena patética.

Michael estava desmaiado no sofá, apenas de cueca, com a boca aberta e babando nas almofadas.

Jessica, do outro lado da sala, estava dormindo no chão, com a caixa de *pizza* sobre a barriga. Fiquei aliviada em ver que ela, pelo menos, estava vestida.

— Mike — sussurrei perto do rosto dele enquanto puxava seu braço. Dei uma leve sacudida no corpo que parecia sem vida e, depois de dar tapa forte em seu rosto, ele abriu os olhos. — Vamos para seu quarto.

Ele resmungou qualquer coisa que não possuía tradução e tentou virar de costas para mim, mas eu o puxei com força para se levantar do sofá.

Contrariado, ele obedeceu, cambaleante, enquanto eu catava suas roupas do chão.

— A que ponto você chegou, hein, Michael Jones. Passar a noite se embebedando e tirando a roupa por aí...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Comemorando! — ele gritou e eu estiquei o braço para tapar sua boca. Não queria acordar Jessica.

Empurrei Michael para dentro do quarto dele e a criatura se jogou de bruços na cama, sem nem ao menos se dar ao trabalho de mirar os travesseiros.

Dei a volta e peguei um para colocar sob a cabeça dele. Quando mexi em seu cabelo para levantar seu rosto, o bobo abriu os olhos e deu um sorriso de bêbado.

— Você é a Mel ou a Peach?

— O fato de você estar em dúvida, diz muito sobre a quantidade de cerveja que ingeriu.

Eu o cobri com o lençol e o filho da mão beliscou minha bunda. Lancei um olhar fulminante para o escritor de araque, que abriu um sorriso lânguido.

— Pra saber se é real — ele respondeu, com os olhos quase fechados.

— Real vai ser o balde com água gelada que eu vou jogar na sua cabeça se me beliscar mais uma vez.

Saí do quarto antes que ele falasse ou fizesse alguma besteira e me certifiquei de fechar a porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Senti minha cabeça latejar no instante em que recobrei a consciência. Abri os olhos devagar e a primeira coisa que lembrei foi do que aconteceu na noite anterior. Gemi com a lembrança e cobri a cabeça com o lençol. Sentia que já era de manhã e eu devia levantar, mas estava tentando digerir o papelão da madrugada.

Depois que Sarah tinha ido dormir — com aquela camisa transparente que presenteou Nicolas a noite toda — o pessoal ainda ficou por lá mais três horas, até que Maggie e Nicolas foram embora.

Fiquei esperando que Jessica se mandasse, mas ela PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

continuou puxando assunto. Abrimos mais algumas cervejas porque o papo estava realmente bom e, pela primeira vez desde que a conhecia, vi a garota fazer perguntas interessantes a respeito da minha profissão.

Em algum momento eu comecei a falar sobre o novo projeto e ela se interessou ainda mais quando soube que havia cenas eróticas. E a conversa começou a esquentar. Eu não era de ferro, porra!

Vinha trabalhando há dias naquele texto e só um escritor entende como a gente entra de cabeça numa história, a ponto de sentir todas as emoções à flor da pele. Não seria diferente com toda a sexualidade que envolvia o livro novo. Eu estava há dias subindo pelas paredes, por causa de uma tensão que se acumulou com a seca que eu vivia há mais de dois meses.

Uma coisa levou a outra e, quando vi, Jessica já estava no meu colo. Minha

cabeça rodava e meus olhos pareciam duas âncoras. Eu me encontrava quase a ponto de bocejar, mas o tesão também se fazia presente. Entre beijos, lambidas, chupões e roupas indo parar no chão, eu focava no fato de que precisava transar. Jessica era gostosa e me queria.

Não havia complicações.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A sala do apartamento pegou fogo enquanto eu me demorei pelo corpo dela, mas quando a garota montou em mim e eu preparei a camisinha, tudo desandou.

— Não podemos fazer barulho... — disse Jessica, abocanhando meu pescoço enquanto eu deslizava

os

dedos

pela

embalagem

do

preservativo. Meus olhos estavam embaçados e eu me sentia um pouco letárgico. Os dedos não recebiam o comando certo. — Você precisa tapar minha boca pra que Sarah não acorde com meus gemidos.

Estremeci à simples menção do nome de minha amiga e puxei a camisinha para fora da embalagem.

Estava tão grogue que deixei que caísse em algum lugar do sofá.

Por que tocar no nome de alguém que não tinha nada a ver com a situação? Isso logo me fez imaginar Peach como testemunha ocular da cena, balançando a cabeça como se desaprovasse o que estava acontecendo. Pisquei e vi Sarah sentada ao nosso lado no sofá.

— Porra! — Segurei nos ombros de Jessica e a afastei um pouco. Eu pisquei mais uma vez e meus olhos demoraram o dobro do tempo para abrirem

novamente.

— O que foi? — Senti mãos deslizarem pelo meu abdômen e tocarem o elástico da minha cueca.

Joguei a cabeça para trás e fechei os olhos. Já tinha dado.

— Não... — murmurei, querendo dormir.

— Você está broxando, Michael? Olha, isso é um desaforo! Ninguém nunca...

E era só o que eu lembrava. Provavelmente, eu desmaiei antes que pudesse pedir desculpas a Jessica ou tentar me explicar. Mas, sinceramente, agora que podia pensar com clareza, no fundo eu estava feliz por nada ter acontecido entre nós.

Sentei na cama, esfregando o rosto para despertar melhor e pisei no chão. Não lembrava de muita coisa, mas achava que Sarah tinha me colocado na cama.

Levantei e troquei a boxer por uma cueca samba canção, sem disposição para tomar um banho naquele instante. E logo me arrependi, pois assim que abri a porta do meu quarto, uma Jessica com muita raiva me encarou do corredor.



Eu não trabalhava aos sábados e domingos, meus pais deixavam a lanchonete nos finais de semana nas mãos de funcionários de confiança.

Mas aquela foi a primeira vez em que desejei ter que trabalhar.

Devia ter sido uma manhã tranquila, mas eu tinha acordado com Jessica invadindo meu quarto e pedindo uma toalha emprestada para tomar banho.

Apenas dei as coordenadas da gaveta onde ela encontraria o que pediu e virei para o lado, tentando voltar a dormir.

Minha paz durou pouco mais de quinze minutos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Logo eu comecei a ouvir uma discussão acalorada do lado de fora do quarto e, antes de abrir minha porta, colei o ouvido na madeira.

— *Eu estou me sentindo muito humilhada, Mike!*

Muito mesmo!

— *Esquece isso...* — um Michael com voz de quem acabou de acordar parecia quase choroso. —

Não teve nada a ver com você.

Por Deus, qual tinha sido a idiotice que ele cometera? Suspirei, pronta para apaziguar os ânimos. Era bem a cara de Michael entrar no banheiro sem bater na porta, então imaginei que ele tivesse interrompido o banho de Jessica.

Resolvi sair do quarto para entender melhor a situação e dei de cara com a minha amiga puta da vida, enrolada na toalha, com as mãos na cintura.

Michael de frente para ela, não sabia onde enfiar a cara.

— O que houve? — perguntei.

— Nada demais — murmurou ele.

— Michael broxou! — Jessica reclamou, num tom de voz estridente para que todos do prédio ouvissem. — Comigo! Você acredita nisso?

Parada eu estava, parada fiquei. Tentei assimilar as palavras ditas e, como continuei com os olhos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fixos em Jessica, ela deve ter entendido que eu queria mais informações, pois me metralhou com elas.

— Nós quase transamos ontem. Quase. Porque o rapaz aí resolveu esconder o brinquedo dele dentro das calças. E aí, ele simplesmente pegou no sono e me deixou sozinha, pelada, cheia de tesão. Algum homem já broxou com você, Sarah? Porque é a pior sensação que existe!

AH. MEU. DEUS.

— Entendi... — foi a única coisa que eu disse e tudo que iria dizer, pois de jeito nenhum ia me meter naquela confusão. De que lado eu deveria ficar?

E

COMO

ASSIM

ELES

QUASE

TRANSARAM?

— Pior é ter que ficar vendo o Michael falando que não foi nada demais. Ah, não foi! Mas parecia ser quando você estava com a língua....

— PAREM! — gritei. — Me poupem dos detalhes, ok? Eu vou... sei lá, comprar pão.

Passei por Jessica e saí daquele apartamento antes que eu enforcasse um dos dois. Só quando cheguei ao primeiro andar do prédio é que me dei conta de que

estava com uma blusa transparente, vestia uma cueca samba canção do Frajola e não PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha levado dinheiro. Tinha sido apenas uma desculpa para sair de lá e, portanto, optei por sentar ali na escada e dar tempo para que os dois idiotas se resolvessem.

Eu tinha plena consciência de que era imbecilidade minha ficar com raiva do que aconteceu entre meus amigos. Mas meu coração estava magoado porque eu era muito ciumenta. Não tinha nada a ver com Jessica, percebi logo. Ela podia dormir com quem ela bem entendesse. Só que eu era um pouco possessiva com Mike. Ele era meu amigo, meu confidente, meu companheiro, meu tudo.

Fiquei perdida em devaneios e levei um susto quando Jessica passou apressada por mim. Ela estava sem maquiagem alguma, o que significava que tinha mesmo como objetivo não ficar mais tempo na presença de Mike.

— Depois nos falamos, Sasa. — Colocou óculos escuros depois de jogar um beijo para mim.

— Você está bem?

— Vou ficar, depois que Isaac me comer gostoso para tirar esse trauma que o Michael causou. De que adianta aquele tamanho *todo* se não funciona?

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Por que diabos ultimamente todo mundo sentia vontade de falar sobre o tamanho do documento do meu amigo? Revirei os olhos e levantei, limpando minha bunda com as mãos.

— Que bom que você se lembrou que tem um namorado — sorri.

Ela ignorou meu comentário, como se não fosse nada importante e jogou um

beijo antes de continuar a descer a escada.

Michael estava na cozinha, se movendo de um lado para o outro. Vê-lo acordado antes das dez da manhã era uma grande surpresa, a consciência deve ter pesado tanto que o fez pular da cama.

— Bom dia! — falou, de costas para mim.

Assim que me aproximei pela lateral da geladeira, vi a montanha de panquecas empilhadas numa travessa e salivei. Ele tinha feito tudo aquilo enquanto eu conversava com Jessica lá fora?

Michael estava agitado, derramando suco num copo e colocando sobre a bancada. Ele se virou para mim, com uma ótima aparência para alguém que estava bêbado até poucas horas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ofereceu alguma coisa pra Jessica? —

perguntei, atiçando o vespeiro.

— Não.

— Pois devia, já que por sua causa ela ficou aqui até agora — retruquei, pegando impulso para me sentar sobre a bancada enquanto torturava meu amigo. — Depois de uma noite quente você nem fez um café pra ela?

Ele se virou para me olhar com uma expressão carrancuda e largou a espátula sobre o balcão. Eu o conhecia muito bem para saber que as olheiras e os ombros caídos eram consequência da ressaca.

— Você já sabe que não aconteceu nada. Eu realmente broxei. — Mike puxou um banquinho e se sentou perto de mim, encostando a cabeça no meu joelho. — Acho que estou carente... É o único motivo que me levaria a querer dormir com a Jessica.

Dei um tapa na cabeça dele, que reclamou e se afastou de mim.

— Não fale assim, ela é nossa amiga — avisei.

— E só pra constar, Jessica é bem melhor que a mocinha lá do inferninho que a gente foi. E eu lembro muito bem que você ficou bem animado com a garota tão trabalhadora e esforçada. Seu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brinquedinho deu sinal de vida bem rápido.

— São situações bem diferentes. — Ele voltou a encostar a cabeça na minha perna. — Eu estava muito bêbado ontem e me deixei levar por um impulso. E pela carência. Você sabe que não sinto atração pela Jessica.

— Eu não sei de nada — disse, mais interessada em saber quando nós começaríamos a comer as panquecas. — Qual o homem que não acha a Jess maravilhosa? E os peitos dela são naturais, sabia?

Não tem silicone ali.

— Você e sua fixação por peitos. — Os ombros de Michael se sacudiram com a risada dele. — Não sou fútil a ponto de me atrair somente pelo físico da pessoa. Tem que haver um equilíbrio.

— Não tenho fixação nenhuma!

— Você sempre fala dos peitos das mulheres, Peach...

Franzi meus lábios quando Mike levantou a cabeça e me encarou, com uma sobrancelha arqueada. Será que eu tinha mesmo alguma fixação e nunca me dei conta?

— Talvez seja porque eu mesma não tenha o que falar dos meus. — Dei de ombros.

— Por que não? — perguntou ele, dobrando os PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

braços sobre minhas pernas. — Seus peitos são bonitos, Peach.

— Você nunca os viu...

— Não preciso te ver nua para saber como eles são, gatinha. — Mike se levantou e apertou minha bochecha. — Homem observa tamanho e formato mesmo se você estiver vestida.

Em que momento o assunto tinha deixado de ser sobre Mike e Jessica e passado a ser sobre meus peitos? Cruzei meus braços, envergonhada ao constatar que eu vestia uma blusa transparente.

Empurrei meu amigo para o lado e ele riu quando percebeu minha fuga.

Eu saltei da bancada, coloquei algumas panquecas num prato e fui comer no sofá. Sentei num canto, com as pernas dobradas e o prato no colo, observando um Michael apressado vir até mim e remexer nas almofadas. Olhei de cara feia quando ele puxou uma camisinha e deu um sorriso sem graça para mim.

— Perdi isso por aqui ontem... — Ele deu de ombros. — Não surte, ela não chegou a ser usada.

Encarei uma parte do tufo de pelos que escapava pelo elástico da cueca samba canção que ele vestia.

Nunca fiquei pensando no tamanho do documento PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de Mike, mas tanto Tina quanto Jessica acabaram atiçando minha curiosidade.

— Qual o tamanho? — perguntei, mastigando um pedaço de panqueca.

— O quê?

Apontei o garfo naquela direção e Mike olhou para baixo.

—Já é a segunda pessoa que diz que você é grande. Estou curiosa... Quantos centímetros?

Ele cruzou as mãos na frente do quadril e me lançou um olhar chocado. Estava ficando vermelho.

— Não vou te dar esse tipo de detalhe.

— Dez? Doze? Quinze? Vinte e um?

Michael se jogou ao meu lado e colocou uma almofada sobre o colo, impedindo que eu continuasse com minha avaliação. Mas, como eu já tinha saído da *vibe* curiosa e agora só queria perturbá-lo, virei de lado e estiquei meus pés, chutando a almofada para o chão.

— Eu deveria saber para o caso de, um dia, precisar te identificar no necrotério e seu rosto estiver desfigurado.

Mike encostou a cabeça no sofá e me olhou. Vi um sorriso safado brotar rapidamente e mostrei a língua para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se eu morrer, sua ideia é me reconhecer pelo pau? Vai precisar de mais detalhes do que apenas o tamanho, querida. Precisará olhar bem de perto e decorar minhas veias, minha glande...

— Desbocado! — reclamei e ri quando ele agarrou meus pés. — Pare de falar assim comigo, pois sou uma *lady*!

Mike jogou minhas pernas para o lado e se agigantou sobre mim, com uma cara de lunático.

Gargalhei, sem conseguir me defender. Apoiei o prato na minha barriga e apontei a ponta do garfo para o rosto dele.

— Fique longe ou irei espetar seu rostinho famoso.

Ele fechou a mão sobre a minha e arrancou o garfo de mim, colocando-o no chão antes de sorrir vitorioso.

— O que foi, *Lady* Sarah? Está com medo da potência dos meus dotes?

— Não estou com medo — ri, empurrando o peito dele para trás antes que

derrubasse meu prato

—, pois os seus dotes estão com defeito. Ai!

Michael superou a minha — inútil — força e se inclinou para a frente, mordendo meu ombro por cima da camisa. Quando ele se afastou, começou a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rir e a se levantar.

— Se os meus dotes estão com defeito eu não sei, Peach, mas os seus estão funcionando muito bem.

Ele levantou o polegar enquanto olhava para meus peitos com os mamilos rijos e saiu correndo quando joguei uma almofada em sua direção.

— Vai tomar banho e tirar esse cheiro de cachaça do seu corpo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

A água já corria por alguns minutos pela torneira enquanto a morena encarava o próprio reflexo no espelho. Aquele banheiro não era como os outros que ela frequentava antes de uma noite de sexo. As cortinas estampadas do box, a escova de dente sobre a pia e alguns perfumes masculinos a atingiam em cheio

quanto mais ela encarava. Era mais fácil quando ela ia a um hotel, fazia o serviço e depois voltava para casa.

— Está tudo bem aí? — a voz masculina do lado de fora quis saber.

— Sim, eu já vou — Melanie respondeu.

Respirou fundo uma segunda vez, ajeitou o cabelo castanho e abriu a porta do banheiro.

O homem tinha mais ou menos a idade dela e era muito bonito. Melanie já o tinha encontrado algumas vezes na boate, mas nunca o atendeu. Até aquele dia, quando fez questão de levá-lo para o privado e depois estender a noite na casa dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que nunca reparei em você lá? — ele perguntou, se aproximando e tocando os seios da morena.

— Sou muito requisitada — a voz rouca e sensual era proposital para o momento. — Você deu sorte em cruzar o meu caminho hoje.

As mechas castanhas balançaram quando ele a segurou pela cintura e empurrou-a na direção da cama. Não era, pessoalmente, o jeito favorito de Melanie, mas ela tivera que se acostumar com toda forma de brutalidade.

Quando o sujeito ajoelhou sobre o colchão e esfregou o pau ereto, ela esticou o braço até a bolsa para pegar um preservativo. Não haveria tempo para preliminares.

— Quero você de quatro — ordenou ele, colocando a camisinha que ela ofereceu.

Era uma visão e tanto, a bunda pequena e arrebitada virada para a cara dele, o caminho entre as pernas liberado e a buceta depilada. O homem enfiou logo dois dedos dentro dela, arrancando um suspiro de Melanie, que não tinha se preparado. Ele girou um pouco a mão, antes de trazê-la de volta para lamber os

dedos.

— Vou te foder gostoso, sua putinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O quadril estreito da prostituta foi pressionado contra a pelve dele, que a penetrava sem nenhuma cerimônia. Melanie precisou enrolar os dedos no lençol de aparência barata enquanto as unhas do cliente machucavam sua pele delicada.

Seus olhos se fecharam, ela estava ocupada pensando em praias e lugares paradisíacos, como sempre costumava fazer quando pegava um extra daquele tipo. Mas logo seus pensamentos foram interrompidos com a invasão abrupta de policiais.

— Parados! Mãos na cabeça! — O quarto foi tomado por agentes uniformizados apontando armas para eles.

O homem pulou da cama imediatamente e levantou as mãos, atônito. Melanie precisou de um pouco mais de tempo para se refazer. Sem entender o que estava acontecendo e com o coração acelerado, ela se arrastou pelo lençol até se sentar.

Era amarga a humilhação de ter que erguer as mãos sem poder esconder a nudez.

Desviou os olhos ao se sentir observada pelos policiais, até que um deles se destacou e a cobriu com a própria jaqueta. Era o detetive Smith, a quem já tinha conhecido devido o episódio na boate. Ela o agradeceu com um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem?

— Sim — respondeu.

— Levem-no daqui — Smith ordenou assim que se virou de costas para a mulher. — Eu já vou, esperem lá fora.

Melanie aproveitou que ele apontou o banheiro para ela, e sumiu lá dentro, a fim de poder se lavar e vestir a roupa. Quando saiu, dez minutos depois, Smith ainda a esperava, encostado à outra parede e de braços cruzados.

— Mais uma viagem à delegacia? — perguntou ela, num misto de irritação e vergonha.

— Você estava na cena, preciso levá-la. — Ele trocou o apoio de uma perna para a outra e a olhou sério. — Por acaso tem alguma ideia do que estamos fazendo aqui, Melanie?

— Vejo que decorou meu nome. — Ela abriu a bolsa e pegou um chiclete, desembrulhando-o enquanto olhava para Smith com um pouco de audácia. — Já colocou meu número na agenda do celular?

Smith poderia entrar na jogada dela e dar corda, mas ele esteve a noite toda de tocaia e sua paciência tinha chegado ao fim. Pegou os braços finos de Melanie e fechou as algemas ao redor de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus pulsos, ignorando as reclamações da morena.

— Caso você não tenha notado, seu cliente foi preso por ter se tornado o suspeito principal do assassinato de suas amigas. Então, eu acho melhor você se acalmar um pouco e não atrapalhar o andamento do caso.

A menção ao que acontecera na boate dias atrás fez com que Melanie se calasse e cooperasse com a polícia. Ela lembrava como foi exaustiva a noite em que tudo aconteceu, quantas vezes precisou repetir seu depoimento ao detetive Smith e como o engoliu com os olhos desde o primeiro momento em que o viu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Meu pai do céu! O que tinha sido isso que acabei de ler? Levantei da cama, sentindo todo o meu corpo quente.

Michael tinha deixado alguns capítulos novos para que eu lesse e eu havia decidido fazer isso enquanto ele estava numa reunião com sua agência literária.

Meu dia na lanchonete havia sido cansativo e estressante, pois uma de nossas funcionárias adoecera e eu precisei trabalhar em dobro. Então, ao chegar em casa e encontrar as folhas impressas junto com um bilhetinho de Mike à minha espera, meu coração se aqueceu. Tomei um banho gostoso, vesti uma camisa dele e me aconcheguei na cama, usando minhas pantufas de coelho.

Agora eu estava fervendo, sentindo meu corpo em ebulição e desejando que o porteiro do meu prédio fosse muito gostoso para que eu pudesse agarrá-lo. Mas não era. Alfred tinha mais de sessenta anos e era um viúvo com três filhos e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quatro netos.

Corri até a cozinha e peguei um saco de ervilhas congeladas, trazendo-o até meu pescoço quente.

— O que está fazendo? — a voz de Mike atrás de mim fez com que eu pulasse de susto, pois não escutei a chegada dele.

— Meu Deus! Quer me matar do coração? —

perguntei, recuando até encostar as costas na geladeira. — Estou com calor.

Pela forma como franziu a testa, sabia que me considerou lunática.

— Está fazendo dez graus lá fora e o nosso aquecedor não está em seu funcionamento total.

— Não é o clima, seu idiota. — Empurrei o saco de ervilhas sobre ele, que o segurou enquanto eu saía da cozinha. — É a droga do capítulo que você escreveu.

Voltei ao meu quarto e me deitei na cama, abanando meu rosto com as mãos. O que estava acontecendo comigo? Vi quando Michael entrou, parando diante da

minha cama com um sorriso convencido e as mãos na cintura.

— Então, você já leu — afirmou, envaidecido.

— E, pelo visto, gostou.

— Gostar é uma forma de interpretar o que eu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

achei — respondi, afogueada, balançando as pernas no ar. — Onde você aprendeu a escrever essas coisas, Michael Jones?

Ouvi a gargalhada divertida e inclinei a cabeça para olhar Mike. Ele tinha segurado meu pé no ar e encolheu os ombros.

— O ato de escrever é uma coisa que flui naturalmente por mim, independente do gênero.

Claro que não consigo me ver lançando livros infantis, mas um romance policial não é nada tão absurdamente diferente do que já estou acostumado a fazer. — Ele estreitou os olhos na minha direção e alisou meu pé, me causando arrepios. — E cá entre nós, mocinha, não há nenhuma cena erótica *hardcore* no capítulo que te entreguei.

Não há? Lembrei de Melanie de quatro na cama, sendo invadida repentinamente por um homem agressivo com fome de sexo selvagem. Se isso para Mike não era *hardcore*, tinha medo de ler os próximos capítulos.

— Impressão minha ou você está ficando vermelha? — O filho da mãe veio para cima de mim e me fez soltar um grito de surpresa. — Nunca fez sexo, Peach?

— Sai pra lá! — Dei um tapa no ombro dele. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu faço muito, muito sexo.

— Sei — o idiota sorriu, com o rosto acima do meu. — Nunca sai do famoso

“papai e mamãe”, não é mesmo?

— Claro que não. Sempre coloco o Kama Sutra em prática.

— Entendo. — Mike piscou, enrolando um dedo numa mecha do meu cabelo. — Pequenina desse jeito, consigo pensar em umas cem posições que podem ser colocadas em prática facilmente com você.

Cem posições? Ele só podia estar me sacaneando, obviamente. Mas, como meu cérebro não tinha certeza disso, entrou em colapso e fez um nervo em minha pálpebra direita começar a tremer.

Michael Jones não podia conhecer cem posições do Kama Sutra. Podia?

— Que posições são essas? — ouvi a pergunta sair pela minha boca e eu ainda sentia os efeitos da leitura do maldito capítulo. O escritor daquela blasfêmia, em cima de mim, não estava ajudando.

Mike ajoelhou sobre mim com um sorriso faceiro no rosto e passou um braço por baixo das minhas costas. Ele descolou meu corpo do colchão e, com a outra mão, agarrou minha coxa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou te mostrar, Peach.

Ofeguei quando ele colocou minha perna em sua cintura e levantou comigo da cama, com a outra mão segurando minha bunda e tocando minha pele.

Apertei minhas coxas ao redor do corpo dele conforme caminhamos para fora do meu quarto. O

que estava acontecendo?

— Sabe, entendo a sua situação e o que está sentindo, pois sinto o mesmo — disse ele.

Atônita, confusa com o que ele estava dizendo, não consegui responder.

Encarava a boca de Mike, tentando decidir se eu devia beijá-lo ou esperar pela sua iniciativa. Era muito errado o que estávamos fazendo, não era?

Quando ele entrou comigo no banheiro, pensei que não estava pronta para ficar nua na frente de Michael. Eu não tinha certeza se devia mesmo seguir por aquele caminho, por mais excitada que estivesse.

Umedeci meus lábios, nervosa. Entramos box adentro e ele então me colocou no chão. O piso gelado do box fez eu me encolher quando Mike me soltou e se afastou.

— Portanto, garanto a você que o melhor remédio para isso é um banho demorado.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Exatamente como tenho feito nos últimos dias —

sorriu, passando a mão pelo cabelo. — Divirta-se.

Calma. O quê?

Apoiei as mãos na parede do box enquanto ele saía do banheiro e fechava a porta. Michael Jones eram um bom filho da puta.

Foi um custo dormir aquela noite, porque tudo que eu mais queria era entrar no quarto de Michael e sufocá-lo até a morte. Ainda sentia raiva por ter me jogado dentro do chuveiro e me deixado ali sozinha, sabendo que meu cérebro tinha dado um imenso nó. Ele era maquiavélico.

Quando acordei no meio da madrugada doida para fazer xixi, resmunguei ao sair da cama. Fiz todo o processo no modo automático e foi só quando estava voltando ao meu quarto que senti o cheiro de café coado.

Rumei à cozinha, observando o escritor de pé no escuro, mexendo sua xícara com tranquilidade.

Minha aproximação fez com que virasse a cabeça e ajeitasse os óculos no rosto.

— Ainda está acordado? — perguntei, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

controlando a vontade de tomar um pouco de café.

— E vou ficar por muito tempo ainda. — Ele levantou a mão com a xícara e sorriu. — Preciso finalizar algumas cenas importantes antes de ir dormir.

Eu me espremi entre ele e a bancada e passei meus braços ao redor da sua cintura, apoiando minha bochecha em suas costas.

— O que está aprontando? — perguntou, tocando minhas mãos e virando o rosto de lado.

— Nada. Estou balançando a bandeira da paz.

— Que bom, pois preciso guardar energia para as próximas horas — ele riu. — Esse livro está me deixando psicologicamente cansado.

Michael se virou de frente para mim e o soltei, cruzando meus braços e me encostando à bancada atrás de mim. Observei sua calma ao levar a xícara até a boca e degustar do café. Estremeci ao pensar no líquido amargo, pois ele não colocava açúcar ou adoçante na bebida.

A penumbra na cozinha me fez forçar a vista para enxergar os olhos verdes que me avaliavam por cima da porcelana.

— O que tem sido mais difícil nesse livro novo?

— As cenas eróticas — ele confirmou o que eu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

imaginava, encolhendo os ombros e baixando a xícara. — Preciso sempre tomar cuidado para não romantizar as cenas e os diálogos, porque a personagem pede uma leitura mais vulgar.

— Mas ela não é só isso, é? — perguntei, tentando arrancar informações. — Ela

não é uma personagem vazia que serve só para dançar e transar com os homens.

— Claro que não. Mel é complexa.

— Mel? Alguém já está bem apegado...

Mike sorriu e se virou para encher a xícara uma segunda vez. Em seguida, saiu da cozinha e meneou a cabeça para que eu o acompanhasse.

Fomos até seu escritório e, antes que ele o fizesse, eu me sentei em sua cadeira cheia de frescura.

— Eu não criei a Melanie só para escrever cenas eróticas pra ela, mas a história tem uma forma de ser construída e preciso fazê-la passar por essa fase.

— Mike balançou a cabeça e estalou a língua enquanto eu girava na cadeira. — Tire sua bundinha daí agora mesmo ou eu vou tirá-la à força.

— Vai me seduzir de novo, Michael Jones? Não tem vergonha do que fez comigo mais cedo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desde quando eu te seduzi? — ele riu e se inclinou para frente, apoiando as mãos nos apoios de braço da cadeira. — Acho que você se iludiu.

— Sabe de uma coisa? Você devia me agradecer, pois estou te dando conteúdo para o livro. — Cruzei minhas pernas nuas do jeito mais sexy que eu conseguia e vi quando o olhar dele desviou para elas. — Afinal de contas, Melanie é parecida comigo, não é? Com certeza você se inspira quando olha para mim. Admita.

— Não é assim que funciona — disse, e eu sabia que ele não daria o braço a torcer. — Mel é apenas fisicamente

parecida

contigo,

mas

suas

personalidades são muito diferentes.

Ignorei o que ele dizia e girei a cadeira pra ficar de frente para a sua mesa de trabalho. O *notebook* estava em modo de hibernação e eu espalmei minhas mãos ao lado dele, alisando a madeira do móvel e imaginando Michael Jones ali, no meu lugar.

— O que você faz quando está escrevendo e começa a sentir tesão? — perguntei, prendendo uma risada. — Entra em algum site pornô, intensifica a escrita ou afasta a cadeira e bate um PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cinco contra um?

— Não interessa, mas já que está tão curiosa, da próxima vez farei uma visita ao seu quarto.

Quando Michael puxou a cadeira de forma brusca, eu levantei correndo e passei por baixo dos braços dele.

— Vou voltar a dormir, boa noite! — falei, fechando a porta do escritório e o deixando sozinho.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Levantei e abri a porta do escritório porque estava enlouquecido. Precisava de um banho, de enfiar a cabeça dentro do congelador ou algo parecido. Realmente

não estava dando para continuar com o livro enquanto eu mesmo não me aliviasse um pouco. Subindo pelas paredes era uma expressão que já não estava mais cabendo em mim.

Precisava sair e conhecer gente nova, mas tinha preguiça de ir a um bar qualquer e iniciar uma conversa com alguém que eu não conhecia. Por que vida social era tão difícil de manter? De agora em diante, talvez se tornasse ainda mais complicado, visto que eu estava ficando cheio de compromissos de trabalho. Tinha passado a manhã inteira numa reunião por vídeo com meus agentes e uma parte da equipe de produção responsável pela adaptação de PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Degraus.

Entrei debaixo do chuveiro e deixei a água escorrer pela minha cabeça, enquanto olhava meus pés e respirava fundo. Então, dei início a uma boa punheta, aproveitando o silêncio e as imagens ainda frescas na minha mente.

Como eu era um filho da puta azarado, escutei a voz de Sarah dois minutos depois, chamando pelo meu nome lá da cozinha. Apoiei uma mão na parede à minha frente e tentei bloquear o barulho, aumentando a velocidade da minha mão para tentar gozar antes que minha amiga invadisse o banheiro.

Afastei um pouco mais meus pés e senti meus músculos começarem a enrijecer enquanto o tesão fluía pelo meu corpo. Fechei os olhos, gemendo baixo para Sarah não ouvir e rezando para não ser interrompido.

— Nossa! Você está com uma aparência horrível! — ela falou quando apareci na cozinha com a toalha enrolada na cintura.

Observei as sacolas de compra sobre o balcão enquanto Sarah tirava alguns produtos de dentro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela tinha ido sozinha ao mercado? Era uma bela surpresa para mim, pois sabia que Peach tinha aversão a isso.

— O que aconteceu para você ter feito compras?

— Nada, ué. — Deu de ombros. — Sei que você anda com a cara enfiada no livro novo e não quero que se distraia.

— É um perigo mesmo eu me distrair com as frutas da estação — falei, esticando meu braço sobre o ombro dela e pegando uma maçã no balcão.

Virei-me para voltar ao meu quarto e senti Sarah me avaliando com aqueles olhos escuros. Já tinha saído da cozinha quando a escutei perguntar, com diversão imposta na voz:

— Tem certeza que está bem? Sua expressão tá meio acabada!

— Estou ótimo e relaxado, acabei de gozar!

Não fiquei para ouvir uma resposta porque fechei a porta do meu quarto para poder me trocar.

Vesti uma calça velha de moletom e uma camiseta antes de voltar para a sala e encontrar Peach encolhida no sofá. Na televisão, estava passando um episódio de *This Is Us*, uma série que nós dois amávamos e dei um tapa na perna dela quando me sentei ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está vendo episódio novo e nem esperou por mim? — perguntei, chateado. — Vou começar a assistir também quando você estiver trabalhando.

— Deixa de drama, Mike! — Ela pegou o controle e colocou o episódio no começo. — Eu nem sabia que você queria assistir. Não vai escrever?

Espreguicei-me e estiquei os braços no encosto do sofá, sentindo uma paz de espírito enorme.

Dobrei minhas pernas e Sarah veio se encostar em mim, apoiando a cabeça no meu ombro.

— Não vou escrever mais por hoje, preciso de uma folga — falei, passando meu braço pelos ombros dela. — Até porque corro risco de você assistir à temporada inteira da série e depois soltar algum *spoiler*.

— Até parece que eu faço isso!

— Você me contou que Khal Drogo morria, antes mesmo de começarmos a ver o episódio! —

reclamei, quase dando um peteleco naquele cabelo castanho.

— Eu também peguei um *spoiler* na internet —

resmungou como se aquela fosse uma boa desculpa.

— E precisava repassar o *spoiler* pra mim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não podia deixar a Khaleesi sofrer sozinha... — ela fungou, apoiando o cotovelo na minha perna para me olhar melhor. — E

francamente, Mike, já se passaram alguns anos.

Você não vai superar nunca?

— Não.

Segurei Sarah pelas axilas e fiz cócegas, que eu sabia que ela odiava, para que se afastasse de mim e me deixasse assistir o seriado em paz. Ela gritou, esperneou e resmungou depois que a soltei, xingando-me de vários nomes absurdos.

Funcionou, pois depois de jogar as almofadas do sofá em cima da minha cabeça, ela abraçou as próprias pernas e permaneceu quieta.

PERIGOSAS ACHERON

19

Sarah

PERIGOSAS NACIONAIS

A manhã na lanchonete tinha sido tão calma que eu estava quase cochilando sobre o balcão. Então, quando Maggie passou pela porta perto da hora do almoço, agradeci por aquela grata intervenção divina.

Tirei meu avental e avisei minha mãe que ia sair para almoçar com Maggie, mesmo após os protestos dela para que comêssemos ali mesmo.

Meus pais nem sempre entendiam que eu precisava ter uma vida social longe do alcance das asas deles.

— Então, está fazendo algo interessante hoje?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— perguntei para Maggie, enquanto entrávamos num restaurante italiano no mesmo quarteirão. O

lugar era bem humilde, mas dono de uma comida maravilhosa.

— Na verdade, eu vim mesmo te procurar.

Quero companhia para ir a um *sex shop* — minha amiga confessou, sorrindo e exibindo um rosto corado. Ela era a mais tímida de nós três. — Acha que

consegue

dar

uma

escapulida

após

almoçarmos?

Felizmente, eu tinha acabado de me sentar ou teria levado um tombo cinematográfico, tamanha a minha surpresa com aquela conversa. Maggi seria a última pessoa da face da Terra que eu imaginaria comprando vibradores ou fantasias.

— Não me olha com essa cara — ela pediu, batendo com o cardápio no meu braço.

— Calma, vamos por partes. É claro que eu irei com você, pois não perco isso por nada no mundo!

— sorri. — Mas, por favor, você precisa me atualizar dos fatos. O que você quer comprar e, principalmente, para usar com quem?

— Não ria de mim, mas... — Ela encolheu os ombros e sorriu. — Não é para usar com ninguém, na verdade. Quero um vibrador porque estou PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cansada de depender de homem para me dar prazer.

— Boa garota! — comemorei e me inclinei sobre a mesa para apertar as bochechas dela. —

Estou orgulhosa desse discurso e vou te levar para comprar o vibrador mais incrível de todos!

Pedimos nossas comidas e passamos o tempo conversando sobre nossas decepções amorosas. Ao contrário de Jessica, Maggie e eu não tínhamos uma chuva de homens sobre nossas cabeças. E, mesmo assim, quando aparecia algum, ele acabava se revelando um idiota.

— Você ainda tem o Michael — queixou-se.

— Mike? — franzi a testa, sem entender. —

Mas não rola nada entre nós dois.

— Sexualmente não, eu sei. Mas vocês estão sempre presentes para apoiar um ao outro. E deve ser bom também para quando a gente está carente, pelo menos poder contar com um abraço mais apertado.

— Realmente, não posso negar a utilidade de morar com ele e tê-lo sempre por perto — admiti, tirando os braços da mesa para que o garçom colocasse meu prato. — Mas não é a mesma coisa.

Enrolei uma porção generosa de *fetucine* no garfo e gemi com o sabor esplêndido daquela PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

massa. Eu não costumava almoçar fora da lanchonete, nem mesmo costumava comer na rua em qualquer outro lugar. Michael e eu tínhamos mania de pedir *delivery* porque a preguiça dele sempre me contagiava.

Mas, de vez em quando, gostava de me dar ao luxo de comer em alguns lugares que já conhecia e sabia da qualidade. Aquele restaurante era um deles, a única coisa boa que ficou do meu último pseudo relacionamento.

— Vocês não confundem as coisas? — Maggie perguntou, usando o guardanapo para limpar o queixo. — Sei lá... é uma linha tão tênue entre a amizade que vocês dois têm e um romance.

— Até hoje nunca aconteceu de confundirmos, mas Mike anda aprontando com o livro novo.

Tive que explicar para Maggie sobre a inspiração da nova personagem criada por Michael, mas não entrei em detalhes da história para não trair a confiança dele. A única coisa que contei foi que Melanie era fisicamente parecida comigo, mas nossa amiga não ficou sabendo qual era a profissão dela.

Quarenta minutos depois, entrávamos num *sex shop* ali do bairro. A funcionária

estava falando no PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

celular e não se incomodou em vir nos atender, o que eu até preferia. Detestava ter vendedoras, de qualquer ramo que fosse, em cima de mim enquanto eu escolhia algum produto.

Levei Maggie até a seção de vibradores e todos os tipos diferentes de consolo para que ela pudesse se divertir. Ela assobiou quando ficamos de frente para uma parede que exibia prateleiras com os mais diversos modelos.

— Primeiro, você precisa decidir se quer um vibrador comum, um para o ponto g, um pênis de borracha...

— Calma, Sarah — Maggie me interrompeu. —

Não faço questão de nada que brilhe e fale. Quero algo simples.

Os olhos dela brilharam ao segurar um enorme pênis de borracha. Ele era feito daquele material que lembrava muito a pele humana, até mesmo sob nosso toque. E eu já falei que era enorme?

— Acho que morreria feliz com um desse aqui

— disse ela. — Uau!

— Já temos o escolhido! — comemorei. — Isso é o que chamo de decisão rápida!

Deixei Maggie namorando o pênis dela e dei uma volta pela loja. Enquanto deslizava os dedos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por algumas fantasias penduradas, uma ideia louca surgiu em minha mente. Extremamente louca, diga-se de passagem. Senti o furor subir pelo meu peito e a excitação diante da ideia talvez tenha me cegado um pouco, mas comecei a puxar alguns cabides.

— Vai usar isso com quem? — Maggie perguntou atrás de mim, curiosa.

— São apenas ideias... — respondi, deixando-a no escuro. — Depois eu conto.

Saí da loja com uma sacola maior que a de Maggie e, quando cheguei na lanchonete, fui ao meu armário esconder aquele objeto profano antes que meus pais vissem o nome “Desejo Ardente”

estampado em letras rosas na sacola plástica.

No final da tarde, comecei a colocar meu plano em prática. Chamei mamãe e pedi para que ela ligasse para Mike, pedindo que viesse me buscar no trabalho. Ela não entendeu e ficou ainda mais confusa quando eu pedi para ser dispensada meia hora mais cedo.

Mas a melhor coisa de ter os pais que eu tinha era saber que eles sempre acobertavam as minhas maluquices. Dei um beijo no rosto de cada um antes de entrar no quartinho dos funcionários e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pegar minhas coisas para ir embora.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Minha vontade era esganar Sarah por ter feito eu perder um tempo precioso de escrita. Até agora não tinha entendido muito bem o que aconteceu. Estava no meio de uma cena de assassinato quando Samantha me ligou e pediu que eu fosse até a PERIGOSAS ACHERON

lanchonete buscar minha amiga. Ela não quis me contar o motivo pelo qual estava sendo requisitado, mas larguei tudo e fui.

Para minha surpresa, Sarah Collins não estava lá quando cheguei. A mãe dela se desculpou, alegando que tinha sido um desencontro de informações e eu precisei esconder minha irritação.

Era a cara de Sarah fazer coisas como aquela.

Estava chegando em casa e estaquei assim que abri a porta. A sala mantinha-se iluminada apenas pela luz que vinha do corredor do apartamento, deixando o ambiente numa penumbra.

De frente para o sofá, havia uma cadeira vazia e logo uma música sensual começou a tocar em algum lugar.

— Sarah? — chamei minha amiga, sabendo que alguma coisa muito estranha estava acontecendo.

Quando eu achava que ela já não tinha como ser mais louca do que era, Sarah me surge na sala quase me fazendo enfartar. Ela estava vestida de Mulher Maravilha, dentro de um *body* que era tudo, menos um *body*, visto que a tira que unia o sutiã com a calcinha era extremamente fina. Por cima havia uma saia amarela minúscula, que só servia mesmo para tapar o fruto proibido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que porra é essa? — perguntei, chocado demais para sair do lugar. — Você está esperando alguém? Foi por isso que me tirou de casa?

A diaba desfilou até mim e abriu um sorriso sensual, jogando o cabelo para o lado.

— Eu tirei você de casa para poder preparar o cenário sem que me atrapalhasse. — Suas mãos tocaram meus ombros. — Bem-vindo, detetive Smith.

Ah. Meu Deus.

Aquela mulher era completamente louca. Antes que eu argumentasse sobre toda a problemática que envolvia sua ideia absurda, os dedos pequenos agarraram minha camisa e ela me rebocou pela sala.

— Eu não acho que...

— Você não tem que achar nada — ela me cortou. — Eu estive pensando e percebi que aquela nossa ida à boate não foi tão útil pra você porque, afinal, a sua personagem se parece comigo e não com uma das garotas de lá.

— Sim, mas...

— Eu não terminei de falar. — Ela me empurrou de bunda na cadeira e saiu da sala, deixando-me mortificado. Enquanto se afastava, gritou para que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu pudesse ouvir. — Daí eu imaginei que se eu incorporasse Melanie, a ficção se uniria à realidade e sua cabecinha trabalharia a todo vapor.

Suspirei, tentando compreender aquela mente absurda. Sarah voltou e reparei nos saltos altíssimos que estava usando. Reparei também nos músculos que eu nem sabia que existiam naquelas coxas finas.

— Peach, o problema é que...

— Cala a boca, homem! — Ela deu um tapa no meu rosto. — A partir de agora sou Melanie, não Peach.

Óbvio que eu não deixaria que a situação se estendesse mais porque era surreal até mesmo para minha mente criativa de escritor. Sendo assim, inclinei o corpo e me preparei para levantar, mas ela foi mais rápida e se sentou no meu colo.

— Onde pensa que vai? — Sarah levou as mãos até as costas e apareceu com um par de algemas. —

Você acha que eu não te conheço?

— O que você tá pensando em fazer? Um showzinho particular pra mim? — perguntei, nervoso. — Sabe que isso não vai dar certo, né?

Não necessariamente eu vou sair daqui e escrever cem páginas sobre Melanie.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Admita que você quer, Michael — ela estalou a língua. — Mel é sua queridinha.

Virei meu pescoço para estalar alguns ossos, sentindo que a tensão me tomava por completo. Eu não queria ter minha melhor amiga se esfregando em mim porque por mais que eu a respeitasse muito e tivesse um enorme carinho por ela, no final das contas, eu era homem e sentia tesão.

Sarah não teve piedade, claro. Ela empurrou meus braços para trás da cadeira e fechou as algemas em meus pulsos.

— Aqui também temos regras, ou seja, nada de tentar me tocar.

A garota maquiavélica beijou meu rosto e se levantou, afastando-se o suficiente para poder se movimentar sem esbarrar em mim.

De pé, Sarah sacudiu o longo cabelo castanho que tinha sido cacheado nas pontas e seu rosto ficou emoldurado pelas belas madeixas. O batom vermelho e a sombra escura sobre os olhos a deixavam mais parecida ainda com a Melanie da minha mente.

A filha da mãe sorriu e mordeu o lábio inferior, deslizando uma de suas mãos pela barriga enquanto a outra segurava a nuca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Veio aqui para me prender, detetive? —

Revirei os olhos com aquela voz que forçava a sensualidade e prendi o riso. —

Devia estar procurando o assassino e não tentando satisfazer prazeres carnais.

Movimentei meus ombros na tentativa de me alongar e, sentindo que estava beirando a loucura, acabei entrando na onda de Sarah.

— O prazer sempre vem antes do trabalho —

respondi, afastando minhas pernas. — Você vê algum problema nisso?

Acompanhei os dedos finos que tocavam sua pele. Aquele *body* deixava muito pouco para a imaginação.

— Problema nenhum — respondeu. — Mas façamos o seguinte. Você é meu dono, dê o tom. O

que eu, Melanie, deveria fazer numa situação como essa?

Sarah queria que eu escrevesse uma cena ao vivo e a cores. Era isso, então?

Umedeci meus lábios e olhei em volta, absorvendo o ambiente, a iluminação baixa, a música que tocava em algum canto do apartamento.

— Você está fazendo um serviço particular, fora da boate. Seu cliente é mais exigente do que a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maioria, então precisará ser criativa.

— Quem é meu cliente? — perguntou, ronronando e se acariciando.

— Sou Smith — e maluco, pensei.

Ao ritmo da música, Sarah começou a dançar e fechou os olhos. As mãos brincaram pelo corpo e ela rebolou, virando-se de costas para mim. A saia amarela só escondia metade da bunda empinada que ela fez questão de balançar.

Não foi legal vê-la inclinar o corpo todo para frente, fingindo catar um objeto invisível do chão.

Tive uma visão mais que privilegiada com aquele rabo para o alto e a outra parte

que eu me recusava a citar, espremida no vão entre as coxas. Graças ao meu bom Deus, aquela porra de tanga cobria toda a parte que eu não deveria ver.

— Que profissional incrível você é — comentei, fazendo meu papel. — Escolhi a pessoa certa para dançar pra mim.

Os olhos castanhos brilhavam quando ela se virou de frente, empolgada por eu entrar na brincadeira. Aquela era Sarah Collins, uma criatura que não tinha noção do poder que possuía sobre os homens e achava mesmo que aquele showzinho poderia ser inofensivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como está a busca pelo assassino dos números, detetive?

Ela dançou, levando as mãos até a saia de seda amarela e desamarrando a peça, justo quando eu achei que não podia piorar. O body era muito mais cavado do que eu tinha imaginado eu nunca vi a virilha de Sarah tão detalhadamente.

Pisquei e levantei os olhos quando ela estalou os dedos diante do meu rosto.

— Fiz uma pergunta, detetive!

— Estou tentando ser cavalheiro, querida —

respondi, respirando fundo. — Mas é impossível pensar em assassinatos com você vestida desse jeito.

— Está nervoso, Smith? — Sarah segurou a saia pela ponta e deixou que o tecido deslizasse pelo meu rosto.

Fechei os olhos, começando a perder o controle da situação. Até aquele momento, estava conseguindo levar tudo na brincadeira e entrar no jogo dela para vê-la se divertir. Só que o tesão começou a se acumular e eu já sentia meu pau endurecer, porque para tudo na vida há limites.

Deus sabia o quanto eu amava aquela criaturinha como se fosse uma extensão minha, uma parte sem PERIGOSAS ACHERON

a qual eu não conseguia viver. Por mais intimidade que tivéssemos, podendo até parecer invasivo para quem estava de fora da nossa relação, eu a respeitava muito. Evitava enxergá-la como mulher e pensar nela, por exemplo, fazendo sexo.

Mas naquele momento, meu cérebro estava pouco se importando com minhas boas intenções.

Sarah estava gostosa pra caralho e, eu precisava admitir, que a tentativa de se parecer com Melanie tinha dado muito certo.

Rezei, em silêncio, para que um raio caísse sobre aquele prédio e acabasse com aquela tortura.

— Nossa, Smith... — Peach sussurrou, abrindo as pernas e se sentando no meu colo, de frente para mim. — Você está secando a minha xaninha...

— A sua o quê? — não consegui conter o riso e ela fechou a cara.

— Você entendeu.

— Entendi e já foi o suficiente para quebrar todo o clima — ri. — Melanie nunca falaria assim.

Ali estava! Pela primeira vez desde que entrei em casa e fui tragado para aquela realidade paralela surreal, vi Sarah se mostrar vulnerável e se envergonhar com alguma coisa. Sorri para as bochechas que escureceram.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos lá, você consegue — incentivei. — O

que eu estava encarando, Mel?

— Eu me recuso a dizer isso — ela fez um biquinho e desviou os olhos. — Então, detetive, gostou do show?

Sarah não era tão inocente assim a ponto de não perceber minha ereção extraordinária. Mas ela sabia disfarçar muito bem, pois sequer pestanejou quando rebolou em cima de mim.

— O que eu estava encarando, Melanie? —

insisti, sentindo-me inútil com as mãos atadas. —

Só vou ficar satisfeito quando ouvir de sua boca.

Sarah odiava quando eu usava de palavras de baixo calão, algo muito normal para mim. Era uma das poucas coisas que a deixava tímida e agora era a minha vez de atazanar o juízo dela.

— Vamos, fale logo o que eu quero ouvir porque meu pau está...

Ela tapou minha boca, rindo.

— Não vou falar isso pra você, seu pervertido!

— ela reclamou, afastando as mãos e me dando um tapa no peito. — Cala a boca que está estragando meu show.

— Uma garota de programa que não fala da própria buceta... — estalei a língua, balançando a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça. — Francamente, já não se fazem mais profissionais como antes.

A mão pequena agarrou meu cabelo e puxou minha cabeça para o lado.

— Eu disse para calar a boca. — Eu me calei, concentrando o olhar nos peitos à minha frente. Os mamilos duros estavam evidentes sob o tecido fino da fantasia.

Suspirei, sem ter noção de quanto tempo mais aquela tortura duraria.

— O que mais deseja, detetive? — perguntou, deslizando as mãos para dentro da minha blusa e me fazendo estremecer com o contato. Duvidava muito que ela tivesse coragem de ir até minha calça, mas esperei para ver.

— No momento, desejo que me solte, pois minhas mãos estão dormentes.

Vi quando estreitou os olhos, avaliando meu semblante como se tentasse descobrir se eu blefava.

Fiz cara de sofrimento, que não era totalmente forçada, visto que minha situação entre as pernas não estava nada agradável.

— Vou soltá-lo, mas se tocar em mim...

— Não vou quebrar essa regra tão importante —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prometi.

Ela pressionou os lábios, pensativa, mas por fim decidiu acatar meu pedido. Tirou uma pequena chave de dentro do sutiã e se esticou sobre mim para me soltar.

Foi realmente um alívio quando pude puxar os braços para frente e massagear meus pulsos. Mas eu não havia sido sincero com Sarah.

Assim que voltou a se acomodar em meu colo, eu a prendi, passando um braço em sua cintura e usando a mão livre para puxá-la pela nuca.

Eu não estava pensando muito bem quando colei minha boca à de Sarah e puxei seu lábio inferior com meus dentes. Senti seus músculos se tencionarem em meus braços e a invadi com minha língua. Demorou pouco mais de três segundos para que ela começasse a corresponder ao beijo e seus dedos finos rasparam em meu maxilar.

PERIGOSAS ACHERON

21

Sarah

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mente desligou com o beijo de Mike e não consegui parar para pensar nas consequências daquele ato. Sequer estava pensando em alguma coisa. Era muito difícil raciocinar tendo algo tão duro roçando em mim e me deixando ridiculamente excitada.

Não tinha certeza se ainda estávamos encenando como Melanie e Smith, tinha até medo de perguntar.

Apertei os ombros de Mike quando ele se mexeu debaixo de mim, afrontando-me com sua masculinidade exagerada, diga-se de passagem.

Agora eu podia entender o que diziam sobre ele ser PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tão grande. Era mesmo.

Se eu tivesse tempo e fôlego para tal, faria uma piada sobre o assunto. Mas ao contrário de brincar, acabei deixando escapar um gemido quando senti sua mão pesada apertar minha coxa e continuar o caminho até minha bunda. Como eu estava de fio dental, não havia muito pano para me proteger do toque de seus dedos contra minha pele. Para crédito de Mike, ele não tentou nenhuma manobra mais abusada.

Afastei meu rosto porque um de nós dois precisava tomar a iniciativa.

— Então... — limpei a garganta enquanto os olhos verdes me encaravam. — O show acabou, detetive.

Admito que senti um aperto no peito quando Michael jogou a cabeça para trás e

esfregou os olhos. Parecia em sofrimento extremo, coitado.

— Melanie e Smith nunca terminariam uma cena dessa forma — murmurou, desanimado.

— Como eles terminariam?

— Deixa pra lá... — Quando ele levantou a cabeça, deu um sorriso preguiçoso e correu os olhos pelo meu corpo. — Acho que você já me torturou o bastante por hoje. Além do mais, dá pra PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentir o gosto de álcool no seu beijo. Quanto você bebeu, Peach?

— Tomei duas taças de vinho, apenas. Sabe que não estou bêbada, nem cheguei a ficar alegre. —

Mike conhecia a minha resistência e por isso não falou mais nada. Eu alisei o peito dele por cima da camisa e sorri. — Então, o que Melanie faria?

— Não quero mais brincar disso, Peach —

gemeu, fechando os olhos. — Preciso muito ir ao banheiro.

— Eu não acho que a Melanie deixaria um cliente sair insatisfeito — refleti em voz alta, mexendo meus quadris, para desespero de Mike. —

E Smith é o tipo de cara que pagaria um pouco mais para ter uma finalização mais digna do que essa.

— Não brinque com fogo...

Eu me levantei e olhei em volta, tentando ter ideias para fazer o que desejava. O sofá poderia servir, já que a cadeira não me deixava muito segura e não suportava tantos movimentos. Michael e eu éramos magros, mas ele pesava bastante.

— Sente-se no sofá — pedi, envolvendo minha mão na dele e tentando puxá-lo.

— Sarah... — ele levantou, mas resmungou PERIGOSAS ACHERON

enquanto se jogava no sofá. — Não sei se você ainda não entendeu, então vou falar com todas as letras, sem rodeios. Preciso bater uma punheta.

Balancei meu dedo na frente do rosto dele e sorri, esforçando-me para não quebrar o meu clima por causa do resmungão. Montei sobre o colo dele, ajoelhando-me no sofá e jogando meu cabelo para o lado.

— Sou Melanie.

— Não é não — disse ele, segurando com as mãos em meus quadris. — Chega dessa brincadeira e assuma o que você está fazendo.

Oscilei sobre o colo dele e puxei as mãos que estavam em seus ombros.

— Esquece — falei, recuando para que pudesse me levantar, mas Mike apertou minha cintura e me puxou.

Eu caí sentada sobre ele, com as pernas um pouco tortas. Daquela posição, conseguia sentir que ele se excitava cada vez mais, como se fosse possível ficar mais duro.

— Ok, ok. O que vai fazer comigo, Melanie?

Ponderei, porque sentia que ele não estava mais no clima. Aquela afirmação era apenas fruto de muito tesão acumulado vindo de um cara que faria PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

qualquer coisa para gozar naquele momento.

Mas, que merda. Eu queria fazer algo para aliviá-lo porque gostava de cuidar dele. E, tudo bem, precisava admitir que minha curiosidade era um combustível para levar aquela loucura adiante.

Como seria Michael gozando?

Ajeitei-me e ergui um pouco meu corpo para poder deslizar minhas mãos pela

perna dele. Meu amigo era tão sem noção de moda que tinha ido na rua me buscar sem trocar a roupa que usava para ficar em casa. Aquela calça velha de moletom, tão larga e fina, finalmente seria útil para alguma coisa.

Tateei com meus dedos por cima do pano até encontrar a costura da cueca de Michael. Tomando cuidado para não mover a calça junto, comecei a puxar a peça íntima lentamente, pois a intenção era liberar o membro dele sem expô-lo.

Como o moletom era fino, foi muito fácil perceber a libertação daquela coisa enorme, que se moldou aos contornos do tecido. Era tão avantajado que a cena toda se tornou pornográfica demais.

Engoli em seco, mas não demonstrei minha surpresa.

— Você sabe que tem sérios problemas, não é?

— Mike sussurrou, com uma expressão de quem PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entrava em outra dimensão. — Deve ter batido com a cabeça quando criança...

— Quer que eu levante e vá embora? —

perguntei, ameaçando.

— De jeito nenhum. Fique e vamos ver até onde esse abuso vai... — falou, bêbado de tesão.

— Não estou abusando de você, Mike.

— É claro que não — ele riu, jogando um braço sobre o rosto. — Imagina se estivesse.

E então, eu parei. Foi preciso apenas uma palavra para que eu me desse conta do que estava acontecendo.

— Meu Deus, eu estou abusando de você — as palavras pesaram na minha boca. — Sinto muito.

Pulei do colo dele de forma desajeitada, mas tudo que mais queria era trocar de

roupa e deixar que Mike fizesse o que precisava fazer. Meus pés correram pelo piso frio e entrei no meu quarto, abrindo gavetas para pegar uma calcinha decente.

— Que merda foi essa que acabou de acontecer?

— Michael surgiu na minha porta e, quando me virei para ele, sua ereção me saudou. Desviei os olhos, envergonhada com minhas atitudes.

— Desculpe, Mike.

Passei uma camisa pela cabeça e aproveitei que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela cobria meus joelhos para me livrar da fantasia imbecil. A parte de baixo era presa à de cima apenas por um fecho, que eu abri com facilidade antes de jogar a calcinha colorida sobre a cama.

— Peach, o que houve? — Ele entrou no quarto e segurou minha mão. — Você parou porque achou que estava abusando de mim? Dá para ser mais específica? Não tô entendendo nada.

— É o que é — respondi, puxando minha mão e vestindo a calcinha limpa. — Não é por ser homem que você está livre de sofrer abusos sexuais. Que era exatamente o que eu estava fazendo. O tempo todo você foi reticente, foi contra, teve receio... E

eu insisti em tudo desde que entrou em casa. E eu, mais do que ninguém, deveria ter acatado sua recusa.

— Ei, respira — Mike pediu, segurando-me pelos ombros. — Você está exagerando, Peach. Eu não estava contra o que estava acontecendo, só tive medo de perder o controle e faltar ao respeito com você. Eu falei sobre abuso, mas foi apenas uma colocação infeliz.

Ele me puxou e me colou ao seu corpo, obrigando-me a sentir o quanto ainda estava excitado. Mike me deu um abraço, curvando-se PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre mim e beijando minha cabeça.

— Pareceu um abuso — murmurei, trêmula.

— Você não sabe de nada, baixinha. Não é porque estava em cima de mim, que isso significa que eu não tinha nenhum controle da situação.

— Mas você não tinha mesmo — frisei, levantando meu rosto. — Quem estava no controle de tudo era eu.

Mike abriu um sorriso largo e balançou a cabeça em negação. Suas mãos apertaram minha cintura conforme ele caminhou comigo pelo quarto, até que minhas pernas tocassem a cama.

— Não seja ingênua, Sarah — disse ele, estalando o pescoço. — Acha mesmo que alguma coisa ali teria acontecido se eu não tivesse deixado?

— Onde estava seu controle quando foi algemado? — Eu o enfrentei, levantando meu queixo com orgulho.

— Eu realmente estava algemado, mas você tem certeza que eu estava preso à cadeira?

Michael Jones olhava para mim com uma expressão faminta que me fez estremecer. Eu sentei na cama e acabei rastejando de costas de encontro aos travesseiros.

Ele ajoelhou ao redor do meu corpo e segurou PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu pé direito, erguendo minha perna no ar.

— Que linda essa sua calcinha de vó —

debochou. — Agora será impossível eu me conter.

Não esperava que a loucura fosse continuar, então acabei vestindo uma daquelas calcinhas beges sem costura, que mais se parecem com micro shortinhos.

Realmente, a sensualidade tinha passado bem longe daquela lingerie.

— Mike... — sibilei quando ele afastou minhas pernas para se colocar entre elas. — Não sei se dev...

— Eu também sei brincar, Peach. Não vou fazer nenhuma loucura.

Sem ter certeza do que ele tinha em mente, percebi que o escritor podia ser muito mais criativo do que eu. Ri, nervosa, quando ele assoprou a parte interna da minha coxa e prendeu meus pés atrás de suas costas.

— Eu compreendi o que você queria fazer com minha calça. Não é a única inteligente dentro dessa casa, Sarah Collins.

— Esquece aquilo — pedi.

Michael mexeu na calça velha e eu imaginei que estivesse fazendo o mesmo que fiz minutos antes.

Perdi o fôlego só de antecipar o que estava para PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecer, mas, quando ele colou o corpo ao meu, a sensação foi mais intensa do que eu previ.

Precisei trincar os dentes para não soltar um gemido excitado, mas ele não escondeu o quanto havia gostado do contato e sorriu, mordendo o lábio inferior.

— Melanie daria umas belas reboladas agora...

— indicou, com os olhos brilhando.

— Não sou a Melanie, seu tarado.

Há tanto tempo sem transar, percebi que estava subindo pelas paredes. Meu corpo não sabia que aquele era meu melhor amigo. O único comando que meu cérebro enviava era para que minhas mãos arrancassem minha calcinha.

Pisquei, atônita.

— Sei que não é a Mel.

— Mike! — gritei e agarrei a manga da camisa dele quando o filho da mãe rebolou para que eu não esquecesse a situação dele.

Deslizei as mãos pelas costas dele e, sem pensar, desci pelos seus quadris. Só me dei conta de que estava agarrando a bunda dele, quando o safado me olhou com um sorrisinho sacana.

— Vamos começar a tocar agora? — perguntou e, antes que eu o soltasse, enfiei minhas mãos por PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro da calça e arranhei sua pele.

— Uau, que bunda durinha!

Ele apenas estreitou os olhos e ergueu o corpo, voltando a ficar de joelhos. Pensei que fosse levantar e sair do quarto, mas o doido me puxou e levantou meus quadris, mantendo minha cabeça ainda nos travesseiros.

— Mike, olha lá o que vai fazer — adverti, segurando no lençol.

— Posso tocá-la? — ele perguntou com a voz rouca, mas os olhos não estavam encarando os meus e sim, minha calcinha.

— O quê? — ofeguei, chocada. — O objetivo não era o contrário?

Como eu era bem pequena perto dele, para abrir minhas pernas e colocá-las ao redor da sua cintura, Mike precisava literalmente me arreganhar.

Quando fez isso, deixando meus quadris deslizarem pela ereção dele, cheguei a morder a língua de tão atordoada que fiquei.

Ele inclinou-se sobre mim e fechei os olhos, porque nem conseguia encará-lo tão de perto.

— Prefiro muito mais tocar essa carne pequena e macia do que o meu pau que já cansei de segurar —

disse, com a boca colada em minha orelha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não era bem isso que eu tinha em mente. Não quis dar a intenção de que ele tinha que se tocar.

Suspirei, perdida.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Deixaria para me culpar depois por estar sendo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tão direto com Sarah, mas eu estava mesmo ansioso para escorregar meus dedos por aquela calcinha manchada que indicava o quanto ela estava lubrificada.

Sentia-me a ponto de gozar dentro da calça, mas nem conseguia pensar em mim. Meu alvo tinha se tornado aquele botão delicado entre as pernas de Peach. Ela tinha brincado com fogo mesmo quando eu mandei que tomasse cuidado.

Vê-la completamente entregue, apesar de seus avisos ocasionais, deixou-me com mais tesão. Mas eu jamais faria qualquer coisa sem que ouvisse a autorização sair por aqueles lábios grossos e pintados de vermelho.

— Ah, Mike... — Ela levou uma mão ao rosto e eu podia ver que estava envergonhada.

— Onde está a Melanie dentro de você? —

perguntei, roçando meu pau e arrancando um suspiro dela.

— Já acabou o expediente dela. — Os olhos castanhos me encararam por uma fração de segundo antes que ela virasse o rosto na minha direção e baixasse os olhos. — Acho melhor não, Mike...

Respirei fundo e enfiei meu nariz dentro do PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

cabelo dela, contando até dez. Então, beijei o cantinho de sua boca e me afastei. Eu não tinha o direito de insistir em algo que não fazia parte da relação que construímos. Talvez, fosse bom mesmo para não complicar as coisas depois.

— Vou tomar um banho e bater uma punheta antes que minhas bolas caiam — avisei, rindo da minha própria desgraça.

— Eu vou continuar aqui na cama, fingindo-me de morta até cansar.

Depois de finalizar o terceiro capítulo naquela noite, admiti que precisava agradecer a Sarah. A brincadeira dela havia me rendido muita inspiração e conteúdo para os momentos em que Melanie precisava trabalhar na boate.

Afastei minha cadeira e girei de frente para a porta, que estava fechada. Tinha saído do banho e preparado uma janta rápida para nós dois, mas Peach ainda estava na fase da timidez com tudo que rolara entre nós. Ela tinha levado o prato para frente do televisor e fingiu estar muito ocupada com o filme para não precisar conversar. Eu a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conhecia como a palma da minha mão.

Saí do escritório e desliguei a luz. A caminho do meu quarto, parei na porta dela. Nunca fechávamos nossas portas, a não ser que estivéssemos acompanhados.

Sarah dormia abraçada a um travesseiro comprido que ela amava e que eu dizia ser substituto de homem. Entrei tomando cuidado para não a acordar e puxei a coberta para agasalhar os pés que ficaram para fora.

Quando fui me inclinar para beijar sua cabeça, os olhos castanhos se abriram e me fitaram. Sorri, pego no flagra.

— Volte a dormir — sussurrei, alisando o cabelo dela. — Só vim cobrir você.

— Fica — pediu, bocejando e levantando o edredom para que eu entrasse em seu casulo. —

Estava tendo um pesadelo.

Descalcei meus chinelos e me enfiei ali dentro com ela, passando um braço ao redor do seu corpo e puxando-a para perto de mim. Não era a primeira vez que um invadia a cama do outro no meio da madrugada.

— Quer contar sobre o que era? — perguntei, fazendo cafuné para que ela adormecesse.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Tinha um rinoceronte me perseguindo em plena *Times Square*.

Eu queria manter o clima tranquilo e pacato, para que Sarah não despertasse e pudéssemos dormir. Só que não aguentei aquela confissão e soltei uma gargalhada que até nossos vizinhos de andar devem ter escutado. Um rinoceronte?

Esperava algum pesadelo sério e intenso, não aquilo.

— Não sei do que você tá rindo — ela fungou e deu uma joelhada em mim. — Você já viu o tamanho do chifre de um rinoceronte?

— Talvez seja o seu subconsciente fazendo uma alusão ao tamanho do meu pau.

Sarah levantou os olhos e quase me lançou uma rajada a laser antes de se virar de costas para mim.

— Se você abrir a boca mais uma vez, te jogo pra fora da cama — avisou.

Nossa manhã foi interessante, pois era sábado e Sarah não trabalhava aos finais de semana. Quando acordou, não teve a desculpa de sair correndo e não olhar para minha cara.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela se espreguiçou ao meu lado, jogando as pernas por cima das minhas e virando o rosto.

Pisquei, com o cuidado de não falar nenhuma idiotice que a afugentasse.

— Bom dia! — falei.

Ela franziu a testa e bocejou, para em seguida olhar na direção da janela. Se esticou para pegar o celular que estava sobre a mesa de cabeceira e, então, se sentou na cama.

— Merda! — xingou. — Minha mãe vai me matar! Merda!

Sarah chutou a coberta longe e pulou da cama com pressa. Eu me sentei, ainda sonolento, sem conseguir entender a merda que tinha acontecido.

Enquanto ela andava de um lado ao outro, arrumando o que ia vestir, foi impossível desviar os olhos da calcinha que tinha se enfiado na bunda.

— O que está acontecendo? — perguntei, confuso.

— Minha mãe pediu que eu fosse trabalhar hoje porque tanto Newton quanto Pamela, que trabalham nos finais de semana, estão doentes. E papai e ela estão fazendo aniversário de casamento hoje, então já tinham planejado essa folga há semanas. — Ela parou para me olhar, com a toalha de banho na PERIGOSAS ACHERON

mão. — Não tive como negar porque, se não fosse esse casamento, eu sequer teria nascido.

— Não é o fim do mundo — falei, saindo da cama para deixá-la se arrumar em paz. — Você só vai se atrasar um pouco, eles poderão aproveitar com calma.

As mãos pequenas tocaram em minhas costas e Sarah me empurrou para fora do quarto.

— Pois é, que bom que você pensa assim, bonitão. Porque prometi a eles que o levaria comigo, já que não tenho como atender os clientes e colocar as comidas no forno ao mesmo tempo.

— Você fez o quê? — eu me vi histérico e por pouco não a asfixiei, mas a criatura entrou no banheiro e bateu a porta na minha cara. — Sarah, não sei se você percebeu, mas estou no meio de um processo de escrita!

— Melanie e Smith não vão sair correndo, Mike. Eles estarão no mesmo lugar quando você voltar. Vai se arrumar!

Aquilo não podia estar acontecendo. Arrastei meu corpo preguiçoso até o quarto e pensei na roupa mais ridícula que eu poderia vestir, só para irritar Sarah Collins.

23

Sarah

PERIGOSAS NACIONAIS

Por mais que fosse um saco ter que passar o sábado no trabalho, agradeci aos deuses que mexeram os pauzinhos para que aquilo acontecesse.

Era muito mais fácil brigar com Mike por causa das fornadas de pães queimados do que conversar com ele sobre o que acontecera na noite anterior.

E, sério, o que foi tudo aquilo que aconteceu?

Eu ainda não conseguia — ou não queria —

acreditar nas coisas que fizemos. Pior ainda era lembrar o que *quase* fizemos.

A nossa sorte era que o movimento ainda não estava intenso, pois Michael não conseguia se entender com o forno. Em um determinado momento, entre um cliente e outro, deixei o balcão e entrei na cozinha. Meu amigo estava sujo de farinha de trigo dos pés à cabeça e olhava muito sério para as várias bandejas espalhadas pela bancada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que você vai conseguir assar um *croissant* no ponto certo ainda hoje?

Com as mãos na cintura, ele me lançou um olhar assassino e eu sorri. Até que ficava uma gracinha com aquele cheiro de fermento impregnado em suas roupas.

— Sou escritor, não padeiro — reclamou, arregaçando as mangas da blusa velha. — Devia ter pensado nisso antes de oferecer a minha ajuda sem que eu sequer soubesse.

— Pare de ser um bebê chorão. — Revirei os olhos, cutucando um pão todo queimado. — Não é tão difícil controlar um forno.

Mike se aproximou sorrateiro e, sem que eu conseguisse prever, ele passou a mão pela farinha espalhada na bancada e deslizou alguns dedos pelo meu rosto.

Senti meu queixo cair tamanha a surpresa e a vontade de socar aquele rosto abusado, mas ouvi alguém chamar lá no salão.

— Da próxima, será no cabelo — avisou ele, sorrindo. — Não me provoque.

Atendi o cliente que acabara de chegar ao mesmo tempo em que esfregava meu rosto.

Michael Jones era um idiota filho da mãe. De onde PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu havia tirado a ideia de levá-lo para ajudar na lanchonete? Pelo visto, a única coisa boa que ele sabia cozinhar era panqueca.

O movimento caiu bastante no início da tarde e eu me curvei sobre o balcão, alongando as costas.

Torcia para que o tempo passasse mais rápido e pudesse ir embora, pois trabalhar sem papai na cozinha era um inferno.

Aproveitei a lanchonete vazia para começar a contar o dinheiro do caixa. Quando um *muffin* de formato perfeito apareceu diante dos meus olhos, mal pude conter a emoção.

Virei-me para trás e vi o sorriso largo de Mike, orgulhoso pela comida que exibia como um troféu.

— Nada que uma boa leitura na internet não tenha resolvido. — Ele girou o *muffin* entre os dedos e o ofereceu a mim. — Pode provar sem medo, está delicioso. Estou até pensando em pedir emprego para seu pai, caso um dia as pessoas parem de comprar meus livros.

Dei uma mordida e mastiguei devagar, sentindo a textura e o sabor. Eu

reconheceria de olhos fechados um *muffin* feito por papai porque era o melhor do mundo, mas Michael estava de parabéns.

Tinha mesmo ficado delicioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito bem! — Agitei o cabelo dele, sentindo os fios encorpados por causa da farinha. — Você está imundo, mas foi tudo por um bom motivo.

— Mereço muitos beijos.

— Não exagere.

Observei as mãos que Michael apoiou ao redor do meu corpo conforme se inclinou em minha direção. Os olhos verdes escrutinaram meu rosto, mas me esforcei para não esboçar nenhuma reação que me denunciasse.

— Olha quem fala, a rainha do exagero. Acha que esqueci do show de ontem, Peach?

Estava pronta para responder quando ouvi o barulho da porta e me libertei das garras dele para atender os possíveis clientes. Duas garotas que pareciam ter a minha idade acabavam de entrar na lanchonete. Enquanto uma mexia na carteira, a outra encarava Mike com os olhos arregalados.

— Ah, meu Deus! Não acredito que o Michael Jones está diante de mim! — Ela tapou a boca com as mãos. — Eu li todos os seus livros!

A outra menina estreitou os olhos enquanto olhava para o escritor, mas não o reconheceu. Ela sorriu para a amiga, porém, deu de ombros.

— Ele escreveu aquele livro do qual eu te falei PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— disse, para a que tinha se mostrado alheia ao assunto. — Degraus.

Mike havia galgado um nível superior, quase para imortais, quando publicou

Degraus. Era a galinha de ovos de ouro dele.

Sorri, anotando o pedido da segunda garota, enquanto a primeira pegava o autógrafo de Michael. Ela fez questão de tirar uma *selfie* com ele, coisa que eu sabia que o deixava todo encabulado e ajudei quando pediu que eu fotografasse os três.

— Quando você vai lançar o próximo livro? —

perguntou, se debruçando sobre o balcão sem se importar que Mike estivesse todo sujo. — Já estou em abstinência.

— Infelizmente, o próximo está previsto apenas para o segundo semestre do ano que vem.

— Jura? — De forma exagerada, ela grudou a testa no vidro do balcão. — Não aguentarei viver até lá.

Ele sorriu, completamente deslocado. Mike odiava ser o centro das atenções, principalmente quando vinha de uma mulher. Quando pediu licença e se enfiou na cozinha, eu sabia que era uma desculpa para fugir da garota.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As duas se sentaram numa mesa próxima da cozinha, na esperança de ver o ídolo mais uma vez.

Suspirei, sem conseguir me acostumar com aquela fama da pessoa que dividia o apartamento comigo.

— Ele é gato demais — a garota comentou com a amiga. — Você reparou na bunda dele?

Ei! Não achei o assédio legal. Ela nem tinha como saber que a bunda de Mike era mais durinha do que parecia.

— Dizem que escritores têm dedos ágeis — a outra fez um gesto obsceno com a mão e eu me perguntei qual era a idade daquelas garotas.

Pensei nos dedos de Michael e em como eu nunca olhei para eles com aqueles olhos depravados que as meninas tinham. Ontem eu tivera oportunidade de provar se aquela afirmação era verdadeira, mas não tive coragem. Estava enlouquecida e Mike tinha feito uma proposta tentadora, mas tive muito medo de cruzar a linha invisível que separava um tipo de relacionamento do outro.

Ele não apareceu de novo enquanto elas estiveram por ali, e, mesmo depois que foram embora, eu só vi Michael na hora de encerrar o dia e fechar a lanchonete.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Aquela quarta-feira tinha sido uma das mais produtivas desde que comecei a trabalhar no livro novo. Havia passado a manhã e a tarde inteira escrevendo e aquilo me rendeu quase cinquenta páginas bem construídas.

Tinha decidido tirar a noite para me alimentar de cultura e ia chamar Peach para assistirmos algum filme no cinema.

Estava dentro do banho, aproveitando para me aliviar depois de mais uma tarde cheia de tesão incubado, quando ouvi a voz de Sarah me chamar.

Rezei para que ela não pedisse licença para mijar nem tentasse interromper

minha punheta de alguma forma.

Com os pés afastados, sentindo a água escorrer pela minha nuca, eu gozei de olhos fechados, imaginando Melanie engolindo até a última gota.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Sarah estava de calcinha e sutiã no quarto quando saí do banheiro. Antes que eu conseguisse fugir, ela correu até a porta e me puxou pela mão.

Tive que agarrar minha toalha para não cair quando ela me empurrou para sentar na cama.

— Tenho um encontro e preciso da sua opinião masculina — falou, afobada demais para meu gosto. Cocei minha barba que eu precisava raspar enquanto ela rebolava a bunda até o armário e puxava alguns cabides. — Tem um cara que vai sempre na lanchonete e é tão insistente que eu acabei concordando em sair com ele. Mas adivinha? Ele é baterista de uma banda e me convidou para assistir ao *show* dele hoje. Não que eu esteja interessada nele, mas sabe como é, preciso ficar gata.

— Qual o nome do cara?

— David alguma coisa. Não importa.

Suspirei, sabendo o que aconteceria em seguida.

Sarah sairia algumas vezes com ele, agiria como se não fosse nada sério, sem querer se apegar e se comprometer, para um mês depois dar um pontapé na bunda do pobre coitado, dizendo que não tinha PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorte no amor. Entraria na fossa, choraria no meu ombro e eu recolheria os cacos em seguida. Eu odiava que ela se tratasse assim, que não acreditasse em seu próprio potencial.

— Então, qual fica melhor para uma pessoa descolada, *sexy*, transada, ousada e inteligente? —

Ela balançou um vestido em cada mão. — Deixa, eu vou vestir.

Colocou primeiro o vestido marfim com renda por cima do tecido, que ficava bem justo no corpo.

Ele tinha um modelo de decote que evidenciava os seios e os fazia parecer maiores. Ela deu uma voltinha e eu levantei o polegar.

O segundo vestido ela já tinha repetido mais vezes, mas ficava perfeito em Sarah. Era vinho, aveludado e de mangas compridas com um decote redondo. Como o tecido era bem fino, marcava pra cacete cada pedaço do corpo dela.

— Com qual eu fico mais gostosa?

— Com esse — respondi sem me preocupar com a sinceridade extrema. — Mas a calcinha fica muito marcada.

Ela virou para olhar a bunda no espelho e deu de ombros.

— Vou de fio-dental.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vai para um *show* com esse vestido curto e apenas um fio-dental? — perguntei, tentando esconder minha irritação. — Sabe que vão passar a mão na sua bunda, né?

Ela revirou os olhos e sorriu, toda dona da verdade.

— Eu vou a um encontro.

— Onde o cara do encontro estará em cima do palco — retruquei. Eu me levantei, apertando novamente a toalha afrouxada e sorri de volta para ela. — Vou com você.

Saí do quarto antes de dar chance que ela fizesse alguma reclamação, mas pude

ouvir os passinhos apressados pelo assoalho. Ela corria atrás de mim e eu fechei a porta ao entrar no meu quarto.

— Estou pelado! — gritei.

— E daí? — Ela bateu na porta. — Você não pode ir porque eu não te convidei, Mike. Como vou chegar num encontro com um amigo pendurado a tiracolo, me explica?

Entreabri a porta, colocando só minha cabeça para fora e vi que Sarah estava emburrada.

Confesso que estava sendo possessivo, mas também rolava preocupação por saber que ela estaria o *show* inteiro sozinha, cercada por um PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bando de marmanjo. Até mesmo se acontecesse uma briga no meio da plateia, ela viraria patê antes de conseguir se defender.

— Faça uma boa ação — pedi. — Estou precisando sair e ver gente diferente, ou vou pirar aqui nesse apartamento.

Ela franziu os lábios, olhou para as unhas e suspirou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

25

Sarah

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu esperava não me estressar com a vinda de Michael ao meu encontro com David. Talvez tenha sido uma péssima ideia e eu fui idiota em concordar com isso, mas sabia que Mike precisava mesmo sair um pouco e relaxar. Combinamos que ele me faria companhia durante o tempo em que David estivesse ocupado com o *show* e, depois, cada um iria para um lado.

Ao chegarmos, percebi que David e sua banda deviam ser bem conhecidos. O local estava lotado para assistir aos “Bavarians”. A casa de *show* s possuía um bar que ocupava toda a extensão de uma das paredes laterais e à frente, ficava o palco.

O ambiente era muito escuro e tinha muito mais homem que mulher.

— Vocês combinaram de se encontrar antes do *show*? — ele gritou no meu ouvido e eu balancei a cabeça, negando.

Como a música estava muito alta, eu apenas gesticulei na direção do bar e ele me seguiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pedimos cerveja e ficamos encostados ali por um momento, estudando o espaço para escolher o melhor lugar na hora que David começasse a tocar .

— O que esse cara canta? — perguntou.

— Não faço ideia — respondi, tomando um longo gole da minha cerveja. Eu nem sabia direito o que me levou a aceitar o convite. Talvez tenha sido pra minha mãe parar de me encher o saco. Ou por carência mesmo. Acho que o livro de Mike estava começando a me afetar.

Enquanto ele olhava em volta, distraído, notei uma mulher do outro lado de Michael, muito interessada nele. Por mérito meu, o escritor tinha colocado uma de suas camisas com gola em v e mangas compridas, cinza desbotada que combinava muito com os olhos dele. Escolhi o *jeans* escuro que valorizava a bunda bonita que ele tinha e que ela, inclusive, comia com os olhos.

Eu me pendurei no ombro dele para cochichar em seu ouvido, já que era distraído demais para notar coisas como aquela.

— Olha pro lado porque tem uma mulher gata te dando mole — avisei.

Como ele era uma pessoa discreta demais, levou quase dois minutos para, enfim, olhar a mulher. Ela PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pareceu feliz por ter recebido a atenção dele e quando Mike perguntou seu nome, eu levantei para procurar pelo banheiro.

Tirei um tempo para retocar a maquiagem e arrumar o cabelo antes de voltar para Michael. Só que deu muito errado, pois não o achei no lugar onde o deixei. A mulher ainda estava lá, mas não foi muito útil para me ajudar a encontrá-lo.

Agravando o desencontro, o *show* foi anunciado para começar em cinco minutos, ou seja, as pessoas correram para se amontoar de frente para o palco.

O lugar, que já parecia cheio quando chegamos, agora estava lotado.

Eu me enfiei no meio da multidão, tentando descolar um local bom para assistir ao *show*. Estava usando saltos bem altos justamente para não ficar sem enxergar nada. Comecei a olhar em volta, procurando por Mike e, Graças a Deus, ele era alto.

Eu o encontrei há uns trinta metros de mim e me esforcei para alcançá-lo. No caminho, verifiquei que ele estivera certo sobre minha roupa, pois senti algum infeliz passar a mão na minha bunda.

— Peach! — Ele arregalou os olhos quando me viu e diminuiu a distância entre nós. — Onde você foi?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ao banheiro — respondi, passando os braços ao redor da cintura dele. — Não me perca mais.

— Eu fui procurá-la quando vi que tinha sumido.

As luzes piscaram e a massa humana nos fez cambalear. Mike se colocou atrás de mim como um cão de guarda enquanto eu olhava para o palco e tentava ver David.

— Que merda de encontro é esse? O cara te chama pra vê-lo tocar, ciente de que você ficaria sozinha aqui embaixo?

Eu dei de ombros, porque não adiantava ficar falando sobre o assunto naquele momento. Era uma droga de encontro mesmo, mas a idiota era eu por ter concordado. Ele merecia ter demorado mais uns meses para conseguir que eu respondesse a uma mensagem de texto.

A banda entrou e logo identifiquei David, na bateria como havia dito. O som que começou a tocar tinha um estilo parecido com o do U2, mas nunca

tinha

ouvido

a

música

na

vida.

Provavelmente, era de autoria própria. Michael morreria de tédio naquele *show* e me cobraria pelo resto da vida.

Na segunda música, mais agitada, eu virei a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça para trás e sorri para ele, que parecia mais interessado em olhar à nossa volta do que para o palco. Agitei meus braços sobre a cabeça e cutuquei seu peito com meu ombro. Ele sorriu de volta, passando um braço pela minha cintura quando nos empurraram pra frente.

Com medo de cair, grudei em Mike e segurei o braço dele. Se meu pé virasse sobre aquele salto, eu teria que sair carregada dali de dentro.

— Tudo bem aí? — Senti o hálito dele em minha orelha e balancei a cabeça.

— Só um pouco apertado. Não me deixe cair!

Ele apertou o braço ao meu redor de forma tão exagerada que podia me tirar o ar. Dei um cutucão para que afrouxasse e senti novamente seu hálito.

— Quer ir embora?

— Não, Mike — respondi, virando o rosto de lado. — Quero ficar.

No palco, a música acabou e o vocalista veio mais à frente para falar com o público. Ele sim, era gostoso demais. David não chegava aos pés.

— Fala, galera! Boa noite! Dá pra ver que vocês estão mega animados e isso nos fortalece ainda mais! Vamos parar um pouco com as autorais e colocar fogo aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O público, que pelo visto era muito fã deles, foi ao delírio. E em seguida, começou a tocar *Ordinary Love*, do U2.

Michael se animou, porque ele amava U2. Senti o corpo dele balançar com algo que parecia ser uma tentativa de dança e prendi o riso. Para falar a verdade, eu estava adorando nosso momento juntos fora de casa. Quase não saíamos para nos divertir.

Lá pela quinta ou sexta música, já não tinha mais certeza, com o ritmo se agitando e o povo pulando, as coisas começaram a ficar estranhas. Eu estava de salto, então me aproximava mais da altura de Mike. Por causa disso, e eu confesso que foi um pouco de culpa minha, mas minha bunda se mexeu bastante.

Assim que senti a ereção dele tomando forma, minha primeira reação foi ficar imóvel. Aquilo não podia estar acontecendo. Tinha uma multidão na nossa

frente, atrás da gente e dos lados. Não havia para onde correr.

— Desculpa... — Não demorou que ele dissesse algo, com a voz mais pesarosa possível, no meio de uma música do Coldplay que eu adorava. — Foi mais forte que eu, Peach!

A mão que estava em minha cintura sumiu e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando virei o rosto para trás, os olhos dele suplicavam por perdão.

— Vou ao banheiro, não saia daqui — disse Mike.

— Se você sair, não vai conseguir voltar —

comecei a rir, como sempre acontecia nesses momentos constrangedores. — Tá tudo bem e, cá entre nós, essa não é a primeira vez que sinto sua...

animação.

Trouxe o braço dele de volta para a minha cintura e olhei pro palco, tentando focar em algo que não fosse o pênis atrás de mim. Era Michael, afinal. Estava tudo bem.

— Eu já volto — ele sussurrou novamente, muito incomodado.

Eu me virei de frente, espremendo-me naquela massa humana, e passei os braços pelo pescoço dele.

— Não vai não. — Mike parecia prestes a sofrer um ataque cardíaco de tão tenso. Com o rosto erguido para ele, estalei a língua. — Deixa pra lá, esquece... Aproveita o *show*.

Cantarolei um trecho da música, ciente de que dava para sentir aquela ereção de todos os ângulos.

Os olhos verdes estavam vidrados nos meus e eu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia que estava, mais uma vez, brincando com fogo.

Ele passou uma mão pelo cabelo e respirou fundo, desviando os olhos para o palco. Eu me virei de novo para assistir o *show* e aproveitei o embalo da música para tirar uma casquinha daquele volume todo. Ah, eu ia maltratar Michael Jones para me vingar por todos os anos em que babei por ele.

Dancei, me remexi, me esfreguei o quanto pude nele, sem sequer lançar um olhar para trás. Não sei que bosta estava se passando na minha cabeça, mas eu simplesmente não conseguia parar. Até o momento em que a mão dele ficou pesada sobre meu abdômen e senti Mike se curvar sobre mim.

— Eu estava me sentindo culpado até agora, mas é impressão minha ou você está me provocando, Peach? — Ele me pressionou com tanta força contra seu corpo, que eu achei que meu vestido tivesse levantado.

Fiquei sem ar e sofri um arrepio estomacal.

Neguei com a cabeça, pois falar poderia me denunciar. Levantei os braços junto com o público, acompanhando o ritmo da música e ignorando Mike. O volume parecia crescer ainda mais, como se fosse possível. Qual era o tamanho, afinal?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabia que ele estava sofrendo, mas eu também estava. Tinha medo de que minha calcinha encharcasse

tanto,

que

minha

lubrificação

escorresse pelas pernas. Será que era possível?

Achei que fosse entrar em combustão espontânea quando as mãos de Mike

seguraram meus quadris e eu comecei a rebolar ao ritmo da música.

Meu amigo havia se aproveitado do espaço escuro e apertado pela multidão à nossa volta e levantara a frente do meu vestido de forma que seus dedos pudessem deslizar até minha virilha. Causou-me arrepios fenomenais a leve pressão que o toque dele exercia conforme roçava no elástico da calcinha.

Quando senti Michael atrás de mim, tremendo como se estivesse passando mal, eu me penalizei.

Puxei-o pela mão e comecei a passar pela multidão, rebocando um pobre coitado muito excitado.

Depois de vencermos a última fileira de cabeças, Mike chegou a tropeçar nos próprios pés quando acelerei meu passo.

— Posso saber onde estamos indo? Peach! Pelo amor de Deus! Tô de pau duro!

— Estou te levando ao banheiro — gritei sobre meu ombro. — Aguenta firme, parceiro!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele puxou a mão de volta e parou de andar, obrigando-me a virar de frente para o encarar. Foi inevitável reparar na calça apertadíssima naquela região e tive que me controlar para não rir. Mike passou as mãos pelo cabelo desalinhado, e recuou.

— Vou para casa, você fique porque o *show* já deve estar perto de acabar — falou num fôlego só.

Eu ia matar um escritor!

— Quer vir aqui e parar de falar? — Agarrei a camisa dele e o puxei pelo caminho que eu tentava seguir antes de ser interrompida.

A música alta não me deixava ouvir, mas eu tinha certeza que ele estava bufando e praguejando atrás de mim.

Quando chegamos na porta do banheiro masculino, coloquei a cabeça para dentro e não vi nenhum indivíduo lá dentro. Puxei Mike, quase rasgando a camisa que eu adorava.

— Isso é um banheiro masculino — ele reclamou. — Sabe que não pode entrar, né?

— Cala a boca!

Empurrei a criatura para dentro de um dos reservados e fechei a porta. E, então, a gente se encarou e acho que Michael entendeu o que eu pretendia fazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sarah...

— Eu tô muiiiiito excitada — gemi, apertando as coxas uma contra a outra, entrando em combustão. — Essa é a hora que você deve fazer alguma coisa.

Mal terminei de falar e Mike me puxou pelo braço e invadiu minha boca com a língua. Estava tão atônita com todas as sensações que passeavam pelo meu corpo, que fiquei alguns segundos sem nem saber onde apoiar as mãos. Ele estava mais lúcido do que eu, porque sem nem pedir licença, afastou minha calcinha para o lado e me penetrou com um dedo.

— Ai Deus... — Meus joelhos falharam, mas Michael me ergueu no colo com um braço e eu passei minhas pernas ao redor de sua cintura.

Socorro que a criatura tinha mais pegada do que todos os homens com quem eu já dormi, juntos!

A forma como ele me olhou, a excitação que era dirigida a mim, tudo contribuiu para que eu confirmasse, mesmo em silêncio, o que gostaria que acontecesse.

— Daqui, não tem mais volta — Mike advertiu, olhando-me com receio. — Tem certeza?

Agarrei o cabelo dele e o beijei, sugando sua PERIGOSAS ACHERON

língua com urgência. Minhas costas grudaram na porta da cabine e, quando eu achei que precisaria ajudar meu amigo a abrir a calça, fui invadida por ele. Que porra de membro grande, caralho!

Acabei gemendo muito alto, sem conseguir me preocupar com o local público.

— Eu sou pequena, tá? — murmurei e fechei os olhos quando ele levantou o rosto para me observar.

Senti que ele deslizou com mais delicadeza para dentro de mim, mas eu já estava acabada, gozando num tempo recorde. Deixei minha cabeça pender para trás quando Mike me afastou da porta e dobrou o corpo sobre o meu, aumentando o ritmo das estocadas como se fosse um cachorro no cio, fazendo eu sentir cada veia daquele membro que lançava jatos dentro de mim.



Gozar com Sarah se contraindo em meu pau foi algo além das minhas expectativas. Meu coração batia acelerado quando me senti seco, mas ciente de ainda estar dentro dela. De olhos fechados, Peach parecia curtir o momento tanto quanto eu. Nunca tinha visto aquela sua faceta, as pálpebras trêmulas, as bochechas muito mais coradas do que o habitual, os lábios entreabertos e um filete de saliva acumulada no canto da boca.

Quando abriu os olhos, deixei que escorregasse pelo meu corpo até que tocasse os pés no chão. O

pescoço estava cheio de marcas vermelhas que eu havia deixado com os meus dentes. Ato falho meu.

Ajeitei e fechei minha calça, encostando-me numa das paredes, puxando Sarah para perto e a acolhendo em meus braços.

— Acho que fomos rápidos demais — falei com a boca roçando o cabelo dela, pois a rosto de Sarah PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

estava colado em meu peito.

Ela murmurou palavras desconexas e eu ri porque era bem a cara dela, armar o circo todo e depois perder a voz. Como estava pisando em território desconhecido, também fiquei calado por um instante, tentando pensar no tamanho do problema em que nos metemos.

— Preciso... hm... — Sarah se afastou o máximo que conseguiu naquele cubículo apertado e puxou o papel higiênico — preciso me limpar.

Seus dedos delicados tremiam quando ela se virou de costas para mim. Depositei um beijo em seu ombro e saí do reservado para dar um mínimo de privacidade a ela. Sarah saiu dois minutos depois, totalmente refeita e com o cabelo arrumado.

O silêncio dentro do carro estava me incomodando, mas não era um assunto para ser debatido com um motorista presente. Tentei, diversas vezes, decifrar o que se passava naquela cabecinha, mas era impossível.

Nem mesmo eu conseguia compreender o que tinha acontecido. Ou melhor, por que tinha PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecido. A iniciativa foi de Sarah, eu nunca cogitaria

transar

num

banheiro

público,

principalmente com ela. Aquele ogro que parecia um homem das cavernas e que não teve a menor delicadeza, não me representava.

Ao chegarmos, Peach entrou no prédio enquanto eu ficava para pagar o táxi. Encontrei a porta do apartamento aberta e fui atrás do rastro dela, que estava bebendo água. Parei ao lado da geladeira, de braços cruzados, e esperei.

Quando se virou para guardar a garrafa, deu de cara comigo.

— Tudo bem? — perguntei, desconfiado.

— Sim — ela balbuciou, sem me olhar nos olhos.

Eu me senti nervoso com aquele silêncio, já tinha dado várias chances para a pessoa se pronunciar. Como não funcionou, segurei seus dedos e a puxei para perto. Afastei o cabelo para expor o pescoço dela e vi a pele se arrepiar.

— Estou preocupado — beijei o ombro —

porque não é do seu estilo — beijei o pescoço —

ficar tão calada...

Senti as mãos empurrarem meu abdômen enquanto beijava a orelha pequenina e Sarah PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abaixou a cabeça.

— Mike...

Parei de tocá-la e respirei fundo, apoiando meus cotovelos na bancada atrás de

mim. Ela não queria, ponto final. Só Deus sabia onde tinha se enfiado a Sarah do banheiro, pois eu tinha curtido bastante aquela garota.

— Peach, isso é novo para mim também. Estou tentando entender como tudo aconteceu tão rápido, mas a única coisa que sei é que foi bom demais pra que eu fique me lamentando de alguma coisa —

falei, alisando o braço dela. — Vou tomar banho e deitar. Se você quiser, vá lá para o quarto. Se não, amanhã a gente conversa. — Beijei o rosto dela e deixei a cozinha.

Surreal! Meu corpo ainda pedia por mais, como se tentasse compensar os dias, semanas e meses que ficou longe de uma mulher. Eu vinha há tanto tempo com esse tesão incubado, que nunca gozei tão rápido quanto dentro daquela boate.

Enquanto repassava as últimas horas na memória, tomei um banho ligeiro e me sequei. Ao voltar para o quarto, Peach estava sentada no meio da minha cama, ainda com a mesma roupa.

Mantive contato visual com ela enquanto PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escolhia algo para dormir. Ao vê-la com os lábios pressionados, eu sabia que desejava falar alguma coisa, mas estava pensando demais.

— Você está bem mesmo com o que aconteceu?

– perguntou ela, de uma vez.

— Muito bem — respondi, vestindo uma cueca boxer por baixo da toalha. — Podia repetir o que aconteceu a noite toda.

Soltei a toalha sobre a cômoda, indo até minha cama e me inclinando na direção de Sarah. Nossos rostos ficaram na mesma altura e eu pude enxergar a dúvida nos olhos escuros.

— Eu já saquei que você se arrependeu e não tem nada demais, tudo vai continuar igual entre a gente. — Dei um beijo de leve em sua testa.

Ela se ajoelhou na cama e se aproximou, apoiando as mãos nos meus ombros. Fiquei imediatamente alerta, sem saber muito bem o que esperar dessa atitude.

— Você sabe que não sou santa.

— Sei.

— Não estou arrependida, só envergonhada. —

Ela esfregou o rosto com as duas mãos e voltou a apoiá-las em mim. — Eu que causei isso tudo porque achei engraçado te torturar um pouco, mas PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nem nos meus mais loucos sonhos, sonhei que um dia nós fôssemos transar.

Decidi segurar aquelas mãos pequeninas e levei-as para trás das minhas costas. Lentamente, fui meio que obrigando Sarah a se deitar em meu colchão enquanto mantinha suas mãos presas nas minhas.

— Eu já entendi — falei. — Amanhã eu deixo que você passe o dia inteiro com vergonha. Mas hoje... ainda é hoje.

Ela molhou os lábios entreabertos e, quando soltei meu peso sobre seu corpo, aproveitei para mordiscar aquela boca.

— Você não está me levando a sério —

reclamou, tentando soltar as mãos.

Quanto mais Sarah tentava fugir, mais ela abria as pernas e eu me acomodava entre elas. No entanto, eu soltei suas mãos e apoiei as minhas ao lado de sua cabeça. Os olhos castanhos me encararam, surpresos.

— Se quer fugir, fuja — avisei. — Te dou essa chance.

Ela revirou os olhos, mas permaneceu imóvel.

— Cadê meu amigo *nerd* que sempre precisa de um empurrão pra pegar mulher?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha gargalhada fez com que ela relaxasse um pouco e aproveitei para deslizar minha mão por baixo do vestido. A pele arrepiada foi um incentivo a mais quando encontrei a tira lateral da calcinha e comecei a puxá-la para baixo.

— O mesmo *nerd* continua aqui — respondi. —

Posso não ter muita disposição para chegar nas mulheres, mas eu sei o que fazer quando estou com uma, Peach...

Sem desviar meus olhos dos dela, joguei a calcinha no chão e percorri cada extensão do seu sexo macio e úmido, pronto para mim. Estimulei seu clitóris, arrancando alguns suspiros ofegantes, enquanto pensava em tirar logo aquele vestido.

— Você se acha espertinha, mas tenho alguns anos de vantagem em cima — sorri, infelizmente tendo que levantar da cama, pois precisava de uma camisinha.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não aguentava mais. Queria explodir! Puxei Mike pelo elástico da cueca e ele caiu em cima de mim. Virei o jogo, rolando com ele na cama e montei em seu corpo. Antes que minha coragem corresse e enfiasse num buraco bem distante, puxei meu vestido pela cabeça e fiquei só de sutiã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisamos de camisinhas, sua apressada! —

Ele tentou se levantar, mas eu não deixei.

— Eu tomo pílula e sempre me protejo — falei.

— E você? Eu sei que sim.

Michael estreitou os olhos e eu fechei os meus, rebolando sobre a ereção dele. Quando senti seus dedos tocarem meu sutiã, deixei que ele mesmo tirasse a peça. Meus peitos eram pequenos, mas eu sabia que naquela posição nenhum homem reclamava.

Eu me curvei para frente e beijei a boca de Mike, dessa vez, devagar. Ele tinha um gosto bom, que eu parecia conhecer a vida toda. Senti suas mãos alisarem minhas costas e me pressionarem contra seu corpo até encontrarem minha bunda.

Senti a fricção deliciosa contra o tecido grosso da cueca e... Calma aí. Por que ele ainda estava de cueca?

— Não se mova. — Levantei, com meu dedo em riste.

Sem me importar se ele estava preparado ou não, eu o despi daquela peça íntima inútil, revelando um membro magnífico e enorme que me deixaria totalmente assada no dia seguinte. Subi de novo sobre Mike, que sacudiu o corpo com uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

risada.

— Quanto romantismo — disse ele.

Sem entrar na brincadeirinha dele, porque o negócio agora estava ficando sério, eu me ajeitei de forma a receber todo aquele monumento. Cravei as unhas nos braços de Michael, que, de olhos fechados, alisou minhas coxas.

Gemi, protestando com o tamanho dele e me movi sem pressa. Mike me puxou pelos braços, me deitando sobre seu peito com a intenção de alcançar minha bunda. Ele puxou meu lábio com os dentes, enquanto envolvia meu corpo com os braços e ditava o ritmo das estocadas.

A saliva escorreu de nossas bocas, ele rebolou dentro de mim e eu não sabia que tudo aquilo podia ser tão gostoso como estava sendo.

— Linda — ele sussurrou, passando os dedos pelo meu cabelo. — Você é linda demais.

Eu deixaria para tecer elogios mais tarde, porque minha boca estava seca. Gemi baixinho quando ele ergueu meu quadril só para se enterrar dentro de mim num supetão. Quando Mike pediu, girei sobre o corpo dele e lhe dei as costas, sentindo ainda mais prazer com a nova posição.

Brinquei com meu clitóris e acabei gozando PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cedo demais, mas isso não impediu que meu corpo fosse laçado e eu caísse de costas no colchão, com Mike em cima de mim exibindo um sorriso safado.

— Já deixei que você se divertisse, agora vamos falar sério. — Lambi meus lábios. — Lembra que você queria saber meu tamanho?

O sorriso diabólico ficou estampado no rosto de Michael quando ele puxou minhas pernas, arrastando meu corpo pelo lençol e se ajoelhou na cama. Meu quadril foi levemente erguido conforme ele me penetrava, segurando minhas pernas.

— Vamos descobrir se você aguenta tudo.

Ri e tapei os olhos com uma mão, mas minha gargalhada sumiu quando senti que não havia mais espaço para receber o que ainda sobrava de Mike.

Deixei o ar escapar entre meus dentes e ele puxou meu quadril um pouco mais para o alto. Arrepios tomavam conta de mim conforme ele entrava e saía, com delicadeza, sempre fazendo contato visual comigo.

Estiquei o braço para tocá-lo, mas não o alcancei. Eu já salivava, doida para beijar aquela boca e aproveitar cada instante da noite. Não queria que terminasse.

— Para de me torturar... — gemi em protesto, PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

sentindo que meus músculos já começavam a dar sinais de um possível segundo orgasmo.

Ele apertou meus peitos e, em seguida, largou todo seu peso sobre mim, me pressionando na direção do colchão e me deixando sem ar. Meu quadril afundava ao ritmo de Mike e da minha boca saíam gritos que me deixariam horrorizada, se eu não estivesse gozando pela terceira vez no dia.

Michael se esforçava e uma gota de suor escorria pelo seu nariz, quando ele soltou um gemido gutural e saiu de dentro de mim. Fui surpreendida com um jato quente na barriga, com a cabeça daquele pau maravilhoso tocando minha pele. Pau, pau, pau, pau. Ri sozinha, ciente de que estava enlouquecendo por achar aquela palavra, de repente, tão bonita.

Antes de fechar um pouco meus olhos, vi Mike se jogar ao meu lado e senti seus dedos em meu cabelo.

O quarto ainda estava escuro quando acordei, mas notei o sol querendo passar pelas laterais da cortina. Mike dormia de bruços, com um braço PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

debaixo do travesseiro, completamente nu.

Mordi o lábio enquanto apreciava aquela bunda bonita e enrolei meu corpo no lençol dele.

Precisava me levantar, tomar banho, vestir uma roupa... Mas resolvi perder mais dois segundos e me esticar para beijar aquele rostinho lindo.

Seus olhos verdes se abriram no instante em que toquei a bochecha dele e um braço pesado me puxou.

— Bom dia! — disse ele, a voz ainda muito rouca. — Por que você já está acordada?

— Porque eu tenho um emprego — respondi.

Mike suspirou e me fez deitar, passando braços e pernas sobre meu corpo. Revirei os olhos por estar presa, mas não podia reclamar. Ri com o arrepio que senti quando ele enfiou o nariz no meu pescoço e soltou o peso em cima de mim.

— Como está se sentindo? — perguntou.

Enfiei meus dedos por dentro do cabelo macio dele, sentindo um enorme pesar por ter que sair de casa para trabalhar. Talvez até fosse bom, porque eu teria tempo de colocar a cabeça no lugar e pensar em tudo que estava acontecendo.

— Como se tivesse sido atropelada por um trem

— brinquei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Michael levantou a cabeça e me olhou sorridente. Ele parece ter se dado conta de que ambos estavam pelados e começou a puxar meu lençol, enquanto eu tentava impedi-lo.

— Mas foi um atropelamento que te deixou com vontade de se jogar novamente na linha do trem?

— perguntou, expondo meus peitos. — Ou você está pensando em tomar precauções pra nunca mais andar de trem?

— Eu ainda não consegui pensar nisso.

Michael estalou a língua e roçou um dedo em meu mamilo, que àquela altura, já estava duro como pedra. Suspirei, sentindo que ele começava a se excitar e eu

precisava sair dali o mais depressa possível.

— Mike, eu tenho que trabalhar — avisei, empurrando o corpo dele para fugir de suas garras.

— É sério.

Ele caiu para o lado, se dando por vencido e sem vergonha alguma de exibir o corpinho como veio ao mundo. O rapaz entre as pernas já começava a dar sinal de vida e parecia fazer questão de apontar para mim.

Aos tropeços, consegui sair da cama, segurando o lençol contra o corpo e me esquivando de olhos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verdes alertas. Tive um pouco de pena por deixá-lo naquela situação, mas a culpa por se excitar era toda de Michael Jones.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Permaneci deitado como morto, sem me mover, até umas duas horas depois de ouvir Sarah bater a porta de casa e ir para o trabalho. O tesão veio e foi embora enquanto eu repassava na mente todas as imagens da noite anterior. Ainda estava difícil de acreditar em tudo que tinha acontecido. Sarah e eu transamos como dois coelhos dentro de um banheiro público. Só aquele detalhe, para começar, já

se afastava muito da minha realidade.

Esfreguei os olhos, forçando-me a despertar de uma vez por todas. Meu estômago já protestava pelo tempo em que ficara sem receber comida e, como não tinha nada em casa, se eu quisesse comer, precisaria ir na rua.

Venci a disputa contra a preguiça e sentei na cama, observando o lado em que Peach tinha dormido a noite toda. Sorri, com o cheiro de sexo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

impregnado em cada canto do meu corpo e naqueles lençóis. Quando coloquei os pés no chão, acabei pisando sobre a calcinha de Sarah.

— Essa aqui você não vai ver nunca mais —

falei, perdido em devaneios, girando a lingerie no dedo e pensando num bom lugar para guardá-la como souvenir.

Depois de arrumar a cama e tomar banho, saí para fazer umas compras e abastecer a geladeira.

Como Sarah passava boa parte do dia fora, sempre sobrava para mim o papel de dona de casa.

Algumas pessoas do bairro que me conheciam, fizeram questão de me cumprimentar. Alguns comentavam algo sobre um dos meus livros que estavam lendo, outros queriam saber dos novos projetos e, duas ou três pessoas que seguiam minhas redes sociais já estavam sabendo do contrato cinematográfico.

Demorei mais do que o esperado para voltar pra casa e minha primeira refeição do dia acabou sendo o almoço. Em seguida, tranquei-me no escritório para tentar escrever alguma coisa. O monitor me encarava e minha mente buscava o próximo parágrafo da saga de Melanie.

Ao pensar na minha protagonista, os olhos de PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Sarah entraram em foco. O que, exatamente, eu tinha na cabeça quando decidi criar uma personagem parecida com minha melhor amiga?

Era óbvio que eu arrumaria problemas.

Talvez eu devesse mesmo mudar a cor do cabelo de Melanie. Poderia também colocar-lhe olhos mais claros, que diferenciassem um pouco mais. Até então, eu não tinha parado para pensar que estava descrevendo, minuciosamente, o corpo de Peach para todos os meus leitores. Era compreensível que ela tivesse ficado puta quando descobriu.

Eu adorava os pais de Sarah e sempre me sentia muito acolhido quando estava com eles. Como já tinha bem mais de um mês que eu não aparecia na lanchonete, resolvi dar um pulo lá para ver Paul e Samantha.

Inspirei o cheiro de café do local assim que passei pelas portas de vidro. Peach estava atrás do balcão, sorrindo para uma senhora idosa que esperava pelo troco. Quando me viu, as bochechas coraram instantaneamente e eu sorri.

Eu me debrucei sobre o vidro quando a senhora PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

foi se sentar numa das mesas e olhei para Sarah.

Ela estava prendendo o sorriso e tentando ser profissional, pois sempre era muito séria no ambiente de trabalho.

— Seus pais estão aqui? — perguntei, girando um canudo entre os dedos. — Estou com saudade deles.

— E de todos os dias do ano, você escolheu hoje para matar a saudade.

— Exatamente — sorri e pisquei para ela.

Eu dei a volta pelo balcão e adentrei o seu espaço de trabalho. Alcancei-a por trás e beijei-a no rosto, sem deixar de apertar seus quadris com meus dedos.

— Vou lá atrás falar com eles — avisei.

Entretanto, não foi necessário. Um segundo depois de soltar Sarah, ouvi a voz de Samantha atrás de mim.

— Michael! — Ela me abraçou antes que eu conseguisse cumprimentá-la e era engraçado, pois Samantha era tão miúda quanto a filha. A cabeça dela ficava na altura das minhas axilas. — Eu estava ontem mesmo falando de você para Paul.

Por que sumiu, rapaz?

Sam me soltou e arrumou minha camisa, sem PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perceber que ela já estava amarrotada antes do abraço. Depositei um beijo no topo de sua cabeça e sorri para aquela senhora que, provavelmente, era a mais simpática que eu já tinha conhecido.

— Comecei a escrever um livro novo —

respondi, encolhendo os ombros. — Mas hoje quis abrir uma exceção e vim visitar vocês.

— Ele não tem vida social quando começa a trabalhar em algum projeto — Sarah queixou-se sem se dar ao trabalho de olhar para nós dois. —

Aliás, ele não tem vida social nunca!

Sorri para Sam e me voltei para a criaturinha ranzinza no caixa. Apertei meus braços ao redor do corpo dela e encostei meu queixo em seu ombro.

Como trabalhava de tênis, minha coluna protestou com a diferença de tamanho.

— Ontem eu saí com você, não foi? E lembro que nossa noite foi incrível — comentei, alto o bastante para ela saber que a mãe estava ouvindo.

— Qual foi o momento do qual você mais gostou, Peach?

— Vocês saíram ontem? Bom garoto. — Soltei Sarah e me virei para Samantha, que apertou minha bochecha. — Fico mais tranquila por saber que Sarah teve

companhia. Morro de preocupação só de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pensar nessa menina saindo sozinha à noite. Você está tão bonito, Michael!

— São seus olhos, Sam.

— Ora, eu enxergo muito bem. Não se faça de humilde. — Vi que ela lançou um olhar na direção de Sarah, que estava de costas para nós. —

Infelizmente, não são todas as mulheres que enxergam tão bem quanto eu. Você é um exemplar raro!

Quis me encolher com a indireta. Sempre que encontrava com os pais de Sarah, nós dois costumávamos sofrer uma avalanche de indiretas sobre relacionamento. Se dependesse de Sam e Paul, estaríamos casados e criando três filhos.

— Acho que vou lá atrás dar um oi para Paul —

disse,

tentando

me

desvencilhar

da

mãe

casamenteira.

— Olha aí! — Sam agarrou meu braço quando eu comecei a me distanciar e me puxou na intenção de fofocar. — Esse homem vem quase todos os dias aqui, está obcecado pela Sarah.

Lancei um olhar na direção da porta e reconheci o cara de cabelo escuro que se aproximava do balcão. Era o baterista da banda de ontem. O

sorriso que ele abriu denunciava o quanto estava PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caidinho por Peach, mas a reação dela não foi igual.

Ela olhou rapidamente para trás e encontrou meu olhar antes de se virar para atendê-lo.

— Boa tarde, Sarah!

— Oi — respondeu. — Expresso e *croissant*?

— Ela se faz de forte, mas venho notando que aos poucos ele está conseguindo acesso a ela —

Samantha cochichou para mim, com um sorriso faceiro. — Já que ela não namora, né? Outros vão aparecendo...

Deixei a mulher falando sozinha e me aproximei de Sarah por trás, colocando um braço de cada lado do corpo dela, apoiando minhas mãos sobre o balcão à nossa frente.

— Você já almoçou? — perguntei.

David levantou o olhar para mim, pois era mais baixo do que eu. Senti a fúria em seus olhos negros e devolvi com um sorriso no rosto. Pude notar a tensão em cada centímetro do corpo de Sarah e eu sabia que, se ela pudesse, chutaria minhas bolas.

— Já — respondeu ela, monossilábica.

— E aí? Tudo bem? — Estiquei minha mão para David. — Prazer, sou Michael.

Ele me lançou um olhar desconfiado, mas correspondeu ao gesto e apertou minha mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— David.

— Michael é meu amigo — Sarah explicou.

— Melhor amigo — consertei. — Moramos juntos.

Nem eu mesmo entendi a necessidade de dar explicações ao cara e sabia que Sarah devia estar puta pela minha intromissão. Assim, tomei a decisão de dar espaço a ela e sair de perto. Pedi licença e fui procurar por Paul Collins.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Queria matar Michael Jones. Fazer picadinho dele. O infeliz não tinha o direito de vir no meu trabalho e me deixar daquele jeito, de pernas bambas. Estar com Mike na lanchonete sempre me trazia lembranças da adolescência, quando eu era apaixonada por ele e ficava sonhando com um beijo. Perdi a conta de quantas vezes eu sonhei que ele chegava no balcão e roçava o braço no meu ou me abraçava de um jeito mais apertado.

— Sarah?

Pisquei e David ainda continuava me encarando.

Eu não sabia o que ele tinha perguntado depois que Michael saiu do balcão.

— O que foi? — perguntei, sem graça. —

Desculpa, não ouvi.

— Por que não foi ontem no *show*?

— Ah, eu fui. Levei o Michael comigo, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inclusive. Só que não estava me sentindo bem e saí de lá antes de terminar. — Dei de ombros. —

Vocês fazem um bom som, parabéns.

David se debruçou e quase tocou meu nariz com o dele. Difícil não se distrair com o rosto másculo e as sobrancelhas grossas. Minha mente pervertida já pensou logo em como ele seria sem roupa e eu chutei minha própria canela debaixo do balcão.

— Acho que você tem que compensar o furo e sair comigo hoje. O que acha?

— Hoje?

Eu tive que pegar um táxi para ir trabalhar, pois não consegui fazer o caminho de 1 quilômetro a pé, como eu sempre fazia. Estava assada e me sentia alargada, diga-se de passagem. Só queria chegar em casa e dormir aconchegada nas minhas cobertas.

— Sarah! — papai me chamou num grito, fazendo com que todos os clientes nos olhassem com atenção. — Ele vai virar cineasta!

Eu me virei de lado para ver meu pai abraçado com Michael, que já estava sujo de farinha no rosto.

— Não, Paul... — Mike prendeu o riso, com a mão no peito do meu pai. — O livro vai virar filme, mas eu continuo sendo apenas o escritor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai ficar milionário! — meu pai riu, dando tapinhas no ombro de Mike. — Não vê a mulher que escreveu Harry Potter? Tá nadando na grana.

Acho que vou ter outra filha para ver se a próxima se casa com você.

A mulher. A mulher! Quase sofri um AVC ao ouvir meu pai falando daquele jeito de J. K.

Rowling, como se ela fosse uma pessoa qualquer e não uma divindade. Imaginei que Michael, ainda mais fã do que eu, deva ter sentido câimbras estomacais.

Quis me enfiar debaixo da caixa registradora por ter dois pais tão sem noção.

— E então? — David pigarreou do outro lado do balcão. Ele ainda esperava por uma resposta. —

Hoje à noite? Jantar?

Ele falou alto demais para que meu pai e Mike pudessem ouvir. Homens eram todos iguais, afinal.

— Pode me buscar às 20h — respondi, chutando o balde.

Acho que o próprio David não esperava por uma resposta positiva, pois arregalou os olhos e levou quase dez segundos para responder. Ele sorriu de um jeito *sexy* e tocou meu cabelo ao se curvar mais.

— Manda o endereço por mensagem — falou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prometo que não vai se arrepender.

Tomara mesmo, porque nem eu sabia o que se passava dentro de mim, pra ter aceitado o convite de supetão.

Assim que David se despediu e saiu da lanchonete, meu pai parou do meu lado com as mãos na cintura.

— Esse não é o cara de quem você está fugindo há meses? — perguntou, cismado. — Não entendi, você decidiu sair com ele?

— Que mal há? — Dei de ombros. — Não posso negar que David é atraente. Já viu aqueles músculos? E não me olhe com essa cara, papai. Até a mamãe acha

que eu devo sair com ele!

Olhei para Michael, querendo perguntar o que ele ainda estava fazendo ali. Tinha escolhido um péssimo momento para fazer visita aos meus pais.

Seu olhar estava perdido em algum ponto da parede atrás de mim, provavelmente nem estava prestando atenção em nada.

— E você, Michael? — Papai apertou o ombro dele. — Está gamado em alguma moça?

Gamado! Só mesmo meu pai para usar uma palavra tão antiquada.

— Não — meu amigo respondeu, enfiando as PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

mãos nos bolsos. — Meu coração segue vazio.

Um pouco dramático, mas ele sorriu em seguida e quebrou o clima fúnebre que se instaurou. Depois abraçou meu pai e mandou beijo para minha mãe, se despedindo da lanchonete. Avisou-me que ia para casa e quando saiu, meu pai me olhou enviesado, balançando a cabeça.

— Não comece, papai — pedi.

— Vocês são meio tapados.

Sorri para a cliente que entrava na lanchonete e que me ocuparia por alguns minutos. Tudo era melhor do que aturar algum sermão de meu pai, sobre como Michael e eu tínhamos sido feitos um para o outro.

Entrei em casa com pressa porque tinha que tomar um banho rápido e me arrumar em tempo recorde antes de David passar para me buscar.

Minha mãe me atrasou na lanchonete e eu saí de lá muito além do meu horário.

Mike estava caminhando pelo corredor, vestindo calça de pijama e com os óculos que usava para ler e escrever, segurando algumas folhas impressas nas

mãos.

— Adoraria saber se isso é algum capítulo novo, mas não tenho tempo — falei, correndo para o banheiro e chutando meus sapatos.

Entre tomar meu banho e correr para o quarto enquanto me vestia, não vi Michael. Eu tinha acabado de receber uma mensagem de David avisando que estava na porta do prédio, quando parei de frente para o escritório de Mike e girei a maçaneta. Estava trancada por dentro.

Apoiei a cabeça na madeira e suspirei. Não tinha certeza do que estava fazendo. Nem sabia o que me levara a aceitar novamente o convite de David.

Queria ficar em casa, tentar conversar com Mike ou apenas rir ao lado dele enquanto assistíamos algum seriado. Ao mesmo tempo, tinha medo de tudo isso.

Talvez esse tenha sido o motivo para resolver sair com David. Era uma fuga.

Gritei, avisando a Michael que já estava saindo e desci para meu encontro.

— Você está gata! — David assobiou ao se aproximar, vestindo uma jaqueta de couro preta e segurando um capacete na mão. O homem era gostoso pra cacete. Tinha umas tatuagens que saíam pela gola da camisa em direção ao pescoço e

eu não duvidava que houvesse outras pelo corpo.

— Obrigada — agradeci, avaliando o meio de transporte parado atrás dele. — Você tem uma moto?

Ah, mas que ótimo. Eu odiava motos, morria de medo de andar sobre uma. Ponto muito negativo para David.

— Não vou te deixar cair, fique tranquila. —

Piscou para mim, prendendo aquele capacete horroroso em minha cabeça.

Montei na garupa e passei os braços ao redor da cintura dele, morrendo de medo de que fosse meu último dia viva. Agradeci aos deuses que me fizeram colocar um *jeans* para o encontro, pois não estava em meus planos abrir as pernas de vestido.

Aliás, eu ainda sentia os efeitos da noite com Michael, portanto, andar de moto não seria um passeio tão agradável.

Por sorte, não fomos a um lugar muito longe e a tortura não foi longa. David me levou a um *pub* com música ao vivo e pediu alguns petiscos que não me alimentariam pela noite inteira.

— Acho que te devo desculpas por ter marcado um primeiro encontro tão excêntrico. Não conseguimos nos ver e você ainda acabou indo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

embora antes. — Sorri, encolhendo os ombros, lembrando o que aconteceu no banheiro da boate.

— Prometo que os próximos encontros serão ótimos. — Ele esticou a garrafa de cerveja para mim e toquei o meu gargalo no dele.

O tempo passou e precisava admitir que estava sendo injusta com David. Ele parecia mesmo ser bacana, tinha um papo legal e não bebia tanto quanto eu, que já começava minha terceira cerveja.

O problema era que eu estava com a cabeça no mundo da lua, divagando a todo instante. Não conseguia prestar atenção nos papos que ele tentava emplacar e lá pelas dez da noite, eu disse que não me sentia bem e queria ir embora.

Vi que ele se frustrou, mas acatou meu pedido na mesma hora. Assim que chegamos no prédio, desligou a moto e me levou até a porta. Seu corpo pressionou o meu contra a parede antes que eu pudesse notar sua intenção. David me beijou, sua boca tomando a minha de forma intensa, mas interrompi a investida quando as mãos espertinhas apertaram minha bunda.

— Eu tenho mesmo que subir — avisei, tentando me desvencilhar.

— Posso ir junto?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não — respondi. — A gente se fala depois, ok?

Enquanto eu procurava minha chave na bolsa, virando de costas para ele, David começou a beijar minha nuca. Acho que ele pensava que aquilo me faria mudar de ideia. Dei uma cotovelada básica nas costelas dele, que se afastou erguendo as mãos.

— Já entendi — sorriu. — Gosto das malvadas.

— Boa noite, David.

Entrei no prédio e não esperei que ele subisse na moto. Aquela noite tinha sido um fiasco e eu não pretendia sair novamente com ele. Levaria em consideração meu instinto inicial, da época em que eu o ignorava fortemente na lanchonete.

Assim que entrei em casa, fiz algo que eu estava sonhando em fazer desde cedo. Tirei meu *jeans* justo e vesti um *short* largo, sem me importar com calcinha. Queria liberdade e frescor!

Fui até o quarto de Michael e vi que ele já estava dormindo, portanto, teria eu mesma que preparar algo na cozinha. Peguei a leiteira para ferver um pouco de leite, pois só gostava dele bem quente, e enquanto a deixei no fogão, tirei um pacote de biscoitos do armário para levar pro quarto.

Quando peguei a leiteira para encher minha PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caneca, o cabo escorregou da minha mão e caiu no chão. O leite fervido espirrou nas minhas pernas e vi estrelas com a dor. Trinquei os dentes para não gritar e acordar Michael, mas chorei enquanto abria a geladeira para pegar a manteiga.

— O que houve? — Bem, ele acordou, provavelmente com o barulho da leiteira caindo.

— Nada — murmurei, enxugando os olhos. —

Deixei o leite cair...

Tive que engolir o olhar avaliador dos pés à cabeça e o pensamento que ele estava louco para dizer, mas não diria: eu era uma negação na cozinha. Abri o pote de manteiga e me curvei para passar nas queimaduras, mas Mike o arrancou da minha mão.

— Isso não adianta. — Ele me colocou sentada sobre a bancada, passou por cima do leite derramado e pegou um ovo. — Eu já falei que a melhor coisa para queimadura é clara de ovo, mas você não escuta as coisas que falo.

Franzi o nariz para a clara que ele derramava num copo. Parecia um pouco nojento, mas não tive opção. Michael passou em todos os pontos com vermelhidão e eu mantive a classe fingindo que não estava doendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Escreveu muito hoje? — perguntei para me distrair.

— Não consegui escrever nada.

— Ah... — Mordi o lábio, sem entender.

Geralmente, Michael conseguia manter um ritmo bom de trabalho. Mesmo nos dias em que não estava tão inspirado, ele se forçava a produzir pelo menos alguns parágrafos.

Depois de terminar com a clara em minhas queimaduras, ele pegou a leiteira do chão e a colocou na pia.

— Vou voltar a dormir — avisou, me deixando sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

30

Michael

PERIGOSAS NACIONAIS

Fechei a porta do meu quarto, coisa que eu nunca fazia e me sentei na cama. Sinceramente, até me sentia mal por deixar Sarah sozinha de forma tão abrupta, mas eu estava tão puto que não conseguiria disfarçar por muito tempo. Portanto, preferi me recolher ao quarto.

Eu acho que nem tinha o direito de estar assim, porque conhecia Sarah muito bem para ter cogitado que ela agiria diferente da forma como estava agindo.

Já tinha me acostumado a vê-la fazer péssimas escolhas em relação a homens, mas não depois de termos passado uma noite incrível. Aceitar o convite do roqueiro sem nem titubear, foi um soco em meu estômago.

Não consegui voltar a dormir e para fazer algo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de útil, fui para o banheiro e aparei minha barba.

Observei meu reflexo no espelho, imaginando como eu ficaria ridículo com um abdômen de tanquinho e tríceps monstruosos. Talvez uma tatuagem e...

— O que você tá admirando tanto nesse espelho?

Quase enfartei de susto, ao ver Sarah encostada na porta do banheiro com os braços cruzados.

— Aparentemente, nada — respondi, passando por ela e apagando a luz.

— Sei... — Senti que me seguia pelo corredor.

— Provavelmente estava pensando algo do tipo

“como pode eu ser tão gostoso que mal dou conta de me olhar no espelho?”, eu sei que estava.

— Claro, é a minha cara ter esse tipo de pensamento.

Entrei no meu quarto e quando fui fechar a porta, Sarah se colocou no caminho. Ela segurou a maçaneta com a mão e escrutinou o ambiente antes de voltar a atenção para mim.

— Será que você quer conversar? — perguntou, com uma expressão que eu conhecia muito bem. O

encontro deve ter sido uma merda.

— Não estou com humor para ouvir sobre David PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ou qualquer outro — avisei.

— Deixa de ser idiota, quero conversar sobre a gente! — ela riu, mas apertou meu rosto entre as mãos pequenas. — Desculpe, você não é idiota.

Eu recuei alguns passos e deixei que ela entrasse no quarto. Sem pedir, ela se acomodou no centro da cama e dobrou as pernas sob o corpo. Continuei de pé, de braços cruzados, esperando o que vinha em seguida.

— Eu já percebi que você tá estranho, ok? —

disse, roendo uma unha. — E tô odiando esse clima horrível dentro de casa. Nem brigando comigo, você está, Mike!

— Como você quer que eu fique, Peach? —

Levantei os braços, sem me controlar. — Você sequer deu chance para que essa conversa acontecesse antes de se jogar nos braços de outro.

— Eu sei que você tem motivos para sentir ciúmes, mas eu...

— Não é ciúme! — frisei, interrompendo sua frase.

Ela sorriu, mordendo o lábio e esticou as pernas à frente do corpo.

— Você é escritor, deveria conhecer o significado das palavras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirei e me sentei na beira da cama, sem me importar em ficar de costas para ela. Não sabia o que estava acontecendo comigo. Esfreguei meu cabelo e apoiei os cotovelos sobre meus joelhos, pensativo.

— Se for ciúme, que seja. Não vai fazer diferença mesmo no seu *modus operandi.*

Senti Sarah se debruçar sobre minhas costas quando o peso do corpo dela caiu sobre o meu. Os braços finos rodearam meu pescoço e ela apoiou o queixo no meu ombro.

— Eu não quero perder isso, Mike —

choramingou, a voz embargada. — Eu era apaixonada por você quando era mais nova e graças a Deus superei.

— Lembro muito bem dos seus olhares carentes para cima de mim. — Tentei prender a risada, inutilmente, e levei um soco no braço.

— Você sabia? — a voz ficou um pouco histérica e quando ela fingiu me enforcar, as mechas castanhas envolveram meu rosto.

— O que você queria que eu fizesse? — Encolhi os ombros. — Você era criança! Eu tinha até medo de ficar muito perto de você e me acusarem de alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sofri de paixonite aguda durantes anos, Mike! — Sarah me deu uma chave

de braço e caí de costas em cima dela na cama. — Se eu soubesse que você sabia, nunca olharia na sua cara!

Ficamos quietos, na mesma posição e segurei os tornozelos dela, que estavam na altura do meu peito. Uma das queimaduras estava bem vermelha e quando beijei o local de leve, seus dedos do pé se retesaram.

— Achava que você tinha algum problema ou muito mau gosto, porque, convenhamos, eu era muito pior do que sou agora.

Comecei a receber cafuné e entendi que Sarah estava se desculpando, pois ela sabia que aquele era meu ponto fraco. Fechei os olhos, relaxando enquanto sentia o cheiro de ovo que vinha das pernas dela.

— Você era feio mesmo, mas se tornou um homem lindo.

— Hum.

— Eu sei que você às vezes se acha um cocô.

— Não me acho um cocô, Peach... — murmurei, quase pegando no sono com o cafuné. — Só me acho normal. Não sou um roqueiro sarado e tatuado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é louco? Já se olhou no espelho? O

David até pode passar mais horas do dia cuidando do corpo, mas todo o seu conjunto é muito melhor.

Seu rosto é lindo!

— Sou um magrelo de rosto lindo — aceitei, apertando o dedão dela. — Ao menos eu tenho uma cara legal.

— E um pau enorme.

E com aquelas quatro palavras, ela conseguiu espantar meu sono. Eu me desvencilhei das pernas e levantei da cama, encarando a criatura muito

confortável em meus lençóis. Sarah esboçou um sorriso safadinho demais para quem fugiu de mim o dia inteiro e cruzou as pernas.

— Não começa... — pedi.

— Só estou falando a verdade. — Ela jogou as mãos para o alto. — Sério, você é lindo e as mulheres quase se jogam no seu colo, mas é tão tapado que não percebe.

Sarah levantou da cama e envolveu minha cintura com os braços. Ela encostou a cabeça no meu peito e apertou o abraço, enquanto pisava nos meus pés sem perceber.

— Eu sei que é o seu jeito — disse ela. — Não quero que mude.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Envolvi seu corpo e respirei fundo, o cheiro de pêssego entranhado em minhas narinas. Senti que, muito em breve, começaria a me excitar e se ainda havia algum pingo de orgulho dentro de mim, eu deveria fazer de tudo para mantê-lo intacto.

Beijei a cabeça dela e deixei meus braços caírem.

— Vá dormir, você deve estar cansada — pedi.

— Por que estaria cansada? — sem me soltar, a voz dela saiu abafada contra minha camisa.

— De ontem, do trabalho e do encontro com o roqueirinho de merda.

Eu me afastei quando Sarah começou a gargalhar e estalou a língua, levando as mãos à cintura.

— Meu encontrou foi uma bosta e deve ter sido praga sua.

— Uma pena.

Como ela continuou me encarando, eu tirei a camisa e me preparei para voltar a

dormir. Dei a volta pela cama, mas reparei que ela continuou imóvel onde a deixei. Mordia o lábio e encarava os próprios pés. Sabia que estava pensativa, ruminando alguma indecisão.

Péssima ideia. Péssima... Soltei o travesseiro e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voltei até lá, diminuindo o espaço entre nós e vendo o rosto dela levantar para me olhar.

— Você me quer? — perguntei, baixando a cabeça para encará-la e encurralando-a contra a parede. Espalmei minhas mãos ao lado do rosto dela e esperei.

Foi

um

movimento

de

cabeça

quase

imperceptível, mas o suficiente para me responder.

Sarah agarrou meu rosto e se esticou para beijar minha boca. Seus lábios eram pornográficos de tão macios e viciantes e eu podia passar horas apenas chupando cada centímetro deles.

Ergui seu corpo e passei meus braços por baixo de sua bunda, andando até a cama sem soltá-la.

— Tenho que impor alguns limites hoje — ela avisou depois que arranquei um grito seu por abocanhar seu seio sob a camisa.

— Não tem limite nenhum. Se ficar nesse quarto, eu vou te comer. Muito.

A mão pequena tapou minha boca e eu sabia que aquela risada era de nervosismo. Coloquei-a devagar sobre a cama e aproveitei para puxar o *short* dela. Fui presenteado por uma visão sem calcinha e me ajoelhei de forma que não perdesse o espetáculo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mike, sério. — Nem havia começado e ela já estava ofegante.

Eu me inclinei, enfiando minha mão dentro da camisa folgada e tocando um dos seios intumescidos. Ela sempre se diminuía perto de mulheres com peitos enormes, mas aqueles, daquele tamanho, eram perfeitos.

— Não pode ser intenso igual ontem —

sussurrou, fechando os olhos.

Puxei a camisa até tirá-la e caí de boca nos mamilos deliciosos, sentindo os dedos de Peach agarrarem meu cabelo. Esfreguei meu quadril no dela, para que sentisse o que a esperava e a vi se contorcer sob mim, abrindo ainda mais as pernas.

Conseguindo o que eu queria, deslizei minha língua pela barriga arrepiada, demorei alguns segundos ao redor do umbigo e desci mais. A pequena buceta só tinha uma faixa minúscula de pelos, e estava ali, aberta para mim.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Michael tinha algum ingrediente que, sempre que me tocava daquela forma, eu ficava enlouquecida. Ele me chupou de um jeito, como se tentasse sugar todas as minhas terminações nervosas e calafrios percorreram meu corpo.

Continuando com a brincadeira, a ponta da sua língua massageou meu clitóris por uns segundos antes do dedo dele me penetrar.

Procurei alguma coisa para agarrar e usei o cabelo dele, mais uma vez. Gemi, tentando protestar, e os olhos verdes me encararam como se eu fosse a sua última refeição. Contorci-me na cama, alucinada com a mistura de língua e dedos.

Estremeci com a corrente elétrica que passava pelo meu corpo e me levava ao orgasmo, sem me importar se os vizinhos estavam escutando.

Eu ainda me contraía da cabeça aos pés quando PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Michael ajoelhou sobre mim e me colocou sentada.

Ele segurou minhas mãos e as espalmou em seu peito antes de me soltar.

— Toque em mim, Peach... — pediu, afastando os fios de cabelo grudados em meu rosto.

Pela primeira vez na vida eu me vi nervosa num momento como aquele, porque sabia exatamente o que Mike queria. Desci minhas mãos pelo abdômen dele até o elástico da calça. Puxei-o para baixo, deixando que o membro lindo se libertasse e quase tocasse meu rosto. Era a primeira vez que eu olhava para ele tão de perto e podia reparar em tantas veias ao seu redor. Era um pau bonito pra cacete!

Envolvi-o na minha mão, ouvindo Mike soltar um suspiro pesado e sorri ao levantar a cabeça para observá-lo. Suas pupilas pareciam dilatadas e conforme eu o masturbava, ele ficava ainda mais atraente.

Aos poucos, fui notando que ele começou a pegar em meu cabelo e se tornou algo inevitável.

Passei a ponta da minha língua ao redor da glande e ele gemeu.

— Me chupa, Peach... — pediu, tirando todo o meu cabelo do caminho.

— Tenha paciência — pedi. — Nunca fiz sexo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

oral.

Ele só teve tempo de piscar umas três vezes, confuso, antes que eu o colocasse na boca. A sensação não era das melhores, mas se havia algum homem com quem eu tomaria coragem, era Michael.

— O que você quer dizer com isso? —

perguntou, mas eu não podia responder.

Eu não tinha tanta certeza se os gemidos dele eram de satisfação, mas por alguns minutos, tentei dar o meu melhor de acordo com o que já tinha visto por aí.

Em determinado momento, Michael afastou o quadril e pegou no pau, fazendo ele mesmo o serviço final de masturbação. Confesso que era uma cena linda de se ver, sua cabeça jogada para trás, a boca entreaberta e a lubrificação intensa em toda sua mão.

— Tô quase gozando, Peach...

Não pensei duas vezes em pegá-lo para mim e lamber a cabeça inchada, surpreendendo Mike, que urrou acima de mim. Acomodei-o dentro da boca e aumentei meu ritmo, quase engasgando quando senti o tal jato de porra me inundar. Acabei engolindo um pouco, mas foi impossível disfarçar o PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

quanto era ruim. Eu me afastei cedo demais, antes que o sêmen parasse de sair, terminando o trabalho com o rosto todo sujo.

— Que visão do paraíso — Mike sorriu, deitando sobre mim e enxugando meu rosto com o lençol.

Estava num estado de torpor há quase dez minutos, sentindo os dedos de Mike alisarem minhas costas nuas. Deitada nos braços dele, não tinha vontade de levantar, catar minhas roupas e ir embora, como costumava acontecer em situações semelhantes quando dormia com alguém.

A respiração de Michael estava tranquila, o peito sob minha cabeça movia-se devagar e se alguém ousasse atrapalhar aquele momento, eu mataria com minhas próprias mãos.

— Ainda estou chocado com a notícia mais recente. — A mão dele parou bem acima da minha bunda. — Como pode você nunca ter feito sexo oral?

— Não tem motivo para ficar tão em choque assim — resmunguei, levantando o rosto para PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lançar um olhar ácido a ele. — Do jeito que você fala, parece até que trabalho no ramo. Eu sei que é uma parte importante das preliminares e que pode soar um tanto egoísta só receber e não dar em troca, mas sempre tive nojo.

Achei que Michael fosse soltar alguma piadinha sobre o assunto, mas ele apenas me observou.

Parecia sem pressa, avaliando meu rosto como se estudasse uma pintura renascentista.

— Por que mudou de ideia? — perguntou, e a mão que se enfiava entre minhas pernas demonstrava que ele se preparava para a próxima rodada.

Eu tinha tanto a dizer sobre minha decisão, mas parecia tão difícil colocar em palavras e assumir algumas coisas que estava sentindo. Estava tudo indo bem e, às vezes, vale mais à pena ficar calado para não enrolar a situação. Eu sabia que queria aproveitar o momento, sem ter que me preocupar com futuras complicações em nossa relação.

— Quando sofri o abuso, essa foi a primeira coisa que ele tentou fazer comigo

— resumi, sem envolver sentimentos que estragassem a noite. —

Nunca quis que mais ninguém tentasse.

— E por que eu?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é você — respondi e era tudo que ele ia conseguir de mim.

Mike franziu os lábios, mostrando-se insatisfeito com aquela resposta. Eu me estiquei, alcançando sua boca e o beijei. Não tivemos muita oportunidade de nos beijarmos com calma, seria a primeira vez que eu realmente curtiria o momento.

Suguei o lábio inferior dele e depois me derreti com sua língua, que eu já sabia que fazia maravilhas. Rocei meus dedos na barba que eu já tinha visto de tantos tamanhos diferentes e deixei que seu maxilar arranhasse minha pele.

Michael me rolou na cama e subiu por cima de mim, prendendo meus braços sobre minha cabeça enquanto sorria.

— Isso significa que quem manda nessa cama sou eu, então? — perguntou debochado, esfregando o quadril no meu para me mostrar que já estava pronto.

— Errado. Significa que eu estou deixando você acreditar que manda.

O sorriso do filho da mãe *sexy* se alargou antes de sua boca vir na direção do meu peito. Mike lambeu cada extensão de pele e me deixou louca de tesão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe... — Ele levantou o rosto e eu senti uma mão deslizar pela minha virilha. — Para ser sincero, gosto do seu jeito mandão. Fico mais tranquilo sabendo que minha garota sabe se defender e não leva desaforo pra casa.

Gemi alto, sem saber se o motivo era o dedilhar que Mike fazia em meu clitóris ou o “minha garota” que saiu daquela boca. Alguém tinha que fazê-lo entender o

quão proibido era dizer coisas como aquela quando se está na cama com sua melhor amiga.

— Quem sempre vai mandar aqui será você —

sussurrou.

Cravei minhas unhas em seus ombros e abri a boca para xingá-lo, mas fui calada com um beijo urgente. As mãos de Mike abriram minhas pernas para que eu o recebesse e fechei os olhos quando senti ser penetrada.

Reclamei com o olhar e com a pressão dos meus dedos na carne dele. Esperei que se acomodasse dentro de mim e fechei minhas pernas ao redor do seu corpo. O melhor de tudo entre nós era que nos entendíamos tão bem que nem sempre palavras eram necessárias.

Michael apoiou os cotovelos ao lado do meu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto e enterrou o seu entre meus fios de cabelo.

Senti a respiração dele contra minha pele enquanto deslizava para dentro e para fora, devagar e com carinho.

Passei meus braços pelo pescoço dele, os arrepios tomando conta do meu corpo cada vez que seu pau se enterrava dentro de mim. A sensação era sempre de que eu precisava encontrar espaço para receber mais e mais de Mike e, aquela urgência, me fazia beirar a insanidade.

— Estou te machucando, Peach? — Fechei os olhos quando me encarou, depositando beijos em minha bochecha.

— Não... — Alisei seu cabelo macio e puxei o rosto dele para cima.

Minha vontade de lambê-lo surgiu de repente e passei minha língua pela barba, pelo maxilar, descendo até o pescoço de Mike. Ele estremeceu quando mordi o lóbulo gordinho da orelha e aproveitei para raspar minhas unhas em suas costas.

— Caralho! — O escritor levantou a cabeça para me encarar, mordendo a

própria boca.

Num movimento ágil demais, Michael se sentou na cama e me trouxe para seu colo. Com um braço ao redor da minha cintura, ele colou nossos quadris
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e se agigantou dentro de mim com a nova abertura.

Minha cabeça caiu para trás e eu sabia que talvez não conseguisse andar no dia seguinte, mas não era louca de recusar o que ele oferecia.

— Mike... — gemi, cavalgando sobre ele e apoiando minha testa em seu ombro. — Você vai acabar comigo...

As estocadas mais rápidas e o corpo dele roçando todo no meu estavam me consumindo.

Num ato de loucura, tive a ousadia de pedir por mais, rebolando naquele pau espetacular e me contraindo com sua força.

Cheguei

ao

clímax

num

orgasmo

enlouquecedor, apertando a cintura dele com minhas coxas e vendo-o sorrir para mim, antes de começar a chupar meu queixo. Estava atônita, em êxtase, sem nenhum pensamento em mente. Deixei-me ser levada pelo desejo do meu amigo, meu corpo se moldando ao controle dele, acolhendo-o a cada investida urgente, até que vi o brilho em seus olhos e aquela concentração inconfundível de pré-gozo.

Eu já me sentia acabada, mas fiz questão de contrair mais a minha musculatura para aumentar o prazer de Mike que, de olhos fechados, urrou sons PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu ainda desconhecia mesmo após anos morando juntos.

Caí de costas na cama com ele embolado em mim, sem expressar a menor vontade de afrouxar os braços à minha volta. Aquele sempre foi meu lugar favorito de todos.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Seria uma noite tranquila. A boate não tinha ficado muito cheia, os clientes foram poucos e não causaram nenhum transtorno e o dia seguinte era o de sua

folga. A garota de programa saiu pela porta dos fundos e tirou um cigarro da bolsa antes de começar a caminhada até o ponto de ônibus.

Quem a encontrasse distante do seu ponto de trabalho não diria o que ela fazia para sobreviver.

Àquela hora da madrugada, Melanie vestia um moletom *pink*, um *jeans* largo e surrado e tênis encardidos. Os únicos vestígios continuavam no rosto, na maquiagem forte com cílios postiços e batom vermelho.

Depois de algumas tragadas, ela jogou a guimba no chão e pisou em cima. Levantou a cabeça e olhou para o céu, prevendo que o tempo estava mudando e a temperatura parecia que iria cair PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vários graus. Ajeitou a bolsa no ombro e deu um pulo quando sentiu uma mão pesada tocar seu ombro.

— Pare! — Ela girou o corpo, com os punhos cerrados pronta para agredir seu oponente. Aquele estava longe de ser o bairro mais nobre de Manhattan e os crimes estavam cada vez mais constantes.

— Calma, Melanie.

A menção do seu nome fez com que a jovem focasse melhor o olhar no rosto oculto pelas sombras da noite. Então, ela se deu conta de que era o detetive Smith que a abordava. Não era muito fácil esquecer-se daquele rosto quadrado, das sobrancelhas grossas e os olhos que perscrutavam até a alma dela.

— O que quer? — A moça recuou dois passos e ele pensou que deveria ter feito uma abordagem diferente para não a apavorar.

Smith abaixou a mão e deu um passo à frente.

Seus traços fortes foram iluminados pela luz de um poste e ele tentou esboçar um sorriso que não ficasse forçado, sabia que seu semblante o tornava um homem muito sério.

— Gostaria de bater um papo com você, caso PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não se importe.

Ele não estava dando, realmente, oportunidade de Melanie escolher. Apenas sabia que com mulheres como ela, não adiantava ser muito incisivo pois a perderia num piscar de olhos.

— Tenho opção? — a morena perguntou, sem esperar pela resposta.

O homem observou o gesto dela ao ajeitar novamente a bolsa sobre o ombro e tomar seu rumo, sabendo que ele a acompanharia se assim quisesse. Era bem verdade que a presença do detetive ali não era a pior coisa que podia acontecer com ela.

— Provavelmente não ficou sabendo, mas o suspeito que prendemos naquele dia acabou sendo solto. — Smith caminhava ao lado da jovem, sem deixar de prestar atenção a tudo que acontecia ao seu redor. — Ele tinha um ótimo álibi para a noite dos assassinatos.

Melanie estacou, surpresa. Quando levaram o cliente dela algemado naquela noite, parte da prostituta se sentiu aliviada para voltar a trabalhar sem temer todo homem que entrava no estabelecimento. E se ele fosse mesmo o verdadeiro assassino e agora pensasse que ela agiu em conluio PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a polícia?

— Por que vocês foram deixar isso acontecer?

— perguntou. — Vocês não deveriam averiguar o álibi dele?

— Foi averiguado. — Smith coçou o maxilar, já se sentia um pouco frustrado com o caso. — Isso já tem três dias.

Melanie o encarou, sem saber o que o homem esperava dela. Mais à frente, estava o ponto onde esperaria pelo ônibus e se perdesse o que passaria em dez minutos, teria que esperar por mais meia hora.

Ela apressou os passos e cruzou os braços para se proteger do vento frio cortante.

— Gostaria de saber por que você achou que essa informação pudesse me interessar. Só significa que eu e as garotas vamos continuar em perigo.

— Justamente por isso, achei que deveria avisá-la. Houve um assassinato ontem no Queens, compatível com o estilo do Assassino dos Números.

Os olhos escuros de Melanie se arregalaram quando ela girou sobre os calcanhares para encarar Smith. Era uma notícia que não tinha chegado aos ouvidos dela. Também, pudera, Melanie sabia que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não era a pessoa mais atualizada da região. Não tinha costume de assistir noticiários ou ler jornais.

— Ela fazia programa? — perguntou.

— Sim.

Então era isso. O cara estava matando garotas de programa e todas elas corriam risco. Até aquele momento revelador, a jovem tinha esperança de que a morte de suas colegas fosse apenas aquele velho caso de estar no lugar errado e hora errada.

Mas se já houvera uma terceira vítima, era porque alguém as estava caçando.

— Escuta, o que acha de aceitar uma carona minha? — o detetive perguntou de forma descontraída, mas isso não foi suficiente para evitar uma resposta ácida de Melanie.

Ela riu com escárnio e voltou a caminhar até o ponto, agora a pouco menos de cinquenta metros de onde estava.

— Já encerrei o expediente de hoje, detetive.

Volte outro dia, de preferência antes das quatro da manhã, que é quando eu bato o ponto.

— Não é esse o motivo da carona, Melanie —

ele retrucou, a voz mais grave que o habitual. Smith parou bem perto dela quando chegaram ao ponto e segurou em seu braço, aproximando os dois rostos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Veja bem, você deve imaginar que o departamento de polícia não está tão interessado assim em resolver esse caso.

— Claro que não estão! Nós somos apenas lixo para vocês.

— Não fale por mim. Eu acho isso errado e quero fazer com que a investigação ande mais rápido.

Para alívio de Melanie e pressa de Smith, o ônibus que ela precisava pegar dobrou a esquina e parou no sinal há duzentos metros. Ela se colocou à beira da calçada, ansiosa para entrar no coletivo e se livrar dos olhares avaliadores daquele detetive.

A jovem sempre se sentia inquieta perto dele, parecia que podia enxergar sua fragilidade por trás da máscara que vestia todas as noites.

Ela não precisava que a entendessem ou fingissem entender seus propósitos. Melanie estava bem demais vivendo por sua própria conta há anos, sem precisar se preocupar com julgamentos.

— Deixe de me perturbar e comece a trabalhar mais, se quer mesmo agilizar a investigação.

O ônibus se aproximou do ponto, finalmente.

Enquanto diminuía a velocidade, Smith ainda teve a chance de segurar novamente o braço da moça, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que lançou um olhar irritado.

— Caso queira ajudar, faça contato comigo se souber de qualquer coisa que possa parecer relevante. Acredito que ele não irá parar no terceiro assassinato, portanto, mantenha os olhos bem abertos.

— Eu sei me cuidar, detetive. — Melanie puxou o braço e subiu os degraus quando a porta do ônibus se abriu.

— Ainda tem meu cartão?

Ela se virou e o encarou em silêncio quando a porta se fechou e o ônibus partiu. Enquanto Smith voltava a pé até seu carro que tinha deixado estacionado no outro quarteirão, Melanie se sentou no fundo do ônibus e tirou o celular de dentro da bolsa.

O modelo era bastante ultrapassado, mas bastava para o pouco que a jovem usava. Ela só precisou digitar algumas palavras e mandar a mensagem a todas as meninas da boate. O aviso era o que o detetive tinha passado: não estavam seguras, o Assassino dos Números ainda estava solto.

Melanie voltou a guardar o celular e encostou sua cabeça na janela. Teria muito tempo até chegar em casa, no Bronx, e o usaria para tentar lembrar PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de todos os clientes que estiveram na boate no dia do crime. Era uma tarefa difícil, pois a rotatividade era muito grande, mas se esforçaria para ajudar de alguma forma. Era o mínimo que podia fazer por Cindy e Megan, que não tiveram nenhuma chance de se defender da monstruosidade que sofreram.

PERIGOSAS ACHERON



33

Michael

PERIGOSAS NACIONAIS

Não eram oito horas da manhã ainda quando despertei ao lado de Sarah. Ela tinha ficado pela minha cama mesmo, aparentemente sem disposição para se arrastar até o quarto. Virei a cabeça, observando-a dormir um sono profundo com o cabelo na frente do rosto. Estava coberta até o pescoço, fazendo com que eu percebesse o quanto o clima havia mudando; precisava ajustar o aquecedor. Estávamos no meio do outono e logo entraríamos no ritmo frenético do Natal.

Decidi me levantar e fazer algo para pegá-la de surpresa. Coloquei a cafeteira para funcionar e fui tomar um banho. Deu tempo de me vestir e preparar ovos mexidos e as amadas panquecas de Peach antes de sentir a presença dela atrás de mim na cozinha.

— Eu pretendia ir ao banheiro, mas quando senti PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o cheiro de café, fiquei preocupada. Achei que algum vizinho tinha invadido o apartamento — ela zombou e parou do meu lado, encostando a cabeça no meu braço. — O que você tá fazendo acordado?

Coloquei a frigideira sobre a pia e sorri.

— Perdi o sono e vim preparar o café da manhã.

— Passei o braço pela cintura fina e a puxei, depositando um beijo em sua cabeça. — Dormiu bem?

Nós dois nos viramos de frente e Sarah apoiou o queixo no meu peito, erguendo o rosto para mim.

Ela deu um sorriso preguiçoso de olhos quase fechados e seus braços apertaram meu corpo.

— Como uma pedra. Acho que todo meu corpo, inclusive, está entorpecido e você precisa ficar muito longe de mim hoje.

— Mesmo? — Desci minhas mãos lentamente pelas suas costas até alcançar-lhe a bunda. — Pena que hoje é um dia que você não trabalha e ficará presa comigo

nesse ambiente...

Sarah revirou os olhos, mas não conseguiu prender o sorriso. Ela me empurrou com toda sua força que era quase como uma carícia e recuou, com o dedo em riste. Coloquei um pouco de café em duas xícaras e levei a minha até a boca,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproveitando que estava fumegando.

— Você não ouse encostar em mim, seu escritor pervertido! Estou fazendo um esforço sobre-humano para conseguir andar sem parecer um pato!

Acabei me engasgando com tal comentário sem noção e os olhos chegaram a arder de tanto tossir.

Sarah se sentou sobre a bancada de granito e eu afastei suas pernas, colocando-me entre elas.

Entreguei sua xícara e beijei seu ombro exposto, sentindo a pele toda arrepiada. A baixinha segurou a xícara entre as mãos e me olhou por cima dela.

Às vezes, eu me achava um idiota por olhar para a mulher com que eu tinha transado a noite toda e sabia ser tão gostosa, e só conseguir pensar no quanto ela parecia a coisa mais fofinha e meiga que existia. Só que o que poucos sabiam era que Sarah, se quisesse, podia ser muito mais macho até mesmo do que eu.

— Não vamos fazer nada que te canse — eu a tranquilizei, correndo minhas mãos pelas pernas geladas. — Não sou um homem das cavernas, sei me controlar muito bem.

— Que ótimo para você, querido! Eu não sou boa com essa coisa de controle, então, se eu me atirar sobre você, lembre-se da sua promessa.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Deixei que ela bebesse o café enquanto me encarava

com

uma

sobrancelha

arqueada,

provocando-me sem ideia do perigo que corria.

Sarah colocou a xícara de lado e cruzou as mãos sobre o colo. Os cílios volumosos balançaram para mim quando ela enfiou os dedos em meu cabelo e puxou meu rosto para perto.

— A conversa está ótima, mas você vai ou não vai me alimentar, Mike?

— Que seja feita a sua vontade — falei, dando um selinho nela. — Vou te encher de comida, você vai ver.

Ela bateu palmas antes de pular da bancada e ir se sentar à mesa, levando o café e roubando uma panqueca com a mão.

Duas horas depois, uma pilha de mantas sobre o sofá e mais um copo de café bem quente, eu observava a Peach toda enrolada nas cobertas com os novos capítulos do meu livro nas mãos. Dessa vez, cada vez que ela ficava ruborizada com alguma parte da leitura, eu aproveitava para esfregar meus pés nos dela e chamar sua atenção. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rubor costumava aumentar nesses momentos.

Ela chegou ao final e depositou as folhas sobre uma almofada. Os dentes prendiam o lábio inferior conforme engatinhava sobre o sofá na minha direção.

— Você vai fazer o Smith dar umas pegadas bem fortes na Melanie, não vai? — perguntou, manhosa. — Porque eu já estou torcendo pra eles ficarem juntos.

— Vou pensar no seu caso. — Sarah se jogou em cima de mim e trouxe um cobertor junto.

Afastei o cabelo que me impedia de ver o rosto dela. — Estou pensando em colocar a Melanie loira de olhos claros.

— Por quê? — Sarah levantou o rosto, deitada em meus braços. — O que mudou?

— Só acho que tem razão em se chatear por ela ser parecida com você. Talvez, para quem nos conhece, pode soar como uma ofensa...

Sarah saiu do meu colo e se sentou de frente para mim, cruzando os braços e me lançando um olhar desconfiado. Pegou os papeis de novo, enrolou-os e bateu em mim com eles antes que eu percebesse sua intenção.

— Pois eu acho que o motivo é outro. Que você PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dormiu comigo e agora acha que precisa proteger minha honra.

— Ei! — Segurei a mão infame e pequena e tomei-lhe a arma que era feita de páginas do meu novo livro. — Por que está me batendo? Você mesma odiou quando percebeu a semelhança.

— Mas agora eu já me acostumei e, obviamente, já percebi que Melanie é alguém com quem vale à pena parecer. A profissão dela é um mero detalhe.

Tão complicada aquela cabecinha, que o melhor a ser feito era desistir de entender. Eu me espreguicei pronto para puxá-la pelas pernas e começar algo que eu tinha prometido não fazer, quando meu celular tocou no quarto.

Era meu agente literário, passando algumas informações da viagem que eu faria no mês que vem. Quando desliguei, aproveitei para falar sobre o assunto com Peach, mas ela me olhou entristecida com a notícia.

— A viagem é no final de novembro? — Fez um biquinho. — Você vai passar o feriado de Ação de Graças em Los Angeles?

— Não tinha me dado conta da data, mas de qualquer forma, pensei que você pudesse vir comigo — expliquei, encolhendo os ombros. — É

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma viagem de apenas quatro dias.

— Quatro dias é muita coisa, Mike. — Ela entortou os lábios, desanimada, se levantando do sofá e vindo em minha direção. — Você sabe como o movimento na lanchonete aumenta com o feriado, é impossível deixar meus pais na mão justo a época mais movimentada do ano.

Confesso que tinha planos de viajar com ela e curtir mais um pouco do que estava rolando entre a gente. Senti o desânimo me alcançar e suspirei, ciente de que eu não podia pedir que abdicasse do seu trabalho em razão do meu.

— Será uma viagem chata, terei que assinar papeis e apertar algumas mãos. — Segurei a cintura de Sarah. — Mas não passar o feriado com você pela primeira vez em tantos anos...

— Não vai ser a mesma coisa — ela completou.

Eu sabia que, talvez, se conversasse com Paul e Samantha, eles a liberariam de bom grado para viajar comigo. Mas Sarah era aquele tipo de pessoa que levava o trabalho a sério demais, mesmo quando os patrões eram os próprios pais. Ela tinha orgulho em poder se sustentar e, com exceção de algumas coisas para dentro de casa, ela raramente deixava que eu pagasse algo para ela. Eu a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

admirava por ser assim.

— Podemos fazer a nossa comemoração quando eu voltar — comentei. — Não é a melhor solução, mas ainda manteremos nosso ritual.

— Parece que terei que me contentar com essas migalhas. — Ela revirou os olhos e me assustou, pulando em cima de mim e envolvendo meu corpo com as

pernas. Sarah agarrou meu cabelo e sorriu.

— Você agora é um escritor popular que nunca mais terá tempo para nada além de assinar contratos milionários. Desde que você prometa que, independente da fama, nunca vai deixar de fazer panquecas, eu prometo não fazer nenhuma magia para o seu pinto cair.

O romantismo de Sarah Collins nunca me decepcionava.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Mike, já estou terminando de me arrumar! —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gritei para ele, ainda me olhando no espelho. Não conseguia me decidir por um *top cropped* que ficasse bom com aquela saia de couro.

Como não ouvi nenhuma resposta do meu amigo, saí do meu quarto e caminhei pelo corredor.

Sabia! Michael Jones era um bom de um filho da mãe trapaceiro!

— Eu não acredito que você ainda nem tomou banho, Mike!

— Não posso perder a inspiração agora —

respondeu, sem tirar os olhos do *notebook*. —

Estou no meio de uma cena em que o Assassino dos Números ataca novamente e a Melanie quase esteve no lugar errado e na hora errada. Por pouco, ela não se tornou também uma vítima.

Dei um tapa na nuca dele, que gemeu e olhou para trás, carrancudo.

— Isso é por você ter soltado esse *spoiler* grotesco! — reclamei e, em seguida, dei um peteleco no mesmo local. — E isso é por colocar a Melanie em perigo!

— Por que não vai na frente e avisa para o pessoal que eu vou chegar um pouco mais tarde?

— Porque eu te conheço muito bem e sei que, se eu sair dessa casa sem você, ficaremos esperando PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pela sua digníssima presença a noite toda. —

Enrolei meus dedos na camisa furada que ele estava vestindo. — Anda, Mike.

— Me dê cinco minutos e eu termino — ele suspirou com uma enorme má vontade, como se estivesse sendo arrastado à força para fora daquele escritório. Bem, ele estava mesmo.

Respirei fundo, controlando-me para não o esganar. Essa mania de nunca largar o computador já tinha feito a gente perder vários programas com os amigos. Eu ficaria chateada se acontecesse de novo, porque Mike tinha prometido que a gente ia dessa vez. E tudo bem, eu sabia que era independente e podia ir sem ele, mas sair sem Michael não era a mesma coisa.

Nicolas tinha ligado mais cedo, dizendo que tinha marcado com Maggie e Jessica num *pub*, para assistir à partida de *Bulls x Celtics* à noite. Só que se dependesse da lerdeza de Mike, nós chegaríamos no final do jogo.

Saí do quarto e voltei com dois cabides nas mãos, pronta para o golpe de misericórdia. Se nem daquele jeito ele se animasse, seria caso perdido mesmo.

— Pode me ajudar a decidir entre essas duas PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

blusas?

Ergui os cabides quando Mike virou a cabeça para trás num gesto tão automático que eu tinha certeza que mal reparara nas cores das peças.

— Vermelha — respondeu, grudando os olhos novamente no teclado do *notebook*, mas ele voltou a se virar para me olhar, com os olhos mais atentos e brilhantes.

— Mas que porra...? — Percebi que sua atenção estava em meus peitos. — Evoluímos do simples

“andar de sutiã pela casa” para “andar pelada”?

— Eu não estou pelada!

Mike girou a cadeira de frente para mim, arqueando uma sobrancelha e cruzando os braços.

Mas o que me chamou mesmo a atenção, foi o volume entre as pernas.

— Estou nua só da cintura pra cima. — Dei de ombros. — Não é tão absurdo assim, você já viu várias vezes nos últimos dias.

Pendurei os cabides na maçaneta da porta e caminhei até a cadeira de couro enorme, bem devagar, como um felino prestes a dar o bote na presa. Os braços de Michael foram parar nos apoios laterais quando eu me ajoelhei no colo dele.

— Você está excitado assim por minha causa ou PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pela tensão sexual entre a Melanie e o detetive? —

perguntei, enrolando meu indicador na camisa dele.

— Acho que você sabe que desse jeito, vamos nos atrasar, não é?

Senti suas mãos tocarem minha bunda enquanto puxavam minha saia justa para

cima.

— Mas Mike, eu só pedi sua opinião sobre minha roupa... — sussurrei, arrepiada com a língua dele tocando meus mamilos.

Apertei meus dedos em seus ombros e, por um momento, quase me entreguei mais uma vez. Só que eu tinha falado sério quando disse que precisava de um descanso naquele dia. Minha assadura estava em níveis estratosféricos.

Puxei o rosto de Mike pra cima e tasquei um beijo em sua boca. Ele estava tão atordoado de tesão que não teve um reflexo rápido o bastante para evitar que eu pulasse de seu colo e fugisse de suas mãos.

— O que está fazendo? — perguntou, com os lábios muito rosados. — Peach...

— Vai tomar seu banho, Michael!

Ajeitei minha saia que ficara toda enrolada ao redor da cintura e joguei um beijo de longe para ele. Meu coração bateu forte ao vê-lo largado na PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesma posição em que o deixei, com os lábios entreabertos e olhos semicerrados. Eu queria colocar Mike dentro de um potinho para que nada e nem ninguém o tocasse além de mim. Um potinho de sacanagem, inclusive.

— Você é maligna, Peach.

— Eu não sou! — Saí em minha defesa, voltando a me aproximar dele. — Mas confesso que estou com algumas ideias em mente...

— É mesmo? — Mike tocou o volume enorme que deixara o moletom mais apertado. — Não sei se você está merecendo coisa alguma.

— Posso chegar perto sem que você me agarre?

Ele me lançou um olhar avaliador, parecia duvidar de tudo que saía da minha boca e isso me deixava ainda mais animada. Não. Eu estava em êxtase!

— O que está aprontando?

Parei de frente para ele, abrindo minhas pernas para que as suas se encaixassem entre as minhas.

Os olhos de Mike voltaram a se fixar em meus peitos expostos e vi quando ele lambeu os lábios, ansioso.

— Michael Jones, eu vou te dar o melhor boquete do mundo se você se tocar para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hein? — Ele me olhou, surpreso.

Eu estava cansada de ouvir aquele tipo de coisa, para que eu me exibisse para eles. Era a minha vez de apenas observar e me deliciar com uma visão daquelas. Portanto, passei por trás de Mike e me sentei sobre a escrivaninha dele.

Quando ele se virou, estiquei uma perna até apoiar meu pé sobre a coxa dele e mordi meu lábio.

— Vou ser mais específica. Quero que se masturbe enquanto eu assisto e, depois, pensarei se você merece o prêmio.

Ele ficou vermelho, depois roxo de vergonha e eu adorei. Alguns segundos se passaram enquanto Mike olhava reflexivo para o objeto do meu desejo.

Pensei que ele fosse recusar ou tentar me dissuadir a transar, mas foi exemplarmente obediente e baixou um pouco o elástico da calça. Foi suficiente para que sua mão expusesse o membro rígido e me fizesse começar a salivar.

Sem interromper o contato visual comigo, Michael fechou a mão direita ao redor da cabeça do pênis e, lentamente, foi afastando os dedos enquanto descia até a base. Suspirei com tamanha perfeição que esteve tão perto de mim durante anos e eu nunca tivera a menor ideia de como era.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gosta do que vê, Peach? — ele perguntou, a voz carregada de tesão. — Está lembrando como é senti-lo dentro de você?

Engoli em seco. Durante últimas vinte e quatro horas eu devo ter relembrado a sensação, pelo menos, umas setenta e oito vezes. Mike era tão, mas tão bom de cama... E ele tinha uma desenvoltura incrível para esfregar com maestria seu próprio membro e hipnotizar qualquer um que assistisse. Sabendo o que eu sabia sobre a adolescência dele e o período de faculdade, era possível entender que ele teve muito tempo para aprimorar o ato de se masturbar, já que demorou a perder a virgindade.

Minha garganta estava seca e meus olhos vidrados em cada gesto do escritor. A forma como se mexia na cadeira, a boca entreaberta com a ponta da língua umedecendo os cantos, os sons pelo escritório...

— Fecha a boca, meu anjo... — falou, tirando-me dos devaneios.

Eu fechei, mas não sem antes lamber meus lábios e descer da mesa. Nem sabia de onde tinha surgido tanta vontade de fazer sexo oral, mas não pensava mais em nojo quando olhava Michael PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

naquele estado.

Eu me ajoelhei e afastei a mão dele, ouvindo um suspiro pesado sobre minha cabeça. Quando o coloquei na boca, pude absorver toda a sensibilidade de Mike, cada pulsação que emanava dele.

Suas mãos seguraram meu cabelo, mas dessa vez ele não tentou impor nenhum ritmo a mim. Em meu tempo e com minha curtíssima experiência, dediquei-me a enlouquecer o homem mais singular que eu conhecia. Peguei algumas dicas que ele foi me dando pelo caminho e podia sentir que cada vez que minha boca se fechava ao redor da glande, o pau endurecia mais, prestes a explodir.

— Puta que pariu, Sarah! — ele gemeu, soltando meu cabelo e agarrando os apoios de braço. — Se afaste porque eu vou gozar!

Tive milésimos de segundos para pensar no que queria fazer. E, de repente, tudo que eu mais queria era ter cada pedacinho ridículo de Mike para mim, queria toda a sua essência, porque tudo nele era perfeito como era.

Por isso, ele urrou quando eu fiz um movimento de sucção com a boca ao sentir o primeiro vestígio de sêmen. Era horrível e isso nunca mudaria, mas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu me empenhei em não deixar que sequer uma gota escapasse pelos meus lábios.

— Peach, você é demais — sussurrou, letárgico.

— Que chupada sensacional. Meu Deus...

Sorri e, ao afastar minha boca, voltei com a ponta da língua para secá-lo o quanto eu pudesse, sem desperdiçar nada.

— Você está me estragando para as outras mulheres. Sexo oral nunca mais vai ser o mesmo com outra pessoa.

Como é? Minha saliva desceu amarga quando meu cérebro ordenou que eu me afastasse. Que merda era aquela que Mike estava dizendo? Ele não podia ser tão idiota de pensar em outra mulher comigo na frente dele. Podia?

Eu me levantei, controlando minha fúria para não arrancar metade do pau dele com meus dentes.

O idiota me observou com aquele olhar preguiçoso de homem que acabou de gozar que nem uma vaca leiteira e sorriu.

— Onde vai?

— Vou ali ingerir um litro de enxaguante bucal.

Se eu der sorte, pode ser que vomite — respondi ao sair do escritório e o deixei falando sozinho.

Eu sabia que não devia ficar surpresa. Já tinha PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ido para a cama com homens que não valiam uma nota de um dólar rasgada ao meio, mas geralmente, costumavam manter o foco quando estávamos a sós entre quatro paredes. Michael não. Michael era sem noção a ponto de falar sobre mulheres aleatórias enquanto outra termina de lhe dar um orgasmo. Era bem típico daquela criaturinha lesada e eu devia simplesmente ignorar um comentário como aquele.

Inclusive, eu precisava lembrar que Mike e eu éramos amigos. Sim, estávamos desenvolvendo uma amizade multicolorida, mas continuava sendo uma amizade. Eu não estava esperando que ele aparecesse com um anel de diamante na próxima semana e me pedisse em casamento. Nem mesmo um anel de namoro. Nada.

— Sarah Collins, deixa de ser patética —

murmurei, sentando-me na minha cama e olhando para a parede.

De onde estava, vi quando Michael passou a caminho do banheiro e percebi o quanto estávamos atrasados. Vesti o top vermelho e me levantei para beber água.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

35

Michael

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que tão calada? — perguntei para Sarah, dentro do táxi.

Estava sentindo-a estranha desde que saí do banho, mas a correria para me arrumar logo não deixou que eu tocasse no assunto. Ali, dentro do carro, eu podia aproveitar para recuperar o clima legal em que estávamos menos de uma hora atrás.

— Quê? — Sarah virou o rosto para mim e franziu a testa.

— Estou te achando quieta demais — falei, sorrindo. — Você não estava assim mais cedo.

Peach segurou o cabelo e o trouxe por cima do ombro, deixando-o cair em cascata à frente do seio.

Corri meu olhar pelo corpo dela, oculto sob o sobretudo preto. Eu sabia, no entanto, que debaixo dele havia uma saia tão curta que deixava muito pouco para a imaginação.

— Nada é nada — ela respondeu, deixando-me PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desconfiado.

Passei meu braço por cima dos ombros de Sarah e a trouxe para perto, absorvendo seu cheiro característico de pêssego que eu amava. Notei os olhos do taxista pelo retrovisor, tentando ficar por dentro da conversa e fechei a cara para ele.

Quando chegamos ao nosso destino, o *pub* já estava cheio e Sarah parecia ansiosa para entrar.

Antes que ela escapasse, passei meus braços ao redor do seu corpo.

— Tem alguma coisa acontecendo e não consigo descobrir o que é. Você está estranha, Peach.

— Não importa mais, Mike — ela disse, olhando ao redor.

— Por que não? O que aconteceu para que ficasse assim?

Sarah levantou o rosto e finalmente me encarou.

Sorriu, mas eu a conhecia muito bem para saber que não era um sorriso genuíno. Suspirei e me dei conta do quanto o sexo é capaz de complicar uma relação. Antes de transarmos, nunca tivemos tantos desentendimentos em tão curto espaço de tempo.

— Não estou estranha, mas estou começando a ficar puta com tanto interrogatório. — Ela revirou os olhos e espalmou as mãos em meu peito. —

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Estava empolgada mais cedo, só que a empolgação passou.

— Certo... Qual foi a merda que eu fiz? —

perguntei, porque estava óbvio.

Pela forma como os olhos escuros brilharam e a boca se abriu, eu senti que ela ia falar, mas parou.

— Você está bonito com essa roupa — ela disse, mudando o assunto de forma descarada. — E nem precisei te vestir dessa vez. Acho que, um dia, vai conseguir se virar sem mim.

Enquanto permaneci embasbacado com a mudança repentina de assunto, Sarah se esticou e me beijou no canto da boca antes de se soltar dos meus braços e caminhar para a entrada do *pub*.

Ela não me deu tempo de contar que fiz todo um esforço para me vestir do jeito que ela gostava. Mas a quem eu queria enganar? Enquanto seguia Sarah pela calçada, encarei aqueles saltos finos, a bunda rebolando sob o sobretudo e o cabelo solto esvoaçante ao vento do outono. Sarah Collins era areia demais para a porcaria do meu caminhão.

Nossos amigos já estavam cansados de beber PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando chegamos e o jogo rolava há algum tempo.

Nicolas, quando nos viu, levantou e nos recebeu com a animação digna de muitas latas de cerveja.

Falei com as meninas, que estavam de um lado da mesa e deslizei pelo banco vazio do outro lado.

Sarah deu beijinhos em Jessica e Maggie e ocupou o lugar ao meu lado, enquanto se desvencilhava do casaco pesado.

— A gente achou que vocês tivessem decidido ver o jogo em casa — disse Maggie, comendo amendoim.

— Na verdade, você achou — Jessica retrucou.

— Eu tinha quase certeza que Sarah viria sozinha e o Mike ficaria com a cara enfiada no computador.

— Eu estava mesmo com a cara enfiada no computador — respondi, encolhendo os ombros. —

Chama-se trabalho.

Nicolas se sentou numa cadeira na cabeceira da mesa e apoiou os cotovelos sobre ela, sorrindo.

— E o que aconteceu? Sarah te arrancou de lá pelo cabelo?

Pelas bolas, eu quis dizer, mas precisei guardar só para mim.

— Nic, pode pegar uma cerveja pra mim, por favor? — Sarah pediu, enquanto enchia a mão de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amendoim.

— Eu pego — falei. — Qual você quer?

— Você não entende nada de cerveja, Mike. —

Nicolas deu um tapinha no meu braço e se levantou para ir ao balcão. — Deixa que pego uma pra você também.

Sorri, querendo dar um soco naquele rosto de criança angelical que ele possuía, mas respirei fundo e olhei para o televisor no alto do salão. Eu detestava esportes e não tinha o menor saco para acompanhar jogos, mas fazia um esforço de estar presente pela companhia dos amigos. Não que eles fossem obcecados, mas gostavam de usar os jogos como desculpa para festejar.

— Então, quais as novidades? — Sarah perguntou, abrindo a cerveja que Nicolas entregou a ela e se juntando a um brinde do grupo.

— Nenhuma — Jessica se adiantou. — Nada de novo, mas estou bem. Consegui superar o trauma deixado pelo Michael.

Fechei os olhos, sem acreditar que ela abordaria aquele assunto. A loira notou a confusão nas expressões de Nicolas e Maggie e fez questão de soltar a língua, dando detalhes exclusivos sobre a fatídica madrugada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Graças a Deus, eu tenho um namorado muito bom de cama que me mostrou que o problema não era comigo.

— Você broxou com a Jessica? — Nicolas me olhou boquiaberto.

— Tenho certeza que algo parecido já aconteceu contigo também, alguma vez na vida — respondi.

— Sim, mas não com uma mulher como a Jessica — ele encolheu os ombros.

— Se um homem é capaz de broxar com um corpo desses — Maggie riu, gesticulando na direção da amiga — quem dirá com meros mortais como eu, como a Sarah...

— A questão nunca foi o corpo — tentei dizer, mas as conversas em nossa mesa se tornaram paralelas e altas demais.

Respirei fundo e me recostei no banco, olhando para a Sarah e notando que ela estava tão incomodada quanto eu. Enquanto deslizava um dedo pelo gargalo da garrafa, ela repousava a outra mão sobre as coxas nuas, tentando disfarçar que a saia mal cobria sua virilha.

— Por acaso está rolando alguma coisa entre vocês? — Maggie perguntou, quase histérica, intercalando olhares entre mim e Jessica. — Por PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que nós só ficamos sabendo disso hoje?

— Ew! Não! — Jessica franziu o nariz. — Foi uma coisa passageira de uma noite só.

— Mas o que é isso então? Está liberada a pegação dentro do grupo? — Nicolas riu, provavelmente muito alegre por causa da bebida.

— O que você acha, Sarah?

Ele a pegou de surpresa, descansando a mão sobre a coxa dela e a trazendo de volta do mundo da lua. Se eu pudesse, teria queimado os dedos branquelos com meus olhos, mas a única coisa que eu podia fazer, era olhar.

— O que foi? — Sarah, perdida na conversa, perguntou sorrindo.

— Vamos nos pegar?

O idiota deu três tapinhas na coxa da minha amiga, com os dedos voltados para a parte interna.

Peach abriu um sorriso divertido e eu senti inveja por não ter recebido um daquele tipo desde que saímos de casa. Peguei minha cerveja e virei, tomando um gole longo demais.

— Cuidado onde toca, Nic. Estou sem calcinha.

Vi os olhos de Maggie se arregalarem, mas minha garganta travou no instante em que a bebida passava por ela e eu me via sem ar nos pulmões.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você veio sem calcinha? — Jessica sussurrou do outro lado da mesa, se debruçando sobre ela e sorrindo. — Você é um ícone, Sarah!

Eu tossi como se estivesse prestes a cuspir fogo e meu desespero só aumentava conforme eu percebia que não conseguia encontrar o ar para dizer a Nicolas que tirasse a mão dali. Sarah bateu em minhas costas e Maggie se inclinou para frente, tentando me abanar com as mãos.

— Meu Deus, Mike — Jessica revirou os olhos.

— Você tem que aprender a beber como homem.

— Falando sério, quais as chances que eu tenho?

— Por que Nicolas ainda estava falando?

— Vai investir em alguém hoje, amiga? —

Maggie bateu palmas, animada. Ela precisava arranjar a própria vida sexual para tomar conta.

Quando finalmente consegui respirar fundo e expelir normalmente o ar, deixei que minha respiração voltasse ao normal enquanto virava de lado para encarar

Sarah. Ela não sabia a quem responder, porque nenhum dos outros três parava de falar.

— Por que você está sem calcinha? — foi a única coisa que consegui perguntar, porque estava me controlando para não cortar a mão que ainda PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava sobre a coxa dela. — Não tinha nenhuma limpa?

— Porque sem calcinha a gente perde menos tempo, Mike — Jessica respondeu no lugar de Sarah, colocando no rosto uma expressão obscena demais para o local onde estávamos. — É só dar uma levantada na saia e... encaixa!

— Exatamente! — Sarah saiu do transe e dava a impressão de que estava se divertindo. — Nunca se sabe quem a gente vai encontrar por aí. E Nicolas, meu querido, você não tem chance. Esse lance entre amigos não dá muito certo.

Sorri discretamente quando ela segurou a mão dele e a colocou sobre a mesa. Eu inclinei meu corpo para me levantar e ir buscar outra cerveja, quando ela se levantou de supetão.

— Aquele rapaz ali, no entanto, talvez tenha alguma chance. — A criatura ajeitou a saia que mais parecia um cinto e caminhou na direção do bar lotado de homem.

Senti um formigamento no meu braço esquerdo e imaginei que estivesse enfartando ou bem próximo disso. Qual era o plano diabólico que estava rondando aquela cabecinha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Já tinha me arrependido de ter saído de casa. A noite estava uma droga, o papo na nossa mesa era horrível e meu coração ainda parecia apertado pelo que acontecera no escritório. Eu queria que Michael se sentisse diminuído como eu me senti quando falou aquela idiotice num momento tão delicado.

Inicialmente, minha ideia era vir sem calcinha e brincar um pouco com Michael, pois sabia como homens enlouqueciam quando notavam a ausência de tal peça íntima. Tinha até imaginado nós dois sentados na mesa e nos tocando sem que nossos amigos vissem. Mas depois do que ele falou, desisti da brincadeira e deixei a calcinha em casa apenas PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para acabar com a sanidade mental dele.

O que eu não esperava, era encontrar David por lá. Foi o cara que eu vi de longe quando levantei da mesa e, ao parar ao lado dele, o roqueiro abriu um sorriso enorme.

— Hoje só pode ser o meu dia de sorte! —

disse, sem perder tempo ao me cumprimentar com um beijo na boca.

Fiquei atordoada pela abordagem e precisei segurar nos braços dele para não desequilibrar.

Senti o braço forte prender minha cintura e me colar ao corpo dele conforme nossos rostos se afastavam.

— Você está um espetáculo — ele sorriu. —

Não, desculpe. Estou mentindo. Você *é* um espetáculo!

Sorri, realmente feliz pela primeira vez desde que saí de casa naquela noite. Não que eu tivesse planejado beijar alguém na frente de Michael, mas era impossível não sentir o ego amaciado ao ser desejada por um homem lindo, num momento em que a gente está se achando a pessoa mais insossa do universo.

Eu aceitei a bebida que ele pagou e o banquinho que descolou ali mesmo no bar para que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pudéssemos conversar. Sem tirar as mãos de mim, David me contou algumas coisas sobre o próximo *show* que iria fazer, sobre a música que começou a escrever e viagens que estava planejando.

O jogo acabou, os *Celtic* s venceram e o tempo passou. Quando eu já estava entornando a quarta cerveja, ele fitou um ponto atrás de mim e encarou por alguns segundos antes de sorrir.

— Acho que aquelas meninas estão nos chamando.

Eu me virei para ver Maggie e Jessica acenando incansavelmente e pedindo para que eu voltasse pra mesa. O que era um grande problema, visto que Mike estava com a expressão mais raivosa que eu já tinha visto no rosto dele há anos.

— São seus amigos? — David perguntou, se curvando sobre mim e apoiando as mãos em minhas coxas.

— Sim, mas...

— Acho que querem me conhecer — ele sorriu e os polegares deslizaram por baixo da minha saia.

Eu prendi a respiração quando senti que David tinha me tocado muito rapidamente e vi a surpresa em seus olhos, ao perceber que não havia nenhuma barreira lá embaixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Segure essa mão boba! — pedi, empurrando as mãos para longe e me virando de frente para o balcão, de forma que ele não pudesse tentar de novo.

— Vamos lá falar com suas amigas! — Ele me fez levantar e puxou minha mão.

Eu fui rebocada por um David empolgado demais em conhecer meus amigos, sem se dar conta do olhar assassino de um deles. Quando chegamos à mesa, ele se adiantou em esticar a mão e cumprimentar a todos.

— David, muito prazer. Dei a sorte de reencontrar a mulher mais gata que já conheci.

Ok, eu precisava admitir que ele era um filho da mãe galanteador e muito bom em amaciar egos femininos. Tanto que vi Jessica e Maggie se derreterem nos cumprimentos.

Quando foi a vez de Michael apertar a mão dele, David o reconheceu e puxou a mão de volta, dando somente um tapinha no ombro do meu amigo.

— Podemos nos sentar? — ele perguntou, mas sem esperar por resposta, sentou no único lugar vazio, ao lado de Mike, puxando-me para sentar em seu colo.

— Você é o roqueiro? — Jessica perguntou, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

animada.

— Andou falando de mim? — ele me perguntou, sorrindo de forma presunçosa e eu lancei um olhar de agradecimento profundo a minha amiga.

— Falei rapidamente.

A chuva de perguntas caiu sobre o roqueiro, que parecia muito feliz em responder a todas, sempre se esforçando para sorrir na direção de Michael, que estava com uma cara péssima.

Nós tomamos mais uma rodada de cervejas e eu já sentia que começava a ficar

muito alegre.

Precisava parar de beber se quisesse ter um pingo de noção pelo resto da noite.

— Pelo menos a Sarah vai se dar bem hoje —

Maggie comentou, assobiando. — Um brinde às que não são encalhadas como eu!

— É mesmo? Onde vamos terminar a noite, mocinha? — David me perguntou, afastando meu cabelo de cima dos ombros e roçando o nariz no meu pescoço.

— Não se anime — avisei.

— Por quê? — Com um sorrisinho sacana, ele descansou os dedos muito, muito perto do fruto proibido. Coloquei minha mão sobre a dele e sorri, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando na verdade gostaria de socá-lo. — Não precisa me olhar com essa cara, gata. Não vou fazer nada. Não agora, pelo menos.

— Se você está vendo que ela tá incomodada, por que não tira a mão de cima dela? — Calado até então, ninguém imaginava que aquela hostilidade viria de Michael.

Senti o clima pesar imediatamente e todos na mesa ficaram em silêncio por alguns segundos.

Maggie estava de olhos arregalados, intercalando o olhar entre Mike e David, com a cerveja parada a caminho da boca.

— Acho que eu sei o que é bom para ela — o roqueiro respondeu e eu respirei fundo diante daquele afronte.

— Você compõe suas próprias músicas, né? —

Nicolas, bendito Nicolas, chamou a atenção de David para outro assunto e o fez parar de encarar Mike.

Eu sorri em agradecimento porque tinha medo que alguma coisa mais séria acontecesse naquela mesa. E, pelo amor de Deus, Michael nem sabia brigar! Ele nunca tinha dado um soco na vida e algo me dizia que David mandava bem em embates corporais. Ele tinha um jeitinho que indicava ser PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco esquentado.

Enquanto Nic e David conversavam, Mike encarava a mesa de madeira. Se a gente estivesse bem um com o outro e o sexo nunca tivesse entrado na relação, eu encostaria minha cabeça no braço dele e passaria minhas pernas por cima de sua coxa, entrando em meu universo particular. Michael não me tocaria com segundas intenções, mas faria questão de me proteger de qualquer situação constrangedora.

Nossos olhares se encontraram quando ele virou a cabeça na minha direção. Pensei em sorrir, mas não tive tempo pois Mike se agitou e fez menção de se levantar.

— Com licença, preciso ir ao banheiro — pediu.

David e eu ficamos de pé para que ele passasse e, por um segundo, pensei em ir atrás dele.

— O que você acha de irmos embora? — o roqueiro sussurrou em meu ouvido.

As coisas estavam acontecendo rápido demais e, talvez, eu devesse ter parado de beber depois da quarta cerveja. Ele passou as mãos pela minha cintura e fez eu me encostar em seu corpo. Senti lábios no meu pescoço e dedos tocando o pequeno pedaço de pele exposta entre o top e a saia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai logo, garota! — Maggie jogou um amendoim na minha direção. — Aproveite por quem não pode!

David pegou meu sobretudo em cima do banco e me entregou, se despedindo dos meus amigos e me puxando pela mão.

Olhei para trás, na esperança de ver Mike voltando, mas ele não estava em nenhum lugar.

Eu não tinha certeza do que estava fazendo. Na calçada, enquanto esperava David chamar um táxi, senti meus pés pesados demais para saírem do lugar. Eu não conseguia dar mais nenhum passo.

Por que eu estava sendo tão babaca? O que Michael disse não era pior do que eu tinha feito na frente dele, ao deixar outro homem me beijar. Eu sequer tinha vontade de encontrar com David novamente e, só me joguei em cima dele dentro do pub, para fazer ciúmes no Mike.

Quando David conseguiu um táxi, ele esticou a mão para mim. Eu não podia ir com ele. Não quando a pessoa com quem eu me importava, estava dentro do *pub* com cara de cachorro carente.

— Vamos, Sarah! — o roqueiro me chamou, apressado.

— Desculpe... — torci os lábios, arrependida. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho melhor nos despedirmos aqui mesmo.

Ele ficou surpreso e se voltou ao motorista para dizer alguma coisa. Depois, veio até mim e segurou em minha cintura, colando meu corpo no dele.

— Você não vai me dispensar novamente, né?

— Sinto muito — respondi, desviando do rosto dele. — Nós não estamos querendo a mesma coisa.

Você é um cara legal, mas eu estou em outra frequência...

Ele sorriu, aquele jeito de roqueiro safado e sedutor. Uma mão desceu pela

minha bunda e porra! Senti dedos tocarem minha pele.

— Vai embora, David — pedi, tentando me soltar. — Eu não quero, ok?

— E quem vai apagar o seu fogo, sua putinha?

— gritei quando a mão que antes estava em minha bunda me prendeu pela cintura e a outra apertou meu sexo. — Aposto que te deixo meladinha em dez segundos.

— Pare!

Eu pisei com meu salto no pé dele, mas não foi preciso fazer muita coisa. Um braço longo passou pelo pescoço de David e o enforcou, enquanto seu corpo foi puxado para trás. Os olhos de Michael estavam escuros como eu nunca vi. Ele podia não PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ser forte como o roqueiro, mas por ser bem mais alto, não teve dificuldade em dominá-lo com a chave de braço.

— Nunca mais toque ou fale desse jeito com uma mulher, seu verme! — ele esbravejou e eu corri atrás dos dois conforme Mike os levava na direção da rua.

— Mike! — chamei. — Solte-o!

David deu um soco para o alto, que pegou no maxilar do meu amigo, mas não foi suficiente para fazê-lo soltar o outro. O roqueiro tinha os olhos esbugalhados e os pés deslizavam pelo chão na tentativa de se apoiar em algo.

Eu nunca vi o escritor *nerd* daquele jeito, como se quisesse arrancar a cabeça da outra pessoa. Corri até o segurança na porta do *pub* enquanto Mike desferia socos nas costelas de David.

— Ajuda ali, moço! — pedi. — Tá rolando briga!

— Eu já vi, mas acho que o rapaz alto não precisa de ajuda. — Ele deu de ombros. — O outro é assediador, deixe apanhar.

— Não!

Era só o que faltava! Eu não me preocupava com a integridade física de David, só não queria PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que Michael fosse parar na delegacia. Corri de volta até os dois e vi que o roqueiro tinha conseguido atingir o abdômen de Mike.

Tinha medo de correr lá dentro para chamar Nicolas e acontecer algo mais sério com Michael.

Então, tomando coragem e rezando para não levar um soco no nariz, eu me aproximei.

— Mike! — Toquei as costas dele, impedindo que fosse para o meio da rua. — Ele não vale isso, deixa pra lá. Por favor!

Michael deu um giro e empurrou David contra o táxi que ainda estava parado. Agarrei a camisa dele e o puxei para longe, tentando evitar uma briga feia. David se recuperou e ficou logo de pé, apoiando-se na lataria do carro. Estava com o rosto quase roxo. Ele cuspiu no chão e olhou com fúria para Mike.

— Deixe-me adivinhar. Você está comendo, não está? — David riu com escárnio.

Pensei que Mike fosse querer discutir e iniciar uma briga de egos, mas ele simplesmente tocou em minha cintura e me indicou o caminho à frente. Eu o acompanhei para longe de David e do *pub*, mas antes que o infeliz sumisse, ainda virei para olhá-lo e mostrei meu dedo do meio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu conheço um traficante! — gritei. — Fique longe de mim!

Vesti meu sobretudo e andei calada pelo quarteirão. Mike estava quieto demais, caminhando de cabeça baixa e mãos dentro dos bolsos.

Toquei o braço dele na intenção de fazê-lo parar de andar para que pudéssemos conversar e quando se virou, segurou meus ombros.

— Você está bem?

— Acho que sim — respondi, confusa.

— Táxi! — ele se virou e chamou o carro que se aproximava de nós.

— Mike, obrigada por me defender. — Eu o encarei, mas os olhos dele estavam focados no táxi que tinha acabado de parar. — Não imaginei que David fosse agir daquela forma.

O braço dele passou pelas minhas costas e meu rosto tocou o peito de Michael. Senti seu rosto encostar no meu e meu peito se aqueceu.

— Não chore — ele pediu, e eu só então me dei conta do rosto molhado e os olhos ardidos.

Tentei secar minhas lágrimas sem borrar muito a maquiagem e entrei no carro quando Mike abriu a porta para mim. Porém, para minha surpresa, ele a fechou e permaneceu do lado de fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei! — Apoiei meus dedos no vidro aberto. —

Você não vai vir comigo?

— Vou andando.

— Por quê?

— Senhorita, qual o endereço? — o motorista perguntou, impaciente.

— Só um minuto — pedi, antes de voltar minha atenção para Mike. — São pelo menos uns seis quilômetros, você tá doido?

Ele ficou ereto e ajeitou a roupa, olhando em volta. Notei que os olhos verdes

estavam bem vermelhos e percebi que ele devia estar com vontade de chorar.

— Mike...

— Eu te encontro em casa, Peach. Preciso espairecer um pouco.

Ele deu o endereço para o motorista e se distanciou do táxi. Ainda cogitei descer e acompanhá-lo, mas o caminho era longo demais para quem estava com muito álcool na veia e saltos finos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Cheguei em casa quase uma hora depois porque não estava com pressa e tinha esperança de que Sarah não esperasse por mim acordada. Sabia que precisávamos conversar, mas não queria que acontecesse naquela noite. Meu coração estava machucado pra caralho e não ia sair nada bom naquele momento.

Vê-la beijar David, sentar no colo do infeliz e deixar que ele encostasse nela, deixou-me com vontade de vomitar, por isso tinha ido ao banheiro.

A gente tinha passado noites incríveis regadas a muito sexo. Eu jurava que tinha rolado uma conexão absurda entre nós, mas quando vi Sarah se jogar em cima de David, percebi que eu não era suficiente para ela.

Como nunca fui de me relacionar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, não conseguia entender o que se passava na cabeça de alguém que PERIGOSAS

misturava sentimentos, sensações e experiências.

Eu era careta demais para lidar com Sarah Collins.

Como nada acontece como a gente espera, assim que fechei a porta do apartamento, vi Sarah se mexer no sofá. Estava tudo escuro e ela se sentou quando me viu.

— Mike, você demorou séculos. — Ela levantou e se aproximou, vestindo apenas uma camisa minha. — O que houve?

— Nada. Só estava caminhando.

Ela deu um sorriso tímido e tocou em meus braços. Ficou na ponta dos pés para aproximar ao máximo o rosto do meu e, pela expressão que eu via, Sarah tinha intenção de me beijar.

— Você já devia estar dormindo — falei, sem querer estender o momento.

— A noite ainda é uma criança.

Senti as mãos pequenas tocarem minha cintura por baixo da camisa e suspirei. Sabia que ela não ficava bêbada facilmente, mas lembrava que tinha bebido o bastante para se animar um pouco mais.

—

Eu

vou

dormir,

Peach

—

avisei,

desvencilhando-me dela e passando pela sala. — A gente conversa amanhã.

— Sério, Michael? Vai ficar me ignorando? Que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

covarde!

Respirei fundo e virei para olhar a criatura de pouco mais de um metro e meio, com as mãos na cintura e olhar afiado para cima de mim.

— O que você esperava, Sarah? Que eu chegasse em casa abanando o rabo? Você me humilhou a noite toda. Aliás, é a segunda vez que você faz eu me sentir um merda por causa daquele roqueiro filho da puta. Eu nem podia demonstrar o que estava sentindo lá no *pub* porque algo me leva a crer que você odiaria que nossos amigos descobrissem nosso caso.

Ela abriu e fechou a boca, depois cruzou os braços.

— Não posso falar do David, no entanto. Você estava bem feliz em exibi-lo para todos nós. —

Dessa vez eu me aproximei e me curvei na direção dela. — Acha que é legal eu ter que testemunhar você se esfregando em outro homem na minha frente? Por acaso está sofrendo de amnésia?

Esqueceu o que aconteceu ali no escritório minutos antes da gente sair de casa?

— Eu nem sabia que o David estaria lá! —

tentou se defender.

— E daí? — Ela me deu as costas e foi para a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cozinha, fazendo-me ir atrás. — Isso justifica? Eu sei que você nunca cultiva sentimento algum pelos homens com quem dorme, mas podia ser um pouquinho mais compreensiva em respeito à nossa amizade.

De costas para mim, ela tirou uma lata de refrigerante da geladeira e encheu um copo.

Quando se virou e encostou-se à pia, seus olhos demonstravam uma placidez inacreditável diante do que estava sendo dito.

— Você está exagerando no drama, Mike.

Pisquei, sem acreditar na cara de pau.

— Como você consegue ser tão fria? —

perguntei, sentindo minha energia se esvair aos poucos. — De qualquer forma, que bom que um de nós continua se sentindo bem depois dessa noite.

Porque eu tô magoado pra caralho com você. Não esperava essa atitude.

Eu sabia que estava chorando e sabia também que Sarah devia estar se divertindo, porque enquanto segurava o copo com as duas mãos, olhava-me vidrada sem nem piscar.

Deixei-a na cozinha e fui para meu quarto.

Joguei minha roupa no chão e vesti apenas uma calça de pijama. Ao me virar para desligar o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

interruptor do lado da porta, Sarah entrou furiosa em meu quarto e deu um tapa estrondoso na minha barriga.

— Eu te paguei uma porra de um boquete, seu filho da mãe! — gritou.

Se tinha algum vizinho acordado, ele ficou sabendo daquele detalhe.

— Eu não lembro de te obrigar a nada.

— Não Mike, eu fiz porque quis. — Os lábios dela tremeram, demonstrando alguma fragilidade por trás daquela máscara que costumava vestir. —

E me senti péssima quando você começou a falar de outras mulheres enquanto

eu ainda te lambia.

— O quê? — Segurei a mão dela que estava prestes a me bater mais uma vez. — Não estou entendendo.

— Claro que não está. Você fala as merdas e nem lembra depois. — Ela riu com deboche. —

Você ficou falando sobre outras mulheres te chuparem enquanto eu ainda estava lá, ajoelhada.

Sequer se importou de que era algo muito feio a dizer. Outras mulheres, Mike? Era com elas que você estava preocupado?

Tentei retornar ao momento no escritório, lembrar da sensação entorpecente e da vontade de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

puxar Sarah pra cima e esmagá-la para que não se soltasse dos meus braços. Em que momento eu tinha dito algo daquele tipo?

Não lembrava, mas entendia a mudança repentina de humor e o motivo de Sarah ter saído de casa como se eu fosse o anticristo e não merecesse respirar o mesmo ar que ela.

— Obviamente eu me expressei mal porque naquele momento não estava em condições de procurar por palavras bonitas. Perguntei várias vezes o que tinha acontecido e você preferiu guardar para si mesma.

— Não sou obrigada a ficar te explicando as idiotices que faz ou fala.

— Sei que não — respondi, desanimado até para brigar. — E agora eu consigo entender que você quis se vingar de mim lá no *pub*. Só que o que eu fiz mais cedo foi como um peteleco comparado ao seu tiro de misericórdia, Peach. Eu usei palavras erradas, admito que fui idiota. Mas você ficou com outra pessoa bem na minha frente. Se isso fosse um relacionamento, você teria me traído por não conseguir resolver um problema com diálogos.

Catei minhas roupas do chão e fui guardar no armário, porque ficar encarando

Sarah não estava PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me fazendo bem.

— Vou dormir antes que você diga novamente que eu estou exagerando — avisei, descalçando os chinelos e sentando na cama. — Talvez eu esteja mesmo, porque na teoria nós não somos namorados, apenas amigos. Mas mesmo assim, não consigo ser tão descolado quanto você. E desculpe pelo que eu disse mais cedo.

Eu me deitei, mas não me vi livre de Sarah. Ela subiu na minha cama e se esticou ao meu lado, virando-se de frente para mim. Os cílios volumosos ficaram úmidos conforme algumas lágrimas escorriam pelo rosto delicado.

— Você tá me odiando? — perguntou.

— Nunca seria capaz de nutrir um sentimento ruim por você, Peach — falei, colocando uma mão sob a cabeça e observando o teto do quarto. — Só estou muito triste. A gente tá magoando um ao outro o tempo todo, desde que isso começou.

— Acho que... não é pra ser — ela concluiu, o olhar distante.

— Talvez.

Eu não tinha como dizer que estava surpreso.

Conhecia a Sarah que arrasava corações desde que começou a sair com os meninos. A Sarah que não PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se apegava, que não se envolvia, que não se entregava de cabeça a uma relação. Nossa própria amizade só era tão duradoura porque nunca envolveu romance. A gente dividia todos os prós e contras de uma vida a dois, sem haver uma cobrança de fidelidade ou doação de ambas as partes.

Sarah costumava enxergar os homens como simples instrumentos de prazer. E

eu, de repente, tinha me tornado um de sua lista.

Dedos gelados tocaram minha pele um pouco acima do umbigo e prendi o gemido de dor.

— Você está bastante machucado — disse ela.

— Não é melhor colocar um pouco de gelo?

Ela não esperou eu responder que só queria dormir e saiu apressada do quarto. Fechei os olhos, refletindo sobre nossa relação até aqui e em como ela ficaria para frente.

— Acho que a batata-frita congelada vai servir.

— Ela engatinhou pelo colchão e colocou aquele treco frio na minha pele, que fez com que eu me contorcesse. — Aguente.

As pontas do cabelo castanho se esparramaram em meu abdômen pelo tempo em que permaneceu curvada, olhando o hematoma mais de perto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acabei de lembrar das palavras que usei no escritório — contei, relembrando o momento. —

Saiu completamente errado, Peach.

— Não importa mais, Mike...

Ela ajeitou a postura e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, antes de virar o rosto e me olhar. A mágoa ainda estava ali, mas Sarah fazia um esforço extraordinário para não demonstrar.

Esfreguei o rosto e me sentei na cama, sentindo-me ainda pior. Compreendi que tinha estragado um momento importante para ela, visto que estava iniciando no sexo oral e tinha se animado tanto.

— Importa sim — falei, passando meus dedos pela franja dela. — O que saiu

pela minha boca não teve nada a ver com o que eu quis expressar na hora. Nunca pensei em ninguém enquanto estive com você, Peach. O que eu quis dizer, era que nunca mais ia querer fazer aquilo com outra mulher que não fosse você. Sabe que sou desligado.

Os dentes de Sarah prenderam o lábio inferior quando ela tocou meu peito, com o olhar perdido.

— Tudo bem, eu acredito em você. É a única pessoa em quem confio, além dos meus pais — a voz saiu fraca e chorosa. — Não quero mais brigar, porque minha noite foi péssima. Ainda não acredito PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no que o nojento do David fez. E nem dá pra culpá-lo porque, afinal, eu pedi por aquilo, né?

— Não, não e não.

Abri minhas pernas e puxei Sarah para dentro, passando meus braços ao redor do seu corpo pequeno. Sabia o que estava prestes a acontecer, as portas do passado se abririam a seguir. Ela tinha segurado muito bem desde que deixamos David para trás.

Meu peito ficou molhado pelas lágrimas dela e o corpo tremia de encontro ao meu. Esfreguei suas costas em movimentos circulares, enquanto a embalava para frente e para trás.

— Nada do que aconteceu foi sua culpa.

Homens irão assediá-la mesmo que esteja vestindo uma burca, porque, infelizmente, essa é a natureza de alguns.

— E por que fui sozinha ao cinema? Por que saí sem calcinha? Nas duas vezes eu dei motivos!

Segurei o rosto dela e obriguei a me olhar. Beijei seus olhos molhados e limpei os resíduos de um rímel mal removido.

— Você pode fazer tudo isso sempre que quiser e quantas vezes desejar. Pode

andar pelada, se assim quiser. O problema não é você. O mundo é PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que está errado demais.

Um ódio profundo tomava conta do meu coração, porque era muito difícil algum homem acionar esse gatilho em Sarah. Ela sabia se defender muito bem e, ao longo do tempo, aprendeu a conviver com o trauma tão delicado.

Claro que sempre sofria assédio como todas as mulheres sofriam, mas raramente se abalava com coisas do tipo.

O que David fez, aflorou a vulnerabilidade dela e trouxe lembranças perigosas à tona. Estremeci ao pensar no que mais poderia ter acontecido caso eu não tivesse interferido. Acho que eu seria capaz de colocá-lo em coma se cruzasse novamente o caminho dela.

— Você é maravilhosa, Peach — sussurrei no ouvido dela. — Eu tenho tanta sorte em poder ser seu amigo, parceiro, confidente...

Parei de falar quando ela se desvencilhou de mim e pulou da cama. Tropeçou nos próprios pés pelo caminho e eu fui atrás para saber o que pretendia. Pelo chão, ela largou a camisa e a calcinha.

— Preciso de um banho.

— Você já não tomou um quando chegou? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sarah cheirava a sabonete e parecia bem limpa.

— Não foi suficiente. — Entrou no banheiro, sem se preocupar em fechar a porta, ligou o chuveiro e se enfiou debaixo dele.

Eu segui para a cozinha, esquentar água para preparar um chá. Depois de colocar

a chaleira no fogo, apoiei minhas mãos trêmulas na bancada da pia e respirei fundo. Eu me sentia impotente quando ela ficava daquele jeito.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Esfreguei cada região do meu corpo mais uma vez com o objetivo de me sentir limpa. O soluço que queria fugir pela minha garganta foi controlado porque eu não queria mais chorar. No entanto, sentia-me sem forças.

Deixei meu corpo escorregar pela parede do box e me sentei no chão. O rosto asqueroso de David quando conseguiu me tocar não saía da minha cabeça. O olhar dele, a forma como abriu a boca...

o toque ríspido.

Tapei o rosto e fechei os olhos na tentativa de me livrar daquelas imagens. Elas pareciam rir da minha cara e meu cérebro ficava enviando comandos para que minha mente trabalhasse com hipóteses. E se eu não tivesse saído sem calcinha?

E se eu não tivesse ido até David? E se não tivesse provocado Mike? E se não tivesse deixado o *pub* PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o roqueiro?

— Acho que chega de banho por hoje.

Pisquei ao levantar o rosto e ver Michael desligar o chuveiro. Os pés descalços pisaram no chão

molhado

e

reparei

nas

unhas

milimetricamente cortadas. Até o pé dele era bonito.

— Vamos secar a senhorita, certo? — Um braço em minhas costas e outro atrás dos joelhos e, de repente, eu estava sendo carregada pela casa. —

Você já tomou banho suficiente por nós dois.

Eu me sentia um pouco aérea, mas conseguia ter entendimento das coisas à minha volta. Sabia que Mike estava me vestindo e enxugando meu cabelo.

No entanto, observava os pelos da barba que já voltava a nascer.

Tinha um corte pequeno no canto de sua boca e eu não havia reparado antes. Toquei a região e Michael desviou os olhos para mim. Ele passou a língua pelo corte e sorriu.

— Não se preocupe, não ficarei com sequelas.

Continuarei beijando muito bem.

Assustei-me com o barulho que ouvi no quarto e só depois me dei conta de que era minha risada. O

sorriso de Michael se alargou e ele beijou minhas PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos antes de sair correndo do quarto.

Olhei em volta, pronta para dormir ali mesmo com ele, pois não queria ficar sozinha no meu. Mal tive tempo de sair do lugar antes que ele voltasse com uma

caneca nas mãos. Senti o cheiro do chá de frutas vermelhas que era o único que eu gostava.

Murmurei um agradecimento quando peguei a caneca, mas acho que ele não ouviu. Mike passou por trás de mim e subiu na cama, recostando-se à cabeceira. Ele esfregou as mãos no rosto e, quando me olhou, vi que estava preocupado.

— Estou bem — falei, segurando a caneca com cuidado enquanto me arrastava até ele. Encaixei-me entre suas pernas e seus braços apertaram meu corpo. — Só quero esquecer essa noite.

Ele quase me esmagou as costelas antes de abrir os braços. Senti suas mãos em meu cabelo e imaginei que estivesse fazendo algum penteado surreal em mim.

— Quer esquecer até mesmo os socos incríveis que eu dei hoje? Admita que eu lutei bem.

— Você lutou bem — respondi, rindo. — Não faço ideia de onde aprendeu a dar uma chave de braço em alguém. Nem de onde tirou aquela força toda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma mecha trançada foi jogada por cima do meu ombro enquanto ele continuava trabalhando em outra. Dei mais um gole no chá e fechei os olhos, porque aquela sensação era muito prazerosa.

— O ser humano é capaz de encontrar forças que desconhece quando precisa proteger alguém que ama.

Senti um estalo dentro de mim, mas logo me dei conta de que não era uma declaração. Nos amávamos como amigos e já tínhamos dito isso um para o outro diversas vezes.

— Desculpe por ter feito você precisar brigar, Mike. — Respirei fundo e encostei a cabeça no peito dele depois que a segunda trança foi finalizada. — Eu quis te fazer passar raiva, mas sei que não teria gostado se estivesse no seu lugar.

— Até que você ficou bonitinha com minha samba-canção — ele estalou a

língua e eu virei um pouco o rosto para encará-lo pela mudança repentina de assunto. — Esquecer o dia de hoje, lembra?

— Não todas as coisas — sorri, mordendo meu lábio propositalmente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

A boate estava muito cheia naquela noite e ela ficou ansiosa com a possibilidade de faturar o dobro com o movimento. Cumprimentou algumas das meninas, retocou o batom no espelho e saiu do camarim.

Como fazia todas as noites, Melanie deu uma volta pelo salão para poder avaliar potenciais clientes e, claro, exibir-se para quem tivesse interesse.

Usava uma tanga vermelha apenas com um fio bem fino que entrava na bunda pequena, porém, definida. Os seios estavam escondidos por um sutiã rendado, também vermelho, com bojo meia taça.

Nos pés, ostentava uma réplica de um *Loubo* utin, que deixava os músculos das pernas em evidência.

— Que bom que eu te achei! — O gerente do lugar a segurou pelo braço e olhou

para Melanie com um olhar suplicante. — O próximo *show* seria da Penelope, mas ela não veio e não podemos ficar com um buraco de meia hora no palco.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Hoje não é meu dia de *show,* Arthur —

suspirou a garota de programa.

Melanie olhou com tristeza para o homem de sessenta anos que sempre quebrava todos os galhos para ela e esperou que, daquela vez, fizesse o mesmo. Se ela fosse para o palco, ganharia muitas gorjetas, mas perderia a oportunidade de pegar algum cliente com carteira recheada para passar o resto da noite. Aquele era o horário de maior movimento no estabelecimento e também era quando as garotas saíam à caça.

— Sinto muito, Mel. Você é a única que está livre.

Arthur deu um sorriso para se desculpar e saiu.

Por mais que ele fosse bom para Melanie, não chegava a ser uma pessoa que desse abertura para discussões. Se ele mandava, ela fazia. E isso servia para todas as garotas que trabalhavam ali.

Melanie suspirou, resignada. Teria menos de vinte minutos para se arrumar para o *show*. Ela retornou às pressas ao camarim e tirou uma de suas fantasias do armário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os assobios estouraram pelo ambiente quando as luzes se acenderam sobre ela ao subir no palco.

Melanie caminhou pela passarela sem conseguir enxergar a plateia enquanto

seus olhos não se adaptavam com os refletores.

Calçando botas de vinil que iam até a metade da coxa, uma calcinha preta que não deixava nada para a imaginação e uma camiseta com as letras FBI pintadas em amarelo, ela parou com as mãos na cintura. Fez sua pose habitual e esperou até que a plateia terminasse de ovacioná-la. Aquele era um dos *shows* mais famosos da boate e os homens enlouqueciam com a interação que Melanie lhes proporcionava.

Embalada pela música, a mulher balançou as algemas no ar e fechou uma ao redor do pulso direito. Então, levou a pequena chave prateada até a boca e a deslizou pelos lábios, mantendo toda a atenção para si. Quando teve certeza de que todos os olhares estavam focados no show, passou a ponta da chave em seu abdômen, desceu pelo umbigo e levou a mão para dentro da minúscula calcinha, guardando ali o objeto de sua liberdade.

Como esperado, ouviu os murmúrios de desejo que se seguiram ao ato e se preparou para começar PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a dançar. No entanto, foi surpreendida ao olhar numa determinada direção e encontrar os olhos de lince do detetive Smith. O que ele estava fazendo ali?

O homem se ajeitou na cadeira com aquela visão. Tinha decidido ir até a espelunca para observar o movimento e tentar encontrar alguma pista. Quem sabe, o próprio assassino fosse revelado.

Smith conhecia o lugar e já tinha frequentado ambientes parecidos. Não era nenhum santo, pelo contrário. Admitia sentir tesão em ver mulheres atraentes dançando para uma multidão.

O que ele não esperava era vê-la no palco, muito menos vestida daquele jeito. Parecia até uma piada de mau gosto, Melanie usando um pseudo uniforme do FBI. Ele pensou em como o trabalho ficaria mais divertido se os uniformes fossem remotamente parecidos com aquele.

Sob os holofotes, a garota de programa arisca lançou um olhar afiado para o detetive. Não dava para saber o que estava sentindo com sua presença e tampouco ele conseguia colocar em palavras a sensação de poder assistir a um

show dela.

Milésimos de segundos se passaram até que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Melanie desfez o contato visual e deu as costas para a plateia. A bunda perfeita ficou em evidência e quando ela inclinou o tronco todo para frente até tocar as mãos no chão, a visão do paraíso atingiu em cheio o detetive.

A jovem podia ouvir os assobios e gritos de excitação que eram comuns àquelas danças. Tocou na barra do *pole dan* ce e o abraçou com uma das pernas, deslizando por sua extensão e rodopiando conforme a música.

Ela tentava fazer como em todos os *shows* e sempre dividir sua atenção com toda a plateia, mas dessa vez, Smith roubava sua concentração. Não conseguia desgrudar os olhos do homem e ele demonstrava estar tão hipnotizado quanto ela. No caso de Melanie, o que se passava pela cabeça dela era a tentativa de descobrir o que Smith estava fazendo ali. Policiais não tinham o costume de frequentar a boate.

— Gostosa! — Era a palavra que ela mais ouvia enquanto circulava pelo palco. A chuva de notas de um dólar que era ignorada pelos saltos finíssimos de Melanie, que se assemelhava a um animal predador quando caminhava.

Em determinado momento, ela tirou a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

camiseta e o sutiã e mergulhou no piso brilhante com sensualidade. Com as mãos apoiadas no chão, a garota de programa elevou a cabeça e os ombros, dando ao detetive e demais homens, uma visão privilegiada dos belos seios.

Smith coçou a barba ao encarar os bicos intumescidos que balançavam aos movimentos de Melanie. Ela rebolou e se moveu como se o estivesse cavalgando, apesar de ter ciência de que a dança não era exclusivamente para ele.

As pontas do cabelo castanho tocaram a bunda quando ela jogou a cabeça para trás e deslizou as mãos pelos quadris.

O ponto alto do *show*, enfim, chegou. Melanie lançou os olhos pela plateia, fingindo algum interesse. Mas, o escolhido para subir no palco já tinha sido definido desde que seus olhos encontraram com os de Smith.

Ela acenou para o detetive, chamou-o com o balançar de um dedo e, de início, ele considerou se devia mesmo aceitar o convite. Era um policial, afinal. Tinha um nome e reputação a zelar. Porém, quando entendeu que outro subiria em seu lugar, tomou coragem.

Ao pisar sobre o palco, sentiu-se cego com PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tanta iluminação e pensou como devia ser horrível para as mulheres que ficavam ali em cima, sem controle em relação aos espectadores, sem poderem ver com clareza o que de fato acontecia enquanto estavam tão expostas.

— Olá, detetive! — apesar da música alta e do barulho no salão, ele conseguiu ouvir a mulher ronronar. — Que surpresa te ver por aqui.

Ela atiçou, segurando um seio e lambendo o lábio inferior de um jeito tão sexy que ele poderia ficar duro. O homem agradeceu pelo som alto encobrir seus pigarros. Smith não era do tipo que ficava nervoso na presença de uma mulher, mas para tudo na vida existia uma primeira vez.

— É o seguinte. Vou ficar presa a este poste

— disse ela, sensualizando com a barra de metal reluzente — e a única chave você já sabe onde está.

Antes que ele entendesse o que ela estava prestes a fazer, Melanie passou os dois braços ao redor do poste e fechou a outra algema.

A plateia foi à loucura enquanto ela se esfregava no ferro e comia Smith com os olhos. A garota mordeu o lábio e sorriu com malícia, rebolando para o detetive.

— Vai me soltar ou não? — perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele precisaria da chave, dentro da calcinha de Melanie. Quando se deu conta disso, o pomo de adão subiu e desceu.

O homem olhou em volta de onde estava, sem conseguir discernir muita coisa. Por que não? Já estava ali mesmo e tinha subido por sua própria conta.

Ao se aproximar, ele rodeou Melanie e parou atrás dela. Respirou fundo quando a danada esfregou a bunda em seus quadris e apoiou a cabeça em seu ombro.

— Procure a chave, detetive — pediu, com a voz *sexy* demais para manter a sanidade de um homem estável.

Smith deslizou uma mão pela barriga sarada até alcançar a calcinha minúscula. Seus dedos entraram pelo couro da peça, enquanto Melanie dificultava as coisas sem parar de se contorcer de encontro ao pau dele, que começava a dar sinais de vida.

Os dedos ásperos e rudes tocaram a buceta lisa, sem encontrar a chave. Melanie sorriu e fechou os olhos.

— Terá que procurar com mais afinco, detetive...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem esperar mais, ele afastou os grandes lábios e sentiu a umidade que começava a se formar e melar seus dedos. A pequena chave, ele prendeu contra a palma da mão, mas antes de se afastar, tocou o clitóris de Melanie e a arrancou suspiros.

— Era isso que tinha em mente desde que me viu sentado naquela poltrona? — perguntou ele, colocando mais pressão no toque e sussurrando no ouvido dela. — Gostou de me provocar?

Ah, sim, ela tinha adorado. E podia sentir que fizera um ótimo trabalho, devido ao volume dentro das calças de Smith. Melanie ficaria ali mais tempo, deixando que ele a tocasse daquele jeito, mas a música estava chegando ao final.

— Liberte-me, detetive — pediu. — O *show* está terminando.

A vontade era enfiar um dedo dentro dela e sentir seu calor, mas Smith puxou a mão com a chave junto e, com pesar, abriu as algemas. Estava perdido, teve certeza.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Tinha muito mais para contar sobre a última cena que escrevi do livro novo, mas precisava fazer uma pausa mental. A história estava exigindo muito de mim e há dias eu vinha sendo consumido pelo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

universo de Melanie e Smith.

Essa imersão costumava acontecer comigo quando eu já tinha passado da metade do livro e precisava me aprofundar um pouco mais até chegar ao clímax da história.

Recostei-me à cadeira e baixei a tela do *notebook*. Eu precisava me arrumar para um evento literário que aconteceria no início da noite, onde eu estava sendo aguardado para autografar a décima edição de Degraus. Na minha humilde opinião, eu achava desnecessário, visto que a editora mandaria fazer uma nova edição com a capa do filme, assim que esta fosse divulgada.

O evento também seria importante para mim pois eu divulgaria, pela primeira vez, o título do livro novo. Nem mesmo Sarah tivera essa informação privilegiada.

Depois de tomar banho e vestir uma calça, parei diante do quarto dela e bati na porta. Era uma coisa que tinha mudado em nossa relação, desde o dia em que decidimos não misturar mais as coisas. Aquela fatídica noite no pub e o episódio com o maldito David acabaram esfriando fosse lá o que estava tentando nascer entre nós.

— Peach — chamei, girando a maçaneta e só PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocando a cabeça para dentro do quarto depois de dez segundos. — Pode me ajudar?

Ela estava sentada na cama, terminando de calçar os sapatos chiques. E porra, estava linda demais!

Quando se levantou e veio até mim, observei em detalhes o vestido preto e branco que batia na altura dos joelhos e contrastava com o cabelo dela. O

modelo justo do jeito que ela gostava, evidenciava as pequenas curvas e aquela bunda que eu não tocava mais há três semanas.

Desviei os olhos da boca pintada de batom vermelho e sorri, tentando me convencer de que não sentia falta de beijá-la.

— Quero sua ajuda para decidir que camisa colocar. — Encolhi os ombros, seguindo os passos dela até meu quarto. — Acha que eu devo me barbear?

— Não — ela respondeu quando parou diante do meu guarda-roupa e tocou meu rosto. Os dedos finos fizeram uma carícia na minha pele. — Você fica maravilhoso com ela.

— Tem certeza?

— Absoluta!

Eu sempre achava que passava uma impressão PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito desleixada quando deixava a barba crescer, mas confiava cegamente na opinião de Sarah.

— Vista isso aqui. — Ela me estendeu uma camisa social cinza que tinha um tom muito parecido com o do meu jeans. — E coloque isto.

De frente para o espelho, abotoei a camisa até em cima e passei a gravata vinho pelo pescoço. Dei o nó, curtindo aquele look no qual eu nunca conseguiria pensar e Sarah surgiu ao meu lado, segurando um colete preto de alfaiataria.

— Não faça essa expressão para mim, vai ficar bom — ela prometeu.

Eu nunca usaria aquele colete sem a companhia de um terno, mas passei os braços por ele e deixei que Peach fechasse os botões e o alinhasse à minha roupa. Ela dobrou as mangas da camisa até meus cotovelos e ajeitou para que não ficasse tecido embolado.

— O que eu faria sem você? — perguntei, colocando as mãos nos bolsos da calça e fazendo pose diante do espelho. Estava mesmo bonito.

— Aos poucos, você está evoluindo. Só o fato de ter ciência de que precisa de ajuda para se vestir já é um grande avanço. — Ela enfiou os dedos pelos meus cabelos e torceu a boca. — Há um ano PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você reclamaria se eu te obrigasse a vestir isso.

Sarah saiu correndo e permaneci imóvel, pois algo me levava a crer que ela não tinha terminado de brincar com seu boneco gigante. Vi que estava certo quando ela voltou ao meu quarto com um tubo de cosmético na mão e sorriu.

— Não pira, isso não é coisa só de mulher.

Estreitei meus olhos, tentando ler o que estava escrito na embalagem e amaldiçoei as letras tão pequenas.

A criaturinha me fez sentar na cama e afastou minhas pernas com o próprio corpo, enfiando-se no meio delas. Inspirei profundamente, sentindo seu cheiro característico de pêssego.

— Devo ficar com medo? — perguntei quando ela espremeu o tubo e formou uma bola de espuma branca na palma da mão. — Espero que não seja espuma de barbear.

— Isso é mousse de cabelo. — Fechei os olhos.

Era coisa de mulher *sim*. — Para deixar os fios mais encorpados.

Eu não fazia ideia do que aquilo significava, mas segurei os quadris dela e deixei que mexesse no meu precioso cabelo. Enquanto Sarah balançava meus fios de um lado para o outro, meus polegares PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

automaticamente fizeram movimentos circulares por cima do vestido. Senti vontade de descer mais um pouco até a curva das nádegas, mas me controlei bravamente.

— Pronto — disse ela, soltando minha cabeça e me permitindo levantar o rosto. — Não é por nada não, mas ficou muito melhor.

— Não tenho dúvidas disso — sorri. — Você já está pronta?

— Só vou pegar minha bolsa no quarto e depois poderemos ir.

Sempre sentia frio na barriga nos minutos que antecediam meu contato com o grande público.

Nunca sabia como me portar, o que falar, achava que sairia horrível nas fotos e morria de medo de errar o nome de alguém na hora dos autógrafos.

Sarah sabia como eu ficava nervoso, por isso segurou minha mão dentro do táxi. Ela sorriu para mim e eu sorri de volta, levando seus dedos aos meus lábios.

— Obrigado por ser minha melhor companhia

— falei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De nada

— Você está linda. — Apoiei nossas mãos em meu colo e continuei olhando para o rosto dela, que nem um idiota babão. — Identidade.

— O quê? — O vinco se formou entre seus olhos quando franziu as sobrancelhas.

— O nome do livro novo. Quis que você fosse a primeira a saber.

Peach degustou a informação por um tempo e, por fim, abriu um sorriso enorme.

— Eu amei!

Umedeci meus lábios, tenso com a proximidade do nosso destino final. Haveria distribuição de duzentas senhas e, geralmente, elas sempre se esgotavam. Porém, Degraus tinha sido lançado há mais de um ano e as vendas foram exorbitantes. Eu não conseguia imaginar que ainda houvesse gente em Nova York que não comprara o livro.

— No que está pensando? — Sarah perguntou, ajeitando meu cabelo com os dedos gelados.

— Que o evento hoje pode ficar vazio —

suspirei. — Todo mundo já está enjoado de Degraus.

— Mike, você enlouqueceu? Seu nome está em todas as mídias por causa do filme, todo mundo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quer ler o livro antes. E, mesmo os que já leram, não querem perder a oportunidade de conseguir um autógrafo. — Com a mão que estava livre, Peach apertou meu braço e encostou a cabeça no meu ombro. — Além do mais, as pessoas adorariam ler até mesmo a sua lista do mercado.

Eu não exageraria tanto, mas foi um choque para nós dois quando o táxi parou

na porta do teatro.

Havia uma fila dando voltas no quarteirão e o início dela era bem ali na porta. Um segurança esperava do lado de fora e ele nem deixou que eu sorrisse para qualquer pessoa. O homem passou o braço enorme em minhas costas e me rebocou para dentro, enquanto ouvia meu nome ser gritado em várias direções.

Chegamos esbaforidos ao interior luxuoso do teatro e encontramos com Vivian, minha agente literária. Ela era uma loira de quase um metro e noventa de altura, na faixa dos trinta anos, lembrava uma Helen Hunt jovem. A mulher era deslumbrante e, quando a conheci, confesso ter sentido uma atração. Até que descobri que ela gostava de mulheres tanto quanto eu.

— Você viu tudo isso? — ela perguntou, apertando-me num abraço. — Precisamos decidir PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma coisa, Michael. As duzentas senhas foram distribuídas em quinze minutos e tem quase trezentas pessoas aguardando na esperança que a gente coloque mais senhas.

— Mike! — Sarah gritou e tapou a boca em seguida, com os olhos arregalados. — Puta merda!

Ela tinha muita classe e fez todo mundo rir. Eu, no entanto, estava mais nervoso do que antes.

Como assim quinhentas pessoas se deslocaram de suas casas para pegar a assinatura de um idiota?

— E então? O que faremos? — Vivian perguntou.

— Ele vai atender todo mundo. — Todos olhamos para Peach, que exibia um sorriso orgulhoso, com as mãos na cintura. — São seus fãs, Mike.

Vivian olhou para mim, esperando pela minha confirmação. Suspirei e balancei a cabeça bem discretamente, sem conseguir digerir a situação. Ela nem esperou que eu falasse qualquer coisa e saiu gritando ordens pelo rádio.

Olhei em volta, caminhando pelo corredor que separava as fileiras de cadeiras. Tirei minhas duas canetas do bolso traseiro, ciente de que elas não seriam suficientes para tantos autógrafos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes de me sentar, Sarah surgiu diante de mim e segurou meu rosto entre as mãos.

— Tudo bem?

— Quinhentos é um número bem grande —

falei, com os lábios secos. — Como vou conseguir falar para esse tanto de gente?

Antes dos autógrafos, eu palestraria durante uma hora, fazendo também um bate-papo informal com o público. Esperava que, com o aumento do número de leitores, pelo menos a parte em que eu precisaria falar fosse diminuída.

— Estou tão orgulhosa de você! — Peach sorriu e as mãos deixaram meu rosto para tocar em meus dedos. — Não esqueça do quanto é inteligente. Não irei sair de perto de você, ok? Até porque, se alguma fã maluca tentar te agarrar, vai levar um soco na cara.

— Vai defender minha honra?

— Sempre.

Passei meus braços ao redor da sua cintura estreita e a grudei em meu corpo. Como estava de saltos muito altos, minha boca roçou na altura do nariz dela quando abaixei minha cabeça. Respirei fundo, controlando-me para não roubar um beijo, mas Sarah não ajudou muito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinto saudades de... — ela não terminou de falar e eu beijei sua bochecha.

— De quê?

— Nada — respondeu, levantando o rosto e colocando um olhar enigmático nele. — Pensei alto.

— Eu te entendo. — Alisei as sobrancelhas delineadas e estremeci com as mãos de Sarah pairando um pouco acima da minha bunda.

Foram segundos muito rápidos que se passaram enquanto eu ponderava minhas segundas intenções.

Mas, como ainda estávamos sozinhos e eu sabia que em breve aquelas portas se abririam, respirei fundo e arrisquei.

Beijei a boca vermelha, devagar, afastando os lábios macios bem de leve, o suficiente para encaixar os meus entre eles. Pude sentir o hálito fresco quando Sarah suspirou e quis muito pegá-la no colo e investir com minha língua. Mas, ao contrário, eu me afastei sem pressa até subir no palco onde se encontrava o sofá designado a mim.

— Agora acho que consigo encarar dois mil leitores — comentei, girando minha caneta entre os dedos e piscando para a dona dos olhos castanhos.

Vê-la se afastar para sair do meio do caminho, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cambaleante, foi como reacender uma queimação dentro do peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Não falara da boca para fora. Eu estava mesmo muito orgulhosa de Mike. Sabia que não devia ser fácil palestrar para um público tão grande, sendo ele uma pessoa introvertida e tímida. Pior ainda, foi ter passado hora após hora autografando sem parar.

Se levasse em conta que cada pessoa tinha direito de autografar dois exemplares de autoria dele, dava para sentir pena dos dedos de Mike.

Mas ele foi até o final, mesmo precisando parar vez ou outra para massagear o dorso da mão e alongar os dedos. Percebi que seus últimos cem autógrafos já eram pouco mais que um borrão e que as lentes de seus óculos começaram a embaçar constantemente. Ele resistiu bravamente e ganhou uma salva de palmas da equipe editorial no final da noite.

Meu escritor favorito se jogou no sofá assim que entramos em casa e chutou os sapatos para longe.

Seus dedos apressados o livraram do colete e da gravata e ele deitou antes de tentar abrir a camisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou morto até semana que vem —

murmurou ou gemeu, eu nem soube diferenciar. —

Acho que nem se eu quisesse muito, conseguiria bater uma punheta hoje.

Revirei meus olhos diante daquele exagero e me aproximei, ajoelhando-me no braço do sofá e deslizando meus dedos por dentro do cabelo dele.

— Quer que eu faça um sanduíche? —

perguntei. — Eu comi por lá mesmo, mas sei que você não teve tempo de parar.

— Quero, por favor!

Inclinei-me para beijar sua testa e fui para a cozinha preparar a comida com muito afinco.

Não sabia se meu sanduíche estava delicioso ou se a fome de Michael era tanta que tinha feito com que ele perdesse o paladar. Mas, a questão era que ele comeu até lamber os dedos e voltou a largar o corpo relaxado no sofá.

Eu precisava tirar aquele vestido e me trocar para dormir. Não tinha palestrado nem cansei minha mão, mas fiquei em pé a maior parte do tempo, ajudando a organizar a fila, mantendo o copo d’água de Mike sempre cheio e até arrisquei tirar fotos para fãs que não queriam confiar apenas no fotógrafo oficial.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus pés estavam doloridos, mas tinha valido muito à pena. Era tão gratificante testemunhar a realização de Michael, ver o brilho nos olhos dele e estar por perto a cada sonho realizado.

— Está com sono, não é? — ele perguntou ao me puxar do braço do sofá, onde eu estava sentada.

Caí de forma desajeitada sobre o corpo dele e abafei um gritinho histérico por causa do susto. —

Estou sonhando com a minha cama, mas cadê a disposição de andar até o quarto?

— O meu é dez metros mais perto. — Encolhi os ombros. — Posso te ceder o canto direito.

As pernas dele envolveram as minhas e eu apoiei um cotovelo em seu abdômen. Mike franziu os lábios enquanto olhava para o teto antes de responder.

— Na verdade, que tal se a gente dormisse aqui mesmo? Bateu um espírito aventureiro em mim!

— Dormir no sofá é algo radical pra você? — eu ri. — Francamente, Mike. Vou te apresentar ao X-Dog para você entender o que é viver na adrenalina.

— Quem?

Gargalhei com minha piadinha particular e ele estreitou os olhos com raiva por ser deixado de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fora.

— Não tem espaço nesse sofá para nós dois dormirmos confortavelmente. Você está velho, vai acordar com dores na coluna.

— Essa é a intenção — sussurrou, com uma expressão maliciosa.

— Acordar cheio de dor?

— Não ter espaço suficiente — sorriu. — Assim você será obrigada a dormir grudada em mim.

Ele arqueou a sobrancelha de um jeito propositalmente exagerado, fingindo ser um tremendo garanhão e me arrancou uma risada.

Alisei o queixo dele, sentindo a barba arranhar de leve os meus dedos. Como ele conseguia ser tão maravilhoso? Eu viveria eternamente feliz mesmo se caíssemos numa ilha deserta e fôssemos só nós dois para sempre. Eu amava meu melhor amigo.

— Você ficou muito bem nesse vestido — falou, alisando minhas costas. — Ele tem um ótimo caimento e deixou as melhores partes em evidência.

— Desde quando você repara em roupas? —

perguntei, chocada com aquela revelação de um lado dele que eu não conhecia.

— Não ligo para o que visto, mas sempre reparo em tudo que usa.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— É mesmo? — Mordi meu lábio, deixando-me levar pela conversa só para ver até onde iríamos. —

E quais as melhores partes que ele evidencia?

— Ah, Peach... — Mike estalou a língua e passou uma mão pelo cabelo. — Não faça eu me comprometer.

Foi a minha vez de franzir os lábios e fazer bico, mas eu compreendi e aceitei a fuga dele. Não era sadio mesmo ficarmos nos alfinetando e brincando de jogos de sedução, quando sabíamos que não ia dar em nada. Eu não queria que nossa amizade voltasse a ser colorida porque não me sentia preparada para assumir um romance com Michael.

Eu não era suficiente para ele. A vida dele era muito boa sem que ele se apaixonasse por uma pessoa problemática.

Minhas pálpebras pesaram quando abri os olhos ao sentir que estava voando. Descobri que Mike me carregava nos braços e entendi que, em algum momento no meio da nossa conversa, eu adormeci.

Fui colocada com delicadeza sobre o colchão dele e pisquei, sonolenta, enquanto o observava se PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

despir.

— Empresta uma roupa? — pedi, ajoelhando de costas para ele, de forma que pudesse puxar o zíper do meu vestido.

Estremeci quando seus dedos tocaram minha pele e senti meu corpo arrepiar. Facilitei para que o tecido deslizasse pelo meu corpo e me deitei de costas quando me vi livre da roupa. Tapei meus peitos, pois o corte do decote não possibilitava o uso de um sutiã.

— Ops. Desculpe por não te avisar disso —

sorri, um pouco embriagada de sono. — Não foi premeditado.

— Sua sorte é que mal estou conseguindo manter meus olhos abertos.

Não tinha certeza se era sorte mesmo, visto que Michael estava tirando a calça jeans e eu comecei a relembrar dos momentos intensos que passamos naquela cama.

Admirei a bunda dentro da boxer preta enquanto ele ia até o guarda-roupa e pegava uma camisa para mim. Ao me entregar a peça, ele vestiu uma calça de pijama e se jogou ao meu lado.

Soltei uma risada quando o braço dele me cercou e me puxou antes que eu conseguisse vestir PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a camisa. Mike jogou uma perna por cima do meu corpo e manteve o braço em minha cintura, unindo nossas peles e me fazendo arrepiar.

— Mike, você não estava com sono? —

perguntei, escondendo meus peitos para manter um pouco de dignidade.

— Eu estou — respondeu, com calma. — Só quero dormir assim com você...

— Pode deixar eu me vestir, pelo menos? —

Estiquei meu braço para tentar alcançar a camisa que tinha ficado longe de mim.

Ouvi o escritor pigarrear e o encarei, encontrando os olhos verdes grudados nos meus peitos. Um sorrisinho safado brotou naqueles lábios e ele puxou o edredom para cobrir a nós dois, sem me dar chance de colocar a roupa.

— Vamos dormir assim.

— Isso não é justo — choraminguei. — Você está confortável em sua calça e me deixou seminua.

Michael franziu a testa diante da minha reclamação e me arrancou gargalhadas quando colocou outra ideia em prática. Ele deu um pulo rápido da cama, tirou a calça e voltou a se deitar só de cueca boxer. Era uma situação surreal.

— Você não acha mesmo que a gente vai dormir PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desse jeito, né? — tentei sondar aquela cabecinha que guardava ideias geniais, para entender o que ele tinha em mente. — Não é algo muito comum para uma amizade.

— Nossa amizade não é mais comum há muito tempo, Peach. — Ele esfregou o nariz no meu pescoço e se aconchegou novamente com os braços ao meu redor. — Olha, não vou tentar te seduzir nem estou pensando em sexo. Só quero ter você nos braços essa noite. Pode ser?

Os olhos verdes expressivos fitaram os meus pelo longo tempo em que pensei numa resposta e desculpa coerente para sair daquela cama. Mas eu não conseguia enganar meu coração, que dizia querer o mesmo que Michael. Estar com ele nunca tinha sido somente uma questão de atração física ou uma necessidade sexual.

Fechei os olhos e me virei de frente para ele, apoiando minha mão em seu peito e deitando minha cabeça sobre seu braço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

42

Michael

PERIGOSAS NACIONAIS

A criatura de cabelo longo sentada no meio da minha cama conseguia me tirar do sério. Eu viajaria na manhã seguinte e ela tinha se voluntariado para me ajudar com a arrumação do que eu ia levar.

Com um pacote de biscoito na mão, Sarah tirava algumas peças de roupa conforme eu as colocava dobradas dentro da mala.

Quando eu coloquei uma camisa que adorava usar para dormir e a mãozinha pequena a puxou de volta, eu larguei tudo e cruzei meus braços.

— Sério? Você vai implicar até com o que vou usar pra passar a noite? — perguntei.

— Tenho certeza de que você possui algum pijama melhor pra usar — disse ela, largando minha camisa no chão sem nenhuma cerimônia.

— Peach, eu não vou dormir acompanhado.

Pouco me importa se a roupa é velha ou nova.

— Como você pode ter tanta certeza? — A PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

baixinha arqueou uma sobrancelha, provocando-me. Eu sabia que, no fundo, ela adoraria me ouvir dizer que não tinha mais olhos para outra mulher.

Até podia ser verdade, mas eu nunca admitiria.

— Não estou viajando em busca de aventuras sexuais. Vou trabalhar.

— E se houver um incêndio no hotel e você precisar sair às pressas? Tem certeza de que vai querer aparecer no noticiário com uma camisa furada?

— Você prefere arrumar a mala sozinha? —

perguntei, com um pouco de preguiça — Porque estou perdendo tempo aqui.

— Não, senhor. — Ela se ajoelhou na cama, soltando os biscoitos e limpando as mãos na calça.

— Uma hora tem que aprender a se virar sozinho. E

tenha dó, Mike, olha essas camisas como estão dobradas! Vai chegar tudo amarrotado!

Eu me sentei na cama, pois sabia que era uma batalha perdida.

— O que você está fazendo? — perguntou.

— Deixando o trabalho pra você — respondi, apertando o joelho dela. — Vai lá, eu sei que está louca para arrumar tudo.

Sarah revirou os olhos, mas eu sabia que por PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro, estava comemorando receber aquele poder.

Nossos gostos eram muito diferentes e, para ser sincero, eu já tinha acostumado com a mania dela de me vestir. Às vezes, dependendo da ocasião, até ficava aliviado por ter Sarah por perto para pensar por mim.

Observei a criaturinha animada caminhar até meu guarda-roupa e escancarar as portas. Ela franziu os lábios, tirando algumas peças lá de dentro e trazendo para a cama.

— Certo, farei esse sacrifício por você —

cantarolou, mas eu sabia que estava empolgada. —

Você provavelmente terá algum tempo de conhecer um ponto turístico, passear

pela cidade...

— Vou sozinho, Peach. Não acho que terei saco para rodar pela cidade sem companhia.

— Estamos falando de Los Angeles, você pode se esforçar. — Ela estendeu as roupas ao meu lado. — Para ocasiões mais despojadas como essas, vou colocar esses dois *jeans* que são bem diferentes um do outro. E se você usar essas camisetas lisas estará sempre básico e arrumadinho.

Sarah parou com a mão no queixo, pensativa.

Certeza

que

estava

montando

os

looks

mentalmente, pois quase via a fumaça saindo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daquela cabeça. Ela levantou os olhos e me lançou um olhar fulminante.

— Você não vai se lembrar das minhas recomendações, não é? Acho melhor espalhar bilhetinhos pela mala — e, dito isso, saiu correndo do meu quarto e voltou com um bloco de *post-it*.

Eu me levantei e passei meus braços ao redor da cintura dela, puxando-a para mim.

— Sei que sempre reclamo e pareço um chato, mas adoro quando você cuida da minha aparência.

— Sem pensar, dei um selinho nela, que afastou o rosto em seguida e me lançou

um olhar em dúvida.

— Isso significa que vai jogar aquela calça velha no lixo?

Sorri, balançando a cabeça e mordendo a ponta do nariz dela.

— Não force a barra, baixinha.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Puta que pariu! Eu ia esfolar Michael Jones em vida! Tinha terminado de ler um dos capítulos prontos que ele me deixou. Era uma cena em que Melanie dançava em cima do palco e o detetive a algemava contra a barra de ferro do *pole dance*. Eu estava pegando fogo e subindo pelas paredes.

Minha vontade era matar Mike. Esganar aquele pescoço. Não que estivesse ruim, pelo contrário. Mas tinha uma carga erótica grande demais para mim e eu sequer tinha com quem liberar todo o tesão que estava sentindo.

Peguei o celular e liguei para o infeliz, que já devia ter chegado ao hotel. Ele atendeu no segundo toque, bocejando.

— Você não vale nada! — falei, irritada. —

Como teve coragem de deixar esse monte de capítulo para eu ler e não me avisar que ia subir PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelas paredes?

— *Boa tarde, Peach!* — ele respondeu e eu sabia que estava rindo da minha cara. — *Posso saber de qual capítulo está falando?*

— Do *show* da Melanie em cima do palco... —

funguei, olhando para a pilha de papeis à minha frente. — Isso não se faz, Mike. Tô toda excitada aqui.

— *E que diferença faria se eu te avisasse com antecedência?* — pude ouvir ele suspirar do outro lado da ligação. — *Ia levar alguém para dentro de casa? Sarah, entenda que ninguém mais vai te comer tão gostosinho como eu comi.*

— Mike!

Afastei o rosto e olhei para a tela do celular, só para me certificar de que tinha mesmo ligado para o número certo. Não era do estilo de Michael falar daquele jeito.

— *O quê?* — ele riu. — *Achei que você quisesse ouvir alguma sacanagem. Ligou mesmo só pra brigar comigo?*

— Sim, liguei! E depois que eu terminar os próximos capítulos, penso se te desculpo ou não.

— *Tudo bem, vou torcer para ser perdoado.*

Mas me diga, foi gostosinho ou não foi?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou responder isso.

— *Bom, eu acho que você vai ligar muito em breve para me xingar mais um pouco. O que leu não foi nem o começo da pegação. Vá para o próximo capítulo, querida.*

Ah, eu estava perdida. Em que momento meu melhor amigo tinha começado a escrever cenas eróticas e se mostrado excelente nisso? Se Michael resolvesse

seguir caminho no gênero, eu passaria minha vida com as calcinhas molhadas.

— Como foi o voo? Você já está no hotel?

— Peguei um pouco de turbulência na decolagem, mas nada demais. O hotel é incrível e você ia enlouquecer com a hidromassagem! Tô aqui deitado, esperando a garota da agência chegar, porque parece que nós vamos conhecer uma parte dos estúdios onde vão acontecer as filmagens.

— Quem é a garota? — perguntei, mas logo emendei. — Achei que tivesse dito que ia sozinho.

— Pois é, também achei isso, mas como a Vivian não podia vir, mandaram uma agente para me acompanhar. Eu não a conhecia ainda, mas ela trabalha com alguns escritores famosos. Uma pena ser bem mais velha do que eu, casada e mãe de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dois filhos.

— Ok, *Don Juan*. — Revirei meus olhos, ciente de que ele não podia ver e nem eu podia dar um peteleco na cabeça dele.

— Prometo que irei tirar muitas fotos pra você se sentir aqui também. — Ouvi um barulho baixo que devia ser a campainha do quarto . —

Preciso ir, Peach. Acho que ela chegou.

— Certo — respondi, sem conseguir conter o sorriso. — Divirta-se e não faça nada que eu não faria.

— Você é louca. Eu não faria nem metade do que você faria.

— Nerd.

— Nanica.

Desligamos juntos e eu fui tomar um banho para esfriar a cabeça — e outras partes do corpo —

antes de me preparar para dormir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso confessar. Quando Gina, a agente que tinha viajado comigo para me dar o suporte necessário, avisou que íamos conhecer os estúdios da *Paramount Pictures*, eu quase enfartei.

Significava muito pisar naquele lugar, conhecer onde O Poderoso Chefão havia sido filmado e diversas outras produções que estavam na minha lista de favoritos. Eu era um cinéfilo alucinado antes mesmo de descobrir minha veia de escritor.

Como o passeio *vip* pelos estúdios aconteceria somente no início da noite, Gina me levou para dar uma volta em *West Hollywood*. Dentro do carro, ela voltou a frisar que era um ótimo lugar para fazer compras, sem ter ideia de que eu não era muito fã daquela atividade.

Nós caminhamos por uma rua com grifes bem famosas e cada vez que passávamos por uma vitrine masculina, ela parava e quase me empurrava para dentro. Em determinado momento, quando eu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disse que não estava interessado em comprar nada para mim, Gina torceu os lábios e baixou os óculos.

— Esse é um ótimo lugar para fazer compras, Michael!

— Minha amiga diz que não sei me vestir —

sorri, encolhendo os ombros. — É capaz de comprar algo terrível que a fará me zoar pelo resto da vida.

— Mas você está bem vestido hoje —

respondeu, dando um tapinha no meu ombro. —

Não seja tão exigente!

Lancei um olhar pelo meu corpo, observando o *jeans* desbotado, a camisa branca e a jaqueta de couro. Nos pés, um sapato de couro que realmente era incrível e que Sarah tinha me incentivado a comprar da última vez que fomos juntos ao shopping.

— Ela organizou minhas roupas para todos os dias — respondi e Gina arregalou os olhos, alargando o sorriso. — Se dependesse de mim, acho que estaria usando moletom.

— Não a largue nunca mais. — Ela piscou e nós seguimos o caminho.

Pretendia dizer que não tinha a mínima intenção de deixar Sarah fugir de mim, mas parei PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando passamos na frente de uma joalheria. Peach não gostava muito de brincos e colares, mas era obcecada por anéis, pulseiras e tornozeleiras.

— Podemos entrar aqui? — perguntei para Gina, animado. — Não vou demorar.

— Joias? — Ela levou uma mão ao peito e sorriu. — Temos uma namorada?

— É para Sarah, minha amiga.

O sorriso da mulher se alargou.

— Ela veste você da cabeça aos pés e você compra joias para ela... — eu me

diverti com o biquinho franzido que a mulher fez. — Tem certeza que é apenas uma amiga?

— Gostaria que fosse algo mais, só que... é complicado — respondi, adentrando a loja e indo direto ao balcão onde uma funcionária impecável aguardava.

Eu sabia que a grife era cara demais e que Sarah só usava bijuterias que comprava por no máximo cinco dólares, mas ao pensar nela, senti uma vontade enorme de mimá-la um pouco. E tudo bem, eu precisava me acostumar com a ideia de que agora tinha dinheiro para algumas extravagâncias.

Parei diante do balcão de mármore rosa e analisei algumas peças que estavam expostas, sem PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ver o gosto de Sarah em nenhuma delas.

— Boa tarde! Posso ajudar o senhor?

— Sim. — Apoiei minhas mãos no mármore e sorri, tentando não parecer um *nerd* que não tinha a menor noção do que estava fazendo. — Gostaria de presentear uma grande amiga. Uma pulseira, talvez.

Ela gosta dessas pulseiras larguinhas no pulso, delicadas.

Ao meu lado, Gina esperou enquanto a mulher puxava algumas peças de uma gaveta sob o balcão e as expunha para mim.

Eu escolhi o presente no momento em que bati os olhos sobre ele, porque aquela pulseira tinha a cara de Sarah. A corrente de ouro amarelo era tão fina que dava a impressão de que se desfaria em minhas mãos. A joia possuía delicados pingentes imitando folhas, em ouro branco e cravejadas com minúsculos diamantes.

— É uma excelente escolha, faz parte de uma coleção exclusiva com um número de peças bem limitado.

Eu não me importava com nada daquilo, apenas com a beleza da joia e por imaginar o quanto Peach ficaria radiante quando ganhasse.

— Vou levar.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Chegamos aos estúdios da *Paramount* pouco depois das dezoito horas e, ao passar pelos imensos portões de ferro que lhe eram marca registrada, meu coração perdeu algumas batidas. Respirei fundo, deixei a emoção correr solta e passei.

Fomos recepcionados por guias destacados exclusivamente para nos mostrarem todo o lugar.

Como era uma visita especial, tivemos acesso a alguns estúdios onde séries conhecidas eram filmadas e diversas lembranças passaram pela minha cabeça. Meu coração bateu mais forte quando fui apresentado a alguns cenários de gravação da série *This Is Us*, uma de minhas favoritas. Cheguei a sentir os olhos marejados e uma tristeza por não poder compartilhar a emoção com minha companheira de sofá.

Tirei fotos de todos os lugares por onde passamos e enviei algumas para o celular de Sarah, mesmo sabendo que ela devia estar dormindo devido ao fuso horário.

Era incrível que na frente de vários estúdios era possível encontrar placas que citavam os filmes PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ou seriados que tinham sido produzidos ali.

— Como se sente em saber que, em breve, Degraus terá o nome gravado numa dessas placas?

— Gina me perguntou, enquanto tirava uma *selfie* na frente de um estúdio.

— Acho que não consigo expressar em palavras a emoção que estou sentindo.

— Ora, mas você é um escritor!

Encolhi os ombros, sorrindo para a mulher.

Eram muitas sensações ao mesmo tempo, eu só conseguia vibrar a cada cem metros que percorria.

Gastamos duas horas conhecendo o lugar, até que nos levaram para o estúdio onde gravariam uma parte de Degraus. Ainda faltava algumas semanas para que as filmagens começassem, portanto, não havia nada preparado para aquele filme em especial, mas só de pisar naquele chão eu já me sentia sortudo. A vida dava voltas que a gente nem sonhava.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Melanie trocou rápido de roupa e saiu do camarim caçando o detetive Smith em meio ao público. Foi preciso se desvencilhar de alguns curiosos e possíveis clientes, mas ela precisava falar com o homem.

De pé no bar, esperando para ser atendido, ele não notou a aproximação dela até que seu pulso fosse agarrado por mãos femininas e fortes, apesar do tamanho. Melanie sequer se deu ao trabalho de falar com ele; saiu puxando o detetive pelo caminho que os levariam para um lugar mais calmo.

— Devo me preocupar com esse sequestro? —

ele perguntou enquanto passavam pela multidão aglomerada ao redor do palco.

A clientela de lugares como aquele não costumava ser muito exigente. Podia ficar PERIGOSAS ACHERON

alucinada com o *show* do momento, mas logo depois, já ansiava pela próxima dançarina. Não era um público fiel a uma única mulher, ninguém se importava com isso.

— Melanie! — Smith chamou com certa rispidez quando passaram pela porta que dava acesso aos reservados. — O que pensa que está fazendo?

A mulher caminhava a passos curtos, porém apressados. Como se precisasse apagar um incêndio em algum lugar. Smith não se importava realmente de estar sendo arrastado por ela, mas ele era o tipo de homem que não admitia não estar sempre no controle de tudo.

— Aqui não — Melanie avisou, tentando fazer com que ele cooperasse. — Você se importa de vir comigo?

A garota de programa não esperava uma resposta, pois se ele ousasse recusar o pedido dela, levaria um belo de um tapa no rosto. Àquela altura, ambos já tinham passado da fase de insegurança, visto que o detetive esteve com a mão na buceta dela minutos antes.

Uma das funcionárias passou por eles, de braços dados com um cliente e os dois sumiram PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro da segunda cabine.

— Ah, você me poupe! — Melanie revirou os olhos para Smith e voltou a puxá-lo. — Não pretendo atacá-lo, homem! Só quero esclarecer algumas coisas.

Ainda um pouco embriagado de tesão, Smith foi de bom grado, até ser empurrado para dentro da última cabine. Ela havia escolhido propositalmente por não ser posicionada na passagem de outras pessoas.

Ao fechar a cortina, virou-se para o detetive, que acabava de se sentar no sofá. Pela forma como ele a encarou, Melanie seria capaz de dizer que o homem esperava uma dança no colo, no mínimo.

— Por que está aqui? — ela perguntou, cruzando os braços e se esforçando para passar um pouco de seriedade.

Não era fácil, por sinal. Ser levada a sério vestindo uma tanga de renda era quase uma missão impossível. E o olhar perdido de Smith na direção da virilha de Melanie não ajudava a deixá-la mais confortável.

— Eu fiz uma pergunta. — Ela inclinou o corpo e apoiou as mãos nos joelhos.

— Acho que os papeis estão trocados — ele PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

respondeu, cruzando as pernas e fazendo contato visual. — Por que você acha que tem algum direito de me fazer perguntas?

— Porque este é o *meu* local de trabalho e não lembro de você como frequentador.

— *Touché*! — Sorriu. — Eu vim ficar de olho, coletar alguma pista, ver se notava alguém suspeito... Assassinos adoram voltar ao local do crime.

— Minutos atrás você não parecia muito preocupado com suspeitos — ela alfinetou.

O detetive coçou a barba e seus olhos escuros pareceram sorrir para a garota de programa. Era verdade o que ele tinha dito, a sua intenção tinha sido mesmo das melhores. O plano foi por água abaixo por culpa exclusiva de Melanie, que começou a rebolar sobre o palco e olhar para ele como se precisasse de seu corpo.

Smith engoliu em seco, relembrando as regiões onde a tocara minutos antes.

— Quem me obrigou a subir naquele palco foi você. — Ele acompanhou o movimento da perna dela, que foi parar no espaço entre suas coxas. O

salto fino afundou no couro do sofá. — Pelo visto, você gosta mesmo de tirar o foco dos homens.

PERIGOSAS ACHERON

— Você estava tentando se misturar? Passar despercebido? — ela escarneceu e ele não gostou.

— Quem você acha que engana com essa cara de policial e esse seu jeito que exala algemas por todos os poros?

— Eu só algemo quem merece — respondeu, curto e grosso, tentando recuperar o controle da situação.

— E em qual lista eu estou? Dos merecedores ou não merecedores?

Melanie passou a ponta da língua pelos lábios e tocou o maxilar dele, descendo as mãos pelo pescoço e alisando o peitoral do detetive. Este, por fim, segurou as mãos da mulher e lançou a ela um olhar de aviso.

— Cuidado.

Ela o ignorou e se sentou no colo de Smith. O

homem abaixou um pouco a guarda ao soltar as mãos ágeis e deixou que lhe tocassem o abdômen.

Lentamente, Melanie abriu cada um dos botões da camisa social e ele já se controlava para não agarrar a mulher.

— Talvez você não saiba, mas não pago por sexo — murmurou, observando o caminho que os dedos finos faziam até o botão de sua calça. — Não

PERIGOSAS NACIONAIS

vim aqui como cliente.

— Não lembro de dizer que preciso do seu dinheiro.

Não, ela não tinha dito e ele se sentiu um idiota por ter tocado no assunto. Enquanto os lábios de Melanie deslizavam pelo seu pescoço, Smith tentava compreender o que estava acontecendo. Ela parecia completamente diferente da

mulher que sempre o tratava com hostilidade.

Quanto mais o corpo feminino se esfregava em sua calça, mais ele sentia a cueca se apertar e o pau endurecer. Havia muitas coisas no mundo diante das quais ele conseguia manter o controle de sua vida, mas tesão não era uma delas. Smith respirou fundo, absorvendo o perfume adocicado da garota seminua em seu colo.

Chutando o balde de uma vez por todas, ele segurou os quadris dela com as mãos e apertou sua carne.

Por um segundo, pensou que Melanie fosse reclamar, mas o gesto a incentivou ainda mais. A jovem tascou um chupão forte no pescoço dele e enfiou a mão por dentro da calça que tinha acabado de abrir.

Ela o queria. E como queria! Não era hipócrita PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de dizer que a profissão tinha lhe tirado o prazer de fazer sexo por vontade própria. Pelo contrário, ela adoraria passar o dia inteiro fodendo com um homem gostoso que nem o detetive. Maduro na medida certa, longe dos pirralhos que tinham acabado de descobrir a punheta, longe dos velhotes que cansavam da mesma mulher depois de quarenta anos de casamento e iam até lá diversificar as conquistas.

E bonito! Muito bonito, um tipo de homem que

não

era

comum

encontrar

entre

os

frequentadores daquela espelunca. Melanie tinha ficado atraída por Smith desde

o primeiro dia em que o viu, mas nunca passou por sua cabeça, a hipótese de montar nele e saciar sua vontade.

— Possui algum preservativo? — perguntou ela, movendo os lábios umedecidos por toda a extensão da orelha dele.

Não havia tempo a perder na mente de Smith.

Por isso, ele sequer titubeou e se contorceu todo ao puxar a carteira do bolso traseiro. Com urgência, mexeu em seu conteúdo até aparecer com uma embalagem presa entre os dedos.

Quando Melanie arrancou a camisinha da mão dele, o homem apertou a bunda dela, puxando o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pedaço minúsculo do fio dental para o lado e separando as duas nádegas. Seus dedos deslizaram pelo interior e rodearam seu cu sem que ela reclamasse. Uma das mãos ele levou para frente e a invadiu com dois dedos, sentindo toda a umidade acumulada em sua buceta.

— Você é muito gostosa — murmurou, cheio de tesão.

— Posso dizer o mesmo de você. — Melanie levantou o rosto e jogou o cabelo para o lado, fazendo com que as pontas chicoteassem no rosto dele. — Espero que saiba foder tão gostoso quanto parece.

Smith abriu e fechou a boca diante da audácia daquela mulher que tanto atiçava-lhe o pensamento há dias. Ele abocanhou o seio dela, sentindo os dedos finos deslizarem a camisinha pelo pau que havia sido libertado.

Ele intensificou as investidas com os dedos dentro dela, obrigando a garota de programa a mostrar sua vulnerabilidade enquanto jogava a cabeça para trás e agredia o próprio lábio com os dentes.

Melanie o desejava tanto, que temeu chegar ao clímax antes mesmo que ele conseguisse penetrá-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cogitou implorar por isso, mas Smith parecia adivinhar o que ela queria. Quando se sentiu livre dos dedos grossos, ela segurou o pau dele com pressa e o encaixou entre as pernas.

Smith agarrou os quadris estreitos daquela mulher exuberante que rebolava como se aquele fosse o Santo Graal do sexo. Como acontecia de vez em quando com alguns clientes, por ela ser pequena demais, as investidas fortes alcançavam o colo do útero de Melanie, não deixando que ela esquecesse do tamanho que abrigava dentro de si.

Queria tudo, sem economia, sem delicadeza.

Rebolou com malícia, arrancando um gemido de Smith, que tinha fechado os olhos enquanto era cavalgado. Sabendo que o homem era forte o suficiente para mantê-la segura, Melanie curvou o corpo para trás em um ângulo de quase cento e oitenta graus.

Deixando-se à mercê de Smith, a garota de programa levou os dedos ao clitóris e embarcou numa viagem particular, pressionando aquele ponto extremo de prazer enquanto era invadida vez após outra.

O corpo pequeno estremecia da cabeça aos pés no colo do detetive, que se excitou ainda mais com PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela visão espetacular do seu pau sendo engolido pela buceta depilada e rosada.

— Quero que me chupe enquanto eu gozo, detetive — Melanie indicou, esfregando a mão pela buceta e abrindo-se ainda mais para ele. — Agora.

Smith não gostava de receber ordens, mas esta em especial, ele obedeceria prontamente. Puxou Melanie para cima e a colocou de joelhos na frente dele, enquanto deslizava pelo sofá para conseguir um ângulo melhor.

Sem que esperasse por isso, a mulher se sentou sobre seu rosto e esfregou os lábios inchados em sua boca. Smith agarrou-lhe a bunda e pressionou aquela

buceta contra sua língua, chupando cada centímetro da carne quente e melada.

Ele achou que não podia ser tão sortudo quando Melanie agarrou seu cabelo e gemeu sem pudor. Que mulher era aquela?

— Está fazendo um ótimo trabalho, detetive...

Smith estava era desesperado de tesão e não via a hora de gozar com o pau enterrado dentro dela. Ele a penetrou com a língua e alternou as chupadas com o dedo, mas não se esqueceu do traseiro. Lá atrás, outra mão deslizava até encontrar a entrada que piscava sob seu toque.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Melanie se apoiava com as mãos na parede atrás deles, sentindo os joelhos começarem a falhar conforme o orgasmo se aproximava. Inclinou os quadris para deixar claro que ele podia ter acesso ao que tanto desejava e estremeceu quando o homem começou a enfiar o dedo lentamente.

Era hora de assumir o controle de uma vez por todas, Smith pensou. Ele enlouqueceu e arrancou gritos de Melanie quando passou a chupá-la com mais urgência e ela usou seu rosto como quis, se esfregando em sua barba.

Deixou que aproveitasse ao máximo cada segundo do orgasmo e só afastou a boca quando sentiu que ela já não aguentava mais ficar na mesma posição. Smith a colocou de lado e se levantou, aproveitando para tirar sapatos e calça de uma vez.

Melanie tomou o lugar dele no sofá, com as pernas bem abertas, encarando-o com brilho nos olhos. Ele a viu sorrir e deslizar uma mão pela barriga, penetrar a si mesma com um dedo e levá-lo à boca.

— Sei que curtiu o momento, mas agora vai ser como eu quero — avisou ele, aproximando-se e movendo o corpo feminino de forma que ficasse de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bruços. — Levanta esse rabo pra mim, Melanie.

Antes de obedecer, ela mesma ficou de quatro e deu um tapa forte na própria bunda, olhando para o detetive com muita malícia.

— É isso que você quer? — perguntou, inclinando os quadris para o alto e deitando cabeça e ombros no sofá. — Vem pegar, detetive.

Ele abriu a bunda de Melanie com as mãos, exibindo o buraco que estava louco para penetrar, e cuspiu no alvo para lubrificá-lo mais.

Excitada, ela mexeu os quadris até que sentiu o pau largo tentando arrombá-la. Empurrou as mãos fechadas contra o couro do sofá e soltou um gemido longo que durou todo o processo de penetração.

Após um segundo para se acomodar no espaço apertado, Smith estocou com vigor, apertando os quadris pequenos e deixando futuras marcas de dedos no local.

Ele gemeu e trincou os dentes, deixando a cabeça cair levemente para trás e apreciando aquela sensação prazerosa. Vez ou outra, batia de leve a mão contra a bunda dela, ouvindo os gemidos de Melanie e entendendo que ela se divertia tanto quanto ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Prestes a gozar, o homem se deitou sobre a dançarina e comprimiu seus quadris de encontro ao sofá, diminuindo o ritmo das investidas até sentir que chegava ao clímax.

— Você é muito bom nisso — Melanie disse, em voz baixa. — Por acaso, trabalha no ramo?

Ele sorriu sem que ela pudesse ver e logo se levantou, ajudando-a a se sentar. Smith perdeu alguns poucos segundos se abaixando para pegar a calça *jeans*, mas foi o bastante para que Melanie se colocasse de pé e ajeitasse a calcinha, pronta para partir.

— Já está de saída? — ele perguntou, perplexo.

A garota de programa sorriu com seu jeitinho malicioso e passou a mão pela barba de Smith.

— Estou no meio do meu expediente, detetive.

O que esperava? Dormir de conchinha comigo?

— Não, mas ainda temos assuntos para tratar.

— Tem algum cartão aí? — perguntou ela, apressada demais para ficar perdendo tempo com conversas.

Smith franziu a testa, confuso, mas retirou um cartão de visitas de dentro da carteira e o entregou para ela. Lembrava-se de já ter feito isso em algum PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outro momento e aquela certeza deixava claro que Melanie pouco tinha se importado em fazer contato anteriormente.

— Ótimo. — Ela balançou o cartão pequeno e colocou dentro da calcinha. — Quando eu tiver tempo, procuro você.

— É sobre o caso, Melanie. Por que eu não a espero e te levo para casa? Assim podemos conversar.

Smith olhou para a mão com unhas vermelhas, espalmada em seu peito. Melanie o encarou com uma sobrancelha arqueada como se soubesse que ele só estava inventando desculpas para ficar com ela. O detetive não estava acostumado a ser ele o dispensado depois de um sexo selvagem como aquele. Era ele que sempre se despedia e prometia fazer contato.

— A casa está lotada e ainda pretendo trabalhar muito essa noite — ela sorriu. — Se é que me entende.

Ah, ele entendeu. Inferno!

— Você tem certeza que quer trabalhar hoje?

— A mão nervosa começou a esfregar a nuca. —

Depois de...

Ela aproveitou que ele parou para pigarrear e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

revirou os olhos, afastando-se em direção à cortina.

Homens, sempre tão previsíveis.

— Nós apenas transamos, detetive. Você não se tornou meu dono. Boa noite!

Enquanto a criatura estonteante se afastava da cabine rebolando a bunda no fio dental vermelho, Smith segurou o pau, como se tentasse enviar a ele uma mensagem de aviso para que não ficasse muito apegado. Percebeu, rapidamente, que aquela era uma mulher difícil de ser domada.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Graças a Deus eu não tinha lido o capítulo no meu trabalho. Até cheguei a levar as folhas dobradinhas dentro da bolsa, mas como não sabia muito bem o que me esperava, não quis arriscar. Se eu tivesse cometido o erro de fazer a leitura no meio da lanchonete, a vergonha teria sido enorme.

Estava deitada no sofá, largada, sem forças para levantar. O que Mike andava tomando para escrever daquele jeito? Será que ele já tinha reproduzido na prática

tudo que escrevia? Testara todas as posições?

Coloquei os pés para o alto e abafei meu rosto com uma almofada. Péssimo momento para ficar lendo cenas com tal conteúdo.

Precisava que minha mente parasse de pensar em corpos suados, fluídos sendo trocados e em orgasmos. Principalmente, em orgasmos. Portanto, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

liguei a televisão e procurei alguma coisa interessante para assistir na Netflix. Um terror ou qualquer outro gênero que não envolvesse casais com tesão.

Alguns minutos mais tarde, a campainha tocou e eu recebi a *pizza* que tinha pedido. Comer sozinha não era a mesma coisa, mas sempre tinha uma vantagem: não precisar dividir com Mike.

Desculpe, querido, eu gosto muito de *pizza*.

Saí correndo para o quarto quando meu celular tocou. Estava carregando ao lado da cama e me joguei no colchão para atender. Já tinha visto o nome dele na tela.

— *Boa noite, Peach!* — Sabia que Mike estava sorrindo e sorri de volta.

— Boa noite! Está tudo bem? Conheceu os estúdios? Viu alguma celebridade?

— *A Paramount é incrível, você ia amar conhecer também. Podemos nos programar pra que você venha comigo da próxima vez.*

— Sim, sim, sim, sim! Por favor! Nunca mais viaje sem mim, esse apartamento está parecendo um cemitério — reclamei, sentindo-me tão entediada.

— *Eu sei que minha presença é muito* PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

importante — ele zombou. — *E as coisas em Nova York, como estão? A lanchonete tem ficado cheia?*

— Até demais — suspirei, desanimada só em tocar no assunto. — Ainda não

acredito que perdi essa viagem por causa do meu trabalho idiota. Pior ainda é ter que passar o feriado sozinha. Você acredita que meus pais combinaram de ir para a casa de um casal de amigos?

— *Por que não vai com eles?*

— De jeito nenhum! Eles têm dois filhos e cinco netos que são verdadeiras pestes. Prefiro ficar recolhida à minha solidão.

— *Ainda dá tempo de você vir...*

— Acho que você está esquecendo da questão principal. Meu trabalho.

Ouvi um suspiro pesado do outro lado da ligação e deixei meus ombros caírem. Eu queria muito, muito mesmo, estar lá com ele. Mas nem tudo é possível.

— *Vem pra cá, Peach!* — Afastei o aparelho do ouvido porque Mike praticamente berrou do outro lado. — Sério, você chegou a pedir para seus pais? Eu não consigo acreditar que eles negariam isso a uma funcionária exemplar.

Na verdade, em nenhum momento eu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comentei sobre a viagem com eles porque não queria que achassem que eu estava tentando pedir uma folga. Sabia que o coração mole dos dois acabaria cedendo e me dispensariam, mas ficariam atolados de trabalho por minha causa.

— Você volta no sábado, Mike. Não tem lógica nenhuma eu viajar agora.

— *Claro que tem! Você pode chegar aqui amanhã e ainda passamos o feriado juntos.*

— Sim, mas a lanchonete...

— *Peach* — ele me cortou —, *só um minutinho que eu vou ligar para seus pais. Já te retorno a ligação, ok?*

E antes que eu me despedisse, Mike desligou na minha cara.

Coloquei o celular de volta sobre o criado-mudo e o encarei. Aquilo estava

mesmo acontecendo? O que Mike diria aos meus pais?

Fiquei sentada na cama, pensando se podia mesmo dar certo. Era uma loucura total eu gastar passagem aérea para chegar em Los Angeles numa quinta e voltar no sábado.

Ainda tinha a questão do horário. Já passava das dezenove horas e eu não era a pessoa mais ágil para preparar uma mala; precisava perder algum PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo montando looks para não levar nada desnecessário.

Enquanto Michael não ligava de volta, voltei para a sala e terminei de comer minha *pizza*. Ele possuía um *timing* fabuloso, pois mal fechei a caixa e o telefone voltou a tocar. Corri que nem uma louca até o quarto.

— Oi — disse.

— Já estou olhando no site da companhia e vou comprar passagem num voo que sai às duas horas da manhã.

— O quê? — Eu me desesperei e não era à toa.

— Mike, são quase oito horas da noite aqui! E o que você falou para meus pais, afinal? Eu não quero deixá-los na mão.

— Eles ficaram empolgados, Peach. E

ameaçaram te despedir se colocar os pés no trabalho amanhã. Enfim, estou tentando comprar sua passagem. Sei que o horário é péssimo, mas por causa do feriado, não está tão fácil encontrar voos vazios. Se não for nesse horário, então só às dez horas de amanhã.

— Tem certeza de que quer gastar com isso?

— Absoluta. Você vem ou não?

— Se eu tenho que sair de casa de madrugada, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você irá levantar sua bundinha às cinco da manhã para me buscar no aeroporto — avisei, sabendo que, se pudesse, ele mandaria alguém me buscar só para dormir mais um pouco.

— *Farei isso com o maior prazer* —

respondeu, fazendo-me sorrir. — *Agora desligue isso e vá arrumar sua mala. Por favor, não perca tanto tempo olhando para os cabides. E pegue o pendrive dentro da minha gaveta de cuecas. Sem olhar!*

Eu não ia brigar nem responder a ele sobre a observação que fez a respeito de minha mala e meu método de organização. O que me chamou atenção foi outra coisa, com a qual fiquei cismada.

— O que tem no *pendrive*?

— *Meus votos, por isso você não pode olhar.*

— Michael! Eu não fiz os meus!

— *Você tem algumas horas para isso, portanto, vou desligar. Nos vemos amanhã!*

Antes que eu tivesse chance de xingá-lo, ele desligou. Os votos! Eu estava muito ferrada, mas não podia quebrar nossa tradição.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Queria poder dormir para ter disposição de ir buscar Sarah no aeroporto, mas meu dia agitado ainda não tinha terminado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A tarde foi toda ocupada pela reunião com os produtores

responsáveis

pela

adaptação

de

Degraus, assinatura de contratos, estudos de roteiros e coisas do tipo.

Tinha sido o máximo participar de perto de todas aquelas decisões, mas quando chegamos no hotel, tudo o que eu mais desejava era um banho demorado na hidromassagem e uma boa noite de sono. Porém, Gina me comunicou que o diretor da adaptação daria uma festa para aproveitar minha presença na cidade. Eu não podia deixar de ir.

Com muita má vontade, fui revirar minhas coisas para procurar por algo que desse para usar.

Foi quando me dei conta de uma peça de roupa que eu desconhecia, milimetricamente dobrada no fundo da mala. Puxei-a de lá e ao abrir a roupa, vi cair um papelzinho escrito com a letra de Sarah.

Era um blazer lindo, cinza escuro, com um corte muito bacana e diferente de tudo que eu tinha.

Abaixei-me para pegar o bilhete e sorri enquanto lia.

“Comprei esse presente quando soube da sua viagem. Vai ficar perfeito se você tiver algum evento noturno mais chique, uma festa ou até uma PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reunião mais formal.

Para ficar mais clássico, use-o com sua calça social preta. Se for uma festa ou coquetel, vista seu jeans escuro.

P.S. Dobre os punhos, pois o forro do blazer é incrível e garante um charme a mais!

P.S.2. Se você usar sua camisa social branca e deixar dois botões abertos, vai ficar irresistível!

Divirta-se.

Com carinho,

S.”

Balancei a cabeça. Era a cara de Sarah ser mandona até mesmo à distância. Mas, precisava admitir que o blazer era muito estiloso e eu não me importaria de usá-lo. Fui na dica da camisa social com o *jeans* e nem acreditei no que vi diante do espelho. Ela nem tinha me visto com a roupa, que era uma peça bem singular, ajustada ao meu corpo, mas sabia que ficaria perfeita em mim.

Esperei por Gina no saguão do hotel pontualmente às vinte e uma horas. Fazia questão de chegar cedo para poder voltar cedo. Quando a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher saiu do elevador e me viu, levantou o dedo polegar e pareceu animada.

— Você está um bonitão!

— Desculpe, eu tenho namorada — brinquei, dando o braço a ela. — Ela é pequena, mas conhece um traficante.

Gina franziu a testa ao me olhar.

— Você tem namorada?

Pisquei, atônito. O que foi que eu disse?

— Não. — Cocei minha nuca, confuso demais.

— Não tenho. Apenas gostaria de ter.

Nós paramos na porta do hotel enquanto Gina tirava o celular da bolsa e digitava nele. Olhei ao redor, esperando pelo carro que nos buscaria, torcendo para que furasse o pneu e não chegasse.

— Escuta, Gina... — Coloquei um sorriso no rosto, tentando dissuadi-la. — Nós precisamos mesmo ir nessa festa? Podemos aproveitar a noite para assistir a algum filme em cartaz...

— Michael! Na festa que nós vamos, você vai ver artista até não aguentar mais.

— É que eu não sou muito de festas. —

Encolhi os ombros, torcendo para que ela desistisse da missão. — Não podemos fingir que ficamos doente?

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Michael. Eu não posso simplesmente descartar um compromisso que já foi confirmado pela agência. Você possui contratos fechados e precisa mostrar esse rostinho por aí. As pessoas precisam te conhecer.

Respirei fundo. Tudo bem, talvez eu estivesse agindo

como

um

bebê

chorão.

Era

um

compromisso social, nada demais. Não seria o suficiente para me matar, bastava fazer presença por uma ou duas horas, no máximo, e depois inventar uma dor de cabeça. Meu anfitrião entenderia a situação complicada.

— Vamos lá... — falei, abrindo a porta do carro que tinha acabado de chegar, para que Gina se acomodasse primeiro. — Uma distração não pode ser tão ruim, afinal, quanto mais rápido a noite passar, mais rápido Sarah chegaria.

Eu estava há alguns segundos estacado na calçada da humilde residência de três andares com fachada toda em vidro e varandas maiores do que todo meu apartamento.

Não foi aquela imagem que me surpreendeu, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pois já imaginava que um diretor hollywoodiano morasse numa mansão como aquela. Minha surpresa se deu por conta do tamanho da festa.

— Você não disse algo sobre ser uma festa em minha homenagem? — perguntei para Gina, ao meu lado, tão chocada quanto.

— Não... — sussurrou ela. — Eu falei que ele estava aproveitando sua presença aqui, para dar a festa.

— Então não tem nada de social, não é? Não é uma festa somente para as pessoas envolvidas com o filme.

— A não ser que seja um filme de zumbi de grandes proporções e isso tudo seja figurante —

disse ela, encolhendo os ombros —, eu creio que não, Michael.

Mas que grande merda! Se eu não tivesse vindo, tinha certeza que minha ausência não seria notada. Ali dentro devia ter bem mais de trezentas pessoas e a única que eu conhecia, estava do lado de fora comigo.

Cocei o pescoço, o maxilar, as mãos. A coceira parecia ter se espalhado pelo meu corpo e eu sabia que estava nervoso. Era um tremendo bicho do mato que detestava festas daquele tipo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nem mesmo na faculdade eu fui dos mais ativos.

— Bem, vamos entrar? — Gina perguntou, com um sorriso vacilante no rosto.
— Estava claro que aquele não era o *habitat* natural de uma mãe de meia idade.

— Eu só não vou embora agora porque sei que você vai entrar de qualquer forma e sou cavalheiro demais para deixá-la sozinha nesse... inferninho.

Gina gargalhou e passou um braço por dentro do meu. Enquanto caminhávamos pelo jardim, peguei meu celular e liguei para Peach.

— *Alô!* — gritou no meu ouvido.

— Está viva? Fazendo a mala?

— *Eu vou te matar, Michael Jones, por me obrigar a arrumar as coisas em tão pouco tempo!*

— Ouvi um suspiro. — *Mas estou bem e estou animada.*

— Ótimo!

— *Que barulho é esse? Você tá numa festa?*

— Infelizmente, sim. É na casa do diretor do filme e Gina me arrastou até aqui.

— *Acho bom o senhor não perder a hora para me buscar amanhã.*

— Peach... O que eu faço para sobreviver a isso? A festa está lotada, daquele jeito que eu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

detesto.

— Bem, se fosse eu, beberia muito e dançaria muito. Sendo você, tente achar um sofá confortável e espere até que a tal da Gina se canse e queira ir embora.

— Igual aqueles *nerds* que nunca comem ninguém fazem?

— Sim! Olha que sorte! Ainda bem que você é nerd, não é mesmo meu querido? Tenho que desligar se quiser chegar a tempo no aeroporto.

Tente se divertir um pouco, Mike. A vida é curta demais para ficar sentado em sofás alheios!

Gemi quando ela desligou, triste por ter que quebrar nosso contato. Seria tão mais fácil se Sarah também estivesse ali comigo, pois ela sempre era a descolada, a animada, a festeira.

— Vamos procurar Jean Pierce! — Gina falou, puxando-me assim que nos aproximamos da porta de entrada que tinha um pé direito tão absurdamente alto.

Não foi difícil achar o diretor, pois ele se destacava por estar cercado de dezenas — e não estou exagerando — de garotas com roupas que não deixavam nada para a imaginação e novas demais para um cara da idade dele. Até mesmo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para um cara da minha idade!

— São menores de idade? — perguntei, ligeiramente incomodado.

— Não sei, não quero saber e se você tentar descobrir, vai voltar a pé para o hotel. — Gina deu um sorriso forçado. — Seja educado com seu diretor. Jean Pierce!

Minha acompanhante elevou a voz e abriu os braços ao se aproximar do homem de cabelo branco. Ele se desvencilhou das mulheres para nos dar atenção e, ao me reconhecer, abriu um sorriso.

Jean Pierce era um badalado diretor americano e conhecido por sua

excentricidade. Estava vestido com uma calça de couro vermelha e usava um colete de penas amarelas sobre o peito nu. No rosto, óculos escuros com lentes roxas.

— Michael Jones! — ele exclamou antes de dar um selinho na boca de Gina. Quê? — Minha galinha de ovos de ouro!

Quis correr com medo que ele também tentasse me beijar, mas Jean já tinha lançado suas garras sobre meu rosto. *Não faça isso, não faça isso.* Ele me deu um selinho mesmo com toda a força contrária que fiz e, quando me soltou, recuei dois passos por precaução.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele está vermelho! — Jean zombou, apertando minhas bochechas. — Veja só se não é mesmo um nova-iorquino enrustido e careta?

— Jean, é um prazer finalmente conhecê-lo —

Gina me salvou, adiantando-se para cumprimentar melhor o homem. — Que casa maravilhosa!

— Hm... — pigarreei. — Muito prazer, Jean.

O louco passou os braços por cima dos nossos ombros e nos apertou a ponto de esquecer as leis da física. Se eu tivesse que ficar a noite toda agarrado a ele, acabaria me embebedando para que a tortura passasse mais rápido.

— O prazer de conhecê-los é todo meu. Sejam muito bem-vindos à minha humilde residência e aproveitem essa festa porque também é de vocês!

— Muito obrigado — respondi, pensando que se fosse minha, não teria um terço daquela gente toda. — Não vamos demorar muito porque tenho compromisso amanhã cedo, mas prometo que aproveitaremos cada segundo.

Para minha infelicidade, ele nos soltou e agarrou meus ombros. Seu sorriso se expandiu conforme percorreu meu corpo com os olhos atrás das lentes roxas.

— Você será de-vo-ra-do! Diga-me: hetero, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

homo, bi, pan...?

— Hetero — respondi, confuso. — O que isso...

— Moças! Moças! — Jean jogou as mãos para o alto e bateu algumas palmas. — Este aqui é Michael, ele é o escritor do momento e vai adorar conhecê-las!

— Não, eu...

— Shhhh! — Jean pressionou um dedo contra minha boca. — Apenas sinta todo o amor à sua volta.

Eu o conhecia há menos de cinco minutos e já sentia vontade de atirar Jean Pierce pela varanda de vidro. O homem deu dois tapinhas no meu rosto antes de se afastar e se intrometer em outro grupo.

Antes que conseguíssemos sair do lugar, Gina e eu fomos cercados por mulheres famintas que me metralharam de perguntas, sem ao menos me darem tempo de responder. Enquanto pensava numa rota de fuga, senti a mão de alguém apertar minha bunda. Eu tinha acabado de chegar na festa e nunca havia me sentido tão assediado em trinta e um anos de vida.

Com dificuldade, conseguimos nos mover pela mansão para tentar dispersar meu séquito de loiras PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e morenas. Quando finalmente encontramos um cantinho mais sossegado na área externa, resolvemos nos esconder ali.

— Francamente, a primeira impressão que tive de Jean Pierce não foi das melhores — Gina bufou, usando as pontas dos dedos para secar a oleosidade da pele sem borrar a maquiagem. — Esse povo de cinema é tudo louco!

— De quem foi a ideia de vir à festa? —

zombei, pegando um coquetel que um garçom ofereceu.

Minha única opção para fazer o tempo passar mais rápido era usufruir da bebida, pois Gina deixou claro que, mesmo a festa sendo aquela loucura toda, nós faríamos um pouco de presença.

Ela se juntou a mim e brindamos à nossa viagem e tudo que ela proporcionaria no futuro.

Que Deus quisesse que fosse uma bilheteria fenomenal.

— Eu acho que vou lá dentro procurar algo para beliscar. Você vem? — perguntou para mim.

— Vou recusar, porque lá dentro está insuportável. — Apertei o ombro dela ao sorrir. —

Desejo muita bravura pra você.

Enquanto minha parceira de festa sumiu dentro PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da casa, eu me sentei num dos *chaises* caríssimos espalhados pela área externa. Aproveitei para ligar pra Sarah, mas ela não atendeu. Não me incomodei porque sabia que, pelo horário, devia estar a caminho do aeroporto.

— Eu amei o seu livro! — uma voz feminina exclamou e logo meu espaço foi invadido por um corpo que se jogou ao meu lado. — É tão, tão incrível!

Virei o rosto para olhar minha mais nova leitora e acabei me sentindo um pedaço de carne exposta na vitrine. Ela deu um sorrisinho safado, mostrando a ponta da língua com *piercing*, enquanto cruzava as pernas e apoiava a mão direita na minha coxa.

— Que bom que gostou, fico feliz — respondi, sem graça. Eu nunca tinha sido assediado daquela forma tão direta por uma leitora. Aliás, eu raramente era assediado por qualquer mulher. —

De qual livro, exatamente, você está falando?

Fechei minhas pernas ao máximo, de forma que pudesse me livrar da mão ousada.

— O que vai ser filmado — ela respondeu, parecendo um pouco perdida. — Esqueci o nome.

— Degraus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso! — O sorriso da garota se iluminou. —

É uma honra conhecê-lo!

— Do que mais você gostou no livro? —

perguntei, sorridente. — Aposto que foi do casamento no final.

— Como acertou? — ela riu e piscou os olhos, se fingindo de tímida. Digo fingindo, porque eu morava há anos com uma mulher boa demais na arte da sedução e conhecia algumas artimanhas. —

Não sabia que eu era tão legível assim... Você tem olhos observadores.

Na verdade, não havia casamento algum no final de Degraus nem em nenhuma outra parte do livro. Apenas joguei a isca para pegar a mentira.

Estava na cara que aquela pessoa nunca tinha lido um livro meu e, provavelmente, só me conhecia porque deve ter ouvido alguma conversa na festa.

Ou aquela abordagem era coisa de Jean Pierce.

— Ei! Chloe! — Uma outra mulher caminhou rápido na nossa direção e se atirou sobre a loira que estava sentada. — Aí está você! Te procurei pela casa inteira!

Obriguei-me a chegar para o lado, quase caindo da poltrona. Aproveitei que elas estavam elogiando uma a outra, para me levantar e tentar PERIGOSAS ACHERON

sumir. Quando curvei meu corpo, no entanto, meu blazer foi puxado para baixo.

Caí de volta no assento, mas respirei aliviado quando vi Gina se aproximando de onde eu estava.

Como uma ótima parceira de festa, ela chegou trazendo canapés para mim.

— Se está bebendo, é melhor que coma alguma coisa — disse, entregando-me alguns. —

Não quero ter que carregar um cara do seu tamanho, bêbado, para o hotel.

— Não vou ficar bêbado, Gina — respondi, mostrando meu copo de coquetel. — É bem fraquinho. Mas, obrigado por pensar em mim.

Acabei me levantando de qualquer forma, pois as garotas começaram a se beijar e esqueceram que eu ainda gostaria de manter meu próprio espaço.

Aproveitei para rodar um pouco com Gina e conhecer melhor a mansão. Se ficaria algum tempo ali, pelo menos faria algo de útil, como ter ideias de decoração para quando fosse milionário que nem Jean Pierce.

Encontramos uma sala surreal, para dizer o mínimo. Na verdade, era um amplo salão, com o chão de vidro — mostrando a piscina no andar de baixo — e as quatro paredes espelhadas. No centro, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um piano de cauda cercado por estatuetas pretas de leões. Não dava para entender o estilo de Jean.

— Sinto-me incomodada nesse ambiente —

Gina sussurrou.

— Você não é a única — respondi, olhando para o chão e observando algumas pessoas nadarem na piscina. Impressão minha ou estavam nuas? —

Por mais quanto tempo você pretende ficar nessa festa? Eu não quero ser mal-

educado, mas se insistir em ficar até tarde, acho que vou deixá-la aqui.

— Não vamos demorar — respondeu e deu um tapinha no meu ombro. — Vou pegar mais comida para nós dois.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Estava quase atrasada para fazer o check-in, pois na pressa de sair de casa não consegui fazer pelo computador. Enquanto corria pelo aeroporto arrastando minha mala atrás de mim — fui idiota o bastante para não pegar um carrinho —, só conseguia pensar que Michael e eu passaríamos o feriado juntos.

Não sabia se tinha esquecido alguma coisa importante em casa nem se daria tempo de chegar em Los Angeles e comprar alguma coisa para nosso jantar de Ação de Graças, mas pelo menos, o que era essencial estava dentro da minha bolsa: os próximos capítulos do livro novo, que eu leria durante a viagem.

Cheguei ofegante no balcão e a atendente sorriu de forma complacente como devia fazer com todo mundo que se apresentava descabelado diante
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dela.

Consegui usar o banheiro da sala de embarque antes que finalizassem a chamada para meu voo e, quando eu me sentei na minha poltrona, a senhora ao meu lado sorriu.

— Viajando sozinha, querida? — perguntou.

— Sim, estou — sorri ao responder. — E a senhora?

— Ah, é minha primeira viagem. — Notei que ela fechou os dedos com força ao redor da alça da bolsa. — Não sei se estou com medo ou ansiosa. É

sua primeira vez?

Olhei de verdade para a velhinha simpática, que aparentava ter no mínimo uns setenta anos.

Pensei em como seria se eu estivesse viajando pela primeira vez e sozinha. Com certeza, ficaria nervosa.

— Não é a minha primeira vez — respondi. —

Se serve de consolo, de vez em quando eu também sinto um pouco de medo, mas é besteira. Aviões são muito mais seguros do que os carros.

— Eu espero que sim! — ela riu. — Passo muito tempo da minha velhice tomando remédios e fazendo exames para morrer de acidente aéreo.

Foi a minha vez de gargalhar e aquilo pareceu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aliviar um pouco a tensão dela.

Enquanto a aeromoça explicava os itens primordiais para iniciarmos a decolagem, usei esse tempinho para mandar uma mensagem de texto ao Mike e avisar que estava embarcando. Em seguida, desliguei o aparelho e o guardei na bolsa.

— Espero não estar sendo intrometida, mas o que vai fazer em Los Angeles? Eu vou encontrar meu filho, que acabou de ser pai. Vou ver meu netinho!

— Mas que maravilha! Parabéns! — Foi a minha vez de ser invasiva e toquei a mão dela, que tremia sobre a bolsa. — Estou indo encontrar meu melhor amigo para passarmos o feriado juntos.

A senhora pousou a outra mão sobre a minha e sorriu. Pude ver que eu tinha sido

uma ótima distração ao sentar ali.

— Espero que tenham um ótimo feriado! Ele é um rapaz de sorte e você uma moça muito atenciosa.

— Ah, não somos namorados nem nada do tipo. Apenas amigos.

A senhora soltou uma risadinha cínica e deu um tapinha em meu joelho, olhando para mim de um jeito que deixava claro o quanto me achava PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

boba.

— Ninguém cruza o país só para passar o feriado com um amigo — declarou, ainda com o sorriso no rosto. — É desse jeito que grandes histórias de amor começam.

— Bem, não posso negar que o amo, mas como amigo — frisei. — E estou muito feliz por ele, pois Michael está realizando um grande sonho.

— Minha querida, você já se olhou no espelho enquanto fala dele? Seus olhos brilham!

Suspirei, percebendo que não adiantava insistir no assunto com ela. Agradeci e recostei a cabeça na poltrona.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

A chave girou na fechadura quando a garota de programa destrancou a porta de seu apartamento.

As noites estavam se tornando cada vez mais frias e, assim que entrou em casa e ligou o aquecedor, precisou dar uns pontapés para que ele funcionasse direito. Não tinha dinheiro para chamar alguém e mandar consertar o aparelho.

Melanie soltou o casaco pesado no gancho atrás da porta e puxou o cachecol que protegia seu pescoço. Quando se virou e esticou a mão para acender a luz da sala, não viu a sombra que se moveu no interior do pequeno quarto.

— Ei, Flicks! — ela chamou pelo gato peludo que aquecia seus pés à noite.

Tinha encontrado o felino abandonado na rua há dois anos, bem na porta de seu prédio. Na época, ele era puro osso e arredio, mas ela sentiu vontade
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de cuidar dele e levá-lo para dentro. Melanie nunca teve um bicho de estimação quando criança porque os pais não permitiam e, mesmo depois que saiu de casa, evitou pegar mais responsabilidades para sua vida.

Aqueles olhos amarelados, no entanto, mexeram com o coração da moça e ela não resistiu.

Levou o gato ao veterinário, alimentou-o bem para que engordasse um pouco e deu todo o amor que ele merecia e sempre devolvia.

Flicks ficou de vez e cresceu saudável, mas os traumas de uma vida na rua nunca o deixaram por completo. Ele era um animal tranquilo, mas sempre foi muito independente. Não gostava de ficar no colo nem exigia muita atenção, o que era ótimo para Melanie, que passava tanto tempo fora de casa.

Por isso, apesar de ter visto o gato todo encolhido no espaço estreito entre a parede e o sofá, não foi nenhuma novidade para a mulher.

Flicks, de vez em quando, ficava um pouco antissocial e não queria papo com ninguém.

Melanie colocou a ração no pote dele e trocou a água antes de começar a mexer nos armários da cozinha para preparar algum lanche. Por mais tarde
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que chegasse em casa, ela não conseguia dormir com o estômago vazio.

De costas para a porta da cozinha, ela não viu o momento em que o vulto saiu do quarto e entrou no banheiro. Continuou cortando as fatias de pão e mexendo os quadris enquanto cantarolava uma música na cabeça.

Pensou no detetive Smith e em como ele estaria lidando com sua falta de notícias desde a bendita noite de sexo selvagem na boate. Ela riu, se achando louca. Uma das regras mais claras da casa noturna era que as garotas não podiam, de forma alguma, transar com seus clientes lá dentro. Mas ele não era cliente, certo? Não tinha transgredido nenhuma regra.

Melanie largou o sanduíche e mordeu a unha do polegar, sentindo-se umedecer ao relembrar em detalhes tudo que tinha acontecido entre eles. Há algum tempo ela não se animava com nenhum pretendente e precisava admitir que Smith era um homem diferenciado. Conseguia imaginar-se num encontro romântico com ele.

— Flicks, deixe de ser bobo. Eu vou tomar um banho e espero que o senhor saia desse buraco —

ela falou com o gato, sem se importar que algumas PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pessoas achassem loucura conversar com animais.

— Você precisa aquecer os pés da mamãe.

A garota de programa parou na porta do banheiro e deslizou a mão pelos azulejos até alcançar o interruptor. Atrás da porta, uma faca foi empunhada numa mão masculina, à espera da aproximação de Melanie.

Os segundos pareceram congelar à medida que o coração dela batia no peito. A

mulher, no entanto, estava alheia ao que acontecia. Ela olhou na direção da sala, observando um Flicks preguiçoso caminhar até a cozinha.

— Flicks, o que você acha de a gente convidar o detetive para conhecer nosso apartamento? —

perguntou, animada. — Acho que consigo achar aquela droga de cartão em algum lugar no quarto.

Ela se afastou do banheiro e entrou no outro cômodo, sentando-se na cama enquanto mexia na gaveta de uma cômoda. Encontrou o cartão de Smith, mas ele escorregou de sua mão e caiu aos pés da cama. O tempo que Melanie levou para se curvar e pegar de novo o cartão, foi suficiente para que um vulto saísse do banheiro e sumisse na sala.

— Sabia que tinha guardado! — a mulher se levantou e voltou ao corredor, estremecendo com o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frio repentino que tinha invadido o apartamento.

Achando aquilo estranho, ela chegou na sala e franziu a testa para a janela aberta e a cortina que voava com o vento. Tinha certeza que, minutos antes, toda a casa estivera trancada.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Tinha terminado de rodar todo o primeiro andar da mansão em busca de Gina, mas não conseguia encontrá-la em lugar algum. A gente precisava ir embora o

quanto antes porque eu não estava mais conseguindo ficar de pé. Ou de olhos abertos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabia que estava bêbado, mas tinha algo mais que eu não conseguia identificar. Talvez tenha sido depois do quinto ou sexto *drink* que aceitei do garçom. Ou melhor, que uma garota me ofereceu.

Eu não era a pessoa mais experiente com bebidas alcoólicas, mas era inteligente o bastante para entender que o que estava sentindo não era somente efeito do álcool. Eu não me sentia apenas embriagado. Sentia-me letárgico, sem controle total dos meus movimentos. E estava taquicardíaco.

Apoiei a mão no corrimão da escada, sentindo a cabeça pesada demais para ficar em pé. Respirei fundo ao olhar para os degraus que pareciam infinitos. Será que me levariam ao céu?

— Onde está indo? — alguém perguntou ao tocar minhas costas e, mesmo tonto, identifiquei a mocinha que conversava comigo até pouco tempo atrás.

— Preciso achar minha amiga. Você a viu em algum lugar?

— Michael Jones! — Fechei os olhos com a voz histérica muito perto do meu ouvido. Parecia martelar meus miolos. — Justamente quem eu estava procurando!

O rosto de Jean Pierce entrou no meu campo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de visão e tentei recuar. Precisava encontrar Gina, sabia que não estava passando bem. Virei-me para o outro lado, na vã esperança de ir procurá-la no jardim, mas o braço de Jean cercou meus ombros.

— Não vai embora, né? — perguntou, colado em mim. — Eu já começava a ter raiva daquele homem.

Sem ter opção, apoiei-me no diretor porque achei que fosse cair a qualquer momento.

— Minha amiga... Você a viu?

— Sim, sim. Claro — ele respondeu, guiando-me na direção da escada. — Da última vez em que a vi, estava no segundo andar. Por que você não o leva até ela, Chloe?

— Não... — Respirei fundo, sentindo-me enjoado. — Não acho que consigo subir...

— Eu ajudo você — disse a solícita Chloe, passando meu braço sobre seus ombros e usando uma mão para tocar minha cintura. — Não vou deixá-lo cair.

Nem mesmo para recusar alguma coisa eu tinha energia. Sentia minhas pernas tão bambas quanto gelatina e minha cabeça rodava, rodava, rodava...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tropeçando nos meus próprios pés, a muito custo nós chegamos ao segundo andar. Chloe parecia com grande dificuldade para me carregar e eu não conseguia ajudar em nada.

Passamos por uma porta e acho que perdi alguns segundos de raciocínio, pois de repente me vi sentado numa cama. Gina não estava ali.

— Eu vou... — tentei levantar, mas meu corpo não obedeceu ao comando do cérebro. — Merda...

Tinha sido drogado, era a única explicação. E, o fato de ter essa consciência e não conseguir sair dali, deixava-me duplamente apavorado. Pior, sentia que começava a perder o controle da minha mente e não queria nem pensar em meus atos futuros.

— Nossa, você está suando! — Chloe exclamou, mostrando-se preocupada demais em me livrar do blazer. — Está mesmo um pouco quente aqui dentro.

Vi quando ela descalçou os sapatos e tirou a blusa, ficando de sutiã. Naquele instante, outra garota entrou no quarto e eu tinha uma breve lembrança de ter conversado com ela.

— Pelo visto entrei no quarto certo —

ronronou, vindo na minha direção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estiquei meus braços para afastá-la, mas eles caíram ao menor esforço dela. Quando subiu no meu colo e começou a abrir minha calça, não consegui me mover antes que ela apertasse meu pau. Estremeci com a fricção, amaldiçoando-me por ter perdido a sensibilidade dos membros superiores, mas não da porra do meu pênis. O bom funcionamento dele não seria útil para aquele momento.

— Nossa, que surpresa saber que seu pau é tão grande — alguém sussurrou em meu ouvido, lambendo minha orelha. — Quer enterrá-lo em mim?

Tentei dizer que a única coisa que queria era ir embora daquela merda de festa, mas a louca caiu de boca em cima de mim e começou a me chupar o pau.

Não consegui suportar mais o meu peso e acabei caindo de costas na cama. Pisquei, mas tive dificuldade para abrir novamente as pálpebras. Os dois rostos femininos entraram e saíram de foco enquanto eu perdia a sensibilidade da língua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Dei um abraço longo em Marylan, a senhora que viajou ao meu lado, e agradeci os votos de um ótimo feriado. Enquanto esperava pela minha bagagem na esteira, aproveitei para fazer contato com Mike.

O meu voo tinha atrasado bastante, pois houve um problema na pista em Nova York e, por causa disso,

nossa

aeronave

precisou

aguardar

autorização para decolar; o que só aconteceu quase uma hora depois.

Até tentei avisar ao Michael para que ele não chegasse tão cedo no aeroporto, mas como não atendeu ao celular, imaginei que estivesse dormindo. Novamente, ali diante da esteira reservada para as bagagens do meu voo, liguei para ele. Ao contrário da vez anterior que tinha chamado e ele não atendeu, agora a ligação caiu direto na PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caixa postal. Se o escritorzinho filho da mãe não estivesse esperando por mim no desembarque, seria difícil encontrá-lo num aeroporto daquele tamanho.

— Mike, Mike... — murmurei, observando minha mala que se aproximava. — Qual o problema de atender o celular?

Coloquei a bagagem no carrinho e saí de lá.

Ao passar pelas portas onde pessoas costumavam esperar entes queridos que chegavam de viagem, não avistei Michael Jones em canto algum. Onde diabos ele tinha se enfiado?

Caminhei mais alguns metros até os bancos que ficavam próximos da saída do aeroporto e me sentei ali. Tentei fazer contato mais uma vez.

Depois, repeti a ligação. Continuava dando caixa postal.

Ignorei a vontade de jogar o telefone no chão e pisar em cima imaginando ser a cabeça de Michael e respirei fundo. Não adiantava me estressar.

Já que teria que esperar o mocinho dar sinal de vida, tirei mais um capítulo de Identidade de dentro da bolsa e comecei a ler. Estava tensa com um estranho invadindo a casa de Melanie daquele jeito.

Era o Assassino dos Números, sem dúvida!

Havia se passado mais de uma hora e meia PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando tive uma ideia. Acessei minha agenda de telefone e disquei o número da agente literária dele, pois eu sequer sabia o nome do hotel em que Mike estava hospedado. Rezei para que Vivian atendesse a ligação, apesar do horário ingrato.

— *Pois não?* — perguntou ela, com uma tremenda voz de sono.

— Vivian, aqui quem fala é Sarah, amiga do Michael Jones. Desculpe se eu te acordei, mas é meio urgente.

— *Oi Sarah. Aconteceu alguma coisa?*

— Mais ou menos. — Encolhi os ombros, frustrada. — Michael comprou uma passagem para que eu viesse encontrá-lo em Los Angeles, só que estou no aeroporto e não consigo falar com ele.

Você poderia me passar o endereço do hotel?

— *Claro! Vou pegar aqui na minha agenda.*

Mas está tudo bem com ele, né?

— Espero que sim, porém, só vou saber quando chegar lá. Ele deve ter perdido a hora.

Anotei o endereço que ela me passou no canhoto do meu cartão de embarque e entrei no primeiro táxi que encontrei. Se Mike estivesse em algum

lugar

daquele

aeroporto,

nós

nos

desencontraríamos e a culpa seria toda dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era feriado de Ação de Graças e eu não queria passá-lo com raiva do meu amigo. Tentei me acalmar, pois sabia que não era do estilo dele me deixar esperando em lugar nenhum. No mínimo, deve ter aproveitado muito a festa e foi dormir tarde demais. Eu o conhecia bem, sabia que era um sacrifício tirar o escritor da cama muito cedo.

Meu celular tocou no meio do caminho e não reconheci o número que apareceu na tela. Atendi porque podia ser Mike ligando de algum outro celular.

— Oi.

— *É Sarah quem está falando?* — Uma voz feminina perguntou. — *Aqui é a Gina, estou acompanhando o Michael na viagem.*

— Ah, ele me falou de você — sorri. — Oi Gina!

— Sarah, a Vivian me ligou agora pouco e avisou que você não estava conseguindo fazer contato com o Michael. Por acaso já conseguiu?

— Ainda não — respondi.

— *Entendo* — ela soou um pouco reticente. —

Então, eu já liguei para o quarto dele, já fui até lá bater na porta, mas também não consigo falar com Michael.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois que eu tivesse certeza de que estava tudo bem, iria matar Michael Jones lentamente, por dar toda essa dor de cabeça para todo mundo.

— Vocês voltaram pro hotel muito tarde?

— *Eu não voltei com ele.* — Franzi meus lábios diante daquela resposta. Não era para eles ficarem juntos? — *Em algum momento da festa eu acabei perdendo o Michael e, como não o achei em lugar nenhum, imaginei que ele tivesse me abandonado lá.*

Tinha tanta coisa errada naquela resposta que eu nem sabia por onde começar a interrogar. Por sorte, o táxi parou na porta do hotel antes que eu pudesse responder a Gina. Pedi que ela aguardasse alguns minutos e me despedi.

Nem me preocupei em esperar pelo troco.

Paguei e saí puxando a mala atrás de mim, andando a passos apressados pelo saguão do hotel. Uma mulher que aparentava uns cinquenta anos de idade e que estava de óculos escuros, se aproximou de mim assim que passei pela recepção.

— Sarah? — perguntou.

—

Sim,

sou

eu.

—

Cumprimentei-a

rapidamente antes de respirar direito. — Então, como assim você não achou o Mike?

— Ele não queria ficar na festa, estava muito incomodado. — Ela tocou a testa como se estivesse arrependida. — Eu insisti para que ficássemos um pouco mais. Quando não o encontrei, lembrei que ele mesmo tinha ameaçado vir embora e me abandonar por lá.

Aquela era uma imagem que eu podia fazer de Mike. Ele todo introvertido, desejando sair dos holofotes e se enfiar debaixo de um edredom quentinho ou até mesmo se enrolar numa coberta na frente da televisão.

Gina segurou minha mão e me puxou em direção ao enorme balcão da recepção, onde dois homens engravatados atendiam alguns hóspedes.

— Bom dia, rapazes! — Gina sorriu para eles e tirou os óculos de sol, colocando-os sobre o balcão. — Estou hospedada no terceiro andar com meu companheiro de viagem, porém em quartos separados. Acontece que não consigo falar com ele desde ontem e preciso de uma intervenção.

Intervenção? Olhei para a mulher ao meu lado e fiquei preocupada pela primeira vez naquele dia.

Até então, eu tinha certeza que Michael estava dormindo sem ter noção da confusão que estava causando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está com algum mal pressentimento?

— perguntei.

— Sinto muito, senhoras, mas não podemos fazer muita coisa a não ser ligar para o quarto dele.

— Um dos funcionários pegou o telefone e encarou Gina. — Qual o número?

— Eu já cansei de fazer isso e ele não atende.

Precisamos verificar se Michael está bem.

Não gostei do tom usado por Gina, só me deixou mais ansiosa. Quando vi a expressão do funcionário,

como

se

estivesse

pouco

se

importando com o bem-estar de um hóspede, meu sangue ferveu. Já que era para causar, então eu causaria como fazia de melhor.

— Escuta — falei, segurando a mão do homem que segurava o telefone —, Vincent.

Estamos falando de Michael Jones, o mais novo queridinho de Hollywood. Tem certeza mesmo de que não quer fazer algo de útil por nós? Ou melhor, por ele? Imagina que terrível seria se eu ligasse para a polícia e denunciasse um possível caso de overdose sendo negligenciado neste hotel?

Notei que Gina arregalou os olhos quando falei em overdose, mas era claro que eu não estava falando sério. No entanto, sabia que era possível PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrar Mike passando mal de uma baita ressaca.

Vincent, o funcionário pouco prestativo, nos encarou com dúvida. Dava para perceber que ele não sabia muito bem o que fazer, então, peguei meu celular.

— Ok — disse eu, estalando a língua e discando. — 9...1...1.

— Eu levo vocês até o quarto dele — o outro funcionário, quase pálido, intrometeu-se na conversa. — Não precisamos envolver a polícia nem o nosso gerente.

Ele pegou a chave reserva referente ao quarto de Mike e pediu que nós o acompanhássemos.

Desde o momento em que pisei no aeroporto de Los Angeles e não vi Michael à minha espera, pensei em alguns motivos que o impediram de ir me buscar. A hipótese mais corriqueira era o sono.

Tinha colocado na cabeça que Michael havia dormido demais e perdido a hora. Imaginava, inclusive, que entraria no quarto e o encontraria roncando.

Cheguei a pensar também que ele, enrolado como costumava ser, tivesse se perdido pelo caminho e ido parar em outro lugar. Quando notei a apreensão de Gina, passei a acreditar que Mike PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

podia ter bebido além da conta e ter passado mal, sozinho, dentro do quarto. Essa hipótese me deixou muito angustiada.

Eu só não havia me preparado para encontrar a suíte vazia. A roupa de cama impecável, como Mike devia ter deixado antes de ir para a festa.

— Mas que estranho... — Gina murmurou para ninguém em especial, olhando em volta. —

Ele não voltou para o hotel?

O funcionário foi olhar no banheiro e voltou com os ombros encolhidos, como se não fizesse a menor ideia do que estava acontecendo.

— O hóspede não está aqui, como podem ver.

— Ele enfiou as mãos nos bolsos. — Permitam-me trancar o quarto novamente.

Meu corpo se moveu de forma automática enquanto eu seguia Gina e o funcionário pelo corredor luxuoso. Senti medo e gosto de bile na boca. Onde estava meu melhor amigo do mundo todo? Eram quase oito horas da manhã e ele devia ter me encontrado antes das seis!

— Gina... — chamei a mulher que andava à minha frente, com passos rápidos.
— Onde ele pode estar? Não é do estilo de Mike sumir desse jeito.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Escute — ela se virou para mim e apertou minhas mãos —, vou pegar minha bolsa no quarto e iremos atrás dele.

— Mas onde vamos?

— Só consigo pensar num destino. — Ela arqueou uma sobrancelha. — O local da festa.

Ela abriu a porta de seu quarto e eu entrei logo atrás, mas nem precisei esperar. Gina passou a mão numa bolsa sobre a cômoda e virou-se para sair.

— Você acha que Mike passaria a noite na festa? — eu ri. — Definitivamente, não o conhece.

— Não sei, Sarah. Aquela festa estava tão estranha... — Gina esfregou os olhos, com uma aparência cansada. Esperávamos pelo elevador quando ela se encostou à parede. — Era uma daquelas festas liberais, sabe? Onde parece que rola de tudo um pouco? E o anfitrião, Jean Pierce, não me passou a melhor das impressões.

Ah, mas que ótimo! Aquela confissão só me deixou ainda mais nervosa.

Quando descemos no portão da mansão que me deixou de queixo caído, Gina ajeitou a roupa, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arrumou a postura e me olhou.

— Deixe que eu falo — pediu.

Balancei a cabeça, avaliando o segurança no portão. Quando nos aproximamos, ela deu um sorriso meigo para o homem.

— Bom dia, querido! Sou a assessora do escritor Michael Jones. Estávamos na festa ontem, mas fui embora sem ele e vim buscá-lo agora.

— Qual seu nome? — o grandalhão perguntou, acionando um botão do comunicador em sua mão.

— Gina Stewart — respondeu ela, sem piscar.

— Jean Pierce me conheceu ontem.

Esperamos enquanto o segurança passou as exatas palavras dela a alguém do lado de dentro.

Pensei no que faria se ele dissesse que não poderíamos entrar. Será que teria mesmo que chamar a polícia?

— Podem entrar — o homem avisou, abrindo um dos portões para nós passarmos.

Conforme nos aproximávamos da casa, era muito difícil acreditar que ali acontecera uma festa há poucas horas. Estava tudo limpo e arrumado na área externa, sem nenhum vestígio que sempre ficava para trás quando você envolvia música, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bebida e muita gente.

— Bom dia! — um rapaz que parecia ter acabado de sair das fraldas nos recebeu, vestindo uma roupa simples e carregando dois celulares nas mãos. — Sou o secretário do Jean e ele ainda não acordou, mas até onde eu sei, Michael Jones estava dormindo no segundo andar. Fiquem à vontade.

Gina e eu trocamos olhares surpresos e, antes que o rapaz virasse as costas e nos deixasse a sós, ele balançou a mão para trás, como se não fôssemos importantes para que perdesse seu precioso tempo.

— Subam a escada, dobrem à direita, depois à esquerda. Segunda porta.

Mal esperei que Gina se movesse para sair correndo pela escadaria de mármore. Por sorte, ele nos deu as coordenadas, senão seria um pouco mais trabalhoso achar Mike numa casa tão grande.

Quando girei a maçaneta da porta do quarto, tive que adaptar meus olhos à escuridão que ainda se encontrava ali dentro. Meu coração parecia prestes a sair pela boca, com medo de achar Michael passando mal.

Mas o que eu vi... De forma alguma eu havia me preparado para aquele baque. Era um quarto PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nada modesto, daqueles que possuem uma antessala antes de chegar ao cômodo onde fica a cama. E ali, no vão que separava um ambiente do outro, eu estaquei.

Michael estava mesmo dormindo. Nu, de bruços, com um lençol cobrindo somente as pernas.

Não seria uma cena extraordinária, se não fossem as três mulheres emboladas ao corpo dele. Três mulheres nuas.

— Ah, meu Deus! — Gina parecia tão horrorizada quanto eu.

Eu estava hiperventilando, coração a mil por hora e uma ira danada aquecendo meu sangue.

Mike tinha esquecido de mim no aeroporto, por causa daquelas sirigaitas.

Mudei o rumo e marchei até as janelas, escancarando as cortinas pesadas e deixando a luz do sol inundar o quarto. Uma das mulheres acordou de sobressalto assim que a iluminação alcançou seu rosto. Avoada, ela olhou para mim e Gina antes de se levantar com um pouco de pressa. Catou algumas peças de roupa pelo chão e pegou um par de sandálias.

— A festa foi boa? — perguntei, sem me incomodar em abaixar a voz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso ir — ela falou, se esquivando e correndo até a porta.

— Não é melhor todos irem embora dessa merda? — gritei.

As outras duas mulheres também acordaram, mas

Mike

não

emitiu

nenhum

sinal

de

arrependimento. Ele sequer abriu os olhos. Eu iria matá-lo!

— Michael Jones! — gritei de novo, pegando um copo d’água sobre uma mesinha e me aproximando. — Eu vou arrancar as suas bolas!

Joguei a água no rosto dele, ouvindo um gritinho histérico da loira que ainda estava sentada na cama. Ela cobriu os peitos com o lençol e olhou para mim como se eu fosse louca.

— O que foi? — rosnei. — Vai esperar que eu arranque seu *megahair*?

— Quem é você? — perguntou a piriguete.

— Não te interessa!

A terceira mulher se levantou pelo outro lado da cama e começou a catar as roupas no chão. Ela não parecia muito bem, dava para notar uma ressaca profunda e uma expressão de quem havia passado a noite acordada.

Olhei para o digníssimo que ainda continuava PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dormindo. Dormindo! Com todo o escândalo no quarto, Michael sequer acordou.

— Sarah... — Gina se aproximou da cama e só então lembrei da presença dela. Observei-a puxar o lençol de Mike para cima e cobrir a bunda branca.

— Ele não parece bem.

— Vai ficar pior ainda quando acordar —

resmunguei, dando alguns tapas no rosto dele. —

Michael Jones, eu sei que você está tentando pensar em uma ótima desculpa, mas acho bom levantar dessa cama agora, se ainda pretende manter suas bolas no lugar. Eu fiquei mofando à sua espera!

Gina se sentou na beira da cama e tocou os ombros do meu amigo, balançando-o de leve.

— Michael — chamou.

A ficha finalmente caiu em mim. Mike não estava fingindo, ele realmente não tinha acordado.

Respirei fundo, olhando em volta e encarando as duas mulheres. Estava tudo estranho demais.

— O que ele usou? — perguntei.

— Nós apenas bebemos — a loira, ainda sentada, tinha os olhos arregalados ao

observar o Mike. — Não era pra ele estar assim. Era?

A pergunta foi feita para a outra mulher que se vestia e que desviou o olhar do meu quando a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encarei. Vi quando ela lançou um aviso silencioso para a loira perto de mim e aquele gesto fez meu sangue congelar. Que merda tinha acontecido naquele quarto?

— Michael, acorde — Gina continuava mexendo nele. — Vamos, querido.

Quando ela levou dois dedos ao pescoço dele para testar seus batimentos cardíacos, eu quase enfartei. Foram os segundos mais longos da minha vida, até que ela voltasse o rosto para mim.

— Ele só está inconsciente — avisou.

Senti meus ombros caírem com o suspiro que soltei, relaxando um pouco meus músculos tensos.

— Vamos, Chloe! — a morena chamou a loira, que estava atônita. — Ande!

Levantando-se devagar, ela ainda lançou um olhar preocupado para Mike e eu segurei seu braço.

— O que aconteceu aqui? — perguntei.

— Nada demais... — ela murmurou, sem jeito.

— Ele só tomou algo para relaxar...

— Pare de falar, idiota! — a morena nem esperou que a tal da Chloe se vestisse e a puxou para fora do quarto.

— Ei! — Pensei em correr atrás delas, mas o que Gina estava fazendo me chamou mais a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atenção.

A mulher tirou um perfume da bolsa e encharcou uma ponta do lençol com ele. Em seguida, esfregou o tecido no nariz de Michael.

— Sarah, vá ao banheiro e me traga uma toalha úmida.

Fiz o que ela mandou, correndo até lá e pegando a primeira toalha que vi pela frente. Abri a torneira e molhei bem, torcendo-a para retirar o excesso e voltei à cama.

— Gina... — minha voz estava embargada. —

Acha que precisamos chamar uma ambulância?

— Calma, querida.

Eu ajoelhei sobre o colchão, segurando a cabeça de Mike enquanto ela deslizava a toalha pela nuca dele. O cheiro forte do perfume já começava a me deixar enjoada e eu não conseguia acreditar que Michael não acordasse com aquilo.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Senti que estava desperto assim que um cheiro extremamente doce começou a me incomodar. Só que meu corpo estava flácido, meus movimentos pesados e minha cabeça parecia não pertencer PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

àquele lugar.

A primeira coisa que identifiquei foi a voz de Sarah, mas eu podia estar sonhando já que não me lembrava da presença dela.

— Ele vai ficar bem — alguém comentou.

Mas eu estou bem, tentei dizer sem nenhum sucesso. Estou consciente e vivo. Pelo menos, achava que estava. E esse pensamento enviou um alerta para meu cérebro, que me fez querer levantar a cabeça e abrir os olhos.

Minhas pálpebras que pareciam aço de tão pesadas, não me detiveram. Forcei meus músculos e consegui abrir meus olhos com calma. A primeira coisa que entrou em meu campo visual foi o rosto de Sarah, que tinha a cabeça para baixo, voltada para a minha e nossos narizes estavam quase se tocando.

— Mike! — Senti sua mão delicada em minha testa. — Está me ouvindo?

Fechei os olhos de novo quando uma náusea repentina me acometeu e me levou para longe daquele quarto. Flashes de uma noite confusa dançaram na minha mente e eu não conseguia focar direito em nenhum detalhe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos tentar levá-lo ao hospital — disse Gina, levantando um braço de Mike. — Será que a gente consegue carregá-lo? Ele não parece estar em condições de caminhar sozinho.

Eu estava tão desesperada que, se fosse preciso, carregaria Mike sozinha.

Apoiei a cabeça dele num dos travesseiros e pulei da cama para pegar as roupas no chão. Sentia minhas mãos trêmulas e meus joelhos não pareciam tão fortes. Várias emoções estavam me guiando à beira de um histerismo que eu tentava a todo custo bloquear.

Meu feriado de Ação de Graças tinha começado da pior forma possível e eu torci para que não encontrasse mais surpresas naquele dia.

Mordi meu lábio quando peguei a cueca dele do chão e enxuguei as lágrimas que começaram a deslizar pelas minhas bochechas.

— Michael, querido, como está se sentindo?

Eu olhei para ver Gina falando com ele e meu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar cruzou com o de Mike. Enxuguei novamente o rosto, dessa vez na manga da camisa e, quando pensei em abrir a boca para falar com ele, Michael vomitou em si mesmo.

— Mike! — Corri até ele. — Mike...

— Calma, está tudo bem — Gina usou a toalha para limpá-lo. Eu me impressionei em ver como ela conseguia manter a calma, enquanto eu quase arrancava meus cabelos. — Vomitar vai fazer com que você comece a se sentir melhor.

— O que aconteceu? — perguntei a ele, afastando o cabelo grudado em sua testa.

Michael, aos poucos, ergueu o corpo até se sentar. Seus braços tremiam como gelatina e ele estava extremamente pálido. As olheiras profundas e os olhos sem demonstrar emoção alguma me preocuparam.

— Consegue ajudá-lo a se vestir? — Gina me perguntou. — Posso esperar lá fora.

Balancei a cabeça para confirmar, mas quando a mulher nos deixou a sós, senti o peso da responsabilidade todo em cima de mim. Mike parecia um boneco de pano e eu tive que engolir o choro para cuidar dele.

Passei seus braços pela camisa amarrotada e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segurei em sua cintura para que se apoiasse em mim ao levantar. Meu amigo colocou praticamente todo o peso em meus ombros, mas acabou se sentando na beira da cama e tocando os pés no chão. Era um começo.

— Pe... — tentou falar, mas fechou os olhos.

Arranquei as flores de um vaso sobre a cômoda e o entreguei no instante em que vomitou pela segunda vez. Felizmente, tinha mirado dentro do vaso ou eu me sujaria toda.

— Mike, você precisa se esforçar para irmos ao hospital — pedi, mantendo meus nervos sob controle. Até quando, só Deus poderia saber. —

Não sei o que está sentindo, mas consegue me dizer se tem forças para chegar ao carro? Gina e eu iremos ajudá-lo.

Ele levantou os olhos tristes e confirmou com um breve gesto de cabeça. Só de vê-lo com aquela expressão, eu sentia vontade de matar os responsáveis por deixar meu amigo daquele jeito.

Michael era a pessoa mais politicamente correta que eu conhecia. Como tudo foi acontecer?

Peguei o vaso de suas mãos e o coloquei no chão, antes de começar a passar a cueca por suas pernas. Engoli em seco ao notar que a cabeça de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu pênis estava bem avermelhada, como se o atrito da noite anterior tivesse sido muito intenso.

A mão que ele colocou em meu ombro enquanto eu o vestia, estava trêmula e gelada.

— Peach... — balbuciou ele, fitando-me.

— Fique aqui que vou chamar a Gina, ok? —

Dei um beijo no rosto dele ao terminar de vesti-lo e fui atrás da mulher.

Quando cheguei na porta do quarto, vi o rapaz que se identificou como o secretário de Jean Pierce sair apressado pelo corredor. A mulher virou-se para me olhar, com o rosto inflamado pela ira, provavelmente.

— O que houve? — perguntei.

— Mandei que ele acordasse o patrão dele ou eu mesma invadiria aquele quarto.

— Você pode me ajudar com o Mike? — pedi, voltando para dentro.

— Claro!

Conseguimos colocar o escritor de pé e passamos nossos braços ao redor do corpo dele para sustentar seu peso. Apesar de ser magro, Michael era bem alto e Gina e eu éramos pequenas.

Foi um sacrifício descer as escadas com ele, que não tinha muita força nas pernas, mesmo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

demonstrando que já recuperava melhor a consciência. Senti algumas gotas de suor escorrerem pelas minhas costas.

— Acho... — Mike murmurou — que fui drogado...

Pressionei meus lábios, querendo xingar todas as pessoas envolvidas com aquela festa.

— Michael! Gina! — um homem que estava envelhecendo e parecia tentar ao máximo se fingir de garotão, gritou aos pés da escada.

Não demorei a entender que aquele era o tal Jean Pierce. Vestia um robe de seda vermelha aberta, expondo uma cueca pequena demais para falar com visitas. Desviei o olhar para o rosto que eu gostaria de socar.

Mike parou imediatamente e nós duas tivemos que parar junto com ele. O diretor abriu um sorriso, destoando do secretário que estava atrás dele e nos olhava com uma expressão muito preocupada.

— Meu amigo, foi um prazer tê-lo em minha festa — Jean falou, abrindo os braços.

— Você é louco ou o quê? — Quis soltar Mike só para voar no pescoço do infeliz, mas não saí do lugar. — Não percebe o estado em que ele se encontra? Qual foi a orgia que aconteceu aqui?

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem é a mocinha exuberante? — Ele me olhou dos pés à cabeça, notando minha presença pela primeira vez. — Não fomos apresentados.

— Exuberante vai ser o soco que vou dar no meio da sua cara.

Gina soltou o Mike, deixando o peso todo para mim, mas tive que dar crédito a ele quando tentou se sustentar sozinho, mesmo sem sucesso.

— Jean, estamos levando Michael para o hospital, pois não sabemos o que ele tomou, nem o que aconteceu naquele quarto. — As duas sobrancelhas

do

coroa

que

esqueceu

que

envelheceu se arquearam em surpresa quando Gina deu um passo adiante. — Esteja ciente de que nossa agência entrará em contato para esclarecimentos posteriores.

— Hospital? — ele perguntou, fingindo-se de chocado. — Ele está de ressaca!

Gina voltou a me ajudar com Mike e pediu licença, sem se importar em responder.

Nós fomos para o hospital assim que deixamos a casa de Jean Pierce. Mike foi levado para fazer PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exames e ser medicado, enquanto Gina e eu aguardamos na sala de espera.

Quase duas horas depois, o médico veio falar conosco. Senti o baque quando ele informou o resultado do exame toxicológico e apontou que foram

identificadas

algumas

substâncias

psicoativas no sangue de Mike. O médico disse que, pela sua experiência profissional, a aparição dessas drogas sempre costumava indicar que a vítima tinha sido drogada com o famoso “boa noite cinderela”.

— Eu... — pigarreei, atônita. — Eu sequer sabia que esse golpe era usado em homens. Por que fariam isso com Mike?

— É uma combinação de drogas usada para sedar pessoas independente de seus sexos. Trata-se de

um

coquetel

amador

que

criminosos

administram em vítimas de roubo, estupro, coações.

Dependendo da dosagem, pode levar à morte ou induzir a pessoa ao coma. — Ele enfiou as mãos nos bolsos do jaleco branco e deu um sorriso complacente. — Sinto muito que o amigo de vocês tenha passado por isso, mas agora posso dizer que ele está totalmente fora de perigo, não apresenta nenhuma sequela e está bastante lúcido. Ainda PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vamos mantê-lo em observação por mais uma hora, mas é um procedimento de praxe.

Afundei na cadeira enquanto Gina terminava de conversar com o médico. Por que Mike tinha sido drogado e como ele não percebeu o que estava acontecendo? Eu não conseguia imaginar meu amigo aceitando bebidas de estranhos.

— Sarah — Gina me chamou, parada diante de mim. Eu levantei a cabeça para olhá-la e ela apertou minhas mãos. — Como Michael está fora de perigo e ainda vai demorar aqui, eu vou para o hotel. Preciso ligar para Vivian e esclarecer os últimos acontecimentos. Tenho que ver quais providências serão tomadas.

— O contrato de Mike corre algum risco? —

perguntei, porque era só aquilo que faltava acontecer.

— Claro que não! Estou me referindo ao filho da puta do Jean Pierce!

Ela estava irada, mas baixou a voz quando se deu conta de que estava num hospital. Deixei que Gina fosse resolver as coisas com a agência e fiquei para esperar pela alta.

Duas horas depois, a cabeça de Mike estava apoiada em meu ombro dentro do táxi e eu olhava PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pela janela do carro. Não tinha sido daquele jeito que eu imaginara passar o meu feriado favorito.

Respirei fundo, mantendo meu autocontrole. O

sentimento de proteção e cuidados havia se aflorado quando soube do resultado do exame. O

que aconteceu após Mike ter sido drogado não tinha sido por vontade dele.

— Como está se sentindo? — perguntei.

— Estranho.

Toquei a mão frouxa sobre seu colo.

— Não tenho ideia do que aconteceu nessa festa, mas quero que saiba que estou aqui para você

— falei, tentando me colocar no lugar dele.

— Eu traí você, Sarah — Michael murmurou, desanimado.

— Como você poderia me trair se não somos namorados? — achei graça e imaginei que ele ainda estivesse sob efeito dos entorpecentes. —

Preocupe-se apenas em se recuperar.

— Não somos namorados por culpa sua —

resmungou e eu arregalei os olhos. Michael Jones ainda estava bêbado. — Na minha consciência, eu te traí, pois não tinha a menor vontade de dormir com mais ninguém.

— Entendo — respondi e o motorista me PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhou pelo retrovisor, se divertindo com a novela mexicana que rolava no banco traseiro. — No hotel a gente conversa, ok?

Suspirei, recostando a cabeça e fechando os olhos por um momento.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

A tranquilidade de Sarah começava a me assustar, mas eu não me sentia com energia o bastante para discutir relacionamento. Na verdade, eu me sentia uma merda de pessoa.

Quando entramos no meu quarto do hotel, Sarah usou o controle remoto para baixar as persianas das janelas e deixar o quarto numa penumbra. Acendeu as luzes das cabeceiras da cama e virou-se para me olhar, com as mãos na cintura.

— Que tal você tomar um banho enquanto eu peço alguma coisa para comermos?

Queria poder dizer alguma coisa inteligente, mas sabia que minha mente não tinha se recuperado o suficiente para tal feito. Meu próprio corpo mal respondia aos meus comandos e eu me sentia totalmente letárgico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desanimado, deixei meu corpo cair na cama e encarei meus pés. Sarah parou de pé na minha frente e tocou meu cabelo.

— Não quer tomar banho? Prefere descansar?

— Estou estragando seu feriado — murmurei.

— Desculpe, Peach.

Minha cabeça latejava e eu tentava em vão desvendar alguns detalhes da noite passada. Eu tinha entrado consciente naquele quarto. Não estava no meu juízo mais perfeito, claro, porque já me sentia atordoado demais para impedir alguma coisa.

Só que do momento em que me sentei na cama e as garotas me beijaram, minha mente tinha entrado num processo de buraco negro. Eu não conseguia recordar absolutamente nada.

— Tenho uma ideia! — Peach correu até o banheiro e me deixou sozinho por alguns minutos.

Quando retornou ao quarto, estava pelada. — Estou com vontade de experimentar a hidromassagem.

Por que não aproveita e me faz companhia?

— Estou sujo, não vou tocar em você.

— Deixe de drama, Mike. — Ela puxou minha mão e eu estava tão fraco, que a força ridícula daquela mulher de pouco mais de um metro e meio foi suficiente para descolar minha bunda da cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou te chamando para fazermos sacanagem.

Ela arrastou meu corpo até o banheiro e descobri que a hidromassagem já estava cheia, borbulhando espuma de banho. Decidi ajudá-la a tirar minha roupa para não me sentir tão inútil enquanto ela fazia tudo. E, enfim, Sarah entrou na banheira, afastou as pernas e me estendeu a mão.

— Só quero cuidar de você — falou.

Enquanto me encaixava entre o espaço das pernas dela, senti como se fosse uma pessoa muito obesa tentando entrar numa roupa de manequim 34.

Sarah passou os braços ao redor do meu corpo e obrigou-me a encostar minhas costas em seu peito. Os dedos finos entraram por dentro do meu cabelo e fechei os olhos, aproveitando a sensação boa.

— Como você me achou? — perguntei.

— Quando você não apareceu para me pegar, fiz contato com a Vivian e ela me passou o endereço do hotel. Quando vimos que você não estava no quarto, Gina imaginou que tivesse ficado na festa.

— Não lembro de nada...

As mãos pequenas desceram pelo meu pescoço PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e ela usou uma esponja para ensaboar minha nuca.

Suspirei, gostando muito de tê-la ali comigo.

— Não se lembra da festa? — perguntou.

— Da festa, sim. Não lembro do que aconteceu depois que cheguei no quarto.

— O médico te deu informações sobre seu estado?

A esponja deslizou pelos meus braços, a delicadeza de Sarah era um contraste enorme com meu modo rude de me ensaboar.

— Fui drogado, já sei disso. Ele acha que sofri abuso.

— E você não acha?

Neguei e estremeci quando senti os seios de Sarah espremidos contra as minhas costas, enquanto ela limpava meu abdômen. Acho que podia ficar eternamente dentro daquela banheira.

— Como posso ter sofrido abuso de três mulheres com metade do meu tamanho? É difícil de aceitar.

Deixei minha cabeça pender para baixo e senti o alívio no pescoço. Estava tão cansado.

Sarah estalou a língua e aquilo me fez virar a cabeça para poder encará-la. O olhar piedoso que me lançou foi mais doloroso do que se ela tivesse
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

usado as palavras propriamente ditas. Respirei fundo, cruzando meus braços e desviando o olhar.

— Você foi drogado e encontrado numa cama com três mulheres. Todos vocês estavam nus e nenhuma delas aparentava ter sido drogada.

— Não é só porque eu não lembro o que aconteceu, que realmente não tenha sido iniciativa minha — retruquei, sentindo meu estômago embrulhar.

— Sei que não, mas também sei que você, em sã consciência, não iria pra cama com três mulheres.

— Claro que não. Eu já disse o que penso...

Sarah cruzou os braços na frente da minha barriga e me apertou num abraço. Quando dei por mim, seu rosto estava encostado no meu ombro e ela chorava copiosamente.

Esfreguei as mãos em suas pernas, tentando acalmá-la e achando divertido que a tentativa dela de me consolar tinha dado um pouco errado.

— Peach...

— Ah, desculpe. — Ela fungou e voltou a me ensaboar. — É que eu odeio que você tenha passado por algo assim.

— Eu estou bem — menti. A última coisa que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu queria era colocar aquela carga sobre os ombros dela. — Vai ficar tudo bem, prometo.

As pequenas mãos caíram ao meu lado dentro da água e senti que ela se recostou à banheira.

— Não vai terminar meu banho? — brinquei, tentando distrai-la. — Ainda faltam algumas partes.

Ela estendeu a pequena mão e ofereceu a esponja azul para mim.

— Você está machucado, não quero tocá-lo e piorar a situação.

O médico me informara sobre o estado do meu pênis e, cá entre nós, ele não iria cair nem nada.

Pelo que explicou, minha glande estava com pequenas fissuras de assadura, que se devia ao fato de eu ter transado sem lubrificação.

Respirei fundo e segurei as bordas da hidromassagem ao relembrar as palavras do médico. Para eu ter feito aquilo, obviamente, não estava consciente da situação.

— Eu devia ter quebrado os dentes daquelas vagabundas quando senti que algo estava estranho

— Sarah parecia rosnar atrás de mim.

Alisei meu pênis para poder me limpar, pois não a forçaria me tocar sem que quisesse. Entendia o que Peach estava sentindo, pois diversas vezes,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto ela chorava nos meus braços ao relembrar seu passado, senti-me impotente e com medo de qualquer toque meu soar como uma ofensa.

— As mulheres no quarto — comentei —, quando você chegou elas estavam

lúcidas?

— Sim. Pareciam apenas de ressaca. Mas uma delas ficou um pouco preocupada quando viu que você não estava acordando. Acho que se chamava Chloe.

Fechei os olhos. Lembrava de Chloe, a garota loira que não fazia ideia do enredo de Degraus.

Tinha sido da mão dela que eu peguei meu último *drink*, então, ela estava ciente do que havia ali dentro.

— Qual a vantagem de drogar um homem para transar com ele, quando há tantos outros homens dispostos a fazer qualquer coisa com elas? —

pensei, mas percebi que havia falado em voz alta, pois Sarah bufou em meu pescoço.

— Porque homens vadios como elas, é fácil de encontrar em qualquer esquina — respondeu, fazendo cafuné em meu cabelo. — Mas você, queridinho, é um espécime raro.

Sarah beijou minha nuca e deitou a cabeça no meu ombro. Ficamos daquele jeito por mais alguns PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minutos, antes que ela soltasse uma de suas pérolas.

— Vamos sair daqui antes que você pare de me chamar de pêssego e comece a me chamar de uva-passa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

55

Sarah

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisamos resolver sua hospedagem. Vou ligar para a recepção e pedir um quarto pra você.

Eu girei sobre os calcanhares para olhar Mike e compreender aquele afronte. O escritor estava encarando as próprias mãos, sentado na cama com as pernas dobradas.

— Um quarto? — Senti que beirei o histerismo. — As drogas, pelo visto, afetaram seu cérebro! Eu não vou ficar em quarto separado.

Você está louco?

— Quer dividir a cama depois do que aconteceu? — Ele franziu a testa.

— Mike, você sofreu um abuso, mas não se tornou um leproso.

— Se eu transei mesmo com outras mulheres, tenha certeza que nenhuma camisinha foi usada.

Não devem ter se preocupado com isso. Já parou PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pra pensar que eu posso ter contraído diversas doenças venéreas?

Ele era surreal. Que momento mais inoportuno para ficar pensando naquilo. Rastejei-me pelo colchão e sentei de frente para o bobo. Segurei o rosto dele entre minhas mãos e dei-lhe um selinho.

— Isso não muda o que sinto por você —

sorri. — Quando voltarmos para casa, dou o maior apoio para que faça todos os exames. Mas não vai adiantar nada ficar pensando nesse assunto enquanto estamos aqui.

Eu queria tirá-lo daquele estado depressivo em que se encontrava, mas sabia que não adiantava tentar fazer Michael sair do hotel. Para ser sincera, nem mesmo eu estava com disposição para ver outras pessoas.

Nosso feriado tinha dado muito errado, fato.

Não jantaríamos em nenhum restaurante chique, mas pensei que ainda dava para salvar alguma coisa.

Estiquei-me sobre os travesseiros e peguei o telefone do hotel, informando-me sobre todos os pratos disponíveis para a ceia daquela noite. Fiz um pedido com a recomendação de que só fosse entregue depois das vinte horas e corri até minha PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mala.

— Vamos ver nossos votos! — animei-me.

— Você disse que não tinha feito.

— Dei meu jeito. — Pisquei para Michael e peguei o *notebook* dele antes de voltar para a cama.

— Quer assistir o meu primeiro?

Ele confirmou com a cabeça e eu mexi em meu celular, até acessar o vídeo que tinha gravado dentro do táxi que me levou até o aeroporto. Tinha sido uma vergonha nacional, falar tudo aquilo enquanto o taxista prestava atenção, mas valera à pena. Sempre valeria.

Há dez anos, desde que fomos morar juntos, começamos essa tradição boba, mas que tanto significava para nós dois. A ideia era gravar um vídeo falando nossos respectivos votos para o outro e só trocarmos no dia de Ação de Graças. No final do vídeo, era regra a gente pedir alguma coisa.

Podia ser uma prenda e, por muitos anos, eu pedi para Mike fazer panquecas diariamente em todos os cafés da manhã durante um mês.

“Então, já começo dizendo que acho uma injustiça ter que gravar os votos na correria. Eu não tinha pensado em nada porque a gente não ia PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passar o feriado juntos. Achei que fosse ter tempo até você voltar de viagem. Maaaas, que seja. Mike, meu Mike, obrigada por me fazer rir tanto esse ano, por ter perdido as contas de quantos colos me deu, por ser a pessoa mais maravilhosa depois dos meus pais. Acho até que eu te colocaria no mesmo patamar que eles, sabia? Seu novo livro vai ser mais um sucesso de vendas. Você não tem ideia do quanto a história tem me prendido e sei que o público terá a mesma reação. Você é um fenômeno!

Lindo, tão lindo que fico chocada quando noto que você nem se dá conta de como as pessoas te enxergam. Nesse último ano, senti o quanto nossa relação mudou e se tornou ainda mais estreita.

Talvez tenha mudado até demais e, Mike, eu não faria absolutamente nada diferente. Desejo que a gente se respeite por mais um ano, que a gente continue se entendendo tão bem. Que você sempre saiba que pode contar comigo pra tudo, tudo mesmo. O próximo ano será repleto de novas emoções pra você e te digo que estarei assistindo na primeira fila todo o sucesso que Deus te reservou. Você merece o mundo! Meu pedido... é que você me surpreenda de uma maneira diferente todos os dias até o final do ano. Dê seu jeito.”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava mordendo meu lábio e só me dei conta quando fui enxugar as lágrimas que se acumularam no cantinho dos olhos. Mike tinha enroscado os dedos nos meus e beijou a palma da minha mão.

Depois, levou-a até o rosto e secou as lágrimas com elas.

Então, peguei o *pendrive* dele e o espetei na entrada USB do *notebook*.

Aconcheguei-me com o aparelho no colo e apertei o *play*. Eu havia feito um vídeo todo tremido e escuro dentro de um carro em movimento. Michael tinha usado um tripé e posicionado a câmera num ângulo dentro do escritório que pegava a melhor luz do dia. Até nisso nós éramos diferentes.

“Esses foram os votos mais difíceis de gravar, Peach.

São

tantos

sentimentos

conflitantes

borbulhando dentro de mim, que fico com medo de escolher as palavras erradas. Nesse ano, principalmente nos últimos meses, aprendi como você é muito mais forte do que eu pensava. Porque em alguns momentos mais íntimos, eu consegui enxergar a menina vulnerável por trás da sua fantasia de durona. Isso pode soar como fraqueza PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para algumas pessoas, mas tem que ser muito corajosa e resistente para manter essa fachada por tantos e tantos anos. Eu amo a Sarah durona, que não aceita desaforo, que não chora facilmente, que mete medo nos homens e destroça o coração deles.

Mas eu quero muito poder conhecer melhor a outra Sarah, essa que precisa tanto de cuidado, que precisa ser entendida, amada e feliz. O que desejar para o seu próximo ano? Rezo para que seja feliz em todas as suas escolhas, mesmo naquelas que num primeiro momento parecerem erradas. Que você se encontre e saia de um emprego que não gosta. Que vá atrás de algo que realmente goste de fazer, ciente de que terá todo o meu apoio incondicional. Desejo que sinta seu coração bater forte como o meu tem batido, para você poder entender de uma vez por todas o que é esse sentimento profundo. Meu pedido esse ano vai ser bem radical e...”

Gritei quando Mike bateu o dedo numa tecla do computador e pausou o vídeo. Eu o fulminei com meus olhos e ele tentou tirar o *notebook* do meu colo.

— O que pensa que está fazendo? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntei.

— Quero modificar o meu pedido. — Eu agarrei o aparelho com meus dedos e impedi que ele o puxasse de mim. — Não tem mais clima para o pedido original.

— Sinto muito, vou terminar de assistir. Você só pode ter batido com a cabeça pra interromper os votos assim

— Peach, sério. — Mike me lançou um olhar decidido e fechou os dedos em volta dos meus. —

Não quero que assista.

Eu o encarei por alguns segundos, sem querer acreditar que Michael estava agindo daquela forma.

O dia já tinha sido tão ruim, porque ele estava se esforçando para piorá-lo?

Como percebi que ele estava irredutível, senti um desânimo me abater. Soltei o *notebook* e levantei da cama.

— Apague, faça o que quiser. — Caminhei até a varanda para respirar ar puro e diminuir minha ira. — Mas não se dê ao trabalho de gravar novamente.

— Sarah!

Puxei a porta de vidro que correu pelo trilho em silêncio e me debrucei sobre o guarda-corpo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também em vidro. Estávamos no décimo andar e a vista dali de cima era incrível.

— Quer deixar de bobeira? — ouvi a voz de Mike atrás de mim, mas não me virei. — Eu pedi uma coisa que pareceu muito certa naquele momento, mas

mudei de ideia. Acho que tenho o direito de pedir outra coisa.

— Não é assim que os votos funcionam.

Vi pelo canto do olho quando Michael deslizou o aparelho sobre uma mesinha ao meu lado. Eu me virei, controlando a vontade de dar na cara dele.

— Assista. Vai em frente.

— Você gravou outro?

— Não — respondeu, encolhendo os ombros.

— Não mexi.

Voltei o vídeo em alguns segundos e apertei o *play*.

“*Meu pedido esse ano vai ser bem radical e corajoso. O pedido é que você escute, absorva, compreenda essas palavras e prometa entendê-las como elas realmente são. Sem usar a desculpa da amizade. Eu te amo e estou apaixonado por você!”*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Voltei e apertei novamente o *play*.

“Eu te amo e estou apaixonado por você!”

— Ah, mas que ótimo! Vai colocar num *looping* eterno agora? — ele perguntou, jogando as mãos para o alto e entrando no quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

56

Michael

PERIGOSAS NACIONAIS

Desde que eu entrara de volta no quarto, Sarah já tinha ouvido aquela frase umas cinco vezes.

Estava estática na varanda como uma boneca de cera. Era por isso que eu queria mudar em cima da hora. Sabia que ela ficaria toda estranha e nosso dia terminaria de ficar mais merda do que já estava.

O pedido tinha sido feito em casa, quando eu estava ainda na *vibe* gostosa dos nossos últimos dias. Eu estava feliz que Sarah tinha se reaproximado e baixado um pouco a guarda. Então, gravei e arrisquei.

Agora, no entanto, eu me sentia péssimo.

Depois do que tinha acontecido eu não achava que tinha o menor direito de dizer algo do tipo para ela.

Sentia-me imundo só de pensar na imagem que Sarah viu ao entrar naquele quarto e me ver desacordado em meio às mulheres.

Eu me sentei numa poltrona de frente para a televisão sem deixar de observar Sarah. Ela desligou o *notebook*, colocou-o debaixo do braço e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entrou no quarto. Quando parou na minha frente, tapando a imagem da TV, esticou as mãos e me devolveu o aparelho.

— Achei que fosse ficar lá fora até a hora do jantar.

— Você pediu que eu escutasse, absorvesse e compreendesse. — Ela deu de ombros. — Estava fazendo tudo isso. Seus sentimentos mudaram do dia que gravou o vídeo até hoje?

— Claro que não.

— Então não estou entendendo por que ficou tão arrependido.

Eu me levantei e segurei na cintura dela, baixando os olhos para encarar de perto a profundidade do tom de chocolate capaz de fazer muitos se perderem. Ao erguer o rosto para mim, os lábios grossos acabaram se abrindo levemente.

— A intenção era que você assistisse ao vídeo depois de termos um dia incrível. Não tem mais clima e me sinto meio idiota.

— Você não é só meio idiota e sim, total.

Francamente, Mike. Eu também te amo e... sinto falta do que aconteceu entre a gente. Queria aquilo tudo de volta, mas ao mesmo tempo, não sei como isso funcionaria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passei meus dedos pelo cabelo dela, colocando uma mecha atrás de cada orelha.

— Vamos devagar, sem pressa, sem rótulos.

Acho que o nosso problema foi ter agido com muita intensidade.

— Tipo uma explosão — ela concluiu.

— Foi — sorri, passando meu polegar pelos lábios dela. — Não precisamos que seja assim todo dia.

— Ok.

PERIGOSAS ACHERON

57

Sarah

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava enchendo um copo com suco de laranja para Michael quando ele começou a chorar. Não era algo raro de acontecer, pois ele era uma pessoa extremamente

sensível.

Chorávamos

juntos

assistindo filmes e seriados. Eu já o vira chorar em situações muito emotivas e até me orgulhava por ele ser um homem que não se escondia atrás de uma muralha de masculinidade. Homem pode chorar sim!

Só que eu não estava preparada para vê-lo tão vulnerável, com os ombros sacudindo e as lágrimas descendo como cachoeira pelo rosto.

Não era o momento ideal, visto que nosso jantar tinha acabado de chegar e eu estava morta de fome. Mas, deixei o copo de lado e engatinhei até ele, ajoelhando-me sobre suas coxas e segurando suas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mike...

— Estou bem, estou bem. — Ele me olhou com os olhos vermelhos. — Eu só queria lembrar.

— Talvez você nunca se lembre.

— Lembro de ter sido enganado. — Ele franziu a testa, pensativo. — Acho que foi Jean Pierce quem me disse que Gina estava no segundo andar.

Aquilo era uma novidade e quis correr para contar a nova informação para Gina, mas me contive. Se ele tinha decidido falar, eu ouviria o que tinha a dizer.

— Do que mais você lembra?

— De ter sido ajudado a subir as escadas, pois nem isso eu conseguia sozinho. Depois fui guiado até um quarto, sentei na cama porque me sentia entorpecido e começaram a me chupar.

Engoli em seco, chocada e assustada demais para falar alguma coisa. Se fosse uma mulher no lugar de Mike, a cena seria facilmente identificada como um episódio de abuso e possível estupro.

Para um homem, talvez fosse difícil aceitar sua vulnerabilidade tal qual a da mulher. Eu não sabia se ele compreendia a dimensão dos fatos e nem queria perguntar. Não queria ter que tocar no PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assunto para não o deixar pior.

— Não lembro de nada daquele momento em diante — continuou, com uma expressão distante.

— Sequer lembro de ter tirado a roupa. Por que você está chorando?

Arregalei meus olhos, surpresa. Não tinha nem percebido as lágrimas se acumulando neles e, quando pisquei, elas rolaram pelas bochechas.

— Penso que talvez eu gostaria de não lembrar de nada — comentei, fechando os olhos quando os dedos de Mike tocaram meu rosto. — Mas, ao mesmo tempo, deve ser horrível não saber.

— Não compare nossos casos, Peach. O que aconteceu comigo não foi nada perto do que você passou.

— Ok — respondi, sorrindo. Conhecia a fase da negação e sabia que não adiantava conversar sobre aquilo enquanto ele estivesse frágil. —

Vamos comer.

De repente, a minha fome já não estava mais tão intensa, mas era uma ótima desculpa para encerrarmos aquele assunto e nos ocuparmos de outra coisa.

Quando estava mastigando o último pedaço de bacon, uma pequena sacola de uma grife famosa foi PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocada ao lado do meu prato. Levantei o rosto e vi Michael sorrir.

— Era um presente para hoje e não vou deixar de entregar, independente do que aconteceu —

disse ele. — Eu tinha alguns planos.

Abri a sacola com cuidado e tirei uma caixa pequena lá de dentro. Alisei o veludo vinho, sentindo a maciez da embalagem que já dizia muito sobre o que guardava.

Ao abrir, dei de cara com uma pulseira maravilhosa, que parecia ter sido escolhida a dedo para mim. Mike me conhecia muito bem.

— É linda! — Olhei para ele, pressionando meus lábios para segurar a emoção. — É tão bonita que nem sei se combina com minhas bijuterias vagabundas.

— Combina com você.

Num impulso, eu me levantei e o abracei.

Ainda não havíamos definido nossa relação estranha depois da conversa sobre os votos, mas acabei o beijando na boca. Mike não pareceu se importar, apenas retribuiu o selinho e tocou em minhas costas.

— Obrigada.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Diante do que aconteceu, a agência de Michael achou mais correto cancelar os compromissos dele e adiantar a viagem de volta. Parece que Gina esclareceu todos os fatos da noite infeliz e eles decidiram que meu escritor não precisava permanecer próximo de Jean Pierce.

A verdade era que ninguém podia falar muita coisa e não tínhamos prova de nada. Não sabíamos onde encontrar as mulheres que passaram a noite com Mike e o diretor filho da mãe era uma pessoa inacessível em matéria de processos.

Tentei dar o máximo de apoio ao ele. Evitei falar no assunto mesmo quando a conversa raspava a beira do precipício, pois eu conhecia os gatilhos que levavam nossa mente à exaustão quando sofríamos um trauma como aquele.

Nas duas primeiras semanas de volta à Nova York, deixei que ele ficasse recluso, enfurnado no escritório e escrevendo dia e noite sem parar. Eu só o vi relaxar de verdade e voltar aos poucos à normalidade, quando saíram os resultados dos exames e ficou confirmado que ele não havia contraído

nenhuma

doença

venérea.

Acho,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inclusive, que sua maior preocupação era comigo, pois ficamos sem nos tocar de um jeito mais íntimo por mais de um mês.

Numa manhã de domingo, eu acordei com o quarto ainda escuro, mas como Michael não estava deitado, imaginei que já fosse tarde. Ao me descobrir para levantar, encontrei um bilhete no chão, perto dos meus chinelos.

Siga essa pista até a próxima, caso deseje se alimentar.

A caligrafia toda torta era dele, que tinha uma letra horrível. Saí do quarto, esfregando os olhos, mas parei ao encontrar outro bilhete do lado de fora da porta.

Quer panquecas? Se não, pode me jogar no lixo e voltar a dormir.

Se sim, vire e leia o verso.

Se você virou o papel, então venha até a cozinha.

Michael tinha acordado criativo. Fiz uma PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bolinha com o papel e guardei na mão esquerda junto com o primeiro bilhete. Ao chegar na sala, fiquei surpresa por não encontrar Mike. Ele devia estar trancado no escritório.

O cheiro na cozinha fez meu estômago roncar e fui até lá. Tinha uma pilha gigantesca de panquecas, como eu nunca vi. Acho que ele havia exagerado um pouco.

Sob o prato, um bilhete. Peguei-o para ler antes de começar a comer.

Tem certeza que quer comer as panquecas? Se sim, responda à pergunta abaixo (pode usar calda de chocolate para marcar o x).

Quer ser minha, exclusivamente minha NAMORADA?

Requisitos:

- andar com muita ou pouca roupa (sem nada é melhor)

- amar todos os meus livros

- ter cheiro de pêssego fresco

- ter bunda pequena

- *comer que nem o Joey de Friends* PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- *me achar o cara mais gostoso do planeta (e dizer todo dia que meu pau é enorme)*

- *não jogar minhas roupas velhas no lixo*

( ) não, eu te odeio

( ) sim, não vivo sem você

Se marcar no "sim", venha até o escritório e me dê um beijo.

Estava tendo um acesso de riso e por pouco não saí correndo na direção do escritório. Primeiro, sentei e comi com tranquilidade as minhas panquecas. Não dei conta de todas, claro, porque Michael tinha se superado.

Depois de ficar satisfeita, marquei o x com a calda como ele indicou e levei o bilhete comigo para o sofá. Ia deixar que Mike surtasse um pouco enquanto esperava minha aparição.

Liguei a televisão, coloquei um seriado para assistir e me aconcheguei em meio às almofadas.

Ele teve muita paciência, coisa que eu não teria, pois só apareceu na sala quase uma hora depois.

— Bom dia! — falou, um pouco confuso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia, Michael — respondi, sorrindo antes de voltar os olhos para o televisor.

— Tomou o café da manhã que eu deixei preparado?

— Sim, estava ótimo! Obrigada!

Gostaria muito de poder filmar a cara dele naquele momento, completamente atônito. Virei o rosto para encará-lo e Mike esfregou a nuca, sorrindo.

— Hm — murmurou.

Prendi o gritinho que queria sair quando ele se dirigiu à cozinha. Passou os olhos pelos móveis, na certa procurando pelo bilhete com minha resposta.

Ele voltou e fez o caminho pelo corredor, depois retornou à sala.

— Por acaso você encontrou uns papeis quando acordou? — perguntou, parando de frente para mim e tapando a minha visão da TV.

— Sim.

Ele arregalou os olhos e mordeu o lábio com força, mas depois de me encarar por alguns segundos, vi o olhar se estreitar. Mike se curvou e apoiou as mãos nos joelhos.

— Tá me sacaneando, né? Isso vai ter volta, Peach — ameaçou. — Vou ficar um mês sem PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cozinhar.

Sorrindo para ele e o provocando, peguei o bilhete dobrado que estava embaixo da minha bunda e o entreguei. Levantei do sofá e fui até a cozinha, sabendo que ele vinha atrás de mim. Eu tinha marcado um x enorme em cima da palavra

“sim”.

— Legal, você estragou a brincadeira e me torturou com a espera interminável.

Coloquei um pouco de calda sobre uma panqueca que já estava fria, mas desisti de comer.

Melequei meus dedos com a calda e me virei para Mike, alisando o rosto dele e o sujando de chocolate.

— Isso é pra já começar aprendendo que não obedecerei suas ordens — avisei,

aproximando-me para lamber o queixo dele. — Mas amei a criatividade!

Pulei em seu colo e ele segurou minhas pernas, deixando-me toda suja com um beijo urgente.

Quando agarrei seu cabelo e afastei o rosto dele, seus olhos brilhavam como eu não via desde a viagem.

— O que aconteceu com aquele seu discurso sobre não nos colocar nenhum rótulo? — perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cansei desse discurso sem graça. — Mike deu de ombros. — Mas olhe as coisas pelo lado positivo. Pelo menos, eu não te pedi em casamento.

— Eu teria saído correndo por essa porta —

respondi, revirando meus olhos.

— Eu sei, você é uma fujona profissional.

Calei a boca dele com um beijo bem molhado, deliciando-me com o gosto de chocolate misturado às características únicas de Michael Jones. A mão em minha nuca me deixou arrepiada e acabei mordiscando o lábio inferior dele.

Os olhos verdes me encararam com excitação e Mike andou comigo até me colocar sentada sobre a bancada da cozinha. Segurou meu rosto entre as mãos e beijou a ponta do meu nariz. Beijou meus olhos e depois meu queixo.

— Te amo! — falei e ele beijou minha boca.

Seus dedos subiram pelas minhas coxas nuas e alcançaram minha virilha. Quando puxou minha calcinha, meu corpo se desgrudou do granito e fui parar no colo dele, rindo pela surpresa. Mike estava levando a sério o meu pedido de me surpreender todos os dias.

— Você consegue lembrar de todos os requisitos para ser minha namorada?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Alguns... — Procurei pelo papel com os olhos, para ver se estava perto de mim. — Por quê?

— O que você tem que dizer todo dia pra mim? — gritei quando ele saiu da cozinha me carregando e abocanhando meu peito.

— Que seu pau é enorme!

— Acho bom você ter certeza do que está falando. Deixe eu te mostrar.

Gargalhei quando Mike me jogou de costas na cama e baixou a calça, revelando o dito cujo que fazia jus ao adjetivo.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Ela estava nervosa como não ficava há anos.

Não se deixava mais envolver por ninguém, não confiava o coração a nenhum homem. Melanie aprendeu do jeito mais duro de todos, que sempre a enxergariam como uma puta.

Há muito tempo ela só vivia para o trabalho e tentava deixar a vida pessoal de lado. Não tinha PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amigos, não tinha mais os seus pais, não tinha com quem se preocupar. O principal objetivo de sua vida havia se tornado somente um: juntar grana suficiente para sair daquela espelunca de boate e nunca mais precisar abrir as pernas pra ninguém que não quisesse.

O montante em sua conta bancária não era dos piores. Podia fazer inveja nas colegas de trabalho, pois afinal, a garota era responsável. Não gastava com nada supérfluo e sonhava em usar seu dinheiro para abrir um estúdio de dança. Uma das maiores paixões de sua vida.

— Flicks, eu espero que você se comporte —

Melanie ralhou com o gato. — Eu até que gosto dele, ok?

Ela se olhou no espelho e retocou o batom nude. A maquiagem do dia era completamente diferente da que usava quando estava trabalhando.

Nem conseguia acreditar que tinha mesmo marcado encontro com o detetive bem ali, no apartamento dela. Era o primeiro homem em anos para quem ela abria a porta de sua casa e, por incrível que parecesse, estava muito ansiosa pela chegada dele.

Smith também estava nervoso quando tocou a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

campainha e foi recebido por um perfume levemente floral e um sorriso vacilante.

— Boa noite! — Melanie o cumprimentou ao mesmo tempo que deu passagem ao apartamento.

— Fique à vontade. Quer beber alguma coisa?

— Seu cantinho é aconchegante — ele respondeu, ignorando a bebida e tocando a cintura fina dela. — Gostei daqui.

— Obrigada. Não é o melhor lugar, mas...

— É o ideal.

Ela ficou feliz com o comentário. Tinha imaginado exatamente o contrário e temeu que o detetive pudesse desdenhar de sua casa e da forma como vivia.

Sentiu-se à vontade enquanto servia um pouco de vinho a ele e terminava de colocar a comida na mesa. Tinha cozinhado filé de peixe com molho de uvas, receita que aprendeu com um cliente chique que gostava de cozinhar.

E, depois que viu Smith repetir o prato, sentiu-se satisfeita com sua escolha. Ele tocou a mão dela por cima da mesa e sorriu, descansando os talheres no prato vazio.

— Esse bendito caso me trouxe você de presente, não é? — perguntou, alisando os dedos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dela. — Há muito tempo eu não ficava desse jeito por uma mulher.

— De que jeito? — Melanie sabia, pois se sentia da mesma forma, mas queria muito ouvi-lo dizer.

— De quatro. Encantado. Enlouquecido. Posso usar várias palavras. E, caso já tenha pensado nisso, eu não me importo com o seu trabalho.

— Não mesmo? — a garota de programa ficou curiosa. Não era comum ouvir aquilo de um homem com quem tentava se relacionar. Um dos primeiros assuntos que surgia era justamente quando ela largaria o emprego de puta.

O detetive puxou a mão de volta e tomou um gole de vinho. Ela esperava que a marca barata não o deixasse com muita ressaca no dia seguinte.

— É lógico que não sairei por aí falando que adoro o que você faz. Não seria verdade. — Ele voltou a segurar a mão dela. — Mas eu entendo que precisa fazer.

— Obrigada — respondeu, mexendo no cabelo. — Eu tenho planos, sabe? Não largaria o que faço porque um homem me pediu.

Melanie olhou para o lado, tentando encontrar Flicks, apenas para disfarçar o sorriso de felicidade PERIGOSAS ACHERON

que brotou em seus lábios, mas Smith conseguiu observar todos os seus gestos.

— Posso fazer uma pergunta delicada? — Ela o olhou e assentiu, aguardando que ele prosseguisse. — O que você sente quando se encontra com clientes bem mais velhos e gordos?

— É meu trabalho. Tento não fazer distinção entre os clientes.

Sentia-se muito estranha conversando tão abertamente sobre aquilo com o homem que pretendia beijar em alguns minutos.

— Você estava tão descontraída com o velhote no dia que te conheci...

— Nós dois nos conhecemos no dia dos assassinatos, não foi? — Ela tentou fazer os cálculos, pois lembrava-se muito bem da data, não somente pelos crimes grotescos, mas porque não esqueceria do olhar marcante de Smith sobre ela.

— Sim — respondeu ele, sorrindo. — Você estava deliciosa com aquela calcinha.

Melanie se retesou. Duas coisas não batiam direito naquela história. Primeiro, o cliente do qual o detetive falava, não estava mais na boate quando a polícia chegou. Segundo, ela se lembrava perfeitamente de vestir sua roupa assim que voltou PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ao camarim. Quando conheceu Smith, ela não estava mais de calcinha.

— Hum — murmurou, tentando colocar o cérebro para funcionar. — Desculpe, fico nervosa sempre que lembro das meninas largadas daquele jeito.

— É compreensível. — O homem se mostrou preocupado e franziu a testa. — Quer uma água?

Melanie estava com um mau pressentimento cutucando dentro do peito, mas não podia correr o risco de se enganar. Ela pensou rápido, lembrando-se de algumas coisas estranhas que aconteceram nos dias anteriores e sua mente trabalhou

rápido.

— Estou bem. — Levou uma mão ao rosto e revirou os olhos. — Poderia abrir a janela para refrescar um pouco a sala e pegar um antiácido no banheiro?

— É claro!

Smith se levantou de prontidão e fez o que foi solicitado. Primeiro, foi até o único banheiro do apartamento, sem se dar ao trabalho de perguntar onde ficava. Não demorou dez segundos antes de voltar com o frasco do medicamento e entregá-lo à Melanie.

Em seguida, abriu a janela. Havia um truque PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que apenas a garota de programa e seu gato Flicks conheciam. Era preciso empurrar de leve o vidro, para trás e para o lado ao mesmo tempo, de forma que conseguisse soltar a trava da janela. O trilho estava empenado há algum tempo e esse era o único jeito que funcionava.

Ela tapou a boca quando Smith acertou de primeira, como se já conhecesse o mecanismo improvisado.

Melanie ouviu um estalo alto de língua e um sorriso malicioso estampado no rosto dele quando se virou.

— A janela com defeito... — murmurou ele, sem desviar os olhos dela. — Você é esperta, Melanie.

Pequenos detalhes dançaram na mente da prostituta. Ele esperando por ela do lado de fora da boate, ele confessando mais de uma vez que um assassino sempre retorna ao local do crime.

Lembrou de como ele invadiu a casa de um cliente seu, coincidentemente, quando ela estava lá dentro.

— Smith. — Ela começou a se levantar bem devagar, pensando no que deveria fazer.

— Você era a minha favorita. — O lunático coçou a cabeça, com os olhos brilhando. Aos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

poucos, se aproximou da mesa, enquanto intercalava olhares entre ela e a porta. — Eu tinha tantos planos para você, Melanie. Cheguei a cogitar tirá-la dessa vida, mas aí, quando transamos naquele dia e você me deu as costas sem mais nem menos, entendi que no fundo, é apenas uma garota de programa e eu fui seu pró-bono.

— Não é verdade — respondeu ela, num sopro de voz. Sua mente não conseguia trabalhar tão rápido e decidir o melhor plano de fuga.

Devia correr até a porta e tentar pedir socorro?

Não teria como chegar à janela, pois o assassino estava bem no meio do caminho. E Flicks! Ela tinha medo que ele fizesse alguma maldade com seu gato.

— Sabe por que Cindy e Megan morreram? —

Smith levou a mão até o bolso traseiro da calça e puxou um rolo de fio que parecia *nylon*. — Porque eu não consegui você. Fiquei quase meia hora no salão, tentando me decidir pela garota que queria, até que escolhi você. Mas quando me levantei para abordá-la, o velho imundo te segurou e pediu por uma dança no colo.

Melanie não conseguiu conter as lágrimas ao saber que poderia ter sido ela no lugar das outras PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

duas. Enquanto o detetive se distraía com o passado, ela se aproximou um pouco mais da porta, mas não o bastante.

— Decidi pegar logo duas garotas, porque chamaria a atenção desejada. Acho que surtiu efeito, não?

— Sim, surtiu — gaguejou, olhando discretamente para a maçaneta. — Você

conseguiu me envolver e, talvez seja errado, mas estou gostando tanto de você...

Ele sorriu. E ela aproveitou para correr.

Melanie escancarou a porta e gritou sem perder tempo enquanto corria até as escadas. Um baque a levou ao chão e bateu sua cabeça na quina de um degrau. Seus pés foram erguidos e seu corpo arrastado, de bruços, pelo corredor com carpete encardido.

Ela piscou e levou os dedos à têmpora quando viu o rastro de sangue que manchava o assoalho.

— Melanie, querida, minha profissão consiste em sentir cheiro de mentira de longe. Que menina feia — Smith cantarolou.

A mulher tentou se agarrar em alguma coisa pelo caminho, mas ele estava conseguindo levá-la para o quarto, sem esforço algum. Pudera, o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

detetive era muito maior que ela.

— Agora que gritou, não poderei me divertir como queria.

Ela sufocou quando o detetive sentou em suas costas e apertou o *nylon* contra seu pescoço.

Melanie tentou arranhar os dedos dele, em vão. Sua cabeça se chocou com o chão e ela estava quase desmaiando quando viu Flicks entrar no quarto.

Quis gritar para que ele fosse embora e não se machucasse, mas sua voz não saiu.

— Seu gato finalmente veio me conhecer.

Então, a bola de pelos mostrou os dentes e pulou com as quatro patas no rosto de Smith. Ele precisou soltar Melanie para poder se defender, mas Flicks era muito mais ágil e criou cortes sangrentos com suas unhas afiadas.

A garota de programa usou aquela distração para se levantar, mas sabia que não conseguiria ir muito longe pois estava asfixiada. Ela cambaleou pelo corredor e mirou nas taças de vinho sobre a mesa.

Fechou os olhos quando ouviu um grito de Flicks, mas soube que ele estava vivo ao ver um vulto se enfiar debaixo do sofá.

— O gato é tão hostil quanto sua dona —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Smith estava irritado e o sangue incomodava seus olhos. — Depois que eu terminar de estripá-la, farei o mesmo com ele.

O assassino fechou os braços ao redor da cintura de Melanie, que estava curvada na mesa, com muito sangue escorrendo pela palma de sua mão.

Quando ela se virou, levou o braço junto e pegou o detetive de surpresa. O caco de vidro que havia quebrado entrou afiado pela jugular de Smith.

Ele a soltou imediatamente e recuou alguns passos até cair sobre o sofá. Melanie soltou o pedaço da taça no chão.

— Flicks! Vem cá — ela chamou, ajoelhando-se para olhar o gato, que correu na direção dela.

Ciente de que não se aguentaria em pé por muito mais tempo, Melanie saiu do apartamento e desceu as escadas de qualquer jeito, gritando da forma como podia.

PERIGOSAS ACHERON

59

Michael

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que sua mão está suada? — ela perguntou quando tocamos a campainha na casa dos pais, num sábado à noite. Sarah levantou o rosto e exibiu um sorriso divertido. — Temos alguém nervoso aqui?

— Estou com calor.

— Conta outra, Mike — debochou, apertando os dedos nos meus. — Sinceramente, não sei pra que tanta preocupação. Meus pais talvez te amem mais do que amam a mim.

Assim que Samantha abriu a porta e nos recebeu, a filha já me puxou para dentro enquanto cumprimentava a mãe.

Naquela manhã, Peach tinha recebido a ligação do pai, nos chamando para jantar com eles.

Estávamos mesmo planejando divulgar a novidade há algumas semanas, mas nunca encontrávamos o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento certo.

Além do mais, eu precisava tirar Sarah de casa porque ela estava atazanando meu juízo. De hora em hora perguntava se eu já tinha escrito o capítulo final de Identidade e, obviamente, eu não trabalhava sob pressão.

— Meu amor, como você está? — Sam segurou meu rosto e beijou minha bochecha, esticando o corpo todo para me alcançar. — Sarah está dando muita dor de cabeça?

— Apenas o de sempre. — Encolhi os ombros e sorri quando Peach revirou os olhos para a mãe.

— Perguntar se eu estou bem, você não pergunta, né? — ela reclamou, deixando-nos para trás e indo abraçar o pai.

— Não preciso perguntar, pois sei que Michael cuida bem de você. — Sam passou um braço por dentro do meu e caminhou comigo. — Se não fosse ele, você ainda moraria conosco, porque não sabe nem fritar um ovo.

Achei graça da expressão enfezada de Sarah, mas me ocupei mesmo em saber como eles estavam. Tinha muito tempo que não conseguia parar para ir até a lanchonete.

— O que tem para o jantar? — a esfomeada PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou, sem deixar que a gente conversasse direito antes de comer.

Eu me sentei ao lado dela enquanto Paul tomava seu lugar na cabeceira e Samantha ia até a cozinha. Voltou trazendo uma travessa fumegante e sorrindo.

— Fiz a lasanha que você adora.

Bem, Sarah não fazia cerimônia na hora de comer e, portanto, colocou no prato um pedaço que era o dobro do tamanho do meu. O que me deixava sempre numa situação chata, pois os pais dela estavam acostumados com a comilança e achavam que eu devia acompanhar.

— Está animado com o filme, Michael? —

Paul perguntou, enquanto enchia o copo com suco de limão. — A Sam não para de falar sobre isso.

— Claro! Porque agora eu finalmente vou poder conhecer alguma história dele — ela se justificou e depois olhou para mim com um olhar arrependido. — Sabe que não sou de ler, não é querido? Tenho certeza que seus livros são os melhores do mundo, mas não consigo arranjar paciência pra ficar presa numa leitura.

— Eu sei, Sam. — Pisquei, descontraído. — Já ficarei feliz por vocês assistirem à adaptação. E

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sim, estou bem ansioso para o lançamento.

Infelizmente, ainda faltam alguns meses.

Sarah virou o rosto para mim e sorriu enquanto me observava discursar. Eu retribuí, segurando a mão dela por baixo da mesa.

— É um mundo completamente novo para mim e eu sei que, provavelmente, posso vir a me estressar em algum momento por causa do roteiro, mas...

Travei os dentes quando senti a mão de Sarah tocar em meu pau. Ela só podia estar me sacaneando!

A safada ao meu lado continuava com o sorrisinho no rosto, mas olhava na direção da mãe dela. Respirei fundo e lancei um olhar rápido para meu colo, na tentativa de ver o que estava acontecendo ali, mas a mão de Sarah estava escondida sob a toalha da mesa.

— Michael? — Sam me chamou, esperando que eu terminasse de falar.

— É... — Onde eu estava mesmo? Pigarreei e me ajeitei na cadeira. — É isso.

O casal me olhou como se eu tivesse saído de órbita, o que não era totalmente mentira. Sorri, tentando pensar em alguma coisa para puxar outro PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assunto enquanto rezava em silêncio para que nem Paul nem Sam percebessem o que estava acontecendo.

Ao meu lado, a maligna Sarah usava a mão direita para remexer a comida no prato.

— Estou te achando diferente, querida — disse Samantha, perdendo alguns segundos enquanto analisava a filha. — Desde que vocês passaram por aquela porta, senti que estava mais feliz. É

impressão minha?

— Deve ser porque estamos namorando — ela largou a bomba de repente, como se fosse uma informação corriqueira.

A sala ficou em silêncio e os olhos de Samantha se esbugalharam quase prestes a saltarem das órbitas. Primeiro, ela olhou para mim, depois para Sarah, depois para Paul. Meu atual sogro estava sorrindo, tranquilo.

— AH MEU DEUS DO CÉU! — Sam se levantou de supetão e sua cadeira caiu para trás. Os braços para o alto e a boca escancarada pareciam indicar que ela estava pronta para muitos abraços.

— Estou muito feliz por vocês — disse Paul, se inclinando e dando tapinhas no meu ombro. —

Sempre achei que formam um belo casal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Engoli em seco quando vi que Samantha estava dando a volta na mesa e minha situação entre as pernas estava, digamos, endurecida.

Empurrei com pressa a mão de Sarah e olhei para ela de cara feia. A filha da mãe piscou para mim e se levantou, interceptando sua mãe pelo caminho.

— Ah, querida! Essa é uma notícia digna de comemoração! — As duas se abraçaram. — Se vocês tivessem avisado antes, eu teria feito um jantar fabuloso! Teria comprado uma garrafa de vinho para brindarmos e...

— Mãe, estamos namorando. Não é uma festa de noivado.

— Por enquanto, não é? — Sam piscou para mim por cima do ombro de Sarah.

— Pelo amor de Deus, Samantha — Paul estalou a língua e descansou os talheres no prato.

— Pare com esse exagero ou vai espantar o Michael.

Apalpei minha calça com a discrição que me era possível e olhei para o sogro. Alguém ali embaixo precisava voltar a dormir.

— Na verdade, falando assim de casamento, é capaz de Sam assustar a própria filha — murmurei, debochado. — Essa é dura na queda, mas vocês já
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabem disso.

— Ah, tá! Falou o cara que é *expert* em relacionamentos — Sarah zombou, soltando a mãe e se aproximando de mim. Senti um peteleco de leve na nuca e segurei aquela mão pequena antes que ela escapasse.

Para não precisar levantar e correr o risco de passar vergonha, puxei Peach para meu colo e ela se sentou de lado, deixando escapar uma risada.

Com os braços ao redor do meu pescoço, ela beijou meu rosto.

— Ele é um *nerd* tão bonitinho, não é papai?

— Não o chame de *nerd*, Sarah — minha sogra ralhou e deu um beijo no topo da minha cabeça. — Bem-vindo de volta à nossa família, meu querido!

Ah, sim. De volta. Eles nunca esqueceriam nosso namoro *fake* e isso me incomodava um pouco, pelo fato de Paul e Sam não saberem que estávamos vivendo tudo pela primeira vez.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

O ar puro que respirou depois que teve alta do hospital foi gratificante. Ela já se sentia bem melhor, depois das quarenta e oiro horas que passou internada por causa da lesão no pescoço.

Estava viva, o que era mais importante.

Melanie caminhou pela calçada, decidindo que pegaria um táxi no próximo quarteirão. Antes, queria poder sentir a vibração da cidade que ela amava, ver as pessoas na correria de suas rotinas, sentir o sol brilhando por trás das nuvens.

Ela sentia como se tivesse recebido uma segunda vida, uma nova chance de ser feliz. Achou que fosse morrer quando Smith apertou o *nylon* em seu pescoço, mas ele tinha se tornado a vítima de sua própria loucura. Como ela podia ter se enganado tanto?

Ao dobrar a esquina, o noticiário que passava PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no televisor de um restaurante a fez parar. O rosto do homem que ela matou estava estampado em tamanho grande e, abaixo da imagem, o nome do detetive e seu apelido, Assassino dos Números.

Ela apertou o sobretudo contra o corpo e respirou fundo. Um recomeço, era isso que precisava. Não poderia abrir o estúdio dos sonhos, mas o que tinha já servia para alugar um espaço mais humilde e começar de qualquer jeito. Nada na vida dela tinha sido fácil mesmo.

— Ei, garota! — Ela estacou antes de entrar no táxi que havia chamado. A voz

parecia de Smith, mas era um homem que ela não conhecia, que sorriu enquanto se afastava. — Parabéns por ser linda e cheirar maravilhosamente bem!

Melanie sorriu de volta e balançou a cabeça ao entrar no carro. Não precisaria mais temer, porque ele estava morto. Em algum momento, pensaria se valia à pena baixar novamente a guarda para algum outro homem.

No momento, por enquanto, ela só tinha uma coisa em mente: ir para casa e alimentar seu gato.

Deu o endereço ao motorista e se aconchegou no banco, enfiando o nariz por dentro do casaco e aspirando seu perfume com um leve toque de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pêssego.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— O que houve? — Mike perguntou, assustado, ao chegar na sala e me encontrar naquele estado.

Assoei o nariz na manga da minha camisa e tentei parar de chorar. Foi inútil.

— O gato está vivo! — Mais lágrimas de felicidade rolaram pelo meu rosto,

enquanto um escritor passava a mão pelo cabelo e abria um sorriso encantador.
— Se você tivesse matado o Flicks, eu juro que não responderia pelos meus atos. Tacaria fogo nesse manuscrito!

Fiquei revoltada por ouvir o som da gargalhada dele, mas o perdoei quando se sentou no sofá e colocou minhas pernas sobre seu colo. As mãos espertinhas começaram a alisar meus joelhos na vã tentativa de me distrair do final do livro.

— Eu coloco uma singela homenagem a você na última frase do livro e tudo com o qual você se importa, é com o gato?

— O gato salvou a vida dela, Mike! — Bati PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com as folhas na cabeça dele e me ajoelhei. — Mas amei a homenagem.

Passei meus braços ao redor do pescoço dele e o beijei devagar e sem pressa, porque tudo entre nós era bom demais para ser feito muito rápido.

— Estou muito orgulhosa de você — falei, abraçando-o. — O livro está incrível e já consigo imaginá-lo nas telas de cinema.

— Primeiro, vamos aguardar pelo lançamento de Degraus.

Sorri com a ansiedade dele. Eu o entendia. A pré-estreia aconteceria em três semanas e eu já quase não dormia direito. Tanta, mas tanta coisa havia acontecido desde que Michael assinara aquele contrato.

Algumas boas, uma ou outra ruim, e outras maravilhosas. Como, por exemplo, a notícia que chegara há menos de dois meses, contando que Jean Pierce tinha sido acusado de assédio sexual por várias atrizes americanas. Foi uma enxurrada de depoimentos e o escândalo foi um dos maiores no meio artístico.

Embora ele inicialmente tivesse alegado que todas as suas relações sempre foram consensuais, muitos artistas encabeçaram um boicote ao seu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trabalho e Jean acabou se entregando à polícia. Por sorte, a produção de Degraus não foi afetada e a direção passou a outro renomado diretor.

Michael não comentava mais nada sobre o que aconteceu na festa, mas ele se tornou uma pessoa muito mais leve depois que Jean foi desmascarado.

— Estou ansiosa para ver você dentro de um *smoking* — falei, tirando aquela tragédia antiga da minha memória. — Meu Deus, você vai ficar tão gostoso!

— Não vou usar *smoking* — ele me contrariou e sorriu, mesmo enquanto eu esmagava sua bochecha. — Vou ficar me sentindo um pinguim.

— Eu já encomendei um *smoking* pra você, Mike. — frisei, agarrando o cabelo dele e mordendo sua boca. — Você vai ter que usar aquela merda, querendo ou não.

— Peach...

— O vestido de gala que eu comprei só combina com um *smoking*. E, veja que interessante, ele marca tanto o corpo que não poderei usar calcinha.

Sabia que o sorriso enorme ia aparecer e aproveite para esfregar meu corpo em algo que começava a endurecer embaixo de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É claro que vou usar um *smoking*.

— Foi exatamente o que imaginei — respondi.

A música de abertura de um dos nossos seriados favoritos começou a tocar na televisão quando nossos corpos se embolaram no sofá, bem do jeito que sempre foi.

FIM

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

AGRADECIMENTOS

É impressionante como escrever os agradecimentos finais nunca se torna mais fácil, independente de quantos livros a gente já escreveu. Chega o temido momento e a mão começa a tremer, o coração acelera e a gente sente medo de esquecer de citar algo importante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Este livro, em especial, eu gostaria de dedicar a todas as mulheres que sofrem assédio diariamente, seja dentro de casa, no trabalho ou num simples andar na rua. Àquelas mulheres que batalham e não têm vergonha de sua origem, de seu trabalho, que não levam desaforo para casa, que inspiram outras mulheres. Parabéns por sua força, você mesma, que está lendo essas palavras.

À Flávia Braga, minha revisora, que ultimamente tem aturado todas as minhas maluquices e que, tenho certeza, sente vontade de me esganar quando recebe capítulos modificados pela terceira vez rsrs.

Às minhas meninas que puderam acompanhar boa parte da criação dessa história (pelo menos até a metade) e que, espero, amem o final! Thais, Luiza, Gleici, Crislei, Fran, Jéssica, Glaucy, Nayara, Hay, Flávia, Monique e Raissa. A lista dessa vez não foi tão grande, mas quem não conseguiu participar também mora no meu coração. Amo todas vocês

#CF.

Família, que até hoje ainda estranha quando eu me tranco no quarto e passo horas sem me comunicar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É uma coisa de doido, eu sei, mas é incrível!

Deus, obrigada por tudo <3

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para ler outros livros de Kel

Costa:

SÉRIES E TRILOGIAS

Fortaleza Negra: A Chegada da Nova Era –

volume 1 de *Fortaleza Negra*

https://www.amazon.com.br/Fortaleza-Negra-

chegada-nova-era-ebook/dp/B01N5NH7YK/

Tempestades de Sangue: A Vingança dos

Mitológicos – volume 2 de *Fortaleza Negra*

https://www.amazon.com.br/Tempestades-

Sangue-vingança-mitológicos-Fortaleza-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ebook/dp/B0768Z6QB5/

Ruínas de Gelo: O Confronto Final – volume 3

de *Fortaleza Negra*

https://www.amazon.com.br/Ruínas-Gelo-

Confronto-Final-Fortaleza-

ebook/dp/B077HVHW1H/

Entre Feras – volume 1 de *The Colt's Secret*

https://www.amazon.com.br/Entre-Feras-Colts-

Secret-Livro-ebook/dp/B076K517RQ/

LIVROS ÚNICOS

Surpresas do Coração

https://www.amazon.com.br/Surpresas-do-

Coração-Kel-Costa-ebook/dp/B071ZNJZ9S/

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um Show de Bola

https://www.amazon.com.br/Um-Show-Bola-

Kel-Costa-ebook/dp/B078V1YLL5

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Redes Sociais:

Facebook:

https://www.facebook.com/k.kelcosta

Instagram:

https://www.instagram.com/kelcosta.oficial/

Twitter:

https://twitter.com/kelcosta_k

PERIGOSAS ACHERON

Document Outline

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34

- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- 40
- 41
- 42
- 43
- 44
- 45
- 46
- 47
- 48
- 49
- 50
- 51
- 52
- 53
- 54
- 55
- 56
- 57
- 58
- 59
- 60
- 61